**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

RAFAEL MORENO CASTELLANI

O FUTEBOL PROFISSIONAL E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE GRUPO
(Versão Corrigida)

SÃO PAULO

2017

RAFAEL MORENO CASTELLANI

O FUTEBOL PROFISSIONAL E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE GRUPO

*Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação do
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para
obtenção do título de doutor em Ciências*

Área de concentração: Psicologia Social

Orientadora: Prof^a Dr^a Ianni Régia Scarcelli

São Paulo

2017

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Castellani, Rafael Moreno.

O futebol profissional e o processo de formação de grupo / Rafael Moreno Castellani; orientadora Ianni Regia Scarcelli. -- São Paulo, 2017.

250 f.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social e do Trabalho) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Futebol 2. Grupo 3. Processo grupal 4. Psicologia social 5. Pichon-Rivière, Enrique, 1907-1977 I. Título.

GV940

NOME: RAFAEL MORENO CASTELLANI

TÍTULO: O FUTEBOL PROFISSIONAL E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE GRUPO

**Tese enviada ao Programa de Pós-Graduação do
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
para obtenção do título de doutor em Ciências**

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ianni Scarcelli

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. Arlei Damo

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Maria Inês Assumpção Fernandes

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. Rodrigo Azevedo Leitão

Instituição: Universidade do Futebol

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. Luciana Ferreira Angelo

Instituição: Sedes Sapientae

Julgamento: _____

Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, em especial meu filho Fernando, minha esposa Fernanda e meus pais, Sandra e Lino. Dedico também a todos que lutam por uma cultura esportiva futebolística comprometida com uma sociedade justa e democrática.

AGRADECIMENTOS

São muitas pessoas e instituições que gostaria de agradecer neste momento e dessa forma, desde já, me desculpem aqueles que por algum esquecimento ou falha não estejam aqui contemplados. Primeiramente gostaria de agradecer a toda minha família pelo apoio e compreensão que tiveram no decorrer destes quatro anos. Ao meu filho, Fernando, por iluminar diariamente meus dias, lidar com minhas ausências, me encher de alegria e disposição, mesmo quando as tarefas laborais me direcionavam no sentido oposto. À minha esposa, Fernanda, por aceitar o desafio junto comigo, compreender a distância necessária em alguns momentos e tolerar meu estresse em outros, mas acima de tudo por me amar e me fazer feliz, combustíveis para superação de todos os desafios enfrentados. À minha mãe, Sandra, por me inspirar a ser a melhor pessoa possível e lutar pelos meus sonhos. Sua bondade, carinho, amor e tudo o que fez por mim foram essenciais para que chegasse aqui. Meu fascínio pelas relações sociais e pelos grupos devo a ela! Ao meu pai, Lino, por me guiar nos percursos da vida e, sobretudo, em minha trajetória acadêmica. Além de pai, que tal como minha mãe foi fundamental na minha formação humana, foi, e ainda é, meu professor, meu mestre e a quem me inspiro para me tornar um bom docente e pesquisador. Ao meu irmão, Alê, por compartilhar comigo muitas das minhas inquietações, estimular minha criticidade e me fazer admirar o futebol, acompanhando-me nas “peladas”, nos estádios, nas telas de TV, nos rádios e nos bate-papos sobre o “mundo da bola”. À minha sogra, Heloisa, por quem tenho uma admiração e carinho enorme. Assim como meu pai, além de contribuir em minha formação humana, foi minha professora e para sempre servirá de modelo de dedicação, seriedade e competência profissional.

Agradeço à Universidade de São Paulo, instituição de excelência que me ofereceu as condições necessárias para realizar meu estudo, ainda que muito tenha que ser aprimorado e ampliado. Nossa luta por uma educação pública de qualidade é contínua e eterna. Merece um agradecimento especial minha orientadora, e agora amiga, Ianni. Primeiramente por acreditar no meu projeto, aceitar o desafio de estudar o esporte dentro de um Instituto de Psicologia e por me acolher tão bem. Foram muitos aprendizados e experiências positivas que poderei levar para adiante do meu curso de doutorado. Alguém que exerce sua profissão, como poucos, hora com delicadeza, hora com firmeza, hora com seriedade, hora com descontração, mas sempre com entusiasmo e comprometimento. A todos que passaram e ainda integram nosso grupo de estudos e orientação: Luis, Tati Mascarenhas, Eliane, Tati Bichara, Luciana, Rebeca, Roberta, Hudson, Juliana, Jéssica, Gustavo, Fernanda, Luana, Marcio, Kate, Paula, Tatiana e Allan. A este último também gostaria de

fazer um agradecimento especial, pois foi no decorrer destes quatro anos, um amigo, parceiro, que muito me ajudou na elaboração desta tese e com quem pude compartilhar dúvidas, ansiedades, decisões e alegrias. Devo muito a esse grupo, cuja coordenação foi sempre muito bem realizada pela Ianni, visto que contribuíram significativamente para que esses quatro anos fossem os mais prazerosos possíveis, oferecendo outros rumos e qualidades para minha tese. Muito obrigado! Não poderia deixar de agradecer a Nalva e a Rosângela. O que seria dos alunos sem elas? Muito obrigado pela paciência, prestatividade, eficiência e simpatia nestes anos todos!

Agradeço aos clubes que contribuíram com esta pesquisa, aos amigos e colegas que nos ajudaram na árdua tarefa de obter acesso aos clubes e autorização para realização da pesquisa, especialmente ao Sérgio Prado e aos professores Walter Gama e Rodrigo Leitão. A todos os funcionários dos clubes, membros das comissões técnicas e jogadores. Devo a vocês grande parte da qualidade que pude dar a esse trabalho. Por fim, gostaria de agradecer a CAPES pelo apoio financeiro por meio de concessão de bolsa de doutorado, a qual foi importante para realização deste estudo.

RESUMO

CASTELLANI, R.M. **O FUTEBOL PROFISSIONAL E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE GRUPO**: 2017. 250p. Tese (doutorado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

Este estudo possui como objetivo compreender o processo de formação de grupo no âmbito do futebol profissional. Implicitamente, pretendemos, diante da rotina profissional dos dirigentes/comissão técnica/atletas, averiguar como um grupo é construído, sob o viés estrutural e organizacional, mas sobretudo, sob a ótica das condições psíquicas postas no processo de desenvolvimento grupal. Além de verificarmos o perfil das categorias de base, com foco no processo de transição dos atletas formados/produzidos ao profissional, procuramos analisar as relações vinculares estabelecidas, com ênfase no sistema de atribuição e assunção de papéis, e as consequências psíquicas dos processos de mudança. Partimos de uma revisão bibliográfica e estudo de campo envolvendo observações e entrevistas (25 jogadores, 12 integrantes de comissão técnica e 6 dirigentes) em três clubes profissionais do futebol brasileiro. Nosso processo de busca bibliográfica procedeu do acesso às bases de dados Scielo, Scopus, Pubmed e ao Sistema Integrado de Bibliotecas. Em capítulos específicos, realizamos também buscas em mídias jornalísticas esportivas, em acervo virtual. Tais procedimentos metodológicos, ao também orientarem-se pelo referencial teórico de Pichon-Rivière e Bleger, nos levaram a associar a investigação psicanalítica à social por meio da análise psicossocial, sociodinâmica e institucional dos grupos investigados. O futebol profissional é um fenômeno econômico e comércio extremamente rentável, que se movimenta pela circulação de jogadores, cuja modernidade e espetacularização mobilizam, mundialmente, milhares de aficionados, praticantes e profissionais. Institucionalmente, se apresenta como uma organização conservadora, excludente, “fechada”, de privação e controle. Como parte de um cotidiano norteado pela pressão por resultados e rotina de treinos desgastante, física e psicologicamente, a concentração esportiva se mostrou, na perspectiva dos processos grupais, importante, se ressignificada. Neste contexto, fica configurado nos atletas e comissão técnica o negligenciamento de sua subjetividade e poucas possibilidades de ingerência sobre o futuro profissional e satisfação de suas necessidades, fundamentos motivacionais das configurações vinculares que, por sua vez, assumem características específicas, principalmente pelas constantes mudanças que estão sujeitos. Tais mudanças, assim como a privação de vida social, sentimento de saudades da família, ambiente de vestiário, papel desempenhado pelo roupeiro e as atividades lúdicas, se apresentaram como importantes emergentes.

A assimilação de diferentes papéis sociais desempenhados não se dá de maneira harmoniosa, pois vivenciar e circular por eles são motivos de conflito interno e desestabilização nas relações vinculares. Parte desta dificuldade se dá pela notória disputa por determinados papéis a serem desempenhados no grupo, sobretudo aqueles que oportunizarão a satisfação de se sentirem notados, importantes, reconhecidos, valorizados e úteis ao grupo. Embora tenhamos constatado alguns acontecimentos que denotam adaptação ativa à realidade, por se tratarem de realizações individualizadas e não elaboradas numa perspectiva grupal, além de estarem mais próximas de uma adaptação que satisfaça os interesses e pressupostos dos clubes e empresários, podem ocasionar uma ruptura ou estereotipia no grupo. O recorte teórico adotado se mostrou válido, pertinente e significativamente importante nesta pesquisa, pois entendemos que a psicologia social postulada por Pichon-Rivière e as leituras de seus seguidores, não só permitiram, como favoreceram, nossa pesquisa de campo, bem como nossas interpretações e análises.

Palavras-chave: Futebol, Grupo, Processo grupal, Psicologia Social, Pichon-Rivière

ABSTRACT

CASTELLANI, R.M. **PROFESSIONAL SOCCER AND THE PROCESS OF GROUP FORMATION**. 2017. 250p. PhD Thesis– Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

The objective of this study is to understand the process of group formation in professional soccer. More specifically, we intended to investigate how a group is built considering the psychological conditions of this process and given the professional routine of the backroom staff, directors, and athletes. This investigation was performed under a structural and organizational point of view. We checked the profile of the basis categories, focusing on the transitioning process that club-trained players pass through to become professional athletes. We also analyzed the established bonding relationships, emphasizing the system of role allocation and the psychological consequences of changing processes. We reviewed the literature and conducted a field study, which included observations and interviews (25 players, 12 members of the backroom staff, and 6 directors) in three Brazilian soccer clubs. During our bibliographic revision, we accessed the database of Scielo, Scopus, Pubmed and the Integrated Libraries System, besides several digital assets from sport media. Because the theoretical framework of Pichon-Rivière and Bleger was used to guide our methodological procedures, we associate the psychoanalytical research to the social research through a psychosocial, socio-dynamic and institutional analysis of the studied groups. Professional soccer is an economical phenomenon and a highly profitable market moved by the exchange of players. Moreover, soccer's modernity and spectacularization attract thousands of fans, professional and amateur soccer players around the world. Institutionally, professional soccer is a conservative organization that excludes, deprives and exerts control. As part of a daily routine that is guided by pressure for results and physically and emotionally stressful trainings, the sportive concentration has shown to be important, as long as it assumes a new meaning. In this context, the negligence of the subjectivity of athletes and technic staffs is shaped, along with the few possibilities for intervention on their professional future and the satisfaction of their needs. These are motivational drivers of the bounding setups, which in turn, assume specific characteristics, mainly because of constant changes that they are subjected to. These changes, as well as social life deprivation, homesickness, the atmosphere of the dressing rooms, the role played by the kit man, and the ludic activities are important outcomes. Assuming different social roles is not done in a harmonious way, because experiencing these roles is reason for internal conflicts and destabilization of bounding relationships.

Part of this difficulty is given to the notorious dispute for certain roles in the group, mainly those that may satisfy the need to be noticed, to feel important, recognized, valued, and useful for the group. Although we have noticed certain happenings that denote active adaptation to reality, because these are individual realizations and do not include a group perspective, besides being closer to an adaptation that satisfy the interest and presumptions of the clubs and businessmen, they can cause rupture or stereotype within the group. The adopted theoretical approach showed to be valid, relevant and significantly important in this research, because we understand that the social psychology postulated by Pichon-Rivière and his followers not only allowed, but in fact favored our field research, data interpretation and analyses.

Keywords: Soccer, Group, Group process, Social psychology, Pichon-Rivière

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Esquema do cone invertido	52
Figura 2: Distintivo Oficial do Guarani Futebol Clube	77
Figura 3: Estádium do Guarany	78
Figura 4: Estádio Brinco de Ouro da Princesa	78
Figura 5: Distintivo oficial do Clube Atlético Bragantino	87
Figura 6: Estádio Nabi Abi Chedid	89
Figura 7: Distintivo oficial da Associação Atlética Ponte Preta	97
Figura 8: Estádio Moisés Lucarelli	98
Figura 9: Vestiários da Associação Atlética Ponte Preta e Guarani Futebol Clube	182

SUMÁRIO

1. O JOGO PRELIMINAR.....	13
1.1 Apresentação.....	13
1.2 Aquecimento.....	15
1.3 Apito inicial.....	33
2. ESQUEMA CONCEITUAL.....	39
2.1 A dimensão sociodinâmica: os modos como os grupos se estruturam.....	49
3. ENQUADRE METODOLÓGICO.....	60
4. OS CLUBES DO FUTEBOL PROFISSIONAL EM AÇÃO: UM DESVELAR DOS PEQUENOS GRUPOS.....	69
4.1 Os clubes em perspectiva.....	70
4.1.1 Guarani Futebol Clube.....	70
4.1.2 Atlético Clube Bragantino.....	83
4.1.3 Associação Atlética Ponte Preta.....	94
4.2 O cotidiano de comissão técnica e atletas no futebol profissional.....	102
4.2.1 A concentração esportiva.....	123
5. REFLEXÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DE GRUPOS NO FUTEBOL PROFISSIONAL.....	143
5.1 O futebol profissional como instituição.....	143
5.2 As categorias de base e o processo de transição à equipe profissional.....	160
5.3 Sobre aqueles que ficam pelo caminho: A postura de dirigentes e comissão técnica em relação aos atletas das categorias de base que não são promovidos à equipe profissional.....	173
6 OPERAÇÕES TRAVADAS NO INTERIOR DOS GRUPOS.....	180
6.1 A constituição de vínculos no cenário de atribuição e desempenho de papéis.....	180
6.2 Aprendizagem, leitura crítica da realidade e possibilidades de modificações criativas.....	196
6.3 Quando as mudanças entram em jogo.....	212
7 APITO FINAL E O TERCEIRO TEMPO.....	229
REFERÊNCIAS.....	239

1. O JOGO PRELIMINAR¹

1.1 Apresentação

Ao longo do meu processo de formação profissional/acadêmica venho construindo, pouco a pouco, a convicção de que a compreensão do esporte, especificamente o futebol, entendido como prática social, passa necessariamente pela apropriação de referencial teórico das Ciências Humanas e Sociais.

Desde minha iniciação científica, ainda no curso de graduação em Educação Física na Universidade Estadual de São Paulo (UNESP/ Rio Claro), meus estudos e pesquisas se embasaram em pressupostos teórico-epistemológicos da Psicologia do Esporte. Foi pela aproximação a essa área de estudo/pesquisa que busquei, em certa medida, estabelecer a relação entre a Educação Física e Psicologia com a finalidade de melhor compreender o futebol. Já no programa de pós-graduação em Educação Física, no âmbito do mestrado, desta vez na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), dei continuidade aos meus estudos almejando o entendimento dos processos grupais, sobretudo da liderança e coesão de grupo no futebol profissional. Ainda alocado em uma faculdade de Educação Física, se evidenciava em minhas pesquisas a necessidade de maior conhecimento e aprofundamento em autores(as) e teorias do campo da Psicologia e foram justamente em importantes autores da Psicologia Social, como Kurt Lewin, Pichon-Rivière, George Mead, José Bleger, dentre outros, que encontrei subsídios teóricos adequados para a análise da dimensão da realidade a qual me propus estudar: o grupo no âmbito do futebol profissional.

Já na condição de doutorando do Programa de Pós Graduação do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho da Universidade de São Paulo (USP), pude dar continuidade ao tema de pesquisa desenvolvido no mestrado e estreitar ainda mais a relação entre a Psicologia e o Esporte, especificamente o futebol, aprofundando meus estudos no campo da Psicologia, sobretudo no da Psicologia Social, onde se encontram, no meu entendimento, os(as) autores(as) capazes de sustentar

¹ Intencionalmente, procuramos ao longo desta tese nomear nossos capítulos e subcapítulos de modo a dar início na relação proposta dialeticamente entre o futebol e a psicologia. Da mesma forma que optamos por substituir o termo “introdução” pela expressão “o Jogo preliminar”, designado no âmbito do futebol como a partida que antecede o jogo principal, fizemos também em relação à substituição do termo “Revisão de Literatura” pelo “Esquema Conceitual” no segundo capítulo e assim por diante.

teoricamente, nortear metodologicamente e embasar minhas análises acerca do processo de formação de grupo no futebol profissional.

Se por um lado meu interesse acadêmico pelo futebol se deu a partir do meu ingresso na Universidade, por outro, minha paixão e experiências na condição de praticante e admirador desta modalidade esportiva se iniciaram nos primeiros anos de minha vida. Torcedor fanático de um “clube grande” do futebol brasileiro, acompanhava desde os primeiros anos de vida as partidas de futebol pela televisão e rádio, indo ao estádio pela primeira vez quando tinha ainda seis anos de vida. No entanto, foi a condição de praticante que me levou a admirar cada vez mais esta modalidade esportiva. Quando criança, o futebol se tratava, sem dúvida, da minha brincadeira predileta. Os presentes, quando tinha condições de comprá-los ou escolhê-los, eram bolas de futebol.

Os anos foram se passando e o prazer da brincadeira foi dando lugar a uma prática mais séria e compromissada com meu desempenho e resultados, ainda que a alegria e a satisfação pelo jogo jamais tenham deixado de me acompanhar. Tive a oportunidade de jogar por equipes de diferentes cidades, de diferentes Estados brasileiros e já no último estágio de formação das categorias de base, quando tinha dezessete anos e integrava a categoria de juniores, fui à Europa (passando por Portugal e Espanha) na expectativa de realizar o sonho de me tornar jogador profissional de futebol. Abandonei a ideia de seguir essa carreira tão logo me dei conta que minhas chances como profissional seriam limitadas na medida em que não possuía “capital futebolístico” (DAMO, 2007, p. 112)² para atuar em clubes profissionais, principalmente aqueles de maior expressão. A frustração pela não realização deste sonho e, sobretudo, o questionamento de diversas situações que vivenciei me fizeram retornar ao Brasil já com o objetivo de resgatar o interesse prioritário do prazer pela prática do futebol e, a partir desse momento, compreender esta prática social dentro das suas diversas significações, daí meu ingresso no curso superior de Educação Física.

O interesse pela Psicologia do Esporte, sobretudo relacionada ao futebol, foi aumentando e, poucos anos após o primeiro contato com este campo de conhecimento, surgiu uma grande curiosidade e interesse em compreender os processos grupais no âmbito do futebol profissional.

² O conceito de capital futebolístico trazido por Damo (2007, p.112) se refere à gama de atributos referentes ao futebol que um sujeito possui, ou seja, são as qualidades de um jovem que o possibilitam acesso aos centros de formação de atletas (o que inclui desde o reconhecimento do seu talento esportivo até os vínculos com os agentes/empresários) além de suas “disposições físicas, psíquicas e sociais que extrapolam, significativamente, a dimensão técnica”.

1.2 Aquecimento

A aproximação entre o futebol e o grupo também esteve entre os interesses de Pichon-Rivière, principal referência para este estudo, visto que para ele “o futebol, por exemplo, é motivo de análise, e muito importante, na construção da teoria dos grupos”. Tal autor o levou em consideração para formulação da sua teoria acerca dos grupos operativos, sobre a qual nos deteremos a seguir. Pichon-Rivière entendia ainda que o esporte e a ciência deviam sempre caminhar juntos e que há muito para ser investigado, especialmente nos jogos coletivos (LEMA, 2004, p.126)³.

Rubio (1988) aponta uma característica dos grupos esportivos que o difere de muitos outros, visto que a dinâmica do Esporte moderno impõe um movimento distinto na construção e vida das equipes já que elas são formadas, de acordo com a modalidade esportiva, para durarem uma temporada. A autora acrescenta ainda que o convívio diário e o estreitamento das relações constituídas afetam a vida, pessoal e profissional, de todos seus membros.

Nesse aspecto, vale assinalarmos, ainda que sumariamente, a caracterização do futebol como modalidade esportiva coletiva, como jogo coletivo, como atividade eminentemente grupal. Rubio (2003a), por exemplo, explicita algumas características importantes dos grupos esportivos, entre eles o grupo no futebol profissional, dentre as quais se destacam a forte interação entre os membros em virtude do convívio diário entre eles; sua caracterização enquanto grupo restrito, visto que conta com número limitado de integrantes; contínuos movimentos internos e externos como parte do processo de evolução enquanto grupo e o estabelecimento de regras, normas e valores comuns aos membros do grupo, onde cada um assume um papel e exerce uma função, mas apoiados um no outro, numa relação de interdependência com vistas à realização de objetivos comuns.

Valle (2007, p.19) por sua vez, ao tipificar o grupo de futebol como integrativo, ressalta que, diferentemente de modalidades individuais como a natação, ginástica artística, entre outras, o sucesso da equipe “depende do esforço combinado de todos os membros”, do encaixe da adjudicação e assunção de papéis, assim como sua mobilidade, e do seu funcionamento implícito e explícito, assumindo a coesão grupal um papel fundamental na produção do grupo. Destaca ainda a existência de um aspecto não oficial dos grupos esportivos, no qual:

³ Trata-se de uma obra na qual Pichon-Rivière é entrevistado por Vicente Lema e faz um importante resgate de sua trajetória na construção da Psicologia Social que postula. Dessa forma, grande parte das citações trazidas para este texto é de autoria do próprio Pichon-Rivière e não uma releitura e interpretação de Lema.

[...]encontram-se os afetos, sentimentos, emoções, tradições, costumes e normas extraoficiais, geralmente organizada e controlada pelas lideranças grupais... O aspecto oficial estaria mais relacionado à parte racional do grupo e o aspecto não oficial pode estar ligado ao funcionamento mais inconsciente e, portanto, sujeito às leis mais primitivas dos membros da equipe (VALLE, 2007, p.21).

Ainda como característica marcante das modalidades esportivas coletivas, especificamente o futebol, Elias e Dunning (1992) apontam a existência, em níveis variáveis e concomitantes, da tensão e cooperação, ou seja, um pressupõe a presença do outro, de modo que nenhum grupo, ou nenhuma equipe, seria o que é sem a presença do outro, assumindo uma única configuração que possui como marco uma tensão controlada.

O futebol tem sofrido ao longo de seu processo histórico diversas mudanças, algumas delas muito significativas, que o caracterizam atualmente não mais somente como uma prática social que “expressa hegemonicamente a cultura corporal de movimento” (BRACHT, 1997), mas principalmente como prática social modernizada, globalizada, espetacularizada, produtora de identidade nacional e espaço político e econômico extremamente rentável (DaMATTA, 1994; DAMO 2007; CASTELLANI, 2010). Para DaMatta (1994, p.14), o esporte - e dentre suas modalidades o futebol com certo destaque - como “indústria cultural”, surge com o advento da sociedade industrial de mídia e de massa e se configura hoje como um fenômeno hegemonicamente mundial, “operando-se através do mercado, do dinheiro, da possibilidade de compra e venda do trabalho, e de uma massa humana urbana socializada universalisticamente”. Configura-se, em virtude do elevado número de transações internacionais, como um “mercado de trabalho globalizado” (RODRIGUES, 2010, p.358) ao ponto que atualmente os grandes clubes⁴ do futebol mundial funcionam como “empresas transnacionais” que consolidam o comércio internacional de atletas (ROBERTSON & GIULIANOTTI, 2006, p.23). Segundo Alcântara (2006), o futebol enquanto negócio possui um peso considerável na economia brasileira, visto que as exportações de serviços (e

⁴ Segundo Damo (2007, p.45), os clubes, ou agremiações, se constituem como “formas de organização social que não só antecederam como impulsionaram a disseminação dos esportes modernos”... Um símbolo capaz de sintetizar os sentimentos de uma extensa comunidade de pertença, constituída ao longo de várias gerações, influenciadas pelo bom desempenho da equipe e pelo prestígio da torcida frente às demais agremiações ou comunidades. Em outras palavras, trata-se de uma entidade sagrada visto que representa uma coletividade, une o passado, presente e o futuro, se espelha em pertencimentos que extrapolam o âmbito do futebol e, principalmente, por ser uma projeção no indivíduo dos seus afetos familiares. Ainda assim, “um clube de futebol é representação, no sentido totêmico, mas também é uma instituição política e administrativa, possuindo uma dimensão concreta – sede, centro de treinamento, estádio etc” (DAMO, 2007, p.48).

aqui entram as transferências de jogadores de futebol) representam cerca de 40% das exportações brasileiras⁵.

Em sua tese, Martins (2016), ao defender a ideia de futebol como um fenômeno econômico, uma mercadoria e um comércio, o compreende

[...] não apenas política e ideologicamente a serviço do capitalismo, mas como um grande negócio, no qual outras mercadorias e ramos de produção estão relacionados, ainda que não sejam propriamente da esfera do futebol. A constituição de um mercado que gira em torno do futebol significa que a partir dele uma quantidade de valor de capital está sendo valorizada. Além de um meio de valorização de outros negócios, o futebol, em si, torna-se um negócio altamente rentável (MARTINS, 2016, p.55).

Ao tratar do processo de mercadorização do futebol⁶, Damo (2007, p.70) destaca três momentos históricos importantes:

a) O surgimento da remuneração, ocorrida na virada do século XX, no espectro das disputas entre o amadorismo e profissionalismo; b) a regulamentação da remuneração, ou legalização, ocorrida por volta de 1930; c) a produção, promoção e especulação de futebolistas como negócio rentável, que se deu a partir de 1970 e se intensificou com o processo de globalização das últimas décadas” (DAMO, 2007, p.70).

Por sua vez, Santos e Helal (2016) afirmam que a partir do momento em que o futebol se torna uma prática popular de grandes proporções, antes mesmo de sua profissionalização, assume as características necessárias para adequá-lo como uma mercadoria, denotando espaços distintos para o jogar e o torcer, representados, por exemplo, na cobrança de ingressos para o público dando início a configuração de “uma das mais potentes e grandiosas indústrias culturais do século XX” (SANTOS & HELAL, 2016, p.57).

Dessa forma, Santos e Helal (2016) apontam quatro momentos que consideram marcantes no processo de mercantilização do futebol: (1) A constituição de uma sociedade de consumo, bem como

⁵ De 2003 a 2009, 6.648 jogadores profissionais se transferiram para o exterior, dos quais 54% tinham como destino o continente Europeu (SOARES et al., 2011).

⁶ A Federação Internacional de Futebol (FIFA), fundada em Paris em 1904, desempenha papel decisivo na regulação do mercado entre jogadores de futebol impondo exigências aos clubes, aos quais pertencem os atletas, e fiscalizando os vínculos profissionais dos mesmos. Permite assim, a mercadorização de atletas. Os jogadores devem se dedicar exclusivamente aos clubes com os quais possuem contratos (de tempos determinados), abertos às possibilidades de mudança e/ou rupturas ao longo da sua duração, mediante, principalmente, a uma compensação financeira. Em outras palavras, “a ruptura do contrato dá-se por acordo, mediante contraprestação econômica” (DAMO, 2007, p. 82).

a concorrência entre as diversas indústrias culturais e do entretenimento, configura o futebol enquanto negócio: os jogadores tornam-se celebridades, os operários mudam do status para consumidores da classe média, os clubes buscam se constituir por uma elite vencedora e o jogo se torna mais mecânico e pragmático; (2) A entrada de João Havelange na presidência da Federação Internacional de Futebol (FIFA) dá ao futebol sofisticação nunca vista até então no trato do futebol como negócio; (3) O acidente no estádio de um importante clube inglês, Liverpool, que culminou na morte de 96 torcedores e centenas de feridos, e o consequente teor do Relatório Taylor⁷ que serviu de subsidio para exigências de reformas dos estádios ingleses, acarretando nova percepção dos espaços dos estádios, assim como uma mudança no perfil do público com a grande elevação do custo dos ingressos; (4) A substituição dos estádios em arenas multiusos, condição básica estabelecida pela FIFA e UEFA (Federação de futebol da União Europeia) para realização das partidas, conceito que exigiu nova formatação do público.

O futebol espetacularizado pode assim ser designado, sobretudo, pela forma monopolista, globalizada e centralizada que se organiza, tendo a FIFA papel preponderante na assunção destas características, visto que “a matriz espetacularizada do futebol é a que conduz a tensão e o conflito aos níveis mais elevados” (DAMO, 2007, p. 42). Outro ponto característico do futebol espetáculo é a excelência na *performance* exigida, considerando, neste aspecto, além dos objetivos daqueles que são os produtores do espetáculo, os jogadores, os interesses do público, dirigentes, críticos e patrocinadores. Em outras palavras, o futebol espetáculo pode ser entendido como uma prática social relativamente bem estruturada a partir da interação de, ao menos, quatro categorias de agentes: Os profissionais (atletas em geral), torcedores (público aficionado pelos espetáculos), dirigentes (de clubes, ligas e federações) e os mediadores especializados (todos profissionais que promovem os espetáculos). Por fim, há ainda outra característica destacada que se refere à divisão social do trabalho, dentro e fora do campo (DAMO, 2007, p.44).

Nesse sentido, de acordo com Lopes (1999, p.182), o esporte profissional, e aqui fazemos destaque ao futebol, é “um revelador particularmente poderoso de novas formas de dominação no trabalho e de sua ligação com o benevolato e a precarização”. Se por um lado as características profissionalizantes que o futebol assumiu nos últimos anos estão marcadas pela presença de grandes “estrelas”, pelos altos salários dos atletas e treinadores (apesar de representarem uma pequena

⁷ Após o referido acidente, o governo da então primeira ministra inglesa Margareth Thatcher, que já buscava interferir na gerência do futebol local, encomendou um relatório para avaliar os problemas relacionados ao futebol.

parcela dentre os profissionais⁸) “negociados em contratos sucessivos que levam por vezes à insegurança de novas ambientações na passagem por vários clubes em diferentes cidades do mundo”, por outro ainda se apoia na benevolência, entusiasmo e desinteresse material.

Segundo Toledo (2000, p.27), a modernização do futebol profissional pode ser compreendida a partir das mudanças que incidiram sobre esta modalidade no Brasil tais quais o advento das leis Zico e Pelé⁹, a gestão empresarial nos clubes, os avanços da tecnologia a serviço do esporte, as incorporações de outros atores no contexto esportivo, a espetacularização do futebol, a sua apropriação como objeto de marketing, enfim, “tudo que sugere índice de mudança vislumbra a possibilidade de ser moderno”.

Por sua vez, em âmbito mundial, o processo de modernização do futebol se aprofunda com a transmissão ao vivo e em cores da Copa do Mundo de 1970 para países de todos os continentes. Nos Estados Unidos da América, já alguns anos antes, em 1967 especificamente, com a criação da NASL (North American Soccer League), o futebol já começava a assumir uma “concepção de negócio privado destinado a um mercado consumidor” baseando-se nos princípios do marketing. A principal estratégia para promover e popularizar a modalidade no país foi providenciar a participação, na sua liga profissional, dos grandes jogadores, “astros” do futebol mundial, como Pelé, Beckenbauer e Cruyff (PRONI, 2000, p. 46-47).

Martins (2016) realiza algumas ponderações acerca do processo de modernização do futebol que merecem ser destacadas. O modelo de modernização do futebol brasileiro iniciado na década de 1970, ampliado na década seguinte, mas consolidado somente em 1990, após a Lei Pelé, é entendido como a incorporação à sua prática de todas as mudanças citadas por Toledo (2000) e Proni (2000) incorporando-as ao circuito de valorização do capital, tendo o futebol enquanto negócio, agora sim, como a tônica do seu desenvolvimento. Entretanto, é preciso ressaltarmos que o sentido ideológico defendido por nós na utilização da palavra “moderno”, difere-se daquele que habitualmente o identifica como sinônimo de melhor, adequado a uma modernidade, que é novo, que evolui, progride. Pautamos nossa compreensão na desvinculação automática e preponderante entre a

⁸ Segundo Lopes (1999, p.181), “a média salarial dos jogadores brasileiros é baixa, não superior a três salários mínimos”. Por sua vez, em pesquisa realizada na década seguinte, Rodrigues (2007) afirma que 12,9% dos atletas que entrevistou em seu estudo (em sua maioria atletas de grandes clubes) recebem entre 1 e 3 salários mínimos enquanto que a maioria (cerca de 52%) recebe entre 07 e 20 salários mínimos. Conforme dados divulgados pela CBF em 2015, 82,4% dos atletas de todas as divisões do futebol brasileiro ganham menos do que dois salários mínimos, R\$788,00 à época da divulgação destes dados.

⁹ A regulamentação da lei no 9.615, conhecida como lei Pelé, pelo decreto no 2.574, foi publicada no Diário Oficial em 30 de abril de 1998 e trata, dentre outros assuntos, dos procedimentos para contratação, liberação e transferências de atletas seja em âmbito nacional ou internacional, com particular destaque ao fim do “passe” (direito federativo).

modernidade e o desenvolvimento do sistema capitalista de produção e na desvalorização da lógica dual entre modernização e atraso, visto que nem sempre aquilo que é moderno, é melhor.

Para Florenzano (1998, p.9), a partir da modernização do futebol brasileiro, passou a incidir sobre os atletas práticas de poder sobre seus corpos a fim de produzir o jogador disciplinado, ou seja, “o corpo a ser vigiado, treinado, corrigido e educado, tanto dentro, quanto fora da atividade profissional e desde o princípio até o fim, isto é, quando ingressa nas categorias de base e ao longo de toda a sua existência de jogador de futebol” (FLORENZANO, 1998, p.36). Acrescentaríamos aqui, em contrapartida, que desde a gênese do Esporte Moderno¹⁰, quando começou a se desenvolver nas escolas inglesas, as modalidades que viriam a se popularizar¹¹ em seguida, tal qual o futebol, já serviam, por parte da burguesia, de instrumentos de controle, vigia, ocupação do tempo livre, tanto dos alunos/adolescentes, em um primeiro momento, quanto dos operários em seguida (BOURDIEU, 1983), ou seja, o esporte moderno já se configura, desde sua gênese, como uma “instituição disciplinadora dos corpos” (BRACHT, 1997, p.46).

As afirmações de Santos e Helal (2016) também nos permitem problematizar esse processo de imposição de normas, valores e condutas, pois a intenção de fazer dos membros da classe trabalhadora sujeitos adestrados, obedientes, disciplinados, produtivos, se faz presente desde final do século XVIII, momento de consolidação do capitalismo industrial inglês e perdura até os dias atuais em grande parte dos espaços sociais. Foi a partir da Era Vitoriana, configurada inicialmente em 1830, que se aprofundaram e aprimoraram-se “todo um arcabouço de normatizações moralistas e disciplinantes que sofisticaram as tecnologias sociais de controle e, principalmente, educação cívica” (SANTOS E HELAL, 2016, p. 56), no qual o futebol, e demais modalidades coletivas, foi apropriado pela burguesia, aliada ao poder aristocrático, para inculcar nos jovens das escolas inglesas os valores predominantes da época. Ou seja, segundo Dunning (2013), nesta época o futebol era tratado como uma atividade de prestígio para formar caráter e adultos mais avançados no processo civilizatório.

Conforme Rodrigues (2004), o futebol modernizado se inicia na década de 1970 a partir do crescimento de investimento financeiro, da transmissão ao vivo das partidas em televisores e já nas décadas seguintes se caracteriza pelo aumento do valor dos salários dos atletas e das transações para

¹⁰ Segundo Dunning (2013, p.174), o berço da história do esporte moderno se situa na Grã-Bretanha, sobretudo na Inglaterra, primeira nação industrializada do mundo, que com o desenvolvimento do esporte moderno, aquela que seria “a primeira nação científica, industrial e democrática do mundo também se tornou a primeira nação esportiva do mundo”.

¹¹ Tal popularização do futebol se inicia com a passagem do amadorismo para o profissionalismo quando a elite burguesa, predominante dentro e fora de campo, passa a situar-se no campo da gerência e consumo desta prática esportiva (ELIAS & DUNNING, 1992).

o futebol europeu, construção dos centros de treinamento, além do incremento de tecnologia e conhecimento científico, condições que possibilitaram a comercialização do espetáculo esportivo.

Neste contexto, a rebeldia de alguns atletas surgia enquanto luta de resistência às formas de dominação presentes, impostas, por exemplo, pela Lei do Passe e oposição aos comportamentos disciplinares exigidos. Em outras palavras:

A rebeldia desvelar-se-á enquanto contestação ao poder que aprisiona o corpo (Lei do Passe); enquanto contestação ao poder que pretende gerir a vida (a disciplina); e por último, mas não menos importante, enquanto contestação à concepção do futebol moderno que despoja o jogo da fantasia (FLORENZANO, 1998, p.9).

Esta discussão levantada por Florenzano (1998), Santos e Helal (2016), Bourdieu (1983) e Bracht (1997) acerca dos mecanismos disciplinares impostos no futebol profissional e, sobretudo, da luta e resistência de alguns frente a tal processo, assim como àqueles referentes a outros ideais do futebol moderno¹², serão tratados no capítulo 6, momento em que nos deteremos ao processo de “adaptação”¹³ no futebol profissional a partir do conceito de adaptação ativa de Pichon-Rivière (2005).

Entretanto, há ainda outra característica destacada por Florenzano (1998) que merece análise em nossa introdução. A Copa do Mundo de Futebol realizada na Inglaterra em 1966 se configura como um momento em que uma nova modalidade de poder passa a imperar no futebol brasileiro e se constituir como marco simbólico¹⁴ para maior incidência dos mecanismos disciplinares no futebol profissional, já que se buscava atender às necessidades da produção do jogador moderno, ou seja, mais forte do que “plástico/artístico”, mais objetivo, mais eficaz como engrenagens de “máquinas disciplinares de jogar futebol” (FLORENZANO, 1998, p.13). Neste âmbito, verificou-se a

¹² Partilhamos neste estudo do conceito de futebol moderno trazido por Rodrigues (2004, p.260) ao entendê-lo também como uma “instituição disciplinadora e civilizadora, dotada de regras, normas e princípios científicos (positividades), tendo como objetivo produzir, manipular, individualizar, adestrar e aperfeiçoar o corpo do indivíduo, tornar o jogador dócil e utilitário”.

¹³ O conceito de adaptação, propositalmente entre aspas, é bastante polemizado e discutido no âmbito da psicologia. Tal conceito será mais profundamente discutido ao longo desta pesquisa. Sumariamente, vale destacar que partiremos da concepção de adaptação (ativa e passiva) proposta por Pichon-Rivière entendendo a adaptação como uma “adequação ou inadequação da resposta do sujeito às exigências do meio [...] À conexão operativa, transformadora ou inoperante, empobrecida, entre o sujeito e o mundo”. (LEMA, 2004, pág. 85, tradução nossa) Diferentemente da concepção aqui explicitada, no âmbito do futebol profissional o jogador está adaptado à medida que se integra aos demais jogadores e comissão técnica, entende a “filosofia” do treinador e atende às exigências do clube/grupo e do jogo se comportando passivamente frente ao que lhe é prescrito.

¹⁴ Não podemos desassociar tais transformações também do contexto macro político/social deste período histórico, cujo militarismo, leia-se ditadura militar, e o declínio do Estado de Bem-Estar Social (*Welfare state*) influenciaram praticamente todas as práticas sociais.

[...] transfiguração dos estádios de futebol em arquiteturas de vigilância; a adoção de novos regulamentos disciplinares nas principais equipes do país; o surgimento dos especialistas do corpo e da alma dos jogadores, refletindo o espaço cada vez mais central ocupado pelas ciências esportivas e, em especial, pela psicologia esportiva; a importância decisiva da instituição militar para o futebol, seja no que concerne à própria concepção do futebol moderno e à organização das equipes; à função desempenhada pela Lei do Passe na nova economia do poder; e, finalmente, o papel do Tribunal da Norma desempenhado pela imprensa esportiva no futebol moderno (FLORENZANO, 1998, p.13).

Dessa forma, ainda nesta época, emergiu o debate acerca da viabilidade e legitimidade no fato do clube de futebol intervir na esfera da vida privada dos atletas. E em conformidade com o processo de normalização pelo qual o futebol profissional atravessava, era consenso a compreensão de que, na medida em que a vida particular do jogador passava a interferir negativamente na sua vida profissional, era esperado do clube que interviesse com o objetivo de controlar o comportamento do atleta dentro e fora do campo conformando-o às normas estabelecidas. Eram comuns entre as comissões técnicas, prescrições aos atletas para que dormissem bem (e à noite), não ingerissem bebidas alcoólicas, não fumassem, que tivessem uma boa alimentação e que buscassem um controle sexual. Entretanto, no contexto da militarização e do processo de normalização do futebol profissional, as prescrições de conduta não se limitavam aos cuidados com o corpo, mas regulamentavam, também, as vestimentas, o modo de se portar e até as maneiras de locomoção dos jogadores (FLORENZANO, 1998).

A década de 1990 também é emblemática, assim como a época da militarização do futebol na década de 1960, no que se refere à disciplinarização e normalização do futebol brasileiro, sobretudo a partir da imposição de uma série de cartilhas disciplinares ou manuais de condutas aos jogadores. Proibia-se aos atletas praticar outras atividades físicas que não o futebol, jogar cartas dentro do clube, frequentar boates e festas nos horários de folga, comer na sala de televisão, praticar cultos religiosos nas dependências do clube, ingerir bebidas alcoólicas e se vestir inadequadamente. Os próprios treinadores discursavam que os atletas teriam que sacrificar a vida pessoal para se adequarem às novas normas do futebol brasileiro. Nesta época, em maior evidência, “gestos, comportamentos, atitudes e falas do jogador são objetos de punições tanto por parte dos clubes, quanto por parte dos tribunais esportivos e jornalísticos” (FLORENZANO, 1998, p.170).

Se valendo de leitura foucaultiana, Rodrigues (2004, p.282) entende que as cartilhas e manuais de conduta impostos aos atletas serviam de instrumento disciplinar, normalizador, a partir

do qual os “gestos, falas, comportamentos, corpo, atitudes são objetos controlados e possíveis de punição”.

Por sua vez, para Damo (2007, p.73-79), já a partir do momento em que a classe trabalhadora passou a fazer parte do movimento esportivo, iniciou-se um processo de emersão, gradativa, da modernização/espetacularização do futebol profissional. Ou seja, no início da década de 1930, tendo 1933 como marco histórico, passou-se a admitir explicitamente o pagamento de salários aos jogadores e uma compensação financeira pela quebra de contrato, fato que, na prática, instituiu o “passe¹⁵”, na nomenclatura atual, direito federativo. Assim, os clubes passaram a adotar diversas formas de angariar dinheiro, seja com mensalidades dos sócios, venda de ingressos para as partidas e patrocínios de empresários e/ou mecenas locais, que, por sua vez, permitia que pagassem, num primeiro momento, prêmios e, mais tarde, salários aos melhores atletas. Com a consolidação de um público nos estádios em dias de jogos a partir da construção ou ampliação dos estádios, o futebol na condição de espetáculo esportivo passou a ser rentável o suficiente para bancar os prêmios e salários dos atletas.

A partir de então, com medo de perder seus principais jogadores para outros clubes, principalmente do exterior, acelera-se a adoção de normas que regulamentam o mercado de “pés de obra”¹⁶, dando aos jogadores um duplo estatuto, de pessoa e de mercadoria (DAMO, 2007, p.79/81). Em outras palavras, “o futebol moderno submetido à racionalidade da empresa moderna, com as mesmas exigências de eficácia produtiva e lucratividade, prossegue e aprofunda o processo de coisificação¹⁷ do jogador como máquina” (FLORENZANO, 1998, p.152).

¹⁵ Termo instituído pelo artigo 11 da lei 6.354/76 no qual o “passe” era entendido como a “importância devida por um empregador a outro, pela cessão do atleta durante a vigência do contrato ou depois do seu término, observadas as normas desportivas pertinentes” (BRASIL, 1976).

¹⁶ Segundo Damo (2007, p.313), “o mercado de atletas segue as leis da oferta e da demanda, tendo os atletas um preço de compra e venda; as transações têm lugar num mercado relativamente estruturado, respeitando determinados fluxos, matizados pelos aspectos macroeconômicos, como é o caso do fluxo de brasileiros em direção à Europa e não o inverso. No preço dos jogadores constam atributos de ordens diversas, associadas à expectativa de *performance*, à cor, nacionalidade, ao comportamento extracampo, ao agente/empresário que o representa, ao clube que detém o vínculo e assim por diante”.

¹⁷ Florenzano não é o único autor neste texto a cunhar o termo coisificação para se referir ao processo de transformar pessoas em coisas. Ana Quiroga e Arlei Damo, importantes referências neste estudo, também trazem em algumas de suas obras essa leitura. No entanto, buscaremos adiante, especificamente no capítulo 5, problematizar este conceito, cujo precursor foi Perdigão Malheiro, mas disseminado um século depois por Fernando Henrique Cardoso e Jacob Gorend, nos apropriando também nesta análise da crítica realizada por Sidney Cahlhoub em seu livro “Visões de Liberdade”. Ao levantarmos essa discussão sobre o conceito de coisificação, esperamos trazer a definição de adaptação ativa de Pichon-Rivière, bem como a apreciação de alguns dados obtidos em nossas observações e entrevistas.

A profissionalização do futebol como espetáculo, em consequência de um intenso trabalho de midiaticização desta prática esportiva, transformou o modo de organização e dinâmica de jogo, assim como a noção de profissão e formas de carreira. Ou seja, “o profissionalismo, hoje, não diz respeito só aos jogadores, mas se situa num nível mais abrangente, no nível do enquadramento de uma atividade esportiva que se tornou um espetáculo televisivo” (LOPES, 1999, p.181).

Tais características têm remetido o futebol profissional a uma série de preocupações e medidas que intensificam os esforços em aprimorar *performance*, melhorar os resultados e ampliar os lucros. Neste processo, destacamos três situações peculiares: a formação de atletas em categorias de base; as contratações e vendas/dispensas de jogadores do elenco profissional e as constantes mudanças de comissão técnica. Entretanto, vale ressaltar que as necessidades pessoais, dentre elas aquelas que extrapolam o âmbito esportivo/profissional dos sujeitos inseridos neste contexto, ainda tem merecido pouca atenção e preocupação por parte dos gestores e dirigentes esportivos.

Neste aspecto, é de fundamental importância uma análise crítica acerca do futebol profissional, sobretudo pela característica mercantilizante que tem assumido nas últimas décadas, na qual o atleta e demais membros que compõem este campo (assim como treinador, preparador físico, fisiologista, assessor de imprensa etc.), inseridos em uma sociedade norteadas pelo modo de produção capitalista, são supervalorizados como mercadorias/produtos sendo responsáveis por render e ter uma *performance* de alto nível, otimizando resultados em benefício de uma instituição (neste caso o clube profissional) e pouco valorizados enquanto sujeitos de necessidades.

De acordo com Florenzano (1998, p.234), até a criação da Lei Pelé, o jogador de futebol achava que lhe era retirada a condição de cidadão, já que a Lei do Passe desumanizava os atletas, não os tratando como gente. Nas palavras do jornalista Armando Nogueira:

O regime do passe, tal como existe no Brasil, é odioso. O atleta é vendido e comprado, entre clubes, como se não fosse gente. O jogador, quase sempre, não é nem ouvido, nem cheirado. Vai para onde não quer ir, negociado como um saco de batatas (Jornal do Brasil, 15/09/1996, citado por FLORENZANO, 1998, p.234).

Por sua vez, quando trazemos para análise a opinião dos próprios atletas, tal afirmação de Florenzano se torna uma generalização abusiva na medida em que a extinção da lei do passe “causou, e ainda causa, controvérsia entre os jogadores” (MARTINS, 2016, p.149). Rodrigues (2007), ainda que defenda o argumento de que os jogadores e os clubes foram os maiores

beneficiados com a extinção da lei do passe por entender que o passe tirava a autonomia laboral do atleta e os mantinha numa condição de minoridade, confirma em sua tese de doutorado o enunciado por Martins (2016) ao trazer informações, obtidas em entrevistas com atletas, de que havia uma parcela de jogadores que era contrária à extinção da lei do passe, pois julgava que o fim do passe beneficiaria somente os atletas famosos¹⁸ e que a lei lhes dava maior segurança no trabalho, diminuindo o desemprego, por fortalecer o vínculo com os dirigentes, já que eram tratados como patrimônios do clube.

No processo de profissionalização, espetacularização e mercadorização do futebol profissional, além dos fatores já mencionados, especialmente os de ordem econômica, nos interessa conhecer e refletir acerca da infraestrutura das relações estabelecidas a partir das contribuições advindas das áreas das Ciências Humanas, particularmente da Psicologia Social postulada por Enrique Pichon-Rivière. Ainda que levantemos inicialmente alguns argumentos para compreendermos os motivos da associação do atleta a uma mercadoria, cabe ressaltar que nosso foco está na reflexão sobre como isso se manifesta na relação estabelecida entre os membros das equipes investigadas, tarefa que nos deteremos a cumprir no decorrer desta tese.

Nesse sentido, cabe explicitarmos de antemão a noção de sujeito que defendemos situada opostamente à usualmente refletida por grande parte daqueles inseridos no contexto do futebol profissional. De acordo com Quiroga (1978, p.10), ao reportar-se sobre o juízo de Pichon-Rivière acerca do sujeito, ao se constituir num interjogo dialético com o mundo, cujo alicerce está na contradição interna entre necessidade e satisfação, este passa a ser entendido como “ator, produtor, protagonista de sua história vincular e social” (QUIROGA, 1978, p.10), características perdidas a partir do momento em que “os vínculos¹⁹ entre jogadores e clubes deixaram de ser meramente afetivos para serem contratuais, legalizados e remunerados, sendo a gestão do tempo orientada pelos critérios de eficácia e rendimento” (DAMO, 2007, p.92). Assim, conforme ainda nos adverte Damo

¹⁸ Quanto maior a renda salarial do jogador, bem como o maior nível de escolaridade, maior a percepção de que os grandes beneficiados com a nova lei seriam os atletas (RODRIGUES, 2007).

¹⁹ O vínculo, um dos pilares da psicologia social postulada por Pichon-Rivière (principal referência teórica deste estudo), será discutido e problematizado nos capítulos que seguem. No entanto, importa antecipar que o conceito de vínculo apropriado por nós neste estudo difere-se, em partes, do enunciado por Damo (2007) e costumeiramente por aqueles que fazem parte do contexto do futebol profissional, pois ao se tratar de uma palavra polissêmica, assume o significado de laço/elo/ligação afetiva, moral, legal, etc. ao passo que para Pichon-Rivière (2005, p.14), o vínculo é compreendido como “estrutura complexa de interação, não de forma linear, mas em espiral, fundamento do diálogo operativo, onde a cada giro há uma realimentação do ego e um esclarecimento do mundo”. Parte de um sistema que inclui um transmissor e um receptor, mensagens, signos, símbolos e ruídos em momentos de comunicação e aprendizagem.

(2007, p.89), os produtores principais do espetáculo esportivo, neste caso os jogadores de futebol, tornaram-se, eles próprios, mercadorias.

Dessa forma, segundo Rial (2008), os jogadores de futebol assumem uma característica bastante particular, pois acabam sendo, ao mesmo tempo, força de trabalho e mercadoria. Compreensão semelhante é explicitada por Martins (2016, p.51) ao se referir ao jogador de futebol como, em um só tempo, “uma mercadoria especial – força de trabalho – e uma mercadoria comum, vendida como “produto” para outros clubes, patrimônio líquido de seu clube corrente, gerador de lucro e de valorização de capital”.

A linguagem própria do futebol, refletida em expressões (algumas delas utilizadas neste texto) como “ser vendido”, “pertencer a um clube”, entre outras, nos remete, guardadas as devidas proporções, a um modelo escravagista ainda que “haja um consentimento legal e moral em relação à compra e venda de pés de obra” (DAMO, 2007, p.59) e seja consenso que o intercâmbio de jogadores de futebol esteja inserido nos modelos mais avançados de capitalismo” (RIAL, 2008, p.30). Não por acaso, a expressão plantel, designada atualmente para nomear um grupo de profissionais, os jogadores principalmente, de um clube esportivo era apropriada nos tempos feudais para denominar um “conjunto de escravos de um senhor, uma província, uma região, um país” (GEIGER, 2016).

Tal compreensão faz com que o processo de profissionalização ou “produção” de jogadores seja cada vez mais seletivo e competitivo, já que o mercado nacional de “pé de obra” é restrito e conta com poucas possibilidades de expansão (TOLEDO, 2000, p.99; DAMO, 2007, p.184). Para cada atleta da categoria de base que chega ao profissional (costumeiramente denominado de “prata da casa”) “há vários jogadores que foram testados, parcialmente investidos e descartados ao longo do processo” (DAMO, 2007, p.276).

Neste aspecto, voltando nossa atenção especificamente ao futebol profissional, algumas medidas e mudanças de postura dos clubes foram adotadas já que, conforme nos atesta Florenzano (2010, p. 152), a “administração profissional dos clubes exigia uma mentalidade inovadora, sempre pronta a ‘comprar e vender’ atletas”, postura que se tornou ainda mais necessária a partir da maior abertura de transações entre atletas do mundo todo, principalmente entre sul-americanos e africanos com o “mercado” europeu, e após a aprovação da Lei Bosman em 1995 que instituiu a livre circulação entre clubes da Europa para os atletas da comunidade europeia. Entre os jogadores

brasileiros, a partir da Lei Pelé, adquirir os direitos federativos de um atleta se tornou mais fácil (pagando a multa contratual se este tiver empregado ou acertando somente seus salários se ele não estiver vinculado a nenhum clube) aumentando as possibilidades dos atletas optarem e decidirem por qual clube jogar. Ainda assim, estabeleceu maior liberdade de trabalho e, ao desburocratizar as transferências internacionais, favoreceu o aumento de transações de jogadores brasileiros para outros mercados, sobretudo o europeu e asiático (RODRIGUES, 2010)²⁰. Ainda de acordo com tal autor, em âmbito nacional, a flexibilização dos contratos e das relações de trabalho decorrentes da Lei Pelé também contribuiu significativamente para a grande quantidade de transações de jogadores entre os clubes brasileiros.

Mas não só em âmbito nacional estas transações entre jogadores foram ampliadas. Segundo Angelo (2014), o jogador de futebol pode ser considerado como um dos principais “produtos de exportação” brasileiro. Internacionalmente, a exportação de atletas em cada vez maior número e mais precocemente se tornou uma tendência do futebol profissional (RIAL, 2008). Portanto, ainda de acordo com Rial (2008, p.52), a lógica presente atualmente no futebol profissional é do “rodar”, ou seja, atletas e treinadores circulam pelas equipes nacionais e internacionais tornando, conseqüentemente, os vínculos entre atletas, comissão técnica, torcida e clube, transitórios (MORATO, 2011).

Cientes das características assumidas pelo futebol profissional contemporâneo, grande parte dos clubes de destaque no cenário futebolístico nacional e mundial tem manifestado muita preocupação em qualificar a formação dos seus atletas vindos de categorias de base, aumentando os investimentos, aprimorando sua infraestrutura e melhorando as condições de trabalho das equipes de base de suas instituições. Trata-se, segundo Toledo (2000, p.102), de um “processo de ‘fabricação’ ampliada de atletas”. No entanto, são poucos os atletas que chegam às equipes profissionais e em menor proporção ainda estão aqueles que se destacam e trazem grandes retornos financeiros para os clubes (DAMO, 2007).

²⁰ “Em 1989 saíram do Brasil 132 jogadores profissionais para atuar no exterior, e esse número chegou aos 851 em 2006” (RODRIGUES, 2007, p. 161). Estes atletas se transferiram para clubes de 86 países, incluindo alguns de pouca expressão no futebol, como Líbia, Uzbequistão, Ilhas Faroe, Chipre, Vietnã, Tailândia, envolvendo a quantia, segundo o Banco Central, de US\$ 131 milhões (RIAL, 2008). Ao investigarem dados mais recentes, Reis, Lopes e Martins (2014), constataram que de 1997 até 2011, o número de atletas brasileiros que passaram a atuar fora do país aumentou em 171%, gerando, segundo dados divulgados em 2015 no relatório de transferências da CBF, uma arrecadação de R\$679.740.600,00.

Ao compreendermos e avaliarmos os acontecimentos de um grupo profissional de futebol e seus modos de atuação sob a ótica dos pequenos grupos que se organizam nos clubes estudados, esperamos contribuir no desenvolvimento deste processo. Especificamente, se faz necessário analisar o processo de transição do atleta - da categoria de base ao profissional, ou de um clube a outro -, reconhecendo não somente o curto tempo destinado para que sejam contempladas todas as etapas do desenvolvimento grupal, mas, sobretudo, compreendendo suas necessidades, medos, ansiedades, preocupações, tendo como objetivo primário a integridade emocional e física dos atletas em detrimento do resultado e lucro que podem trazer à instituição esportiva.

Certamente, tal como os recursos oriundos das chamadas cotas televisivas²¹ pagas pelas emissoras aos clubes que dão audiência em virtude da transmissão das partidas (MOURELLE, 2012), uma das maiores fontes de renda dos clubes é a venda de jogadores para o mercado europeu e cada vez mais para o mercado asiático²². O “processo de internacionalização de jogadores e técnicos” tornou-se uma tendência que, apesar de se destacar a partir de 1980, nos últimos anos tem tomado proporções ainda maiores já que em pouco mais de um ano cerca de 700 jogadores brasileiros deixaram o Brasil em busca de melhores oportunidades em outros 59 países (LOPES, 1999, p.179). Soares et al. (2011) justificam esse aumento da demanda nas transferências de jogadores brasileiros para o exterior a alguns fatores, a saber:

[...] o limite de empregabilidade do mercado interno, os interesses competitivos e financeiros dos clubes estrangeiros com maior capital financeiro; a relação custo/benefício na importação desses serviços especializados; a formação de um corpo de empresários ávidos a realizar negócios nos diferentes países, credenciados ou não pela FIFA; e o mecanismo de solidariedade²³ criado pela FIFA, no ano de 2014 (SOARES et al., 2011, p.908).

²¹ Há uma quantidade relativamente grande de clubes que, por não participarem de campeonatos de maior notoriedade e, portanto, não terem suas partidas televisionadas, não recebem valor algum referente à cota de TV. Entretanto, “mesmo nos casos dos clubes que recebem os direitos de televisão, a desigualdade é muito grande, já que os recursos aportados a cada clube dependem da audiência que mobilizam. Logo, os times de maior torcida do país auferem receitas muito superiores àqueles que não têm uma torcida tão significativa” (MOURELLE, 2012, p.140).

²² De acordo com Toledo (2000, p.146), se, anteriormente, os jogadores brasileiros se transferiam para os clubes europeus e posteriormente asiáticos, muito em função das características enunciadas na noção de estilo, outras demandas podem ser observadas atualmente no que concerne às qualidades socialmente prestigiadas esperadas nesses atletas, tais como capacidade de adaptação em outras culturas, disciplina e manutenção técnica do saber futebolístico, pontualidade, assiduidade. Segundo Rial (2006), de 2002 em diante cerca de 2610 atletas se transferiram do futebol profissional brasileiro para o exterior, principalmente Estados Unidos, Japão e Europa.

²³ “O mecanismo de solidariedade estimula a formação de mão de obra para o mercado profissional. A nova legislação recompensa financeiramente todos os clubes formadores por onde o atleta passou dos 12 aos 23 anos com 5% do valor bruto das transações” (SOARES et al., 2011).

Nesse sentido, assim como Soares et al. (2011), outras pesquisas (DAMO, 2007; PRONI, 2000) também analisam o processo de êxodo de jogadores brasileiros para o exterior. Dentre os principais motivos apontados estão a gestão/administração amadora e patrimonialista dos clubes, a relação de trabalho entre clubes e jogadores com a exclusão da figura jurídica do passe imposta pela Lei Pelé, a centralização do empresário/agente nos processos de contratação e venda de atletas, o número reduzido de postos de trabalho no mercado brasileiro, o surgimento de uma “indústria de formação de jogadores e os baixos salários em termos médios no mercado do futebol brasileiro” (SOARES et al., 2011, p. 908).

Dessa forma, o preço de contratação dos atletas e comissão técnica, assim como seus salários, tem crescido substancialmente ainda que, segundo Damo (2007, p.329), seja muito difícil precisar o custo de produção de um atleta, ainda mais se relevado que a “mercadoria em questão é uma pessoa”. Dentre os motivos para tal dificuldade está o fato de que o futebol espetáculo e os atletas que o compõem são apreciados e consumidos como bens simbólicos e, portanto, dificilmente se pode calcular tal valor. Ainda assim, produzir um jogador de futebol tornou-se um negócio extremamente rentável, sobretudo a partir da mercadorização com o futebol estrangeiro. Muitos clubes que inicialmente passavam a produzir jogadores para suprir as exigências dos torcedores e necessidades de “pés de obra” na equipe principal, passaram a fazê-lo também pensando no lucro econômico que uma posterior venda pode render ao clube (DAMO, 2007).

Tal realidade tem suscitado maiores investimentos nas categorias de base e exigido também dos dirigentes esportivos maior cuidado e preocupação, tanto em relação à compra quanto em relação à venda do “passe” dos seus jogadores e membros da comissão técnica. Assim, o processo de construção do elenco tem sido realizado frequentemente de modo mais criterioso, ainda que sob nosso entendimento esse processo não aconteça da melhor forma possível. Comumente, atletas e comissão técnica (representada, sobretudo, na figura do treinador) são contratados com altos investimentos e pouco tempo depois são dispensados ou negociados sem trazer ao clube o retorno – esportivo e financeiro – esperado.

Nesse sentido, Toledo (2000, p.147) afirma que:

O número de jogadores brasileiros que não se adaptaram às condições impostas pelo profissionalismo europeu, seja pelo nível técnico ou emocional, impeliu algumas mudanças na busca dessas outras qualidades até então menos valorizadas no futebol brasileiro. Para atender inclusive a este mercado foi necessário adequar-se aos padrões de formação de atletas existentes em outros centros de excelência, o que veio a corroborar para que alguns clubes do futebol brasileiro antecipssem essas

novas demandas e se alinhassem aos padrões de treinamentos europeus, ao menos no que diz respeito à infraestrutura de formação desses atletas (TOLEDO, 2000, p.147).

Quando as equipes estrangeiras contratam atletas brasileiros, adotam certas medidas a fim de facilitar e acelerar o processo de adaptação, dentre as quais vale destacar as contratações em grupo, ou seja, os clubes contratam vários atletas brasileiros incentivando a aproximação entre eles oportunizando assim a criação de “redes de companheiros no clube, que dividem a responsabilidade, compartilham uma mesma linguagem, em campo e fora de campo” (RIAL, 2006, p.180).

Apesar de representarem uma minoria dentre os atletas profissionais de futebol, os jogadores de destaque têm em comum, além do alto salário que recebem, a necessidade de provar diariamente suas qualidades, mas sem que tenham certeza de que poderão se manter em alto nível por muito tempo. Isso gera, dentre outras consequências,

[...] uma instabilidade conhecida do percurso profissional dos técnicos e suas equipes, com sua frequente alta rotatividade nos clubes, assim como a instabilidade contratual de muitos jogadores, dependente de sua fase técnica e física e do período relativamente curto de vida útil (LOPES, 1999, p.181).

O desemprego é outro fator a ser destacado neste contexto já que, conforme Rodrigues (2010), em 2003 havia cerca de 22.000 jogadores profissionais cadastrados na CBF, dos quais por volta de 18.500 estavam desempregados²⁴. Segundo Martins (2016), após a realização das três divisões do Campeonato Paulista de 2015, dentre os 1.704 atletas inscritos, 31% estavam desempregados. Entretanto, reforçamos que esta taxa de desemprego e instabilidade nos contratos não se limita aos atletas, mas cada vez em maior frequência faz parte da rotina da comissão técnica, principalmente entre os treinadores, que dependem, essencialmente, dos resultados obtidos (vitórias e competições conquistadas) pelas equipes que dirigem.²⁵

Ainda assim, é preciso relevarmos à quais condições psicológicas estão submetidos esses atletas e membros da comissão técnica e o que representa para eles, como

²⁴ Considerando que apenas 50 clubes participam de competições oficiais ao longo do ano todo (e não só no primeiro semestre, período de realização dos Campeonatos Estaduais), pode-se concluir que o número de jogadores desempregados é ainda maior, pois se o número de atletas que compõe cada equipe varia de 24 a 30, temos em atividade cerca de 1.500 jogadores (OLIVIER, 2001, apud RODRIGUES, 2010).

²⁵ Em coluna do site globoesporte.com escrita por Bernardo Pombo, o autor afirma que nos primeiros quatro meses do ano de 2015, foram demitidos 143 treinadores de clubes da primeira divisão dos campeonatos estaduais pelo Brasil. <<http://globoesporte.globo.com/blogs/especial-blog/pombo-sem-asa/post/futebol-brasileiro-ja-tem-mais-de-140-tecnicos-demitidos-na-temporada.html>>. Acesso em 15/04/2015.

jogadores/treinadores/preparadores físicos e como sujeitos, serem contratados e principalmente serem dispensados por determinado clube de futebol. No contexto do futebol profissional, o descompasso que se apresenta entre o trabalho prescrito e o real, assim como as dissonâncias de todo processo de mudança, como veremos nesse estudo, são geradores de estados de ansiedade e podem trazer relevantes consequências psíquicas aos sujeitos e ao funcionamento dos grupos.

Compreender como esses processos se estabelecem nos grupos nos parece um importante passo que pode contribuir também para além do reconhecimento da *performance* esportiva, que inclui o retorno dos investimentos realizados (visto que ambos aspectos são integrados e indissociados do futebol contemporâneo), mas principalmente para o entendimento e valorização do atleta e treinador enquanto seres humanos, trabalhadores, e não como mercadorias.

Neste ponto, a Psicologia Social, especificamente a psicologia social, histórica e concreta de Pichon-Rivière (SCARCELLI, 2016), surge como importante campo teórico capaz de possibilitar uma elaborada e qualificada leitura da dimensão da realidade social que estamos dispostos a compreender, trazendo significativas contribuições para as análises dos processos psicossociais básicos, dentre eles os grupais e as relações entre indivíduo e grupo.

A psicologia do esporte, cuja necessidade passou a ser mais evidenciada a partir da configuração do futebol moderno, assumiu papel fundamental para a construção do jogador enquanto “máquina orgânica”, pois para que o jogador funcionasse sem “perturbações patológicas, tornava-se imprescindível a presença do saber da alma – a Psicologia”. O técnico formaria, juntamente com o médico e o psicólogo, o tripé ideal para o desenvolvimento e preparo dos jogadores. Se para garantir o bom funcionamento desta “máquina orgânica” caberia ao médico prevenir lesões físicas, tais quais rupturas musculares dos jogadores, ao psicólogo esportivo caberia desenvolver ações preventivas à ocorrência de “rupturas emocionais” (FLORENZANO, 1998, p.34).

Entretanto, vale ressaltar que mesmo se dentro da comissão técnica o discurso pela importância do preparo e cuidado psicológico estivesse presente, a atuação com o campo da psicologia era desempenhada pelos treinadores e preparadores físicos. A presença restrita e incerta do psicólogo na estrutura dos clubes se deu a partir da compreensão de que o treinador, ao lado dos membros da comissão técnica/médica, poderia, a partir do contato diário com os jogadores, exercer a função que se esperava do psicólogo (FLORENZANO, 1998, p.35).

A partir da segunda metade da década de 1960, para combater o descontrole emocional, refletido, sobretudo, nas expulsões dos jogadores durante as partidas, volta à tona na imprensa esportiva o discurso médico-psicológico que refletia maior necessidade de controlar as manifestações emocionais dos jogadores dentro de campo. Esse cenário se mostrou propício para que a Psicologia do Esporte reingressasse no âmbito do futebol profissional, àquela altura de forma mais presente e intensa, já que até então sua inserção vinha se dando de forma significativamente incerta. Dessa forma, a Psicologia Esportiva passou a integrar o campo das Ciências do Esporte, “seja na detecção de talento esportivo, seja em treinamentos e competições, buscando sempre a regulação e o controle das reações emocionais dos atletas e técnicos” (FLORENZANO, 1998, p.176).

Ainda hoje, no entanto, há quem questione a importância da Psicologia do Esporte para o desenvolvimento do atleta e os psicólogos esportivos, à medida que interveem a partir de conceitos rígidos ou fragmentados que pouco se relacionam com o contexto do futebol profissional, contribuem para esse quadro de dúvidas e questionamentos (SCAGLIA & MEDINA, 2008).

Portanto, a partir da década de 1990 a Psicologia do Esporte passou a pautar sua intervenção de modo a “regularizar o funcionamento do estado psíquico e emocional do jogador” com vistas ao maior rendimento em todas as partidas sem que em nenhuma delas se perdesse o autocontrole. Esperava-se dos psicólogos esportivos que suas palestras, principal recurso de intervenção nesta época, fizessem dos talentosos e geniais jogadores brasileiros, sobretudo do ponto de vista técnico, também geniais emocionalmente (FLORENZANO, 1998, p.176).

Apesar de a Psicologia estreitar sua relação com o futebol já na década de 1950 (BRANDÃO, 2000), pouco ainda tem sido feito sob a ótica da Psicologia Social. Nesse sentido, Giglio e Spaggiari (2010), ao mapearem a produção e orientação de dissertações e monografias relacionadas ao futebol no âmbito nacional entre os anos de 1990 e 2009, constataram que a Educação Física e as Ciências Sociais são responsáveis, juntas, por 42,69% dos trabalhos produzidos relacionados ao tema. Entretanto, a Psicologia (independente da subárea, não considerando, portanto, somente a Psicologia Social), é responsável por somente 18 trabalhos com essa temática no referido período, representando 5,06% do total²⁶.

²⁶ Em busca no sistema integrado de bibliotecas (<http://www.buscaintegrada.usp.br/>) realizada em agosto de 2015, ao levantarmos as publicações de dissertações de mestrado e teses de doutorado nesta última década, identificamos, a partir da palavra de busca “futebol”, somente 17 produções oriundas do campo da psicologia do esporte. Destas, 5 produções foram desenvolvidas em programas de pós-graduação na área da psicologia, 10 na área da educação física e as demais em outros programas de pós-graduação. Vale destacar, que dentre as 17 pesquisas analisadas, 4 possuem como referencial

1.3 Apito inicial

Traçamos como objetivo principal deste estudo compreender o processo de formação de grupos a partir da descrição e análise dos acontecimentos de equipes profissionais de futebol e seus modos de atuação sob a ótica dos pequenos grupos que se organizam nos clubes investigados. Considerando as características do futebol profissional, tal objetivo nos levou a: investigar os critérios existentes no processo de contratação e venda de jogadores; detectar os objetivos e perfil das categorias de base, com ênfase no processo de transição do atleta formado à equipe profissional; verificar e discutir o tratamento e postura dos dirigentes esportivos e comissão técnica em relação aos atletas das categorias de base que não conseguiram ser promovidos ao profissional; refletir sobre o processo de ambientação de atletas recém-contratados ou promovidos das categorias de base no grupo profissional; indagar sobre as ligações e configurações relacionais que se estabelecem entre jogadores e membros da comissão técnica; e interpretar o significado e consequências psíquicas e comportamentais dos processos de mudança, sobretudo dos treinadores. Ciente da diversidade de orientações/compreensões existentes referentes ao campo da Psicologia Social, vale reafirmarmos que esta pesquisa foi realizada tendo como principal referencial teórico a psicologia social postulada por Pichon-Rivière (1982; 2000, 2005)²⁷. Foi se apropriando de conceitos da psicologia social de Kurt Lewin e George Mead e da psicanálise, sobretudo Melanie Klein (SCARCELLI, 1998) e Freud, que Pichon-Rivière formulou sua teoria.

A Psicologia Social formulada por Pichon-Rivière, “muitas vezes adjetivada de histórica, concreta ou operativa” (SCARCELLI, 2016, p.33) tem como objeto de estudo “o desenvolvimento e a transformação de uma relação dialética, que se dá entre estrutura social e fantasias inconscientes²⁸ do sujeito” (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p.238); indaga sobre os processos de constituição da subjetividade a partir da macro-estrutura social. E o lugar privilegiado para investigar esses fenômenos são os grupos, que para efeitos de sua teoria foi denominado de grupo operativo,

teórico a psicologia social, ainda que somente em uma delas (justamente a dissertação de mestrado de autoria do mesmo autor deste estudo) sob a orientação/viés proposta nesta tese.

²⁷ Entendemos, tal como Scarcelli (2016), que ao tomarmos as obras de Pichon-Rivière como base teórica para elaboração de nossas ideias, estamos amadurecendo e reconstruindo sua teoria, como parte do processo criativo, configurando não mais necessariamente seus enunciados, mas sua ressignificação a partir de nossas experiências singulares.

²⁸ Segundo Pichon-Rivière (2005, p.76), a fantasia inconsciente pode ser conceituada como o “projeto ou a estratégia totalizante de uma ação com base numa necessidade”.

entendido, de acordo com Scarcelli (2016, p.85) em “instrumento para obter uma práxis”, cuja finalidade está em proporcionar uma mudança.

O termo operativo refere-se ao pressuposto da existência de uma tarefa que diz respeito à elaboração de um esquema conceitual comum, condição básica para o estabelecimento da comunicação. Por ser considerado o conceito de inconsciente, na teoria em questão, estão implicados dois âmbitos: explícito e implícito. A tarefa explícita “diz respeito ao objetivo que articula o grupo, é fundamentalmente compreendida e comunicada no nível consciente e pode ser entendida como prescritiva” (SCARCELLI, 2016, p.89). A tarefa implícita de um grupo está voltada para a elaboração de ansiedades relacionadas aos medos básicos emergentes nas situações de mudança (por exemplo, a chegada de um novo jogador no time, a troca de treinador e comissão técnica etc.). Tais ansiedades, coexistentes e cooperantes, configuram uma atitude de resistência à mudança que se manifesta pelo estereótipo, enquanto reprodução cristalizada de situações e de papéis vividos pelos membros do grupo (adaptação passiva) (PICHON-RIVIÈRE, 2005).

O rompimento da estereotipia permite a mobilidade de papéis no grupo, momento de aprendizagem (adaptação ativa) que, na teoria pichoniana (PICHON-RIVIÈRE, 2005), é sempre aprendizagem de papéis em situação. Nesse sentido, a noção do papel torna-se relevante à medida que busca expressar a mútua determinação entre relações sociais concretas e constituição da subjetividade. Entende-se que papéis em interação (expressos, por exemplo, na figura do bode expiatório, líder etc.) são expressões das relações concretas, apreendidos de um modo especial pelo sujeito e traduzido em atitudes, de maneira peculiar de se vincular ao mundo. Estas atitudes poderão trazer novas qualidades às relações sociais estabelecidas.

Nessa perspectiva, quando consideramos na condição de investigador as duas dimensões (explícito/implícito) dos fenômenos presentes nos processos de interação em um clube de futebol profissional, procuramos indicar o acontecer implícito e este, segundo Pichon-Rivière (2005), manifesta-se dentro do campo de observação pelo surgimento de uma qualidade nova nesse campo, o emergente, que se expressa por meio de um conjunto de fantasias inconscientes explicitadas através do processo de atribuição e assunção de papéis.

Partilhamos neste estudo do conceito de grupo defendido por Pichon-Rivière (2005), Ana Quiroga (1989) e Bleger (1980). Para Pichon-Rivière (2005, p.163) um grupo pode ser entendido como um “conjunto de pessoas ligadas entre si por constantes de tempo e espaço, e articuladas por

sua mútua representação interna, que se propõe, de forma explícita ou implícita, uma tarefa que constitui sua finalidade”. Ana Pampliega de Quiroga, parceira afetiva e de trabalho de Pichon, compreende o grupo como “um sistema de relações cujo sentido é empreender ações destinadas a satisfazer as necessidades de seus integrantes” (QUIROGA, 1989, p.24). José Bleger, contemporâneo e seguidor das obras de Pichon-Rivière, define o grupo como "um conjunto de indivíduos que interagem entre si compartilhando certas normas numa tarefa" (BLEGER, 1980, p.101). Ao entender o grupo como unidade básica de interação, Pichon-Rivière (2005, p.242) o transforma “em unidade básica de trabalho e investigação”. Ou, como acrescentado por Scarcelli (2016, p.86), “unidade organizada a partir dos conjuntos sociais, que pode ter característica de situação espontânea ou de interação regulada quando, por exemplo, são utilizadas técnicas para potencializar essa interação”.

Desse modo, a abordagem pichoniana se faz pertinente para nossos estudos na medida em que não fragmenta a realidade que pretendemos investigar, permitindo, assim, “visualizar o interjogo entre causas internas e condições externas na produção de um fenômeno” (QUIROGA, 1986, p.40), contemplando a totalidade das determinações que operam na gênese e desenvolvimento dos processos internos e fantasias inconscientes. Tal enfoque, ao possibilitar uma compreensão mais totalizadora para as diversas determinações que operam o sujeito enquanto unidade biopsicossocial, abandona uma perspectiva estritamente intrasujeital para centrar sua análise na dialética entre os sujeitos, sobretudo a partir do interjogo entre mundo interno e mundo externo. Dedicamos um capítulo desta tese para tratar pormenorizadamente destes conceitos a fim de ampliar o conhecimento e compreensão da teoria postulada por Pichon-Rivière, principal referência para este estudo.

Diante da relevância que o futebol tem assumido na sociedade contemporânea, alguns(mas) autores(as) têm buscado uma aproximação das atividades físico-esportivas com os pressupostos da Psicologia Social. Rubio (2003b) afirma que, ao revelar em sua organização os valores inerentes a uma determinada sociedade, “toda manifestação esportiva é socialmente estruturada”. Corroboramos as afirmações da autora quanto à necessidade de entendermos o fenômeno esportivo – neste caso específico o futebol – em toda a sua complexidade, visando, portanto, a compreensão das relações entre atletas, comissão técnica, dirigentes, mídias, torcedores(as), patrocinadores e demais investidores, tratando a Psicologia para além do rendimento.

Portanto, esta pesquisa se justifica, primeiramente, pela relevância do debate acerca do processo de construção e formação de grupos de futebol profissional. Afinal, trata-se de um processo complexo que já envolve muitos esforços em tornar-se mais rentável aos clubes - e athleticamente

favorável às equipes -, mas que ainda muito pouco se preocupa com a valorização do atleta e membros da comissão técnica enquanto sujeitos de necessidades, angústias, ansiedades etc. Além disso, este estudo justifica-se por possibilitar a reflexão e questionamento do papel assumido pelos jogadores e membros da comissão técnica na concretude de suas relações em sua cotidianidade profissional.

Ainda assim, buscamos abordar um tema pouco explorado pela literatura científica nacional e internacional, trazendo contribuição para a inserção e desenvolvimento da Psicologia Social no trato com o fenômeno esportivo. A quantidade de estudos que partem do referencial teórico aqui proposto, sobretudo Pichon-Rivière, para compreender o fenômeno esportivo é escassa, principalmente se comparada à diversidade de análises e interpretações possíveis de serem realizadas no âmbito da Psicologia. Buscamos, portanto, analisar o futebol e o processo de construção das equipes a partir de um referencial teórico pouco explorado neste contexto, almejando, dessa forma, contribuir para o desenvolvimento e inserção da Psicologia Social postulada por Pichon-Rivière em sua relação com esta prática social.

Vale reforçar, como já enunciado, que esta pesquisa buscou dar continuidade à dissertação de mestrado (CASTELLANI, 2010) publicada em 2010, na qual é analisado o processo de liderança e coesão grupal no futebol profissional. Pretende-se assim ampliar e qualificar nossa contribuição para o desenvolvimento de estudos sobre o tema e que o conhecimento produzido nesse trabalho possibilite a emergência de novas questões mobilizadoras acerca do processo de formação de grupo no que se refere ao futebol. Tais questões podem ser fontes importantes para a elaboração de aspectos referentes à infraestrutura inconsciente das ideologias que se põem em jogo no grupo e que determinam o surgimento de diferentes montantes de ambiguidades e de confrontos entre subgrupos manifestados como contradição. Estratégias podem ser traçadas como fruto dessa elaboração *no âmbito de e com* grupos específicos. São estratégias singulares, no caso desta pesquisa, referentes a três clubes de futebol profissional, mas que se considerada sua dimensão institucional (que diz respeito aos grandes grupos, ou seja, sua estrutura, origem, composição, história, economia, política, ideologia etc.), poderão ser inspiradoras para refletirmos sobre a instituição futebol para além de equipes específicas. Ainda assim, conforme nos salienta Pichon-Rivière (2005, p. 69),

[...] a análise sistemática de situações grupais nos tem possibilitado registrar um conjunto de processos relacionados entre si, que nos permitem, por sua reiteração, considerá-los como fenômenos universais de todo grupo, em sua estrutura e dinâmica (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p.69).

Grande parte dos conceitos abordados no decorrer deste estudo são inerentes e indissociados de qualquer processo grupal e, dessa forma, cabe ressaltarmos que a divisão dos capítulos e abordagem realizada, se tratam de estratégias meramente didáticas que atendem a finalidade de buscarmos facilitar para os leitores desta tese o percurso adotado no processo de elaboração de nossas ideias e construção do texto. Portanto, o organizamos de modo que o segundo capítulo (Esquema Conceitual) reflita nosso principal embasamento/sustentação teórico, ou seja, nele explicitamos as contribuições de Pichon-Rivière relacionadas aos processos grupais a partir das suas principais obras, assim como algumas de suas próprias matrizes epistemológicas. Ainda assim, buscamos também apresentar as leituras/interpretações realizadas por alguns de seus principais seguidores/discípulos, José Bleger, Ana Quiroga, Vicente Lema, dentre outros, que dedicaram parte da sua vida profissional/acadêmica ao estudo, conhecimento e disseminação da Psicologia Social pichoniana.

Em virtude da escassa e limitada compreensão e apropriação do conhecimento acerca da Psicologia Social postulada por Pichon-Rivière no campo da Psicologia do Esporte, mas, principalmente da Educação Física, a fim de favorecer o entendimento daqueles que possuem pouca ou nenhuma familiaridade com essa teoria, vimos a necessidade de apresentar mais detalhadamente alguns de seus conceitos principais, os quais norteiam nossas análises relacionadas ao processo de formação de grupo no futebol profissional.

Em seguida, no terceiro capítulo (Enquadre Metodológico) tratamos do recorte metodológico adotado para este estudo com base, sobretudo, em José Bleger, Kurt Lewin e Pichon-Rivière. Delineamos nossa perspectiva metodológica, os caminhos percorridos e os principais conceitos teóricos que nortearam nossa ida ao campo de pesquisa. Já no quarto capítulo (Os clubes do futebol profissional em ação) trouxemos para análise nossos resultados e reflexões preliminares obtidos a partir de nossa ida aos três clubes investigados, privilegiando o entendimento dos grupos em sua tripla direção, psicossocial, sociodinâmica e institucional, tal como defendido por Pichon-Rivière, José Bleger e Ianni Scarcelli. Dedicamos este capítulo ainda à explicitação e análise da rotina profissional de atletas, comissão técnica e dirigentes, bem como o regime de concentração esportiva em sua relação com os processos grupais.

Já no quinto capítulo (Reflexões sobre a constituição de grupos no futebol profissional) contemplamos nossa averiguação e entendimento acerca dos métodos costumeiramente utilizados para construção de um grupo profissional de futebol a partir da análise dos critérios existentes na

compra e venda dos direitos federativos dos atletas e comissão técnica, bem como nossa apreciação da tarefa/operação que se trava no interior dos grupos investigados, incluindo em nossa reflexão o procedimento de transição dos atletas formados nas categorias de base à equipe profissional, assim como o tratamento dos dirigentes esportivos e comissão técnica frente àqueles que não obtêm sucesso em profissionalizar-se.

No sexto capítulo (Operações travadas no interior dos grupos) trouxemos para reflexão nossas interpretações e considerações acerca do processo de adjudicação e assunção de papéis no acontecer grupal, bem como na constituição de vínculos; das circunstâncias de configuração, ou não, de aprendizagem, leitura crítica da realidade e possibilidades de modificações criativas no âmbito do futebol profissional a partir do conceito de adaptação ativa e passiva de Pichon-Rivière; e, por fim, na compreensão das ansiedades básicas (medo da perda e medo do ataque) emergentes em todo processo de mudança, sobretudo àquele relacionado às trocas de comissão técnica e transferência de jogadores.

No sétimo, e último, capítulo nos dedicamos a tecer alguns comentários e reflexões finais sobre nosso estudo. Retomamos nossos objetivos iniciais, sintetizamos nossas conclusões, apontamos dificuldades e limitações e abrimos novos caminhos e possibilidades para pesquisas futuras.

2. ESQUEMA CONCEITUAL²⁹

“O esquema de referência de um autor não só se estrutura como uma organização conceitual, mas se sustenta em alicerce motivacional, de experiências vividas. É através delas que o investigador construirá seu mundo interno, habitado por pessoas, lugares e vínculos que, articulando-se com um tempo próprio, num processo criador, irão configurar a estratégia da descoberta. ”

(Enrique Pichon-Rivière)

A proposta deste capítulo é tornar explícita a base teórica que adotamos para construção de nossas ideias e realização de nossas análises. Mais do que nosso alicerce epistemológico, buscaremos esclarecer nossa visão de mundo, concepção geral de Homem, sem as quais não viabilizamos esta pesquisa. Nesse sentido, corroboramos com Bleger (1988, p.20) por entendermos que “o investigador com a mente em branco é um mito”.

Conforme já enunciado em nossa introdução, ainda são raros os estudos que buscam compreender o fenômeno esportivo, e especificamente o futebol profissional, a partir da ótica da Psicologia Social e, sobretudo, tendo Pichon-Rivière como maior e principal referência. Dessa forma, se tal autor ainda não é demasiadamente difundido no campo da Psicologia³⁰, principalmente em sua relação com o esporte, se faz menos conhecido e compreendido no campo da Educação Física. Assim, vemos a necessidade de apresentar de modo pormenorizado as principais ideias e conceitos que fundamentam a teoria pichoniana.

Pichon-Rivière, nascido em Genebra (Suíça) em 1907 e falecido na Argentina em 1977, país que viveu desde sua infância, além de criador da primeira escola privada de Psicologia Social

²⁹ De acordo com Scarcelli (2016, p.51), “o esquema conceitual é um sistema de ideias que alcançam uma vasta generalização; funciona como sínteses de proposições que estabelecem as condições segundo as quais se relacionam entre si os fenômenos empíricos. Esse conjunto de conhecimentos proporciona linhas de trabalho e investigação, e sempre deve ser passível de retificação ou ratificação”.

³⁰ “A limitada divulgação da produção escrita de Pichon e a morte precoce de Bleger – investigador extremamente cuidadoso que organizou e avançou na construção da psicologia social formulada pelo seu mestre – somadas ao fato de ser uma obra de um pesquisador latinoamericano em um continente que valoriza, e em alguns casos até mesmo enaltece, os estudos realizados no Hemisfério Norte, talvez sejam indícios sobre o pouco interesse e a restrição que essa produção ocupa em nossos círculos acadêmicos” (SCARCELLI, 2016, p.48).

(situada em Buenos Aires, Argentina), da Associação Psicanalítica na Argentina e membro da Associação Psicoterápica de Grupo (JAITAN, 2002)³¹, teve como grande contribuição no campo da Psicologia, o desenvolvimento de uma Psicologia Social de perspectiva bastante peculiar. Ainda que não tivesse o futebol como questão principal em seus estudos, explicitava costumeiramente sua admiração por essa modalidade esportiva e segundo suas palavras, esta prática esportiva tratava-se de:

[...] um esporte muito belo e que emerge a maior variedade de conflitos. E a partir do futebol, como de outras atividades instintivamente grupais nas quais participo - vivíamos em povos pequenos onde se integram com naturalidade as “gangues” ou barras – tem sido para mim, como alguma vez já disse, a vivência do caráter operativo das situações grupais (LEMA, 2004, p.28, tradução nossa).

Pichon-Rivière deixa claro então suas principais paixões: o futebol e seu trabalho com doentes mentais no asilo, aproximação que fez do futebol instrumento de uma “terapia grupal dinâmica” (LEMA, 2004, p.40, tradução nossa). Entretanto, vale ressaltar que o que lhe atraía com maior força era preparar a estratégia da equipe de futebol do asilo, visto que “encarregou-se de sua tarefa de médico sem descuidar jamais do time de futebol, tarefa prioritária” (SCARCELLI, 2016, p.42). Lema (2004) destaca ainda que grande parte dos momentos de felicidade que Pichon-Rivière teve ao longo de sua vida se relaciona com o futebol e com os jogos que venciam defendendo a equipe dos internados do Asilo de Torres (LEMA, 2004). Tal como Pichon-Rivière, foi a paixão pelo futebol e interesse pela compreensão dos processos grupais que nos aproximaram deste objeto de estudo e referencial teórico³².

O título deste capítulo surgiu a partir daquilo que Pichon-Rivière (2005) nomeou como ECRO, ou seja, Esquema Conceitual Referencial e Operativo. O conceito de ECRO trazido para operar no campo da Psicologia Social trata-se de um modelo científico, um instrumento interdisciplinar que, por analogia, nos permite compreender e apreender determinada realidade. Em outras palavras, pode ser entendido como “conjunto organizado de noções e conceitos gerais, teóricos, referentes a um setor do real, a um universo do discurso, que permite uma aproximação

³¹ Para maiores informações sobre a história de vida de Enrique Pichon-Rivière, consultar Scarcelli (2016).

³² Entretanto, mais do que a paixão pelo futebol e o interesse pelos processos grupais, compartilhamos, respeitadas suas especificidades/particularidades, um modo de estar no mundo, algo importante para Pichon-Rivière sobre o processo de escolha ou de construção de uma teoria. Corroboramos também com a suposição de Scarcelli (2016) ao presumirmos que a opção por uma teoria não é realizada após o conhecimento das concepções que constituem essa teoria e sim por um processo de identificação, “porque a elaboração dessas concepções exprime em palavras um modo de ser, ainda insuficientemente ou não elaborado, do sujeito que a procura” (SCARCELLI, 2016, p.63).

instrumental do objeto particular concreto” (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p.236). Ou seja, refere-se a um “instrumento de apreensão da realidade” que nos permite compreender situações e fatos específicos “a partir de uma organização e articulação de conceitos universais” (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p. 250).

Um elemento fundamental do ECRO proposto por Pichon-Rivière (2005) se refere ao critério de operatividade, pois não lhe interessa tão somente a interpretação de determinado fato social, mas fundamentalmente sua adequação em termos de operação, ou seja, a possibilidade de promover uma modificação criativa entendida como adaptação ativa à realidade e, conseqüentemente, processo de aprendizagem.

A elaboração de um ECRO comum é entendida como a tarefa de todo grupo e se trata de uma condição básica para que a comunicação seja estabelecida. A construção de um ECRO comum a todos integrantes do grupo permite que aconteça a comunicação intragrupal, pois o que faz com que o receptor entenda a mensagem emitida por meio de operações de codificação e decodificação pelo emissor é a semelhança dos esquemas referenciais (PICHON-RIVIÈRE, 2005, pág.178).

Todo esquema conceitual, referencial e operativo deve ser construído a partir de seu duplo aspecto: superestrutural e outro infraestrutural. Enquanto o elemento superestrutural é dado pelos elementos conceituais, o elemento infraestrutural se refere às emoções, motivações, ou seja, aos elementos oriundos da própria experiência de vida dos sujeitos em sua verticalidade (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p. 225). Quiroga (1989, p.16) afirma ainda que “nenhuma teoria pode ser compreendida fora da complexidade das relações sociais, estruturais e superestruturais, que constituem o conjunto de suas condições de produção”.

Na construção teórica de Pichon-Rivière (2005), a característica interdisciplinar se destaca considerando que a formulação de seu ECRO se processa pela articulação realizada entre as contribuições de diversas disciplinas e campos do saber. Tais contribuições “são provenientes do materialismo dialético, do materialismo histórico, da psicanálise, da semiologia e das contribuições daqueles que trabalham em uma interpretação totalizadora das relações entre estrutura socioeconômica e vida psíquica” (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p.239).

Pichon-Rivière (2005), em coerência com aquilo que denominou de “epistemologia convergente”, buscou na Sociologia, especificamente em Marx, na Psicanálise, principalmente em Freud e Melanie Klein, e na Psicologia Social, sobretudo em George Mead e Kurt Lewin, referencial

para elaboração/construção da sua teoria. Vários autores buscaram interpretar o marco referencial da teoria pichoniana, tal qual Adamson (2000), que afirmou que para construí-lo, Pichon-Rivière se apropria dos três campos já citados: Ciências Sociais, Psicanálise e Psicologia Social. Scarcelli (2016), também no intuito de problematizar as influências teóricas de Pichon-Rivière para que ele formulasse sua epistemologia convergente

[...] se informou sobre os experimentos de dinâmica dos grupos, os conceitos da Teoria da Gestalt aplicados à psicologia social (indivíduo e grupo se complementam como na relação figura e fundo), a pesquisa-ação, na qual o pesquisador de um grupo faz parte do próprio objeto que investiga; enfim, à produção de Kurt Lewin que estava em desenvolvimento. Informou-se, também, dos estudos de George Mead sobre papel, desenvolvimento da identidade pela introjeção da interação desses papéis existentes nos grupos nos quais se dão os processos de socialização e sobre o conceito de outro generalizado. Além disso ele já bebia na fonte do pensamento francês de Gaston Bachelard (1884-1962), apropriando-se do conceito de obstáculo epistemológico, e de Henri Lefebvre (1901-1991), que desenvolveu a crítica da vida cotidiana e o conceito de mútua relação entre ecologias externas e internas, dentre outras contribuições. Eram conhecimentos que compunham com os referenciais da psicanálise, principalmente a kleiniana, e foram todos fundamentais na elaboração do que se constituiu como grupo operativo (SCARCELLI, 2016, p.79).

Por sua vez, para Quiroga (1978), o marco referencial da Psicologia Social proposta por Pichon-Rivière se sustenta na Teoria Psicanalítica, sobretudo sob as influências da escola inglesa, especificamente em Fairbairn e Melanie Klein. Com o desenvolvimento de sua teoria, sobretudo a partir do “descobrimento da eficácia da interação, do caráter configuracional, determinante das relações reais, da ação concreta do objeto” (QUIROGA, 1978, p.12), Pichon, ainda que inspirado na teoria Kleiniana, passa a não mais coincidir totalmente com seu pensamento quando propõe uma estruturação do conceito de mundo interno como grupo interno, restaurando o sistema vincular no qual o sujeito emerge. Nesse momento, passa a se apoiar “não só nos conceitos kleinianos, mas também nos aportes de George Hebert Mead” (QUIROGA, 1978, p.13). Não obstante, Pichon ressignifica a importante influência de Freud, ao substituir o conceito de instinto pelo de vínculo. Dessa forma, a Psicologia Social Pichoniana “é uma ciência que toma elementos da psicanálise, a maioria insinuados já por Freud, e também toma elementos do marxismo, aqueles que integra em toda sua metodologia” (LEMA, 2004, pág.99, tradução nossa).

Segundo Fabris (2004, p.5), Pichon-Rivière é um “pensador inscrito, de uma forma muito original, em uma corrente materialista dialética da psiquiatria e psicologia”³³ e somente a partir

³³ Tradução da versão original em língua espanhola: “um pensador inscripto, de una forma muy original, en una corriente materialista dialéctica de la psiquiatría y la psicología.”

destas referências filosóficas que articularam ao longo de sua trajetória todos os conceitos de seu Esquema Conceitual Referencial e Operativo, que se torna possível entendermos seu pensamento teórico próprio.

O diálogo estabelecido por Pichon-Rivière entre a psicanálise, constituída a partir de Freud, e o materialismo histórico dialético a partir de Marx e Engels (SCARCELLI, 2016), esteve entre as formulações que resultaram no rompimento da teoria pichoniana com a psicanálise ortodoxa (FABRIS, 2004). Nesse sentido, Bleger (1988) traz Georges Politzer (1903-1943) como exemplo de autor que, como outros, buscou interpretar e criticar a Psicanálise freudiana em sua superposição e relação com o materialismo dialético marxista. Outros autores que buscaram conciliar a Psicanálise ao Marxismo, erroneamente no entendimento de Bleger (1988), são Reich e J. Audard. Como nos adverte Scarcelli (2016), a teoria pichoniana chegou, inclusive, a ser denominada equivocadamente de pertencer a uma corrente freudo-marxista. Bleger (1988, p.126) entende que Freud, sob a fragilidade de um pensamento dialético organizado, ou mesmo o desconhecimento da formulação explícita da dialética³⁴, ao realizar sua sistematização teórica, demandou grande esforço em refletir sobre o movimento dialético já que detinha como referência, ou “instrumentos inadequados”, a lógica formal, mecanicista e a metafísica. No entanto, vale ressaltar que se qualquer tentativa de conciliação entre Psicanálise e Marxismo, ou seja, nomear alguém ou uma vertente teórica como freudo-marxista, se trata de um equívoco, por outro lado é amplamente legítima a utilização do Marxismo em qualquer campo de conhecimento, bem como a análise de um campo científico, a Psicologia e Psicanálise, por exemplo, por meio do materialismo dialético.

Ao entender o Marxismo como uma concepção de mundo cuja proposta passa por mudar as condições de vida da sociedade, e a Psicanálise como um “procedimento de investigação, um método terapêutico, um conjunto de teorias e hipóteses” acerca de fenômenos específicos, sendo considerada, portanto, como um “fato científico ou um acontecimento histórico social”, Bleger (1988, p.165) procura estabelecer algumas das muitas relações possíveis entre ambos, dentre as quais destacamos: (1) Se a Psicanálise e o Marxismo se configuram, respectivamente, como campo científico específico e visão de mundo, não cabe comparação, conciliação, integração nem exclusão entre eles. Ou seja, nenhum campo científico, tal qual a Psicanálise, pode por si só se apropriar de

³⁴ Dois anos antes da publicação de “O Manifesto Comunista” de Marx e Engels, Freud tem sua maior apropriação da literatura filosófica, a partir da qual se viu influenciado por Goethe, visto que nas ocasiões em que se utilizou da palavra dialética em seus estudos, conferia a ela o sentido de diálogo, nitidamente não coerente à filosofia hegeliana (BLEGER, 1988).

conhecimentos suficientes e da perspectiva necessária para estabelecer uma ideologia ou concepção de mundo; (2) O Marxismo, como concepção de mundo, só pode se comparar, concordar ou se opor, integrar ou contradizer com outra visão de mundo, portanto, com uma concepção e ideologia que, porventura fundamentam a Psicanálise, tal qual o próprio Marxismo; (3) Ambas não podem ser comparadas, pois cabe ao Marxismo justamente estudar e compreender todo o desenvolvimento científico que resulta das forças sociais que estão em jogo, constituindo-se na Sociologia do pensamento e da investigação científica; (4) Por fim, o Marxismo estuda e avalia métodos, hipóteses e teorias, assim como os resultados de cada campo científico, tal qual a Psicanálise, fato que exclui a possibilidade de colocá-las em paridade e de compará-las.

No que se refere às contribuições a partir do campo da Psicanálise, segundo Veloso e Meireles (2007), após Pichon-Rivière, os principais autores dessa área de conhecimento tiveram suas leituras influenciadas pelas suas concepções, o que fez com que demarcassem explicitamente as diferenças do pensamento psicanalítico sul-americano com as demais correntes contemporâneas. Acrescentam ainda que, embora sua obra seja pouco citada, sua importância é indiscutível no desenvolvimento da Psicanálise latino-americana, que passou a introduzir o pensamento lacaniano por influência de Pichon, seu amigo pessoal. Vale ressaltar que os princípios básicos da Psicanálise de Freud, mais especificamente o conceito de inconsciente, foram, de acordo com Colosio (2005), fundamentais na elaboração da Psicologia Social de Pichon-Rivière.

Na trajetória de Pichon-Rivière, ele constrói uma passagem que parte da Psicanálise em direção à Psicologia Social. De acordo com Scarcelli (2016), esse decurso possui como marco a transformação da Escola de Psiquiatria Social na Primeira Escola Privada de Psicologia Social e como resultado de suas experiências e produções, configurando-se no momento mais fértil na produção de sua obra, sobretudo com a publicação, em parceria com Ana Quiroga, de “Psicologia da Vida Cotidiana” e, posteriormente, em 1971, quando publicou a trilogia “Da Psicanálise à Psicologia Social”, produzida em três volumes: “O processo grupal”, “A psiquiatria: uma nova problemática” e “O processo criador”.

Tratava-se de uma iniciativa pessoal, legitimada exclusivamente sobre o seu desejo de transmitir conhecimento, sem qualquer pretensão de se vincular, seja ao sistema oficial de ensino do Estado argentino, seja ao movimento psicanalítico. É como se dissesse: ‘aqui, ensino eu, saindo do mal-estar das ambiguidades que sofreu’... Era uma instituição de transmissão de conhecimento que rompia radicalmente com o modelo das instituições psicanalíticas clássicas... Os alunos, uma vez concluída sua formação, não se vinculavam à Escola. Não permaneciam ‘associados’ a ela nem,

sob qualquer forma, eram por ela ‘autorizados’, ‘certificados’, ‘regidos’ ou supervisionados (VELLOSO & MEIRELES, 2007, P.200).

Do ponto de vista conceitual, a concepção de homem e sujeito, noção de conduta e o critério de saúde são marcos de rupturas epistemológicas que Pichon-Rivière estabelece entre a Psicologia Social e a Psicanálise, pois “o que permite apresentar uma nova problemática para a psicologia, ou defini-la como social, é o desenvolvimento da concepção de mundo interno, constituído como processo de uma progressiva internalização dos objetos em interação” (SCARCELLI, 2016, p. 75). Ainda assim, foi “o conceito de estrutura vincular, instrumento de análise da gênese e das formas de relação entre estruturas de personalidade e estrutura social”, que fez Pichon-Rivière considerar a possibilidade da passagem da Psicanálise à Psicologia Social (SCARCELLI, 2016, p.73). Entretanto, vale ressaltar que essa passagem

[...] não significa renegar as contribuições da teoria psicanalítica, pois é a partir delas, integradas às da teoria marxista e aos elementos elaborados por aqueles que trabalharam numa tentativa de totalização, que se pode fundamentar e construir a psicologia social (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p.231).

Neste estudo, traremos “en passant” alguns conceitos de Freud, Klein e Marx e privilegiaremos, além de suas principais obras (PICHON-RIVIÈRE, 1998, 2000; 2005), suas matrizes epistemológicas advindas do campo da psicologia social (por exemplo, Kurt Lewin e George Mead) e as releituras realizadas por alguns de seus seguidores, tais quais Ana Quiroga, Vicente Lema e José Bleger, este último tido por Scarcelli (2016, p.48) como “um de seus principais discípulos, quem mais se dedica a sistematizar o conhecimento produzido pelo mestre”.

No desenvolvimento da sua teoria da aprendizagem, para compreender os processos sociais, especificamente os grupais, Pichon se aproxima de Kurt Lewin (através da noção de campo, da situação e de alguns princípios topológicos da aprendizagem), Bachelard (a existência do obstáculo epistemológico, ou seja, o conhecimento se situa quase que como um inimigo do sujeito) e George Mead (noção de papel). Mead, assim como Melanie Klein e Freud, ofereceu aportes aos aspectos referentes à “gênese e estruturação da personalidade” (LEMA, 2004, p.111, tradução nossa).

Entretanto, vale ressaltarmos que certamente não daremos conta, e não temos essa pretensão, de tratar a teoria pichoniana, suas bases teóricas e suas releituras em sua total plenitude. Nossa intenção é, por hora, apresentar as principais contribuições de Pichon-Rivière, literatura de base desta

pesquisa, para a compreensão dos processos grupais no âmbito do futebol profissional. Embora reconheçamos sua relevância para a Psicanálise, segundo Ana Quiroga, tal como entende o próprio Pichon-Rivière, o definimos como psicólogo social e não como psicanalista. Quiroga confirma tal compreensão quando, no Seminário “O processo educativo segundo Paulo Freire e Pichon-Rivière”, organizado em 1985 pelo Instituto Pichon-Rivière de São Paulo, afirma que Pichon assim o define quando dá um salto qualitativo no seu entendimento sobre o sujeito ao entender que este se constitui, em último caso, pelas relações sociais que estabelece com os outros (IPRSP, 1989).

De acordo com Quiroga (1986, p.39), “a concepção pichoniana de sujeito o define como emergente, configurado em um sistema vincular-social, a partir do interjogo fundante entre necessidade e satisfação, interjogo que remete, por sua vez, a uma dialética intersubjetiva”³⁵ que “se desenvolve pela interpenetração dos pares contraditórios necessidade/satisfação e sujeito/contexto vincular-social, na qual a necessidade comparece como fundamento motivacional” (SCARCELLI, 2016, p.66).

A constituição do sujeito passa necessariamente pela sua relação com outros seres. Para Pichon-Rivière, “o sujeito é resultado da interação entre o mundo interno (intra-sistêmico) e o mundo exterior (inter-sistêmico)” que se relacionam por mecanismos de projeção e introjeção (JAITAN, 2002). Em outras palavras, o sujeito é entendido como um ser social e historicamente determinado, que se configura a partir de um “interjogo [entre necessidade e satisfação] com um contexto que se dá sempre entrelaçado de vínculos e relações sociais” (QUIROGA, 1978, p.5). Bleger (1991, p.119) é ainda mais enfático ao afirmar que “o ser humano antes de ser pessoa é sempre um grupo, mas não no sentido de que pertence a um grupo, e sim no de que sua personalidade é o grupo”. Tal discurso parte da compreensão de que as instituições (ou organizações como sugere Bleger) formam parte da personalidade de seus membros, chegando ao ponto de, às vezes, constituírem toda a personalidade de seus integrantes.

Se o enquadre é uma instituição, podemos supor, então, que o conjunto de normas e regras e a disposição hierárquica de funções, que caracterizam as instituições e organizações, funcionariam também como enquadre, como o conjunto de constantes do não-processo. Sendo assim, a dissolução ou tentativa de mudança dessas instâncias, dessas instituições, pode produzir diretamente uma desagregação da personalidade, já que a organização e o grupo são considerados a personalidade de seus membros (SCARCELLI, 2016, p.107).

³⁵ Tradução da versão original em língua espanhola: “La concepción del sujeto lo define como emergente, configurado em un sistema vincular-social a partir del interjuego fundante entre necesidad y satisfacción, interjuego que remite a su vez a una dialéctica intersubjetiva”.

Para Pichon-Rivière (2005), o indivíduo é um ser que possui necessidades satisfeitas socialmente a partir das relações que o determinam. “O sujeito não é somente um sujeito relacionado, é um sujeito produzido. Não há nada nele que não seja resultante da interação entre indivíduos, grupos e classes”. Complementa ainda que “não somente com relação ao trabalho, mas para todo tipo de atividade criativa, a ação grupal é o caminho mais adequado” (LEMA, 2004, p.93, tradução nossa), na medida em que o grupo nos permite, através da observação das formas de adjudicação e assunção de papéis, questionar como se dá o interjogo entre o psicossocial (grupo interno) e o sociodinâmico (grupo externo) (LEMA, 2004, p.108, tradução nossa).

Assim, a partir de tais influências, Pichon-Rivière formula sua teoria subsidiada por uma compreensão de Psicologia Social que tem como um de seus objetivos específicos a análise das interações entre indivíduos e grupos. Neste ponto, ressalta a necessidade de associar a investigação psicanalítica à social por meio de uma tripla direção (psicossocial, sociodinâmica e institucional) possibilitando assim uma análise completa do grupo a ser investigado (PICHON-RIVIÈRE, 1982). Ao tratar dos três campos de investigação supracitados e, conseqüentemente, três tipos de análise, Scarcelli (1998) afirma que a psicossocial analisa parte do sujeito que se dirige aos diferentes membros que o rodeiam, a sociodinâmica avalia o grupo como estrutura e a institucional que investiga a estrutura, origem, composição, história, economia, política, ideologia etc, dos grandes grupos. Para Pichon-Rivière (2000, p.2), a análise em âmbito institucional se apropria de “todo um grupo, toda uma instituição ou todo um país como objeto de investigação”. Vale destacar, no entanto, que “não existe separação clara entre esses campos de investigação, que vão se integrando sucessivamente” (SCARCELLI, 2016, p.74).

Importa assinalar também que a compreensão de instituição e de dimensão institucional pode ser enriquecida por outros autores. Bleger (1991, p.114), por exemplo, conceitua a instituição como “o conjunto de normas e padrões e atividades agrupadas em torno de valores e funções sociais”. Há ainda outra definição de instituição que a entende como uma organização na qual há uma distribuição hierárquica de funções que se realizam em um espaço delimitado, tal qual uma sala, um prédio, um clube.

Dessa forma, conforme Bleger (1980), um grupo se configura como uma instituição ou um conjunto de instituições ainda que procure, a partir da adoção de normas/padrões fixos e próprios, se estabilizar como uma organização, pois assim tenderá a mover-se ao objetivo de garantir a própria existência do grupo, balizando suas ações e comportamentos para o cumprimento desta meta. Em

todas as organizações (como são os clubes de futebol), os objetivos explícitos de sua criação são sempre suscetíveis a passarem para o segundo plano, trazendo como primeira prioridade a perpetuação da organização como tal. Isso se deve ao fato das organizações buscarem preservar a estereotipia dos níveis de interação, mas também, em maior medida, “para resguardar e assegurar a clivagem, a deposição e a imobilização da sociabilidade sincrética” estabelecida no/pelo grupo.

Assim, Bleger (1980) traz outro entendimento acerca da compreensão de grupo relacionando-o à própria estrutura da personalidade dos sujeitos e como consequência da possibilidade de se vincular sincreticamente ou por interação, ou seja, por meio de uma sociabilidade de relação simbiótica, de não-relação ou por uma sociabilização que possui “certo grau de organização, amplitude e integração de um conjunto de manifestações (verbalização, motricidade, ação, julgamento, raciocínio, pensamento, etc.” (SCARCELLI, 2016, p.107).

O grupo é, assim, considerado uma instituição sempre muito complexa, um conjunto de instituições, que tem, ao mesmo tempo, uma tendência a se estabelecer como uma organização com regras fixas. Além de ser um conjunto de pessoas que entram em relação entre si é, fundamentalmente, uma sociabilidade estabelecida sobre um fundo de indiferenciação ou de sincretismo. Nesse sentido, em todo o grupo há um tipo de relação que, paradoxalmente, é uma não-relação. Essa não-relação (sociabilidade sincrética), clivada da relação (sociabilidade por interação) e da parte organizada da personalidade (ego), fica depositada nas estruturas institucionais. A necessidade de manter clivados esses dois níveis de sociabilidade, sincrética e por interação, pode explicar uma tendência à burocracia e de resistência à mudança nos grupos e organizações (SCARCELLI, 2016, p.107).

Quando as organizações transformam os meios em fins, configura-se aquilo que Bleger (1980) entende por burocracia. Portanto, a tendência de um grupo à organização e à burocratização se deve ao objetivo de preservar a repetição das interações e essencialmente para assegurar a clivagem e com ela desvendar ou impedir os níveis sincréticos de interação. Ainda assim, não é necessário que um grupo atinja uma burocratização extrema, pois

[...] um grupo pode ‘trabalhar bem’ e estar rompendo estereótipos, e isso pode ser real, mas se dá apenas no nível de interação. Se isso persiste, leva o grupo a mudar permanentemente; na realidade, é uma mudança para não mudar: no fundo ‘não acontece nada’ (BLEGER, 1980, p.116).

2.1 – A dimensão sociodinâmica: os modos como os grupos se estruturam

Embora não haja separação clara entre as três dimensões mencionadas, como já assinalamos, direcionamos nosso olhar para compreender a formação de grupos no futebol profissional, principalmente para aspectos que se referem à dimensão denominada sociodinâmica, ou seja, do grupo como estrutura. Algumas noções e conceitos desenvolvidos por Pichon-Rivière merecem ser destacados quando optamos por essa perspectiva.

Uma delas é a noção de papel que foi trazida à psicologia social por George Mead. Pichon se apropria dessa noção incluindo a dimensão de mundo interno, buscando fundamentar o modo como compreende a Psicologia Social por ele proposta.

Na teoria pichoniana, em que aprendizagem e adaptação ativa à realidade estão indissolivelmente ligadas, a aprendizagem é sempre de papéis em situação. Nesse sentido, a noção do papel torna-se relevante, na medida em que busca expressar a mútua determinação entre relações sociais concretas e constituição da subjetividade (SCARCELLI, 2016, p.91-92).

Na perspectiva interacional que se estabelece no âmbito dos grupos, os papéis “representam os modelos de condutas correspondentes à posição dos indivíduos nessa rede de interações, e estão ligadas às próprias expectativas e às dos demais membros do grupo” (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p.173). Nessa perspectiva, há o entendimento de que o grupo se estrutura baseado no interjogo de papéis, nos processos de adjudicação e assunção desses papéis próprios do acontecer grupal (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p.178).

Já anunciamos que o conceito de porta-voz recebe na teoria pichoniana posição de destaque, se configurando, inclusive, como um dos seus pilares. Da mesma forma, os processos de adaptação ativa à realidade e aprendizagem estão relacionados, de modo indissociável, sendo concebidos como a aprendizagem de papéis em situação. Tais papéis se traduzem em atitudes que expressarão a maneira particular como o sujeito se vincula ao mundo, podendo trazer, portanto, novas qualidades às relações que ele estabelece na sua vida cotidiana (SCARCELLI, 2016).

Dentro de um campo de observação, em que os processos de interação são sempre considerados nas suas duas dimensões (manifesto/latente, explícito/implícito, consciente/ inconsciente), essa qualidade nova se expressa pelo surgimento do emergente, das fantasias inconscientes manifestadas no processo de atribuição e

assunção de papéis. O membro do grupo que denuncia o acontecer grupal é denominado porta-voz (SCARCELLI, 2016, p.93).

A qualidade nova que aparece em um campo operacional, que é explicitada pelo porta-voz, é denominada por Pichon como emergente. Em outros termos, o emergente está diretamente relacionado ao porta-voz (integrante que atua como veículo desta nova qualidade), visto que funciona como transmissor das ansiedades do grupo e depositário das suas tensões. “Qualquer coisa que aconteça num grupo, seja por informação direta ou por interação subliminar (identificação), está manifestando, por intermédio do emergente (o porta-voz), o conteúdo implícito da situação de grupo” (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p.154). Ou seja, o emergente, expresso no contexto da operação, refere-se às fantasias inconscientes e motivações explicitadas no acontecer grupal no qual, através do processo de adjudicação e assunção de papéis, algum membro (um ou mais) assumirá o papel de porta voz e explicitará os conteúdos implícitos. No interjogo de papéis, o porta-voz pode ser adjudicado e assumir o papel de líder, sabotador ou ainda de bode expiatório.

O sabotador é escolhido pelo extragrupo e inserido no intragrupo “com uma missão secreta de sabotar fundamentalmente a tarefa e o esclarecimento” dificultando/impedindo que ocorram mudanças no acontecer grupal, ou seja, são forças naturais que atuam a partir de fora do grupo como representantes da resistência à mudança (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p.29).

De acordo com Pichon-Rivière (2005), o papel de bode expiatório surge num acordo tácito entre aquele que desempenha esse papel e os demais membros do grupo, aparecendo como consequência os mecanismos de segregação; é aquele em que se deposita os aspectos negativos ou atemorizantes do sujeito ou da tarefa.

Por outro lado, mas pelo mesmo processo, surge um membro no papel de líder no qual são depositados os aspectos positivos do grupo, obtendo uma liderança centrada nas categorias de pertença, cooperação, etc. No entanto vale ressaltar que

[...] ambos os papéis, o de líder e o de bode expiatório, estão intimamente ligados, já que o papel de bode expiatório surge como preservação da liderança, através de um processo de dissociação ou *splitting*, necessário ao grupo em sua tarefa de discriminação (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p. 180).

Ao analisar o papel de líder, Pichon-Rivière (2005) se apropria das contribuições de Lewin (1950) sobre a contribuição da detecção das lideranças (tipificadas em autocrática, democrática,

laissez-faire e demagógica), em virtude de sua fundamental importância para a compreensão dos processos grupais, na medida em que a estrutura e função de um grupo qualquer se configuram conforme os tipos de lideranças assumidos pelo coordenador. Portanto, tal configuração se dá a partir de um “interjogo de mecanismos de assunção e adjudicação de papéis” que representam modelos de condutas relacionadas à posição que cada membro assume nesta rede de interações.

A operação travada no interior de um grupo é explicada por Pichon-Rivière (2000) por meio do esquema do cone invertido, instrumento de avaliação da tarefa grupal, cuja constituição é fundamentada pelos vetores filiação, pertença, pertinência, comunicação, aprendizagem, telê e cooperação. Tais papéis prescritos e estabelecidos representados em tal esquema “convergem como papéis ou funções para provocar na situação de tarefa a ruptura do estereótipo” (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p. 28). Vejamos sumariamente o significado de cada um destes vetores/papéis.

Por pertença entende-se o sentimento de fazer parte de um grupo, se identificando com o que acontece neste grupo. Por meio da pertença há uma maior identificação com os processos grupais, os membros do grupo se visualizam como parte dele e percebem os demais membros incluídos no seu mundo interno. Dessa forma se estabelece a identidade do grupo e a própria identidade como integrante desse grupo. Favorece a tarefa grupal na medida em que um sujeito conta com o outro, incluindo todos no planejamento e desenvolvimento da tarefa grupal. Dessa forma, o trabalho grupal é realizado com maior intensidade, visto que se cria um clima de segurança favorável à tarefa. “O sujeito que vê a si mesmo como membro de um grupo, como pertencente, adquire identidade, uma referência básica, que lhe permite localizar-se situacionalmente e elaborar estratégias para a mudança” (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p.217).

A afiliação se refere aos fenômenos nos quais ainda não se alcançou um sentimento de pertença, ou seja, o sujeito guarda uma determinada distância dos demais membros e não se inclui totalmente no grupo. A cooperação é um vetor presente em toda tarefa grupal e se expressa pelo modo como os membros de um grupo, depois do sentimento de pertença, caminham juntos, ainda que silenciosamente, em direção à realização da tarefa. Por sua vez, a pertinência, vetor pouco utilizado na avaliação de uma tarefa grupal, refere-se ao sentir-se e se localizar direcionalmente sobre a tarefa, ou seja, “consiste no centrar-se do grupo na tarefa prescrita e no seu esclarecimento” (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p.175).

Do outro lado do cone situam-se os vetores que, quando somados, funcionam como índices operativos para os trabalhos grupais: comunicação, aprendizagem e telê. A comunicação refere-se à “emissão de uma série de sinais, de um intercâmbio entre um emissor e um receptor, com um processo de codificação e de decodificação” (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p. 269) que traz como consequência a informação. A aprendizagem é entendida como a possibilidade de abordar um objeto e se apropriar de um conhecimento prévio para ter condições de operar com ele e conseguir incorporá-lo. Ou seja, é um processo de interação, manipulação e apropriação da realidade com a finalidade de dar uma resposta criativa e coerente às demandas do real; traz por consequência duas ansiedades básicas, o medo da perda e o medo do ataque. Por sua vez, o vetor telê, conceito importante na teoria psicodramática de Levy Moreno e ressignificado por Pichon-Rivière, “consiste na capacidade ou disposição que cada um de nós tem para trabalhar com outras pessoas” (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p.270), o que acaba, por sua vez, configurando o clima/ambiente do grupo com seu coordenador/líder ou entre si.

Figura 1: Esquema do cone invertido

Fonte: Adaptado de Pichon-Rivière (2005).

Conforme figura 1, na base do cone estão os conteúdos emergentes, manifestos ou explícitos e no vértice estão as situações básicas universais, implícitas. Enquanto que os conteúdos emergentes se referem aos quatro momentos da operação terapêutica/corretora (diagnóstico, prognóstico, tratamento e profilaxia), as situações universais se caracterizam pelos medos básicos (medo da perda

e medo do ataque), o medo da mudança e resistência a ela, o sentimento básico de insegurança, os processos de aprendizagem e comunicação e as fantasias básicas (doença, tratamento e cura). A espiral representa o “movimento dialético de indagação e esclarecimento que vai do explícito ao implícito com o objetivo de explicitá-lo” (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p.70).

Portanto, a compreensão dos vetores estabelecidos pelo esquema do cone invertido se mostra importante para avaliarmos as diferentes formas de interações e, dessa forma, melhor entendermos como se dá o processo de formação de grupo no futebol profissional. De acordo com Pichon-Rivière (2005, p.267), “tudo o que acontece num grupo e sua maneira de atuar pode ser representado pelo esquema do cone invertido”.

Outro aspecto que merece ser assinalado em termos de trabalho grupal está na concepção de tarefa desenvolvida por Pichon-Rivière, que sustenta que não há vínculo e, conseqüentemente, não há grupo sem tarefa. Segundo Scarcelli (2016, p.90), essa noção sintetiza aspectos essenciais da teoria pichoniana e pode ser entendida como “elaboração que envolve desocultação e movimento”.

A tarefa é *elaboração*, porque diz respeito à construção ou à operação de reajuste do esquema conceitual, referencial e operativo, o *ECRO*. É *desocultação*, pois ilumina as condições que obstaculizam qualquer operação no processo de aprendizagem ao considerar as dimensões implícito/latente e explícito/manifesta presentes nas noções de *tarefa implícita* e *tarefa explícita*. É *movimento*, por ser um processo no qual o esclarecimento, que vai do implícito ao explícito, acontece pela análise das características de momentos que se alternam e seguem o desenho de uma espiral dialética, ou seja, os momentos de *pré-tarefa*, *tarefa* e *projeto*” (SCARCELLI, p.145, itálicos do autor).

No que se refere a este último aspecto, os momentos presentes no trabalho de um grupo que se organiza em torno de uma tarefa, pré-tarefa, tarefa e projeto se apresentam não necessariamente numa sucessão evolutiva, mas podem oscilar e se alternar em cada caso. Na pré-tarefa prevalecem as técnicas defensivas do grupo como resistências às mudanças e possuem o objetivo de postergar a elaboração das ansiedades de perda e de ataque operando como “obstáculo epistemológico na leitura da realidade” (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p.29/30). A tarefa consiste na abordagem e elaboração destas ansiedades e constituição de um ECRO grupal; nela se torna possível o rompimento da estereotipia que estanca a aprendizagem, leitura da realidade e comunicação entre os membros do grupo (PICHON-RIVIÈRE, 2005), o que permite o que Pichon chama de adaptação ativa à realidade.

De acordo com Castanho (2010), somente quando houver elaboração psíquica é que se configura o passo para se alcançar um objetivo, passo esse através do qual se adquire identidade, ou seja, durante esta instância do trabalho grupal, o objeto de conhecimento se torna acessível ao grupo na medida em que se realizará uma elaboração capaz de romper um modelo estereotipado que “funciona como estancamento da aprendizagem e deterioração da comunicação”. Esse processo requer elaboração, ou seja, tornar consciente aquilo que está no inconsciente.

Em outras palavras, a tarefa é “tudo o que implica modificação em dupla direção (a partir do sujeito e para o sujeito), envolvendo assim a constituição de um vínculo” (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p.36). Por sua vez, o projeto, entendido como mecanismo de criação, se concretiza quando se atinge um planejamento a partir da pertença dos membros do grupo. É ao longo da elaboração do projeto que os problemas existenciais são confrontados e se obtém uma adaptação ativa à realidade, com estilos e ideologias de vida próprias.

O momento de tarefa assume função primordial no processo de desenvolvimento do grupo, pois busca “potencializar a ação grupal em função da identificação e resolução dos obstáculos surgidos no caminho que conduz ao alcance dos objetivos” (COLOSIO, 2005, p.57). Dessa forma, se torna parte das funções dos grupos identificar e analisar as dificuldades enfrentadas que imobilizam sua realização. Tais dificuldades se relacionam à mobilização das estruturas e condutas estereotipadas, determinadas, portanto, pelas ansiedades que emergem frente às situações de mudanças que uma tarefa impõe ao grupo. Ao se inspirar na teoria dos mecanismos de defesa primitivos de Melanie Klein, Pichon-Rivière identificou duas modalidades básicas de ansiedade capazes de paralisar a atividade grupal: a depressiva e a paranoide. Enquanto a primeira é determinada pelo “abandono do vínculo que o grupo mantinha com a tarefa anterior”, a segunda emerge do novo vínculo estabelecido em uma nova tarefa (COLOSIO, 2005, p.57).

Os processos de mudança (como aqueles de um clube em que jogadores são transferidos para outro ou de um grupo da equipe de base à profissional, por exemplo³⁶) podem trazer aos sujeitos uma série de conflitos que precisam ser bem manejados e superados. Segundo Pichon-Rivière (1982):

A mudança implica perda – até que se institucionalize – graves sentimentos de insegurança, que provocam ou aumentam o isolamento e a solidão, fundamentalmente pela perda do sentimento de pertença a um grupo social estabilizado. Outro medo que coexiste é o medo de ataque, que aparece pelo fato de o indivíduo ter saído de seu estereótipo anterior e não se ter instrumentado o

³⁶ Desenvolveremos o significado das mudanças no âmbito do futebol profissional no capítulo 6.

suficiente para se defender dos perigos que acredita incluídos no novo campo (PICHON-RIVIÈRE, 1982. p. 140).

Conforme Pichon-Rivière (2005, p.178), “os sentimentos de insegurança e incerteza ligados às ansiedades básicas, particularmente às situações de perda, constituem elementos da vida grupal”. Toda aprendizagem produzirá uma vivência destas ansiedades básicas (medo da perda e medo do ataque) que acabam se configurando como pontos importantes no processo de aprendizagem, visto que o medo de perder o já conquistado e o medo de perder as defesas ou, em outras palavras, o “medo da perda de estruturas já estabelecidas (ansiedade depressiva) e medo do ataque pela falta de instrumental para lidar com a situação desconhecida (ansiedade paranoide)” (SCARCELLI, 2016, p.68), constituem os medos básicos que estão na base de toda aprendizagem.

Aprendizagem, como já mencionado, é também processo de adaptação ativa à realidade. Algumas palavras merecem ser ditas em referência a esta concepção proposta por Pichon e que nos dá subsídio para compreender os processos grupais no âmbito do futebol profissional. Com o termo adaptação, tal autor se refere à “adequação ou inadequação da resposta do sujeito às exigências do meio” (LEMA, 2004, p. 85, tradução nossa). Ao atribuir significativa importância à adaptação no desenvolvimento de sua teoria de saúde e doença mental, Pichon faz questão, portanto, em diferenciá-la em ativa e passiva. Enquanto que no caso de uma adaptação passiva não acontece no sujeito modificações profundas a ponto de permitir a ele “atuar como agente modificador do seu meio” (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p.74), quando adaptado ativamente o sujeito expressa capacidade de se relacionar dialeticamente com seu ambiente a partir de uma leitura crítica de realidade e com capacidade de propor mudanças.

Pichon-Rivière, ao entender o homem configurado numa práxis, em uma atividade transformadora que dialeticamente modifica mutuamente o mundo, visualiza a adaptação a partir da “análise das formas de relação do sujeito com o mundo, as formas que revestem esta relação constitutiva do homem como tal”, tendo a capacidade de aprender e transformar como parâmetro de evolução que orienta esta análise (LEMA, 2004, p.85, tradução nossa). Em seu esquema conceitual, Pichon-Rivière identifica o conceito de adaptação ativa com o de aprendizagem, sobretudo por também a definir como a “apropriação instrumental da realidade para transformá-la” (LEMA, 2004, p.86, tradução nossa). Colosio (2005, p.59) enfatiza ainda mais a relação entre a adaptação ativa e a aprendizagem, pois entende que ambas são elementos de um mesmo processo, já que “à medida que o sujeito apreende o objeto e o transforma, modifica-se também a si mesmo”. Ressalta-se, portanto,

que o conceito de adaptação ativa proposto é um conceito dialético, visto que o sujeito ao mesmo tempo em que se transforma e modifica o meio, modifica, dessa forma, ele mesmo (PICHON-RIVIÈRE, 2005. p.76).

Ana Quiroga e Vicente Lema acrescentaram ao critério de adaptação o conceito de consciência crítica. Dessa forma, a partir da compreensão do sujeito como um ser de necessidades, um ser histórico, ampliaram o conceito de adaptação ativa até a práxis política. De acordo com tais autores, a consciência crítica “é o reconhecimento das necessidades próprias e da comunidade a que se pertence, conhecimento que vai acompanhá-lo na estruturação de vínculos que permitem resolver estas necessidades” (LEMA, 2004, p.86, tradução nossa). Ou seja, ao dotar-se de consciência crítica, o sujeito se vincula com o real se apropriando de uma aprendizagem que supera as fantasias sobre sua própria situação, seja como sujeito, como grupo, como povo.

Compreender criticamente o conceito de adaptação é necessário, principalmente quando temos o grupo de futebol profissional como objeto de análise, visto que os clubes enquanto instituições esportivas ainda apresentam, em sua grande maioria, uma estrutura rígida e conservadora. Assim, podemos pensar num grupo adaptado ativamente na medida em que adquire um insight e se torna consciente de determinados aspectos de sua estrutura e dinâmica, “adequando seu nível de aspiração a seu status real” e tornando-se um “grupo aberto à comunicação em pleno processo de aprendizagem social, em relação dialética com o meio” (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p.81).

Um importante aspecto de análise referente à formação e organização de um grupo passa necessariamente, segundo Lewin (1973), por compreendê-lo como o solo em que o indivíduo se sustenta, sendo que importantes características do seu comportamento dependerão da força desse solo. Se a pessoa não tem certeza da sua participação no grupo ou se ainda não está bem estabelecida nele, seu espaço de vida terá características de uma base instável. Se esse solo é instável, esse indivíduo irá sentir-se inseguro, tenso e terá sua participação neste grupo prejudicada.

Conforme nos adverte Bleger (1988), ao iniciar um trabalho em uma instituição (um clube, por exemplo), tal como a investigação científica que nos propomos a fazer, antes de preocupar-se com os grupos e indivíduos que lá estão, é preciso conhecer e compreender a própria instituição, examinando, do ponto de vista psicológico, seus objetivos, funções, meios, tarefas etc., as lideranças (formais e informais) e a comunicação.

Tal preocupação mostra-se pertinente quando se tem como entendimento, como já acima exposto, que a personalidade de um ser humano é o grupo e, por isso, antes dele ser uma pessoa, ele será sempre um grupo. Tal compreensão nos ajuda a entender que a extinção ou a tentativa de mudança de uma organização possa resultar na desagregação da personalidade de seus integrantes, não pela projeção, mas porque “o grupo e a organização são a personalidade de seus integrantes” (BLEGER, 1980, p.119).

Toda situação de mudança faz com que o novo, o desconhecido, cause um impacto na estrutura prévia de organização dos sujeitos e como consequência gere “certo grau de desestruturação e a consequente necessidade de reorganizar-se”. Diante de tais circunstâncias, o grupo pode surgir como espaço propício à diversidade (heterogeneidade) e criação garantidas pelas diversas visões de mundo (ECRO), constituindo-se como um lugar privilegiado para dar sustentação ao processo de mudança e manejo das ansiedades que mobilizam a realização da tarefa (COLOSIO, p.107). Por sua vez, diante de elevados níveis de ansiedade, o grupo pode caminhar para a estereotipia, cristalizando suas respostas frente a tarefa, no sentido de uma adaptação passiva à realidade.

Ainda no tocante aos medos básicos discutidos por Pichon-Rivière (2005), Bleger (1980) ressalta que tais ansiedades paranoides não são consequência somente do medo produzido por algo novo, mas também do “desconhecido que existe dentro do conhecido” (BLEGER, 1980, p.110). Ou seja, o medo do desconhecido ou de uma nova situação é

[...] o medo de não poder continuar reagindo com os modelos estabilizados que já assimilaram enquanto pessoas e o medo do encontro com uma sociabilidade que as destitua enquanto pessoas e as converta em um só meio homogêneo, sincrético, no qual cada um não sobressaia enquanto figura (como pessoa) do fundo, mas que submerja nesse mesmo fundo, o que implica uma dissolução da identidade estruturada pelos níveis mais integrados do ego, do *self* ou da personalidade. O medo é dessa organização e não só da desorganização (BLEGER, 1980, p.110).

Para finalizar este tópico, ainda no tocante a analisar o grupo, Kurt Lewin (1965) destaca a necessidade de representar o grupo em seu ambiente como um campo social. Dessa forma, sugere que a exploração válida e fecunda dos fenômenos grupais deva ser operada no próprio campo psicológico em que estão inseridos e não a partir de sua reconstituição em laboratório. Portanto, no âmbito do futebol profissional, é preciso observar/explorar/vivenciar situações de jogo, treino, concentração, refeições, preleções etc.

Nota-se que no decorrer do processo de formulação e constituição do seu próprio Esquema Conceitual Referencial e Operativo, Pichon-Rivière foi influenciado por diversas correntes teóricas que hora mais, hora menos, o acompanharam durante toda sua trajetória como psiquiatra e psicólogo social. Todavia,

[...] esta diversidade de temática – quase capaz de gerar confusão à primeira vista – e esta multiplicidade de abordagens se tornam coerentes e se unificam numa pergunta fundamental, numa busca de conhecer o homem ao qual entende como constituindo-se numa práxis, numa relação dialética, de mútua determinação com o mundo, mundo que se oferece à sua experiência sempre entrelaçado de vínculos e relações sociais. Desta complexíssima trama de relações emerge o sujeito, produtor ao mesmo tempo que produzido (QUIROGA, 1989, p.19).

Para formar sua teoria e constituir uma técnica grupal, Pichon-Rivière teve como um dos elementos constitutivos do seu esquema referencial o princípio enunciado por Freud e retomado por Kurt Lewin, segundo o qual “toda investigação vem acompanhada de uma operação, ou seja, que não há investigação pura, inócua” (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p.147). Portanto, a Psicologia Social de perspectiva pichoniana, ao orientar-se para a práxis e dotar-se de caráter instrumental (LEMA, 2004, pág.111), se configura como:

Estudo do desenvolvimento e transformação de uma realidade dialética entre formação ou estrutura social e a fantasia inconsciente do sujeito, assentada sobre suas relações de necessidade. Dito de outra maneira, a relação entre estrutura social e configuração do mundo interno do sujeito, relação que é abordada através da noção de vínculo (LEMA, 2004, p. 107, tradução nossa).

O conceito de dialética, ainda que não tenha recebido explicitamente significativa importância por Pichon-Rivière, configura-se como “um dos conceitos centrais da obra pichoniana, que traz luz à sua forma de compreender a vida, os grupos e a vida dos grupos” (PEREIRA, 2013, p.22). Ao ser abordado por Vicente Lema sobre a relação do seu ECRO com o método dialético, Pichon-Rivière se apropria de Vladimir Lenin ao dizer que

[...] “a essência do método dialético está no desdobramento de um todo e o conhecimento das suas partes contraditórias”. A identidade de princípios antinômicos é uma noção que expressa uma lei do conhecimento e uma lei do mundo objetivo. A lei de identidade ou unidade dos contrários indica que em todos os fenômenos, em todos os processos da natureza, no pensamento e na sociedade, existem tendências contrárias que se excluem reciprocamente, uma vez que se relacionam, o que permite a compreensão de sua autodinâmica e nos proporciona a chave dos processos de mudança (LEMA, 2008, P.107, tradução nossa).

Ainda que não tenhamos a pretensão de tratar deste conceito de modo pormenorizado, vale sublinhar que a dialética se faz presente no pensamento marxiano e marxista em seu sentido materialista e histórico³⁷. Materialista por entender que não é a consciência que determina a realidade e sim o contrário. A realidade existe independentemente de termos consciência de sua existência; e histórico por entender o real como construção humana não necessariamente a partir de sua vontade, mas sim das circunstâncias objetivamente presentes em um determinado momento (histórico).

Para analisar e compreender os processos grupais, Pichon-Rivière (2000) constituiu sua teoria como um “tipo de conhecimento que funciona como um critério operacional”, ou melhor, “um desenvolvimento psicossocial das relações de objeto que torna compreensível a vida em grupo” que possui no conceito de vínculo a peça chave; compreende a “maneira particular pela qual cada indivíduo se relaciona com outro ou outros, criando uma estrutura particular a cada caso e cada momento” (PICHON-RIVIÈRE, 2000). Em outras palavras, é uma relação particular estabelecida com o objeto que tem como consequência uma conduta fixa com ele, ou seja, mesmo se estabelecido com uma única pessoa, o vínculo é sempre social.

³⁷ A construção do “método materialista histórico dialético” se dá, em Marx, de forma processual, não podendo ser localizado exclusivamente em uma de sua vasta obra.

3. ENQUADRE METODOLÓGICO

“Toda investigação coincide com uma operação. No terreno das ciências sociais não há indagação que não promova mudança”.

Enrique Pichon-Rivière

Seguindo as orientações de uma pesquisa qualitativa, este estudo partiu de uma revisão bibliográfica e um estudo de campo envolvendo observações e entrevistas. Nosso processo de busca bibliográfica procedeu do acesso às bases de dados Scielo³⁸, Scopus, Pubmed e ao Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo (SIBI/USP)³⁹, cujos itens descritores utilizados foram: Futebol, grupo, Psicologia Social e Pichon-Rivière. Para elaboração de alguns capítulos específicos desta tese foram realizadas também buscas em mídias jornalísticas esportivas, em acervo virtual, sobretudo por corroborarmos a compreensão de Toledo (2000, p.11) de que “a mídia constrói e formata um discurso sobre o futebol assentado nas falas dos seus outros atores, profissionais e torcedores, e o faz utilizando-se de estratégias técnicas e ideológicas desse discurso”.

Tais procedimentos metodológicos foram orientados, como discutido no capítulo anterior, por referenciais teóricos da Psicologia Social, especificamente sob o viés de uma leitura pichoniana (PICHON-RIVIÈRE, 1982; 2000; 2005) e de José Bleger (1988). Nesta perspectiva, buscamos associar a investigação psicanalítica à social por meio da análise psicossocial, sociodinâmica e institucional dos grupos investigados.

As entrevistas, principal técnica de investigação científica em Psicologia (BLEGER, 1980), realizadas sob referencial da técnica operativa inspirada por Pichon-Rivière (SCARCELLI, 1998), foram abertas⁴⁰ e organizadas a partir de uma questão que melhor traduzisse o objetivo da pesquisa, capaz de representar a tarefa explícita do par aqui considerado grupo e que foi elaborada no processo de observação das equipes. Diariamente ao longo de nossas observações portávamos um caderno, de

³⁸ Fonte: <www.scielo.org.br>. Foi utilizado o método de busca integrada que contempla também outra importante base de dados, Google Acadêmico.

³⁹ Fonte: <www.sibi.usp.br>

⁴⁰ Segundo Bleger (1980), a entrevista aberta se caracteriza por uma flexibilidade que permite, na medida do possível, “que o entrevistado configure o campo de entrevista segundo sua estrutura psicológica particular”, ou seja, que as variáveis dependentes da personalidade do indivíduo entrevistado configurem o campo da entrevista. Permite assim, “uma investigação mais ampla e profunda da personalidade do entrevistado” (BLEGER, 1980, pág. 10).

fato, um diário de campo, no qual fazíamos anotações sobre o que era observado e elaborado por nós. Por meio dessas observações, foi constituído também um conjunto de perguntas relevantes ao objetivo da pesquisa, que se apresentaram como pano de fundo para o entendimento do que ocorre no campo que se configura no decorrer da entrevista, já que, segundo Bleger (1980), o campo da relação interpessoal é estabelecido e configurado predominantemente pelo entrevistado.

Sua realização se deu individualmente⁴¹ com alguns dos sujeitos mais significativos no processo de formação/constituição do grupo, ou seja, dirigentes esportivos responsáveis pela contratação e venda/dispensa de atletas (diretor, coordenador e superintendente de futebol, todos identificados pela letra “D”, seguida de numeração), membros da comissão técnica das categorias de base e da equipe profissional (treinador, auxiliar técnico, preparador físico, fisiologista e funcionários do departamento médico tais quais o fisioterapeuta e psicólogo, identificados pelas letras “CT”, seguidas de numeração), jogadores profissionais, alguns deles recém-contratados e atletas formados na categoria de base que já integram o grupo profissional (identificados com a letra “J”, seguida de numeração). Em um dos clubes, vimos a necessidade de entrevistar também um dos funcionários, o qual foi identificado pela letra “F”. Ao todo, considerando os três clubes investigados, foram entrevistados, além deste funcionário, seis dirigentes, doze integrantes de comissão técnica e vinte e cinco atletas.

A identificação dos atletas e membros da equipe técnica que foram entrevistados realizou-se durante o período em que pudemos observar as atividades realizadas nos clubes, sobretudo a partir de conteúdos emergentes que pudemos identificar durante esse período. Entendemos, a partir desse processo, que os entrevistados podem ser considerados porta-voz, porque falam por si, mas também por todo o grupo. Vale destacar que não se determina um “porta-voz” a priori, mas a partir da emergência de qualidades novas, em uma situação grupal, se pode identificar sujeitos a serem entrevistados. Se por um lado a mobilidade de papéis em um grupo expressa a sua operatividade, ou seja, manifesta a possibilidade de estar em tarefa ou, em outros termos, a probabilidade de elaboração de um esquema conceitual referencial operativo do grupo (ECRO grupal), por outro, a identificação de sujeitos no papel de bode expiatório ou sabotador, por exemplo, nos permite levantar hipóteses acerca de ansiedades básicas que se expressam em momentos de fragmentação do grupo,

⁴¹ Apesar de se configurar uma entrevista individual por contar somente com um sujeito participante, toda entrevista, compreendida como uma relação humana entre duas ou mais pessoas, pode ser entendida como um fenômeno grupal, visto que “mesmo com a participação de um só entrevistado, sua relação com o entrevistador deve ser considerada em função da psicologia e da dinâmica de grupo” (BLEGER, 1980, p.11).

de não operatividade, de pré-tarefa. Um bode expiatório fala por ele e por todo o grupo e nesse sentido é um porta-voz do grupo. O sujeito porta-voz expressa um conflito vivido como seu, mas que por sua vez denuncia o conflito da situação interativa e da relação com a tarefa. Ele é veículo de uma qualidade emergente que afeta toda a estrutura grupal. E desse modo, os papéis em interação diferenciam-se do que será chamado porta-voz.

As entrevistas, que somadas tiveram aproximadamente 11 horas de duração, foram transcritas⁴² a fim de facilitar sua posterior análise realizada sob o prisma da Psicologia Social pichoniana, com a perspectiva de “desvelar ambiguidades e contradições”, seja entre os grupos, indivíduos e instituições (SCARCELLI, 1998, p.75). Vale ressaltar que foi construído e apresentado a todos participantes deste estudo um Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), no qual se ratificou a garantia de conhecimento dos nossos objetivos, o respeito ao anonimato, a possibilidade de interrupção da entrevista a qualquer momento ou a liberdade para responder, ou não, qualquer questão se assim o participante desejasse o acesso às demais informações referentes à pesquisa. Foi também providenciada autorização/aval de responsáveis legais para os casos em que o atleta entrevistado fosse menor de idade. Aos dirigentes dos clubes que manifestaram ciência e concordância para realização do estudo, bem como à explicitação/divulgação do nome da instituição em nossas publicações, foi apresentado um documento contendo nossos objetivos e metodologia. Ao cumprir tais exigências éticas para estudos que envolvam seres humanos, esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o número de parecer 979.958.

Ao elaborarmos os objetivos e estratégias de nossas observações, partimos do entendimento também explicitado por Lewin (1948) de que para produzirmos um registro satisfatório da vida de um grupo, tanto de fatos simples como sua organização, seus subgrupos, a relação do líder com os demais membros, quanto de fatos mais significativos como a atmosfera geral, precisamos que ele esteja pautado nas características do grupo enquanto tal e não no perfil dos indivíduos que o compõe.

As observações foram realizadas a partir do ponto de vista fenomenológico explicitado por Bleger (1980), ainda que nos utilizando, por vezes, de uma linguagem de cunho naturalista. Dessa forma, “o entendimento de grupo como um conjunto de indivíduos que interatuam com papéis, status etc. é uma descrição tipicamente naturalista” (BLEGER, 1980, p.105). O ponto de vista fenomenológico se realiza a partir do interior do próprio fenômeno, ou seja, busca retratar a forma

⁴² Para realização das transcrições foi utilizado o software “Express Scribe Transcription”.

como são percebidos, vivenciados ou organizados determinados acontecimentos pelos próprios participantes.

Apesar de não solicitarmos aos clubes, nos momentos de negociação para realização da pesquisa, um contato próximo e uma interação com o grupo de jogadores e comissão técnica no decorrer das observações (por entendermos não ser uma condição obrigatória, ainda que importante, para validade de nossas observações e pela ciência das limitações impostas costumeiramente pelos clubes), a observação foi tratada como participante. Justifica-se essa opção por compartilharmos com André (1995) a ideia de que o observador afeta e é afetado pela situação estudada, e por também entendermos, assim como Pichon-Rivière (2000), que ao criar uma situação de interação e estabelecer uma relação dialética entre o sujeito e o objeto, o observador modifica o campo de observação. Tanto nas observações, como nas entrevistas e no convívio com funcionários do clube e integrantes do grupo investigado, o pesquisador se coloca na condição de parte do campo, já que condiciona de certo modo os fenômenos que ele mesmo se pretende a registrar.

Dessa forma, concordamos com Bleger (1980, p.19), ao entendermos que “a objetividade na investigação só pode ser alcançada quando se incorpora o sujeito observador como uma das variáveis do campo”. Ou, retomando a epígrafe deste capítulo, também com Pichon-Rivière (2005), quando consideramos que nossa investigação, toda ela, coincidiu com uma operação, ou seja, nossa simples indagação já é capaz de promover uma modificação na nossa relação com o grupo. Ao afirmar que a relação estabelecida é modificadora, concordamos também com o que foi dito anteriormente por Freud e depois reforçado por Kurt Lewin (LEMA, 2004).

Conforme Quiroga (1987), para fazermos Psicologia Social numa perspectiva pichoniana devemos nos atentar para uma série de conhecimentos muito complexos e buscarmos conhecer as relações sociais, as instituições e as relações que elas expressam, as ideologias, também relacionadas a essas relações, as normas e as formas que os sujeitos se organizam em determinada ordem social concreta.

Assim, permanecemos em contato diário (com exceção dos dias em que os atletas estavam de folga ou em viagens para disputa de partidas realizadas fora da cidade de origem do clube) com o grupo de jogadores e comissão técnica nas diversas situações em que os processos de formação e adaptação de grupo são manifestados mais evidentemente. Portanto, foram observadas, na medida do possível, situações de jogo, treino, concentração e refeições dos atletas, permitindo uma aprofundada

leitura e análise dos processos grupais em questão. Apesar de acompanharmos o grupo nestas diversas situações, nossa presença se deu mais constantemente nos centros de treinamento⁴³ (CT's), local em que os atletas e comissão técnica passam a maior parte do tempo durante sua atividade profissional, e espaço que possuíamos um acesso e trânsito maior ao longo da pesquisa de campo.

Ao observarmos os atletas, dirigentes e membros da comissão técnica “imersos em suas relações sociais, em suas condições concretas de existência⁴⁴” (SCARCELLI, 2016, p.54), atendemos à outra característica importante da Psicologia Social proposta por Pichon-Rivière (2000) que passa por inscrevê-la numa crítica da vida cotidiana, neste caso, daqueles que fazem parte do contexto do futebol profissional. Realizar essa crítica significa analisar as leis que regem, em cada formação social concreta, como as necessidades dos seres humanos emergem e se decodificam, como se organizam e configuram as distintas respostas sociais e como se vinculam essas necessidades com cada estrutura interacional (SCARCELLI, 2016).

Com a pretensão de atingir os objetivos propostos, três clubes do futebol profissional (séries A, B e C do Campeonato Brasileiro) foram selecionados para a realização de análise mais profunda e criteriosa. Além de serem referências no processo de formação e/ou revelação de atletas, possuindo no grupo profissional atletas formados na categoria de base, ou revelarem atletas para as grandes equipes em âmbito nacional e internacional, deveriam contar no grupo atual com jogadores contratados há pouco tempo e possuírem exemplos de dispensas em um passado recente.

Mourelle (2012), ao explicitar os motivos de escolha do clube que investigou, evidenciou uma realidade a qual este estudo buscou confrontar: o clube “pequeno”, em virtude da ausência de interesse da imprensa esportiva em acompanhar o cotidiano e os “bastidores” da equipe - já que pelo reduzido número de torcedores não haveria audiência interessada em conhecê-los, torna-se mais acessível ao pesquisador acadêmico. Diferentemente, em um clube “grande” há um temor muito maior de que as questões internas do clube sejam divulgadas pela imprensa, aumentando significativamente a pressão pública dos torcedores (em número muito maior) e da própria mídia

⁴³ Corroboramos a compreensão de Toledo (2000, p. 146) de que atualmente, para além de sua utilidade como espaço de treinamento, os centros de treinamentos se configuram como “laboratórios de novos projetos que atendem a uma escala mais ampliada de formação, preparação, competitividade e negociação de atletas, preferencialmente para o exterior, contemplando uma demanda internacionalizada de circulação no mercado de jogadores”. Ainda assim, “os CTs disciplinam, pela capacidade que possuem em confinar numa estrutura voltada para este fim, a rotina dos jogadores, apartando-os de outros estímulos e contatos com o mundo extrafutebol”.

⁴⁴ Ao nos referirmos às condições concretas de existência, queremos dizer, conforme Scarcelli (2016, p.55), que “os modos como a existência material se produz e se reproduz, como se dá a inserção dos sujeitos no processo produtivo, a distribuição do que se produz e a relação entre o produzido e sua distribuição de acordo com as necessidades dos sujeitos que constituem uma organização social. Todos esses fatores são determinantes da cotidianidade.”

esportiva sobre os dirigentes e jogadores. Entretanto, tendemos a concordar que tanto num clube “pequeno”, quanto num clube de maior expressão, o grande receio se dá

[...] em relação ao vazamento interno de informações, à possibilidade de que certas informações e arranjos pudessem chegar ao conhecimento de outras pessoas no clube, gerando desentendimentos e ameaçando a harmonia do departamento de futebol, o que poderia custar o cargo a alguém (MOURELLE, 2012, p.123).

Dois pontos valem ser ressaltados a esse respeito: o tema de pesquisa aqui proposto e a repercussão sobre tudo o que envolve um clube “grande”. Estudar os processos grupais, sobretudo a partir da ótica da psicologia, significa “invadir” a intimidade grupal e desvelar possíveis contradições que se manifestam nele, consciente e inconscientemente. Tal tarefa toma proporções diferentes quando o grupo em questão sofre cotidianamente muita pressão por parte da imprensa esportiva e dos inúmeros torcedores. Nestes clubes, além da quantidade de pessoas que o acompanham ser extremamente grande e das mais diversas localidades, inclusive do exterior, o dinheiro movimentado por estas instituições, sobretudo com contratações de jogadores e pagamento de salários, é exorbitante. Em nível de comparação, toda a folha salarial dos empregados relacionados ao futebol do clube investigado por Mourelle (2012) equivale a 1% do salário (divulgado) de um jogador específico que atua em uma das quatro grandes equipes do Estado de São Paulo. Portanto,

A falta de informações “de bastidores” a respeito dos clubes de maior expressão parece refletir o fato de que os problemas destas agremiações tomem sempre uma repercussão muito acentuada, não sendo normalmente revelados por aqueles que os costumam vivenciar. Com efeito, trata-se de clubes com jogadores famosos e grande contingente de seguidores, exercendo forte atração sobre as atenções da imprensa esportiva (MOURELLE, 2012, p.9).

A realidade acima problematizada pôde ser constatada neste estudo, pois por mais que tenhamos dedicado tempo relativamente grande às negociações para autorização de pesquisa e, principalmente, tivéssemos contado com alguns contatos de significativa influência no âmbito do futebol profissional (políticos, gestores, treinadores, preparadores físicos e demais membros de comissão técnica), enfrentamos inúmeras dificuldades em obter aval para realização de nosso estudo de campo com equipes profissionais de futebol. Ao menos sete clubes da primeira divisão do Campeonato Brasileiro disseram não poder contribuir com nosso estudo ou simplesmente não responderam aos contatos (telefônicos e por email) realizados por nós. Tivemos reuniões presenciais com representantes de outros três clubes, os quais também declinaram abrir as portas para realização do estudo.

Diante dos inúmeros obstáculos encontrados, vimos a necessidade de ampliar nossa gama de possibilidades e passamos também a estabelecer parcerias com clubes de menor expressão, ainda que pertencentes à primeira divisão do Campeonato Brasileiro ou Campeonato Paulista. Dos dois clubes que realizamos contato (também a partir de contatos com profissionais pertencentes ao quadro de funcionários destes), ambos também negaram nossa entrada no clube. Em um deles, após a autorização do fisiologista e do diretor de futebol, coube ao treinador a negativa de nossa presença. Segundo tal treinador, o “vestiário é dele”, ou seja, somente ele, seus atletas e comissão técnica podem ter acesso.

Como constatado no decorrer da elaboração desta pesquisa e também destacado por Mourelle (2012), há uma pequena quantidade de bibliografia que aborda questões – de cunho político, financeiro e/ou psicológico - do cotidiano dos clubes de futebol profissional, sobretudo se levarmos em consideração práticas não divulgadas pela imprensa esportiva e processos inerentes à intimidade grupal.

No que diz respeito aos times “grandes”, as publicações disponíveis são totalmente dedicadas à história dos clubes dentro do campo de jogo, relatando os placares de jogos, as escalações dos times, as circunstâncias que cercavam os jogos decisivos e as glórias conquistadas pelas equipes. Parece que o grande número de jogadores notáveis e de campeonatos conquistados pelos times “grandes” ofuscam qualquer espaço que pudesse ser dedicado a questões, digamos, “menos nobres” como conflitos internos na administração dos clubes ou as dificuldades financeiras com que muitos deles convivem ou conviveram nos tempos mais recentes (MOURELLE, 2012, p. 124-125).

Assim, quando sinalizamos que “confrontamos” essa realidade, estávamos cientes das dificuldades que enfrentaríamos para ter acesso aos clubes, principalmente aqueles de maior expressão e nomeadamente com equipes profissionais, bem como das limitações para atender a todas necessidades metodológicas propostas a partir do nosso referencial teórico.

Ainda que, conforme nos adverte Bleger (1988), cada instituição tenha seus próprios objetivos (implícitos e explícitos) e seu modo particular de organização, que procuramos investigar neste estudo a partir da análise dos três clubes selecionados, buscamos, ao considerá-los em sua dimensão institucional, refletir sobre a instituição futebol para além de grupos/equipes específicos.

Como proposta inicial, pretendíamos que o período da pesquisa de campo compreendesse preferencialmente a pré-temporada⁴⁵ das equipes, pois é nesse momento em que estas começam a ser constituídas e os grupos formados. Para além da pré-temporada, a pesquisa de campo se estenderia ainda por mais 15 dias proporcionando também o acompanhamento da equipe em situações de jogo e competição permitindo a observação e compreensão dos efeitos da pertença neste contexto. Desejávamos, portanto, passar ao menos trinta dias de pesquisa de campo em cada clube, prorrogando esse período caso houvesse necessidade.

Entretanto, ao longo do processo de elaboração deste estudo, algumas adaptações tiveram que ser realizadas flexibilizando o processo e o próprio enquadre metodológico, tal como inicialmente previsto. Diante de uma situação atípica criada no calendário do futebol brasileiro por conta da realização da Copa do Mundo de Futebol Fifa, realizada em 2014 no Brasil, os campeonatos nacionais de futebol profissional foram paralisados⁴⁶ ao longo desta competição. Assim, optamos por realizar a pesquisa de campo no primeiro clube não mais na pré-temporada, mas sim na intertemporada, realizada entre os meses de junho e julho. Por sua vez, devido a problemas financeiros e organizacionais, o primeiro clube observado cancelou a intertemporada que seria realizada outro Estado e assim retardamos o início da nossa pesquisa de campo. Dessa forma, estivemos neste clube durante a fase final da intertemporada (nos últimos cinco dias) e por mais 62 dias de reinício da competição, ou seja, do dia 15/07/14 à 20/09/2014. Foram vinte e um dias em pesquisa de campo, exceto pelos dias de negociação da realização da pesquisa e dias em que os atletas estavam de folga ou em viagens para partidas fora da cidade onde localiza-se a sede do clube, nos quais estivemos em contato com membros da diretoria, comissão técnica e atletas nas dependências do clube, centro de treinamento e regime de concentração.

Por sua vez, nossa proposta de investigar um clube no decorrer de sua pré-temporada pode ser contemplada no segundo clube selecionado, no qual permanecemos em pesquisa de campo ao longo de 28 dias (de 18/01/2016 a 14/02/2016), dos quais, à exceção dos dias em que os atletas e comissão técnica estavam de folga ou em partidas distantes da sede do clube, 17 deles em contato próximo com o grupo.

⁴⁵ Comumente, as pré-temporadas dos grandes clubes brasileiros são realizadas no mês de janeiro e compreendem por volta de 15 a 30 dias.

⁴⁶ O campeonato Brasileiro da série C, na qual se inseria em 2014 o primeiro clube investigado, permaneceu paralisado do dia 01 de junho até o dia 20 de julho. Este período de pausa da principal competição nacional foi aproveitado pela maioria dos clubes brasileiros para realizarem uma intertemporada, ou seja, um período no meio da competição para reformulação do grupo de jogadores e treinos, sobretudo físicos, visando o final da temporada.

Por fim, a investigação no terceiro e último clube selecionado aconteceu no decorrer da principal competição do futebol brasileiro (Campeonato Brasileiro, série A) no momento de abertura da janela de transferências para o futebol nacional e internacional. Permanecemos em pesquisa de campo neste clube durante 47 dias (18/07/2016 a 02/09/2016), sendo 22 deles em contato direto com jogadores, dirigentes e demais funcionários do clube.

Nossa proposta metodológica se sustenta na medida em que ter uma equipe do futebol profissional como instrumento de investigação não significa que haja necessidade de ser constituído um grupo formalizado ou investigar um grupo constituído a partir da técnica “grupo operativo” decorrente dessa teoria, mas se apropriar de um conjunto de conceitos que orienta o olhar do investigador quando este examina situações de maneira geral. Nesse sentido, uma equipe profissional de futebol, incluindo dirigentes, comissão técnica, jogadores, é um grupo. Da mesma forma, o par entrevistador-entrevistado também assim se constitui.

O Esquema Conceitual Referencial e Operativo (ECRO) proposto por Pichon-Rivière (2005) foi importante metodologicamente, na medida em que nos permitiu obter uma “compreensão horizontal” (as relações sociais existentes entre os atletas e demais sujeitos dos grupos de futebol analisados, a organização esportiva e o sistema social) e “vertical” (o indivíduo, atleta/dirigente/comissão técnica, inserido neste sistema) de uma esfera da sociedade, o grupo de futebol profissional, em permanente situação de mudanças e/ou relacionada à adaptação e relação do indivíduo com seu meio.

Neste sentido, o método dialético que sustenta o ECRO proposto por Pichon-Rivière (1982) se fez demasiadamente notado nesta pesquisa, na medida em que é por ele que se desenvolve a espiral do conhecimento, no qual analisamos, a partir das relações cotidianas e fatos elementares, “os princípios opostos, as tendências contraditórias, fontes configuradoras da dinâmica no processo” (PICHON-RIVIÈRE, 1982, p.173).

4. OS CLUBES DO FUTEBOL PROFISSIONAL EM AÇÃO: UM DESVELAR DOS PEQUENOS GRUPOS

Este capítulo se propõe a descrever e analisar a pesquisa de campo realizada nos três clubes investigados, considerando as dimensões de análise propostas por Pichon-Rivière (2005), Bleger (1988) e Scarcelli (1998). Explicitaremos nossa passagem pelas três equipes estudadas buscando compreender o processo de formação dos grupos a partir dos conceitos fundamentais da teoria pichoniana para, em seguida, tecermos uma análise crítica mais pormenorizada.

Vale destacar que nosso intuito não é estabelecer comparações entre os clubes investigados, mas sim, ao considerarmos a dimensão institucional no âmbito *de* e *com* grupos específicos, contribuir para que sejam formuladas estratégias de intervenção para além das equipes investigadas.

Corroborando as proposições de Bleger (1988), é preciso analisar e avaliar todas as informações que obtivemos desde o primeiro contato/relação com a organização que nos propusemos investigar, visto que se configuram como importante material de pesquisa capaz de nos possibilitar conhecer, desde o primeiro momento, “tanto as situações vitais da instituição, como os fatores positivos e negativos que tendemos a enfrentar” (BLEGER, 1988, p.73). Pois a maneira como as organizações, e neste caso específico os clubes de futebol, se relacionam com os pesquisadores, reflete o grau de *insight* de seus problemas, assim como seu modo de defender-se e resistir diante de tais problemas. Dessa forma, daremos continuidade a este capítulo explicitando e analisando como se procederam nossos encontros, observações e entrevistas nos clubes investigados.

4.1 Os clubes em perspectiva

4.1.1 *Guarani Futebol Clube*

“Olê, olê, olê, dá-lhe bugre, dá-lhe bugre, sou bugrino até morrer”

(Canto entoado pela torcida no estádio)

Nosso primeiro contato com o Guarani Futebol Clube se deu via telefone com o superintendente de futebol. Após nos apresentarmos, e antes mesmo de marcarmos uma reunião presencial, nos foi solicitado que enviássemos, via email, o projeto de pesquisa e principais exigências metodológicas para que pudesse viabilizar a realização das nossas observações e entrevistas nesta organização.

Conforme nos adverte Bleger (1988), nos primeiros encontros com a organização devemos estabelecer o enquadre da tarefa – que no caso deste trabalho refere-se aos objetivos da pesquisa, aos dias e horários da presença de pesquisador, questões éticas, por exemplo –, buscar o conhecimento das ansiedades frente à mudança (intensidade, qualidade e estratégias de defesa), do grau de aceitação ou rejeição de nossa presença, das dissociações entre os grupos que nos aceitam e outros que nos rejeitam, as fantasias que projetam sobre o pesquisador e o grau de realidade e adequação das expectativas.

Algumas palavras merecem ser ditas para esclarecer essa perspectiva. Apoiamo-nos em Bleger (1988) para afirmar que, do ponto de vista metodológico, o enquadramento se refere às próprias constantes de um fenômeno (este pode ser, por exemplo, os processos grupais) ou método, ao ponto que o processo se refere ao conjunto das variáveis. Dessa forma, ainda que tenhamos estruturado o enquadramento metodológico antes do início do campo desta pesquisa, desde este momento o compreendíamos como um marco, pois tínhamos ciência de que precisaríamos nos reorganizar diante das prováveis situações não previstas (o que, dentro do campo epistemológico das ciências naturais seriam vistas como “rupturas”, “falhas” ou “desvios”, não como uma parte natural do processo de pesquisa). Nesses momentos em que precisamos buscar manter o enquadre ou reestruturá-lo, o enquadre original nos serviu de esquema referencial, um guia para nos situarmos ligados à tarefa assumida neste estudo. Portanto, ao entendermos o enquadre metodológico como uma “fixação de certas constantes dentro das quais se pode controlar as variáveis do fenômeno, pelo

menos em certa medida” (BLEGER, 1988, p.50), buscamos nesse estudo não a manutenção rígida do enquadramento metodológico aqui proposto, nem sua mobilidade aleatória, mas sim sua flexibilidade relacionada ao processo e ao próprio enquadre.

Seguindo tais orientações, nosso primeiro encontro presencial com o clube se deu em reunião marcada com um dirigente do Departamento de Futebol no dia 15/07/2014, na qual discutimos sobre as possibilidades e condições oferecidas pelo clube e nosso enquadre metodológico. A chegada à sede do clube se deu de modo bem tranquilo e rapidamente fomos atendidos. Explicitamos a ele os objetivos da pesquisa, o tempo necessário de permanência no clube e as situações e espaços (treinos, jogos, concentração, refeições, etc.) de observação. Destacamos a necessidade de realizar entrevistas com membros do Departamento de Futebol, com integrantes da comissão técnica e atletas, mas sem que mencionássemos quem seriam os entrevistados, muito menos a ocasião em que os entrevistaríamos.

A princípio, o dirigente se mostrou solícito à pesquisa, mas ressaltou o momento político complicado que o clube atravessava. Ficou acertado que ele buscaria fazer contato com o psicólogo esportivo do clube e com o treinador da equipe profissional para que marcássemos outra reunião todos juntos a fim de viabilizar o início de nosso contato com o grupo de atletas e comissão técnica. Combinamos de retornar para saber da conversa que tiveram e marcamos uma reunião conjunta, mas antes de nos despedirmos ratificamos a necessidade de agilizar o início da investigação no clube, parte da pesquisa de campo⁴⁷, a fim de que pudéssemos observar ainda alguns treinos e demais situações antes da volta à competição, ou seja, durante a intertemporada realizada durante a Copa do Mundo FIFA de Futebol realizada no Brasil.

Retornamos, conforme combinado, mas tivemos somente uma breve conversa com o psicólogo do esporte da equipe profissional, na qual combinamos que voltaríamos ao clube no dia seguinte para acompanhar, pela primeira vez, o treino dos jogadores profissionais. Em nosso primeiro contato com comissão técnica e atletas fomos recebidos pelo psicólogo do esporte. O aguardamos por alguns minutos para entrar pela primeira vez no Departamento de Futebol profissional e subirmos para o campo de treinamento. Como de costume ao longo de toda nossa presença neste clube, antes de irmos para o campo de treino, passávamos pela sala da comissão

⁴⁷ De fato, nossa pesquisa de campo já havia se iniciado em contatos anteriores. Referimo-nos aqui, ao contato com atletas e comissão técnica.

técnica e depois permanecíamos junto aos atletas no vestiário, local onde se preparavam para o treino e realizavam brincadeiras e conversas.

Já após o início do treino, fomos cumprimentados pelo treinador que afirmou estar ciente da nossa presença nos ambientes de treino e sobre a realização da pesquisa. Em seguida, o psicólogo nos apresentou ao preparador físico da equipe, responsável também pela programação ao longo da semana. Seria a ele a quem deveríamos nos reportar para ter ciência dos dias, horários e locais que poderíamos estar presentes. Todos, desde o início, se mostraram bastante solícitos e abertos a contribuir com o que fosse possível em nossos estudos. Ainda neste dia, o preparador físico nos passou o número de seu telefone celular para que entrássemos em contato diariamente a fim de saber da programação e nos pediu que o aguardasse após o treino para conversarmos com o treinador e com o diretor de futebol para ratificar a autorização para realização da pesquisa. No entanto, tal conversa aconteceu somente no dia seguinte, pois o treinador não pode nos receber após o treino.

A conversa inicial com o preparador físico foi bastante produtiva, visto que, além de abrir todos os espaços possíveis para nossas observações, detalhou a composição da comissão técnica - composta por oito profissionais (treinador, auxiliar técnico, preparador físico, auxiliar de preparação física, fisiologista, médico, psicólogo do esporte e preparador de goleiros) dentre os quais, segundo um dos nossos entrevistados, somente 5 deles tinham voz de decisão - e falou da situação atual do clube, cujos detalhes foram sendo observados no decorrer de nossa permanência no clube e em uma de nossas entrevistas na qual tivemos conhecimento da gravidade da situação financeira que estavam vivendo, que comprometia, inclusive, o alcance de um importante objetivo da instituição: formar jogadores, revelar, integrá-los ao profissional e depois vendê-los para outras equipes.

O Guarani hoje está com uma série de problemas financeiros. Está praticamente com toda sua equipe, todo seu sistema de base vulnerável por questões de pagamento, falta de pró-labore e fundamentalmente aqueles que, desses oitenta, nós temos vinte e dois jogadores que são profissionais já, do sub20. E alguns do sub17 também são profissionais. Nós não estamos com as obrigações financeiras corretas. O clube não está conseguindo cumprir com isso. Então praticamente os jogadores estão livres [para se transferirem para outras equipes] (D6).

Conforme combinado por telefone, retornamos ao clube no dia seguinte mais cedo do que o horário habitual de treinamento para que pudéssemos conversar com o treinador. Nos reunimos na sala da comissão técnica por alguns minutos, nos quais explicitamos os objetivos e metodologia da pesquisa, tiramos as dúvidas em relação às necessidades metodológicas e obtivemos a sua

autorização para realização da observação e entrevistas. Se por um lado o treinador não se opôs a nenhum ponto do que propusemos, por outro, levantou alguns possíveis problemas a serem enfrentados. Em relação às entrevistas, disse que possivelmente não seria fácil obter a participação de alguns atletas, sobretudo os mais famosos e, portanto, mais requisitados pela mídia, imprensa e patrocinadores.

Outro ponto levantado em nossa conversa se referiu a nossa presença ao lado do psicólogo repetidamente nos treinamentos, pois poderia levantar para a imprensa a ideia de que o Guarani contava agora com mais um profissional desta especialidade e estava dando mais importância às questões psicológicas do que às questões técnicas. Essa preocupação se deu pela repercussão do trabalho realizado pelo psicólogo esportivo há dias atrás. Por mais que internamente a comissão técnica tenha valorizado o trabalho realizado pelo psicólogo do esporte, na imprensa e entre torcedores o trabalho repercutiu negativamente. Diante do exposto, ressaltamos que não estávamos ali na função de psicólogo (reafirmamos que nem mesmo esta formação possuímos) e que não tínhamos objetivos de propor nenhum tipo de trabalho de intervenção, destacando que estaríamos no clube no papel de pesquisador. Assim, ficou acertado que reduziríamos nossa associação e proximidade ao psicólogo e permaneceríamos mais próximos ao preparador físico.

Tal situação é compreensível, sobretudo se trouxermos para análise o entendimento de Bleger (1988) sobre o porquê de as instituições temerem, de fato, a atividade dos psicólogos. A participação deste profissional em uma instituição “promove ansiedades de tipos e graus diferentes e o manejo das resistências, contradições e ambiguidades forma parte, inevitavelmente, da sua tarefa” (BLEGER, 1988, p. 60) e por mais que os discursos de atletas, membros da comissão técnica e atletas digam o contrário, a presença do psicólogo esportivo nos clubes de futebol profissional ainda depende, em certa medida, de elaborações por parte daqueles que compõem esse campo, pois sua inserção no clube pode denotar a existência de um “grupo fraco” e/ou doente.

Nesse sentido, mesmo que a presença de psicólogos do esporte como integrantes das comissões técnicas de clubes de futebol esteja aumentando nos últimos anos, ainda persiste grande preconceito quanto à sua inserção, visto que denuncia a existência de algum “problema” ou é entendida, em grande medida, como “coisa de louco”. Segundo Rubio (1988, p.1), a representação social que se tem do psicólogo é uma mistura de fantasia – alguém que cura – e de assombro – aquele que desvenda os mistérios da alma.

Dessa forma, as ansiedades despertadas pela sua presença nas mais diversas organizações (clube de futebol) parecem referir-se à aspectos dissociados da identidade grupal, ou seja, não integrados ao grupo. A presença do psicólogo do esporte, reforçada com a possibilidade de associação por parte da imprensa esportiva e torcedores da nossa presença no clube a esta função/trabalho (e não na de pesquisador), poderia sinalizar que, ao cuidar dos aspectos referentes à sua subjetividade, a equipe não estava dando a devida importância aos aspectos táticos e técnicos, indo na contramão da supervalorização da performance/rendimento, da busca de resultados positivos, da “objetificação” dos jogadores. Afinal, tais atletas ao serem entendidos como mercadorias/objetos se configuram como “pés de obra” (DAMO, 2007) ignorados em sua subjetividade, à medida que cuidar dela poderia parecer descuidar de seu rendimento esportivo técnico/tático/físico.

Por fim, outra preocupação manifestada pelo treinador se referia a exposição à mídia e a repercussão que isso poderia trazer com o consequente prejuízo do trabalho de toda a equipe. Nesse sentido, salientamos o caráter unicamente acadêmico da pesquisa e a manutenção do anonimato dos participantes. Após autorização dada pelo treinador, ele pediu que entrássemos em contato com o diretor de futebol para que ele tomasse ciência do estudo e desse seu aval para nossa permanência. No entanto, como não pode nos atender em seguida, pediu que retornássemos no período da noite. Sem a autorização do diretor, nem mesmo o treino do período da tarde foi possível acompanharmos.

Conforme combinado, retornamos ao clube à noite e rapidamente fomos atendidos pelo dirigente. Após nos apresentarmos, foram explicitados os objetivos e necessidades metodológicas da pesquisa e em pouco menos de dez minutos nossa conversa havia terminado. Ele não se mostrou muito interessado nas características da pesquisa, mas prontamente não colocou obstáculos para que pudéssemos continuar a realizá-la. No entanto, pediu que aguardássemos dois dias até que ele falasse com o presidente do clube a fim de obter o seu consentimento e autorização, afirmando ainda que nos ligaria assim que tivesse uma resposta. Após a autorização do presidente, pudemos dar continuidade à pesquisa, oito dias após nossa última ida ao clube.

Os primeiros contatos realizados já nos conduzem a uma impressão preliminar a partir da qual ressaltamos dois aspectos relacionados à negociação para realização e continuidade da pesquisa: o fato de todos terem consentido e permitido nossa permanência para realização da investigação no clube, mas solicitando que buscássemos também a autorização de seu superior imediato (psicólogo – preparador físico – treinador – diretor de futebol – presidente); e a ausência de necessidade de comunicar o grupo de atletas e solicitar também o seu consentimento.

Em relação ao primeiro aspecto, cabe destacarmos como estão estabelecidas as relações de poder dentro dos clubes de futebol profissional. Há uma posição hierárquica que sustenta o quadro de funcionários de grande parte dos clubes de futebol profissional, a depender dos estatutos de cada um deles. No topo desta cadeia se encontra o presidente do clube, seguido por um vice-presidente e demais dirigentes. Aqueles responsáveis mais diretamente pelo Departamento de Futebol Profissional são o diretor de futebol e o coordenador técnico, este último, mais próximo dos atletas e comissão técnica. Abaixo deles está o treinador que, por sua vez, é o encarregado de liderar toda a sua comissão técnica, composta, na maioria das vezes, por preparadores físicos, fisiologistas, médicos, fisioterapeutas, nutricionistas, e em menor frequência, por psicólogos esportivos e analistas de desempenho. Em seguida, estão os jogadores e abaixo deles outros funcionários dos clubes tais quais o massagista, roupeiro, segurança, dentre outros. Dentro desta cadeia de poder, ainda que não de modo explícito, encontra-se ainda o empresário, cuja responsabilidade no processo de contratação e dispensa de atletas é significativa.

Importa ressaltarmos que dentro da categoria de dirigentes, comissão técnica, atletas e funcionários há sobreposições de poder, impostas, sobretudo, nem tanto pelo cargo que ocupam, mas pela importância lhe atribuída, status, fama. Não à toa, ainda que em tom de descontração, em um dos clubes investigados, um dos roupeiros, funcionário que há mais tempo está empregado no clube, é constantemente chamado de “presidente”, ou como constatado em pesquisa anterior (CASTELLANI, 2010), um dos atletas era chamado pelos demais de “patrão”. Essa cadeia de poder esteve configurada, portanto, no decorrer de nossa negociação e pedido de autorização para realizarmos nossa pesquisa.

Esse é um tipo significativo de situação que nos leva a buscar compreender os processos presentes na formação de um grupo. Os papéis instituídos (como presidente, roupeiro, etc.) são dotados de um conjunto de características e normas atribuídas independentemente das pessoas que compõem o grupo. Contudo, o modo como será vivido depende da singularidade dos sujeitos, que se manifesta nas relações estabelecidas e que podem ser compreendidas a partir do que Pichon-Rivière nomeia como interjogo (atribuição e assunção) de papéis no grupo e, consequentemente, pela maneira que se estabelecem a comunicação, a aprendizagem e adaptação (que pode ser ativa ou passiva). Podemos refletir sobre os conflitos instaurados em um grupo quando as características esperadas institucionalmente, aquele que ocupa um papel de poder, como presidente, são desenvolvidas na prática por um membro que ocupa posição hierárquica inferior: este exerce um

poder informal no contexto do grupo, mas não tem os ganhos institucionais (poder social e econômico) que o presidente, de fato, possui. O mesmo entendimento pode ser feito na situação inversa quando o presidente que ocupa oficialmente esse lugar tem os ganhos sociais, no âmbito público, mas não tem a respeitabilidade que sua função deveria exigir no contexto do pequeno grupo.

E assim pudemos notar que não só nos foi eximida a necessidade de obter aval do grupo de atletas, como nem mesmo essa condição, quando solicitada por nós, foi atendida. Tanto o fato de não ter havido necessidade de obtermos o consentimento dos atletas para realização da pesquisa, quanto ao menos comunicá-los da nossa presença nos ambientes de treino e jogo, se repetiram nos três clubes investigados. Em dois deles, ainda que tenhamos realizado essa solicitação aos dirigentes e comissão técnica e, em certa medida, insistido para que nossa solicitação fosse atendida, tal situação não chegou a se concretizar. Como consequência, foi comum ao longo de nossa permanência em todos os clubes pesquisados que os atletas passassem por nós questionando o que tanto escrevíamos no caderno e o que fazíamos diariamente nas dependências do clube. A fim de ampliar o grau de aceitação de nossa presença, possibilitar algum grau de elaboração frente às ansiedades despertadas e as consequentes expectativas dos atletas sobre nós, aproveitávamos estas circunstâncias para nos apresentar e explicitar o tema e objetivos de nossa pesquisa.

Mourelle (2012) apresentou em seu estudo situação semelhante à vivenciada por nós durante o processo de negociação e início da pesquisa de campo no Guarani Futebol Clube. Ao todo, para que pudesse ter permissão para realizar sua pesquisa de campo e observar os treinamentos da equipe profissional de um clube da segunda divisão do futebol carioca, teve que obter o consentimento e autorização de cinco profissionais diferentes, dentre eles o treinador, preparador físico, diretor e outros dirigentes. Essas autorizações, obtidas em conversas “espontâneas”, aconteceram após algumas idas ao clube. No início de sua inserção no campo de estudo, dois meses e meio após o primeiro contato com o clube, os atletas não sabiam sobre o motivo da presença do pesquisador nos treinamentos, o que o fez perceber sobre a provável dificuldade que enfrentaria em ter contato com eles. A garantia do anonimato fez com que aos poucos fosse ganhando a confiança dos membros da comissão técnica. Após pouco mais de um mês, sobretudo por ter assumido a função (ou o lugar) de auxiliar de preparação física, o pesquisador já havia estabelecido um bom relacionamento com comissão técnica, atletas e dirigentes.

Outra situação vivenciada por Mourelle (2012) que se assemelha à encontrada por nós no primeiro clube investigado, se refere às constantes chegadas e saídas de jogadores. O grupo de

jogadores já era significativamente grande e novos jogadores eram incorporados ao elenco a todo momento por meio de indicações de “empresários” que o diretor conhecia. Voltaremos a esse assunto logo mais.

Conforme propõe Bleger (1988), é durante a fase das primeiras incursões em uma instituição, que devemos buscar conhecer a história da organização e os principais lineamentos de suas características, tarefa que nos deteremos nesse momento. Tarefa, por sinal, compartilhada também por um dos entrevistados neste estudo, que havia recentemente sido contratado por um dos clubes investigados para ocupar um cargo que, até então, diferia-se dos demais que já havia exercido.

O primeiro desafio é tentar entender o que é o clube sobre o ponto de vista histórico, sob o ponto de vista da cultura, filosófico, dos torcedores, dos anseios dos diretores, do presidente do clube, das pessoas que estão há mais tempo trabalhando no clube. Então, esse é o primeiro passo que é entender o ambiente, porque a partir do momento em que há possibilidade de entendimento do ambiente acho que fica mais fácil de entender o papel de cada um no cenário (D3).

O Guarani Futebol Clube (cujo distintivo está representado abaixo na figura 2), popularmente conhecido como Bugre, foi fundado em 2 de abril de 1911⁴⁸ por doze jovens (quase todos italianos ou descendentes de italianos) com o nome de Guarany Foot Ball Club, já nas cores verde e branco atuais. Desde o início tendo o futebol como modalidade principal, teve em seus primeiros anos participações em campeonatos amadores, conquistando diversos títulos (dentre eles os 12 títulos campeonais). Após profissionalizar-se em 1947, obteve o acesso à primeira divisão do futebol profissional em 1950.

Figura 2: Distintivo oficial do Guarani Futebol Clube

Fonte: Google

⁴⁸ De fato, o clube foi fundado um dia antes, 1º de abril, mas por se tratar do “dia da mentira” e para evitar possíveis e prováveis deboches, decidiram ter o dia 02 de abril como data da fundação. (FONTE: <www.guaranifc.com.br>, acesso em 02 de agosto de 2014.

Em 1922 o Guarani FC construiu aquele que seria o primeiro estádio da cidade de Campinas/SP, “Estadium do Guarany”, substituído em 1953 pelo atual Estádio Brinco de Ouro da Princesa (ambos representados abaixo, respectivamente, nas figuras 3 e 4), que após diversas reformas e ampliações detém, segundo o Cadastro Nacional de Estádios de Futebol da Confederação Brasileira de Futebol (CBF)⁴⁹, capacidade estimada para receber 29.130 espectadores.⁵⁰ Além do estádio Brinco de Ouro e da sua sede social (que conta com campos de futebol society, piscinas, sauna, ginásio poliesportivo etc.), conta também com um centro de treinamento (CT), com um campo oficial e outro semioficial, localizado próximo ao estádio. Nos dias que estivemos em observação, o CT era utilizado somente pelas categorias de base, ao ponto que o profissional treinava por vezes no estádio e por vezes em campos próximos ao clube ou cidade vizinha (Paulínia/SP), mas de propriedade de parceiros, tal como o Paulínia FC e a fábrica 3M.

Figura 3: “Estádium do Guarany”

Fonte: Google

Figura 4: Estádio Brinco de Ouro da Princesa

Fonte: Google

Com mais de um século de existência, o Guarani Futebol Clube ostenta a marca de, com o título de 1978, ser o primeiro, e único, clube não situado em capitais do Brasil⁵¹ a conquistar o Campeonato Brasileiro de Futebol da primeira divisão. A tradicional equipe do interior paulista também conquistou por duas vezes o vice-campeonato brasileiro (1986 e 1987), outras duas o vice-campeonato paulista (1988 e 2012) e ainda o título de Campeão Brasileiro da série B. No plano

⁴⁹ Fonte: <<http://www.cbf.com.br/noticias/campeonato/cadastro-nacional-de-estadios-de-futebol-1#.VLaaIivF9qU>>, acesso em 02 de agosto de 2014.

⁵⁰ Durante parte do ano de 2014, o estádio Brinco de Ouro da Princesa esteve interditado (por questões de segurança) pelo corpo de bombeiros que autorizou sua reabertura com a redução da capacidade para 10.501 lugares.

⁵¹ A sede do clube está localizada na cidade de Campinas, a aproximadamente a 80km da cidade de São Paulo, capital do Estado de São Paulo.

internacional, participou duas vezes da Copa Libertadores da América, tendo feito sua melhor campanha quando chegou às semifinais em 1979.

Politicamente, foi um dos membros do Clube dos 13, que contemplou até 2011 os vinte principais clubes do futebol brasileiro. O Guarani FC é reconhecido historicamente por revelar grandes atletas para o futebol brasileiro, cedendo à seleção brasileira inúmeros jogadores, dentre os quais merecem destaque o João Santos, Mauro, Zenon, Renato, João Paulo, Careca, Djalminha, Amoroso, Luizão.

Recentemente, no entanto, o clube não vive uma fase boa já que, como consequência de uma grave crise financeira que até hoje o assola, obteve seguidos rebaixamentos e há 34 anos não conquista um título. Já na segunda metade da década de 1990, principalmente a partir de 1997, o Guarani já não vinha de bons resultados, lutando seguidamente contra rebaixamentos e não mais por títulos. Na época, no ano de 1996, jornalistas diziam que, ao vender para o Palmeiras dois de seus principais jogadores, Djalminha e Luizão, e no ano seguinte o atacante Amoroso para o futebol italiano, o Guarani “abriu mão de ser grande”⁵². Aquela que era a “fórmula de sucesso” do Guarani - formar atletas, valorizá-los na equipe principal e depois vendê-los, ou então contratar um jovem jogador valorizando-o no grupo profissional e o vendendo em seguida -, foi prejudicada com o advento da Lei Pelé.

Entretanto, vale ressaltar que uma das propostas da Lei Pelé era proteger os atletas dos clubes que não arcavam com os compromissos de pagar em dia os funcionários. Dessa forma, o jogador que tivesse seus salários atrasados em mais de três meses poderia mudar de equipe sem que tivesse que ressarcir o clube por isso. E mais, restaria ainda ao clube responder na justiça pelo descumprimento dos direitos trabalhistas. As ações iniciadas na Justiça do Trabalho vinculadas a esta questão passaram a ser muitas, somando, só no Guarani FC, mais de trezentas. Portanto, o mais coerente seria não dizermos que a Lei Pelé prejudicou o clube e sim que os inúmeros erros administrativos e gerenciais cometidos por dirigentes que estiveram à frente do Clube por diversas gestões foram os responsáveis por tais prejuízos (VIVAN, 2007, apud MOURELLE, 2012, p.131).

A partir de então e até os dias atuais, o clube não reencontrou seus “dias de glórias”, passando por seguidos rebaixamentos, crises financeiras, constantes mudanças de treinadores e atletas com

⁵² Fonte: <www.planetaguarani.com.br>, acesso em 16/01/2014. Site escrito por Marcos Ortiz, ex superintendente do Guarani FC.

poucos jogadores revelados pelo clube, fatos que se refletem no ranking nacional de clubes⁵³ divulgado mais recentemente pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), no qual o Guarani ocupa a 46^a. colocação. Entretanto, apesar da relativa distância em termos de condição financeira, qualidade da equipe, estrutura física e nível/importância das competições disputadas de outro clube investigado por nós, a AA Ponte Preta, seu maior rival, o Guarani está somente a duas posições atrás dela no ranking que avalia o valor das marcas dos clubes de futebol divulgado pela rede de contabilidade BDO⁵⁴, ocupando a 26^o colocação, com sua marca estimada em 19,1 milhões de reais.

No ano em que realizamos nossa pesquisa de campo neste clube, 2014, o Guarani FC disputava a 3^a divisão (Série C) do campeonato Brasileiro e a segunda divisão (Série A2) do Campeonato Paulista, tendo alcançado a 13^a colocação em ambas competições. O elenco de atletas era formado por 33 jogadores, sendo 5 formados na categoria de base⁵⁵. A comissão técnica era formada pelo treinador, um auxiliar técnico, um preparador físico, um auxiliar de preparação física, um preparador de goleiros, um psicólogo do esporte, um fisiologista e um médico. Próximos aos atletas e comissão técnica estavam ainda um massagista, um roupeiro, assessor de imprensa e um segurança. Dentre os dirigentes, tivemos contato com o Presidente, o Diretor de Futebol e o superintendente de futebol.

O ano de 2014 foi bastante conturbado, tanto do ponto de vista dos resultados da equipe quanto do aspecto financeiro/administrativo. Tal leitura também foi explicitada por um dos atletas entrevistados neste estudo:

Nossa equipe não vencia, a gente não conseguia ganhar. A gente jogava bem, mas a gente não conseguia vencer. Estava tudo muito tumultuado, o ambiente tumultuado fora do campo... as partes fora do campo que era o que estava comprometendo né, a parte salarial, problemas extracampo (J25).

O clube iniciou a temporada de 2014 almejando subir para a primeira divisão do Campeonato Paulista e para a série A2 do Campeonato Brasileiro, mas acabou terminando o ano sem nenhum dos dois acessos, inúmeras trocas de comissão técnica, renúncia do Presidente, salários atrasados, ameaça de greve dos atletas e venda do estádio. Se no período em que estivemos em pesquisa de campo

⁵³ Fonte: <http://cdn.cbf.com.br/content/201512/20151209150041_0.pdf>. Acesso em 18 de julho de 2016.

⁵⁴ Fonte: <http://www.bdobrazil.com.br/pt/PDFs/Estudos_Zipados/Valor_das_Marcas_2015.pdf>. Acesso em 18 de julho de 2016.

⁵⁵ Dados com referência à nossa chegada no clube, pois com o passar do tempo, vários novos atletas chegaram e outros saíram.

passaram pelo clube cerca de 40 atletas, ao longo do ano todo 65 jogadores atuaram em jogos oficiais. Tal cálculo ainda não contabiliza atletas que foram contratados e sequer chegaram a jogar, assim como um lateral contratado no decorrer de nossas observações que não pode ser inscrito na competição e participar dos jogos por problemas em sua documentação. Ainda assim, passaram pelo clube 4 treinadores, sendo 3 deles durante o período em que estivemos no clube. Em conversa com um dos membros da comissão técnica permanente do clube, ele disse que trabalhou nos últimos dois anos com nove treinadores diferentes.

Em nosso primeiro dia de observação dos treinos, estavam no campo cerca de 30 atletas. Destes, 2 tinham sido recém-promovidos das categorias de base e outros 5 recém-contratados. Já ao término de nossa pesquisa de campo, mesmo com a rescisão de contrato de dois atletas que pediram seu rompimento por atraso nos salários, o elenco estava formado por 32 atletas, visto que 7 novos jogadores foram contratados. Nos causou estranheza o fato de constantemente presenciar a chegada de um novo jogador. Neste aspecto, Mourelle (2012) pode nos ajudar a compreender esse processo, sobretudo a partir daquilo que nomeou como “jabá”, ou seja, frequentemente, principalmente em clubes que passam por dificuldades financeiras, são dadas oportunidades para atletas indicados por empresários, dirigentes e outros (ex)atletas para treinarem junto ao grupo oferecendo ao clube uma contrapartida, por vezes, financeira. Entretanto, ainda que Mourelle (2012) tenha comprovado tal prática em sua pesquisa, não pudemos fazer o mesmo neste estudo, pois nem mesmo esse era nosso objetivo.

Ao longo da temporada de 2014, o Guarani participou de 19 jogos⁵⁶ pelo Campeonato Paulista e por mais 18 partidas⁵⁷ pela série C do Campeonato Brasileiro totalizando no ano 37 partidas em competições oficiais. Entretanto, apesar da quantidade semelhante de jogos disputados nas duas competições, durante o Campeonato Brasileiro (série C) realizou um jogo por semana (aos fins de semana), enquanto que ao longo do Campeonato Paulista (série A2) eram realizadas duas partidas por semana, obedecendo sempre o intervalo de, no mínimo, 60 horas de uma partida para outra, conforme artigo 25 do Regulamento Geral de Competições da Confederação Brasileira de Futebol.

Em relação às dificuldades administrativas e financeiras, quatro fatos constatados merecem ser explicitados: problemas com a alimentação dos atletas; ameaças de greve por conta dos atrasos de

⁵⁶ Fonte: Site da federação paulista de futebol <<http://www2.fpf.org.br/clube/19/Guarani/Resultados/2014/>>, acesso em 11/02/2015.

⁵⁷ Fonte: Site da Confederação Brasileira de Futebol <www.cbf.com.br>, acesso em 11/05/2015.

salários; renúncia do presidente do clube; e o leilão do estádio Brinco de Ouro da Princesa. Em relação aos atrasos de salários, alguns jogadores estavam há mais de três meses sem recebê-los e segundo um integrante da comissão técnica, isso “*gerava um cansaço psicológico e desgaste emocional nos atletas*” também responsáveis, assim como a alimentação deficiente, pela grande incidência de lesões.

Ao não visualizar possibilidade de arcar com os compromissos financeiros do clube com os funcionários, o presidente renunciou ao cargo. Dias depois, a chegada do Grupo Magnum⁵⁸ mudaria tal situação arcando inicialmente com parte dos salários atrasados e quitando todas as dívidas com jogadores e comissão técnica no fim do ano. No entanto, seria no grande ponto de discussão no clube do final do ano, a venda do estádio, que a nova parceira do Guarani FC se destacaria. Após uma assembleia com os associados, foi aprovado o projeto da empresa Magnum que garantiu a ela exclusividade para compra do estádio Brinco de Ouro da Princesa. Grande parte da venda do estádio seria utilizada para quitar a dívida do clube (estimada em 240 milhões de reais)⁵⁹.

As situações de dificuldades e problemas pelos quais o Guarani FC passava ao longo de nossa observação já haviam sido fruto de destaque e análise em pesquisas anteriores. Já na segunda metade da década de 2000 o Guarani passava “tempos difíceis”, já que alheio aos inúmeros problemas financeiros e administrativos, estava há quase 30 anos sem conquistar um título e não mais era reconhecido como um “celeiro de jogadores de sucesso”. Portanto, extremamente endividado (sua dívida estava estimada em mais de 80 milhões de reais) e cada vez mais distante dos clubes de elite do futebol brasileiro, o Guarani FC estava beirando a falência. Para agravar essa situação, ao contrário da década de 1970 quando o quadro de sócios beirava os 25.000, em 2007, pouco mais de 1000 associados estavam adimplentes e contribuíam com o clube (VIVAN, 2007, apud MOURELLE, 2012, p.130).

Tal como nos explicita Mourelle (2012), as condições observadas ao longo de nossa pesquisa de campo no Guarani Futebol Clube também se fazem presentes em outros clubes do futebol brasileiro. Cirino (2005, apud MOURELLE, 2012), por exemplo, relata as precárias condições que o Ferroviária FC estava submetido em certa altura de sua história. A sede do clube estava com

⁵⁸ Parceira do clube na administração do futebol e principal interessada na compra do Estádio Brinco de Ouro da Princesa, o Grupo Magnum se configura como um grupo de distintas empresas prestadoras de serviço em manutenção, conservação e limpeza, logística, seleção e treinamento.

⁵⁹ Fonte: <<http://globoesporte.globo.com/sp/campinas-e-regiao/noticia/2014/11/socios-aprovam-projeto-da-magnum-e-encaminham-venda-do-brinco-de-ouro.html>>, acesso em 19/12/2014.

fornecimento de água e luz cortado, as condições higiênicas eram calamitosas, os atletas ameaçavam greve por melhores condições de trabalho e o clube possuía uma dívida que chegava aos 3,5 milhões de reais. No entanto, conforme veremos a seguir, o Bragantino FC, segundo clube analisado neste estudo, ainda que tenha um histórico de conquistas e sucesso menos representativo, apresentava condições significativamente melhores.

4.1.2 Atlético Clube Bragantino

Muitas das situações observadas, e já analisadas, no primeiro clube investigado, retratadas no tópico anterior, também estiveram presentes ao longo de nossa incursão pelo segundo clube que tivemos a oportunidade de acompanhar. Entretanto, a permissão para efetivação da pesquisa no AC Bragantino se deu de forma distinta, ainda que tenha, como veremos, relação com a realização de parte de nossa pesquisa no Guarani FC. O Bragantino foi o segundo clube investigado por nós neste estudo e apesar de termos tido inúmeras negativas e dificuldades em estabelecer contato com outros clubes, a negociação de realização da pesquisa com este clube foi rápida e positiva.

O contato inicial aconteceu no início de 2016 e se deu por meio de um conhecido pessoal que exercia o cargo de presidente da liga do futebol amador da cidade de Bragança Paulista, interior do Estado de São Paulo. Por intermédio dele, conseguimos uma reunião com o diretor de futebol profissional do Bragantino dois dias depois. Chegando no clube, rapidamente fomos recebidos pelo presidente da Liga que nos acompanhou até o diretor de futebol que, por coincidência, era o mesmo que exercia a mesma função no primeiro clube analisado em nossa pesquisa de campo à época. Isso foi, no nosso entendimento, muito favorável para a autorização de realização da nossa pesquisa, pois assim que nos encontramos, fomos reconhecidos e muito bem recebidos por ele. Como ele havia acompanhado toda pesquisa no Guarani FC, rapidamente autorizou que fizéssemos o mesmo no atual clube e rapidamente nos acompanhou à sala do gerente de futebol para comunicá-lo sobre nossa presença e necessidades metodológicas, além de solicitar sua autorização. Em menos de cinco minutos já tínhamos seu consentimento ficando pendente, somente, a permissão do treinador, para o qual o gerente solicitaria no mesmo dia.

A permissão dada para a realização de nossa pesquisa neste clube tem, em nossa apreciação, grande relação com o fato de o maior responsável por conceder tal aval já nos conhecer e,

principalmente, pelo pesquisador e estudo a ser desenvolvido não mais oferecerem “perigo” ao clube e aos funcionários que lá trabalhavam (atletas, comissão técnica e dirigentes), pois já sabia de todos nossos objetivos e das necessidades metodológicas. Dessa forma, sugere-se que o não conhecimento do pesquisador e os medos e ansiedades emergentes do desconhecimento da pesquisa (de sua finalidade, dos interesses, dos objetivos e da metodologia), foram fundamentais em tantas negativas obtidas nos demais clubes que fizemos contato e solicitamos permissão para realização do estudo. Ou seja, como o diretor de futebol já estava minimamente ciente do enquadre necessário para realização da tarefa, as fantasias projetadas por ele sobre o pesquisador já haviam sido trabalhadas no nosso encontro precedente e as ansiedades frente à mudança, bem como o grau de rejeição de nossa presença e adequação às expectativas estavam em menor grau do que no clube anterior - tarefas a serem realizadas nos primeiros encontros com uma nova organização (BLEGER, 1988) -, as tratativas e autorização para realização de nossa pesquisa se deu de modo significativamente mais tranquilo, rápido e menos burocrático.

Apesar da necessidade do aval de alguns membros da equipe gestora e técnica do Bragantino, não foram necessárias, em relação ao Guarani FC, as autorizações do presidente do clube e do superintendente técnico de futebol, cargo inexistente neste segundo clube, fato que acelerou e facilitou ainda mais o início de nossa investigação. No entanto, assim como no Guarani FC, aos atletas do AC Bragantino também não foi solicitada a permissão/consentimento para realização do estudo e nem mesmo tivemos a oportunidade de nos apresentar e explicitar os interesses e objetivos da pesquisa. Enquanto estivemos no Bragantino, solicitamos por diversas vezes ao treinador e ao preparador físico a oportunidade de nos apresentarmos para o grupo de atletas e explicar rapidamente sobre o propósito de nossa presença nos ambientes de treinos e jogos, mas ainda que ambos tenham concordado com a demanda e que o preparador físico tenha se empenhado em obter essa autorização do treinador para efetivá-la, tal situação não chegou a se concretizar.

Enfim, no dia subsequente à primeira ida ao Bragantino, o aval para realização da pesquisa foi confirmado e combinamos que voltaríamos ao clube para o início das observações no início da semana seguinte. Em nossa chegada fomos recebidos na portaria por um dos funcionários responsáveis pela recepção de visitantes, imprensa, atletas e demais funcionários do clube. Neste momento nem o diretor de futebol, nem o gerente de futebol estavam no clube e, dessa forma, permanecemos na sala de espera aguardando a chegada de algum deles. Enquanto aguardávamos na recepção, os atletas iam chegando e se dirigiam para o vestiário. Essa recepção dava acesso ao

vestiário, que por sua vez, dava acesso ao campo de jogo e treino. Em poucos minutos, o gerente de futebol retornou e nos apresentou para o preparador físico da equipe, que nos recebeu de modo bastante educado e solícito, questionou nossa área de estudo e se mostrou interessado pela psicologia do esporte. Em seguida, nos levou para conhecer o vestiário, a sala de musculação e nos apresentou ao auxiliar de preparação física e ao roupeiro.

A rápida, e bem-sucedida, negociação para realização do estudo, assim como o fácil acesso aos funcionários do clube e membros da comissão técnica, contrastam com as condições encontradas no clube anterior observado neste estudo e com a realidade relatada por Mourelle (2012). Ainda assim, a receptividade dos dirigentes e membros da comissão técnica de ambos os clubes foi bastante positiva e sugere um baixo grau de rejeição à nossa presença no clube na condição de pesquisador.

No primeiro dia de observação, assim como em grande parte dos dezessete dias de investigação neste clube, nos dirigimos e permanecemos no vestiário, onde os atletas chegavam para se arrumar para o treino nos cumprimentando à medida que passavam por nós. Nossa presença na recepção, vestiário e demais ambientes e os contatos que obtivemos já nos primeiros dias de pesquisa de campo, reforçam a consideração de nossa observação como participante, pois desde o início afetamos e fomos afetados pela situação estudada (ANDRÉ, 1995) e modificamos, no estabelecimento de uma relação dialética com os funcionários do clube, o campo de observação (PICHON-RIVIÈRE, 2000).

Semelhantemente ao enunciado por Mourelle (2012) e também constatado no Guarani FC, foi comum no AC Bragantino a saída e chegada de jogadores. Vale ressaltar que os momentos de observação nestes dois clubes foram distintos, visto que no Guarani estivemos no meio da temporada, situação que, diante da pausa da competição para realização da Copa do Mundo de futebol, foi nomeada de intertemporada e no Bragantino, na pré-temporada, época em que acontece costumeiramente a maior reformulação no grupo de atletas e comissão técnica. Dessa forma, parte da comissão técnica (treinador, auxiliar técnico, preparador físico, analista de desempenho e treinador de goleiros) havia sido contratada recentemente. Já estavam no clube um auxiliar técnico, o auxiliar de preparação física, médico, fisiologista, fisioterapeuta, auxiliar de fisioterapia, massagista e o roupeiro⁶⁰. Dentre os atletas, somente dez deles permaneceram do ano anterior, um veio das

⁶⁰ Há no Bragantino, bem como em alguns outros clubes, uma comissão técnica permanente, ou seja, que mesmo com a mudança de treinador, auxiliar técnico imediato e preparador físico são mantidos como funcionários do clube. No Bragantino, compõem a comissão técnica permanente um dos auxiliares técnicos, o auxiliar de preparação física, o preparador de goleiros e os profissionais da área médica.

categorias de base e a grande maioria havia chegado há poucas semanas, dias, e outros dois ainda foram contratados no decorrer de nossa pesquisa de campo.

É importante salientarmos que, embora o Bragantino estivesse num momento mais oportuno para reformulação da equipe, com a chegada de uma nova comissão técnica e substituição de vários jogadores, a rotatividade de atletas e treinadores no decorrer da nossa pesquisa de campo foi significativamente inferior ao verificado no Guarani e mais semelhante às condições notadas no terceiro clube investigado. Além do treinador, seu auxiliar técnico, preparador físico e o analista de desempenho, chegaram ao Bragantino outros dezoito atletas e somente um deixou o clube já com pré-temporada iniciada. Alguns atletas, três especificamente, ficaram por uns dias em fase de testes, sendo avaliados pela nova comissão técnica.

Contudo, passados menos de seis meses, quando não mais estávamos em pesquisa de campo neste clube, após a desclassificação no campeonato paulista nas quartas de final⁶¹ e derrotas nas duas primeiras partidas do Campeonato Brasileiro da série B, o treinador, o auxiliar técnico, o preparador físico e o analista de desempenho deixaram⁶² o clube, mesmo após terem obtido bons resultados, com somente cinco derrotas, duas delas já no Campeonato Brasileiro. Junto com eles, também foi demitido o gerente de futebol e, dessa forma, com a saída de seis atletas, de quatro integrantes da comissão técnica e do gerente de futebol, outros profissionais foram contratados⁶³, assim como outros seis atletas. A chegada de um novo treinador valida a informação obtida por nós em entrevista de que desde a saída, em 2012, de um treinador que permaneceu seis anos no clube, o clube teve em média dois treinadores por ano.

Tal como nos advertiram Pichon-Rivière (2000), Bleger (1988) e Scarcelli (1998), é fundamental considerar as três dimensões de análise para compreendermos os processos grupais na perspectiva estudada. Aspectos ligados ao que é entendido como dimensão institucional da organização que nos propomos a investigar/intervir estiveram presentes, inclusive, no modo de conduzir as entrevistas. Nesse sentido, uma das primeiras entrevistas que realizamos no AC Bragantino foi com um funcionário, administrador do estádio, motorista e responsável pela

⁶¹ Com essa classificação, o clube não obteve o acesso à primeira divisão, traçado no início do ano como principal objetivo.

⁶² Não pudemos confirmar se foram demitidos ou pediram demissão. Na mídia esportiva foram veiculadas informações que diziam que haviam sido demitidos e outras que pediram demissão. Uma das versões dizia que diante da contestação do seu trabalho e muita pressão, o preparador físico pediu demissão e por solidariedade a ele os demais membros da comissão técnica (não permanente) fizeram o mesmo. No site oficial do clube a informação divulgada é que a rescisão de contrato se deu em comum acordo.

⁶³ Tem-se como referência até a terceira rodada do Campeonato Brasileiro da série B em 2016.

manutenção das dependências do clube, que há mais tempo estava nesta organização, justamente para que pudéssemos ter conhecimento sobre alguns desses aspectos. O mais enfatizado por ele em nossa conversa dizia respeito às mudanças de estrutura física que o clube passou na última década, visto que no momento de sua chegada, há cerca de uma década,

[...] o clube era completamente diferente. Não tinha restaurante, não tinha alojamento... era completamente diferente em vista de hoje. Depois de uns dois anos que cheguei o homem [presidente do clube] investiu, mas antes dava até medo. [...] se não fosse ele [atual presidente] já tinha acabado o clube (F1).

O Atlético Clube Bragantino, cujo distintivo está representado abaixo na figura 5, popularmente conhecido como “Massa Bruta”, foi fundado em 1928 por dissidentes de um clube rival desde os tempos do futebol amador, Bragança Futebol Clube, também situado na cidade de Bragança Paulista, interior do Estado de São Paulo. Trata-se de um clube tradicional do interior paulista e tem o título do Campeonato Paulista da primeira divisão em 1990 como sua maior conquista.

Figura 5: Distintivo oficial do Clube Atlético Bragantino

Fonte: Google

Disputou sua primeira partida em campeonato profissional em 1949, após quinze anos de luta pelo acesso. Em 1965, depois da conquista do campeonato paulista da segunda divisão, obteve acesso à primeira divisão pela primeira vez. No entanto, no ano seguinte já estava novamente na segunda divisão, onde permaneceu até 1988, ocasião em que outra vez se sagrou campeão da segunda divisão do Campeonato Paulista. A volta à primeira divisão inaugurou a fase que passou a ser reconhecida como a “fase de ouro” do clube. Além da conquista do campeonato paulista em 1990, o clube revelou para o futebol brasileiro o ainda desconhecido, e atualmente consagrado, treinador Vanderlei Luxemburgo, além de importantes jogadores, tal como Mauro Silva e Mazinho,

que juntos com outros quatro atletas fizeram parte da Seleção Brasileira. Até hoje, nenhum clube do interior cedeu tantos atletas para a seleção nacional principal de futebol como essa equipe de 1990.

Em 1991, apesar de perder o seu treinador, contratou outro, Carlos Alberto Parreira, que anos mais tarde viria a se tornar um dos mais importantes da história do futebol brasileiro sendo, inclusive, campeão do mundo dirigindo a seleção nacional. Neste ano, o Bragantino obteve a segunda colocação no Campeonato Brasileiro conquistando o direito de participar pela primeira vez de uma competição internacional, a Conmebol, além de receber vários convites para realizar partidas amistosas pelo mundo afora.

Entretanto, passados os anos de “sucesso”, em 1995 o clube caiu novamente para a série B do Campeonato Paulista dando início a uma fase difícil, já que no ano seguinte, 1996, caso a CBF não anulasse os rebaixamentos, perderia também a vaga na elite do futebol brasileiro caindo para a segunda divisão do Campeonato Brasileiro. Com mais duas campanhas muito ruins em 1997 e 1998 o Bragantino caiu, enfim, para a segunda divisão do Campeonato Brasileiro e permanece nela por mais quatros, já que em 2002 caiu ainda para a terceira divisão.

A situação do clube começou a melhorar em 2005 quando a equipe retorna à elite do futebol paulista e em 2006, após conquistar o vice-campeonato da Copa Federação Paulista de futebol, obtém o direito de participar da Copa do Brasil. Essa época coincidiu com aquela retratada pelo funcionário entrevistado quando nos disse sobre os investimentos realizados pelo presidente do clube e a melhora significativa na estrutura do clube. Em 2007, o clube sagrou-se campeão da terceira divisão do Campeonato Brasileiro e subiu para a segunda divisão. Nos últimos anos do século passado o clube revelou importantes jogadores para o futebol brasileiro, tal como o goleiro Felipe (com passagens por Corinthians e Flamengo), Romarinho (Corinthians) e Paulinho (Corinthians e Seleção Brasileira), mas não obteve nenhuma conquista expressiva.

Inaugurado em 1933, seu estádio, Nabi Abi Chedid⁶⁴, popularmente conhecido como Nabizão (figura 6), recebeu recentemente uma grande reforma e conta atualmente com um bom gramado e capacidade oficial para receber 17.128 espectadores⁶⁵. O estádio dispõe ainda de um restaurante panorâmico do qual é possível assistir os jogos e treinamentos, uma academia, uma sala de reabilitação física/fisioterapia, um restaurante para os funcionários e um flat com quartos duplos para

⁶⁴ Nome do presidente de honra do clube, homenageado em 2009 pelo atual presidente do clube, seu filho, Marco Antônio Abi Chedid, ao nomear o recém-reformado estádio do Clube Atlético Bragantino.

⁶⁵ Fonte: Cadastro Nacional de Estádios de Futebol da Confederação Brasileira de Futebol. Disponível em <http://cdn.cbf.com.br/content/201601/20160122182359_0.pdf>. Acesso em 18 de julho de 2016.

moradia dos jogadores (reconhecido como flat do Leão) e para hospedagem de atletas/comissão técnica quando estão em regime de concentração esportiva nas partidas realizadas no próprio campo ou em cidades próximas.

Figura 6: Estádio Nabi Abi Chedid

Fonte: Google

Localizado na cidade de Bragança Paulista, interior do Estado de São Paulo, que possui uma população de cerca de 150.000 habitantes, o clube possui uma torcida significativamente menor que a dos outros dois clubes investigados nesta pesquisa, o Guarani e a Ponte Preta. Consequentemente, a pressão exercida sobre dirigentes, comissão técnica e jogadores é também muito menor. Conforme um dos funcionários desta instituição, desde sua chegada ao clube no início da década de 1990, pressão de torcedores no estádio, ônibus, concentração, tal como se vê presente no Guarani FC, por exemplo, não acontece no Bragantino. Quando acontece, são *“meia dúzia [de torcedores] que são contra mesmo, pode estar lá em cima ou lá embaixo... passa em frente [do clube], grita, xinga e vai embora”*. De fato, a presença de torcedores só foi observada por nós em dias de jogos e em pequeno número. Cerca de 5.000 torcedores assistiram a primeira partida realizada pelo Bragantino em seu estádio no Campeonato Paulista de 2016. Um grupo de torcedores organizados, com não mais de 200 integrantes, em sua grande maioria jovens, apoiava a equipe o jogo todo ao mesmo tempo que, por vezes, entoava cantos de cobrança pelo retorno à elite do futebol paulista. Conforme funcionário entrevistado, o clube conta sempre com seiscentos, setecentos torcedores fiéis que comparecem aos jogos, independente se está sol, chuva, e/ou se o ingresso está caro ou barato. Mencionou ainda o descontentamento de alguns torcedores em relação à presidência do clube, mas *“há sempre aqueles que gostam e aqueles que não gostam do clube”*. Atualmente, o apoio da torcida é diferente do início

da década de 1990 quando, à época das grandes conquistas do clube, o estádio ficava sempre lotado de torcedores apoiando a equipe. Porém, com a queda de rendimento da equipe

[...] caiu bem a torcida... a torcida deu uma afastada do clube. Hoje infelizmente a torcida não apoia. Muita gente até fala que não merece ter um time desse na cidade. Torcida não colabora, não ajuda, só “mete o pau” em alguns (F1).

Ainda que seja, tal como o Guarani e Ponte Preta, um clube importante do futebol paulista, a diferença do patrimônio do clube (sede social, centro de treinamento e estádio), do sistema de segurança, e da exposição na mídia é nitidamente menor. Aliás, o Guarani FC e o Jundiaí FC são, segundo um dos membros da comissão técnica, os principais rivais do “Massa Bruta”. Por sua vez, um funcionário citou o clube da Ponte Preta, principal rival do Guarani FC, como o maior adversário do Bragantino.

Segundo dirigente entrevistado, o Bragantino é um clube reconhecido em âmbito estadual e nacional, sobretudo por já ter conquistado um campeonato estadual, ter revelado para o Brasil importantes jogadores e se constituir atualmente, conforme integrante da comissão técnica, como uma das “maiores vitrines que tem no Brasil”. Vitrine, pois possibilita ao atleta “aparecer [para torcida, empresários e clubes de maior expressão], jogar, estar em São Paulo e disputar o Campeonato Brasileiro da série B”. Discurso semelhante teve o funcionário entrevistado quando afirmou que o Massa Bruta “é uma vitrine para revelar jogador, aliás, jogador e treinador”. O Bragantino

[...] é um clube simples. Quem vem jogar no Bragantino sabe que é um clube do interior que tem as condições boas para se trabalhar em termos de estrutura, de receber [salários], porque tem um hotel no clube hoje, para refeição, todas as refeições, você tem campos bons para treinar (não é do clube, mas na cidade você tem), você tem um estádio muito bom, gramado excelente, você tem academia. É um clube que te oferece condições para trabalhar. Então o jogador que vem para o Bragantino já vem sabendo disso, que está vindo para um clube do interior, clube pequeno, mas que tem o mínimo de condições para se trabalhar (D4).

Politicamente e financeiramente o clube encontrava-se à época de nossa investigação em situação equilibrada. Não tivemos conhecimento de problemas políticos enfrentados recentemente, os salários estavam sendo pagos em dia e havia dinheiro para contratações que atendiam às necessidades e condições econômicas do clube. No entanto, vale ressaltar que ao contrário do Guarani FC, que sempre foi reconhecido como um clube que formou nas suas categorias de base e

revelou para o futebol nacional grandes jogadores e consequentemente obtinha boas receitas nas vendas dos passes desses atletas, o Bragantino não conta, já há alguns anos, com uma categoria de base própria, situada na cidade de Bragança Paulista, sendo esta terceirizada e localizada em Hortolândia, outra cidade do Estado de São Paulo. Do atual grupo de jogadores, somente o quarto goleiro representou o Bragantino na Copa São Paulo de Futebol Júnior e foi promovido ao elenco profissional em 2016.

Em 2016, época em que foram realizadas as observações e entrevistas no AC Bragantino, este realizou, contabilizando somente os jogos feitos até o término de sua participação no Campeonato Paulista da série A2, competição que pudemos acompanhar no decorrer de nossa pesquisa de campo, vinte e uma partidas⁶⁶. Além de ter ficado entre os oito melhores clubes da série A2 do Campeonato Paulista, o Bragantino participava da Copa do Brasil e da série B do Campeonato Brasileiro, no qual obtinha, na terceira rodada da competição⁶⁷, a última colocação após três derrotas. Em maio de 2016 ocupava a 33ª. colocação no ranking nacional de clubes⁶⁸ mais recente divulgado pela CBF.

O clube iniciou o ano de 2016 com o objetivo traçado de conquistar uma das duas vagas que dão acesso à primeira divisão do Campeonato Paulista, preferencialmente com título. Retornar à elite do futebol paulista era então o principal desejo do presidente, diretoria, comissão técnica, jogadores e torcida. E o favoritismo estava ao lado do Bragantino, pois a mídia esportiva o apontava como a equipe com maiores chances de conquistar o título.

Ao longo dos 28 dias de pesquisa de campo neste clube, dezessete quando descontados os dias que não estivemos presencialmente no clube ou campo de treinamento, foi possível observarmos quase todos os ambientes previstos em nossa metodologia. Estivemos, via de regra, entre o vestiário e campo de treino, dois dos espaços em que os atletas passam a maior parte do tempo na sua prática profissional. O acesso a ambos ambientes esteve bastante facilitado ainda na primeira semana de observação, visto que não mais foi necessária a autorização para adentrá-los. Com o passar dos dias, ao conhecermos e sermos reconhecidos por todos, e por conversarmos livremente com quem desejássemos, nossa circulação por todos os espaços foi aumentando gradativamente. Entretanto, dois momentos fugiram a essa regra: Primeiramente quando o treinador solicitou que não mais permanecêssemos no vestiário em dias de treinos; e depois, já no estágio final de nossa investigação, quando nos foi negada a entrada no vestiário nos dias de jogos oficiais.

⁶⁶ Fonte: <http://www.fpf.org.br/clube/6/Bragantino/Resultados>. Acesso em 13 de maio de 2016.

⁶⁷ 27/05/2016.

⁶⁸ Fonte: <http://cdn.cbf.com.br/content/201512/20151209150041_0.pdf>. Acesso em 18 de julho de 2016.

Costumeiramente chegávamos ao treino, no local e horário pré-determinado, minutos antes do seu início para que pudéssemos observar a chegada dos atletas e o convívio deles no vestiário. O ambiente era, comumente, de muita tranquilidade. No início, como o grupo estava ainda em fase inicial do processo de formação e muitos atletas não se conheciam, os recintos do clube eram de pouca conversa e relativo “isolamento”, ou seja, havia pouca interação entre os jogadores. Somente os atletas que permaneceram da equipe do ano passado conversavam entre eles, ao passo que os demais os observavam, escutavam música e mexiam no celular.

Nesses dias iniciais nos chamou a atenção a presença de um jovem que estava em período de teste, pois o tempo todo permanecia excluído das conversas e, por vezes, das atividades/exercícios propostos pela comissão técnica. Em nossa análise, alguns fatores podem ter contribuído para essa configuração no grupo: esse jovem, diferentemente dos demais, estava tendo sua primeira oportunidade de treinar entre os profissionais e ainda não tinha conquistado seu espaço no grupo e, dessa forma, parecia ocupar papel do estranho, de não pertencente; se expressava, naquela situação, como uma configuração que parecia alimentar a dificuldade de aproximação recíproca entre ele e os demais atletas. O importante a destacar nessa situação é que não há no clube, seja entre os dirigentes ou comissão técnica, estratégias intencionais que favoreçam o processo de inserção e integração de novos jogadores ao grupo. Em relação a este último fator, o único profissional que manifestou preocupação com esse processo foi o preparador físico ao nos dizer, enquanto os atletas jogavam “bobinho”, que propôs esse jogo por gostar muito deste e de outros jogos lúdicos para aquecer e integrar os jogadores.

Em conversa com um dos dirigentes, nos disse que esse atleta veio a pedido do presidente do clube em teste por 15 dias, mas que era muito difícil vingar, pois já tinha 21 anos e *“dá para ver no primeiro treino se é bom, ou não [...] se o cara se destaca no primeiro treino a gente dá mais atenção, caso contrário coloca nas atividades só as vezes... A gente deixa mais dias para não errar”*. Passados os quinze dias o jogador foi dispensado, passando a não treinar mais nesta equipe.

Nesse caso, podemos indagar se a ausência de estratégia para integração de novos membros não estaria funcionando como um modo de fomentar as relações estereotipadas, cristalizando as visões pré-concebidas e disseminando as “profecias autorealizadoras” que se aproximam dos estudos de Rosenthal & Jacobson (1968).

Tal como no vestiário, no campo de treino o ambiente também costumava ser tranquilo, de conversas paralelas e com pouca brincadeira/descontração, já que a concentração e o esforço físico se tornavam prioritários. Os raros momentos de maior extroversão, diversão, brincadeiras entre os atletas e integração ocorriam justamente quando realizavam jogos e atividades lúdicas, os tais “jogos de controle”, de iniciativa dos próprios atletas antes do treino propriamente dito ou, por vezes, mas em proporção significativamente menor, sob recomendação e orientação do preparador físico com o jogo “bobinho”.

Com o passar do tempo, as conversas e brincadeiras entre os atletas foram se tornando mais constantes. Por vezes estivemos presente nas rodas de conversas dos jogadores, cujos assuntos mais falados versavam sobre carros, mulheres e algo relacionado ao futebol, como outros atletas, jogos, ou experiências vividas por eles. As entrevistas realizadas foram combinadas diretamente com os próprios jogadores/comissão técnica/dirigentes. Porém, quando eram eles que tomavam a iniciativa de conversar conosco, pretendiam, quase sempre, saber do motivo de nossa presença, do que se tratava a pesquisa e o que nós “*tanto escrevíamos*” no caderno. Tais acontecimentos sugerem o aparecimento, pelo emergente, de uma qualidade nova em nossa configuração vincular expressa pelas fantasias inconscientes relacionadas aos papéis assumidos nesse campo, assim como o que é depositado sobre o pesquisador em termos de expectativas e acolhimento/rejeição.

Enfim, a descrição pormenorizada da rotina de comissão técnica e jogadores do futebol profissional constatada a partir das observações e entrevistas realizadas nos três clubes em que estivemos em pesquisa de campo, concomitante às análises efetivadas à luz da psicologia social referenciada neste estudo, será empreendida em tópico posterior.

4.1.3 Associação Atlética Ponte Preta

"Ponte, Macaca querida, amor da minha vida, sou louco por você!"

(Canto entoado pela torcida no estádio)

A negociação para realização da pesquisa na Associação Atlética Ponte Preta contemplou dois momentos distintos. No primeiro deles, ainda no ano de 2015, antes, portanto, de nossa ida ao Bragantino, após obtermos um primeiro aceite de um dos dirigentes com o qual possuíamos contato, recebemos a negativa do treinador para realização do estudo com a justificativa de que ele havia acabado de ser contratado pelo clube e precisava conhecer e se familiarizar com o ambiente antes de nos conceder a autorização para realização do estudo. O segundo momento, já em julho de 2016, foi mais rápido e contou com a participação de vários funcionários do clube.

Depois de realizarmos contato telefônico com o coordenador das categorias de base do clube, nos encontramos pessoalmente no centro de treinamento, onde foi possível expor novamente a situação da pesquisa, tal como os objetivos e necessidades metodológicas. Nesta ocasião, após sua concordância em ajudar a obter autorização para realização de nossa investigação, fizemos contato telefônico com o diretor das categorias de base que, por ter mais proximidade com o departamento de futebol profissional, poderia nos ajudar a estabelecer contato com alguém que pudesse fornecer a permissão necessária. Conforme combinado, nos encontramos e em poucos minutos pudemos expor os objetivos de pesquisa e metodologia obtendo também seu posicionamento favorável a contribuir, mas nos pediu uns dias para que pudesse conversar com o coordenador de futebol profissional e nos retornar. Passados sete dias, recebemos mensagem do diretor da base solicitando que ligássemos para o coordenador do profissional, tarefa que realizamos logo em seguida. Em nossa conversa telefônica ficou combinado que mandaríamos, via correio eletrônico, uma carta de apresentação contendo informações básicas necessárias à compreensão da pesquisa, principalmente objetivos e metodologia, para que ele pudesse solicitar permissão para o treinador. Tão logo enviada, no mesmo dia recebemos retorno, via mensagem, de que poderíamos dar início à pesquisa de campo assim que a equipe se reapresentasse após a partida do fim de semana.

Ainda que as tratativas e negociações para realização do estudo na Ponte Preta tenham sido mais lentas do que no Bragantino, foram mais rápidas do que no Guarani, visto que exigiram

intermediações e autorizações de menos funcionários e os retornos foram realizados mais prontamente. O êxito na obtenção de autorização para realizarmos nossa pesquisa de campo na Ponte Preta, bem como nos demais clubes, está relacionada provavelmente à existência de uma proximidade mais pessoal e/ou profissional com integrantes da comissão técnica e diretoria. No Guarani obtínhamos contato com um professor da universidade que, na condição de dirigente das categorias de base, nos recebeu no clube e deu encaminhamento até a última autorização necessária. Já no Bragantino, um contato pessoal oportunizou reunião com o diretor de futebol profissional que coincidentemente era o mesmo que estava no Guarani à época de nossa pesquisa. Na Ponte Preta, o contato profissional com o dirigente que nos recebeu inicialmente, bem como o contato pessoal e profissional com o auxiliar de preparação física e fisiologista, respectivamente, favoreceram, no nosso entendimento, para que obtivéssemos sucesso na negociação para investigar tais clubes. Ainda assim, o coordenador do departamento de futebol que permitiu inicialmente nosso acesso ao departamento profissional do clube possui relação estreita com o contexto acadêmico e de pesquisa e se mostrou, a todo momento, uma pessoa muito atenciosa e prestativa, fato que também tem relação direta com o sucesso nas negociações para realização do estudo, bem como para acesso a todos os ambientes e funcionários do clube.

Dessa forma, onze dias depois desse contato, comparecemos ao centro de treinamento onde fomos recebidos pelo coordenador do departamento de futebol profissional. Como ele ainda não havia chegado, o aguardamos do lado de fora do CT. Enquanto o esperávamos, alguns membros da imprensa e seguranças falavam sobre a “liberdade” para trabalhar e os espaços que tinham disponíveis para observar e filmar o treino. Segundo um dos repórteres presentes, a segurança é muito rígida e a imprensa pode se aproximar muito pouco do campo e dos atletas. Entretanto, as limitações impostas à imprensa não se estenderam a nós, pois a Ponte Preta foi, dos três clubes que pudemos investigar, aquele em que tivemos menos dificuldades de obter acesso diariamente ao interior do centro de treinamento, bem como aos atletas e comissão técnica. Já no primeiro dia, em comparação com os demais clubes, rapidamente já estávamos próximo ao grupo, pois em poucos minutos o coordenador chegou e nos autorizou a entrar solicitando que observássemos o treino do lado de fora do campo (atrás de um dos gols), próximo do espaço onde se localizam os vestiários, refeitório e sala de musculação.

Neste primeiro dia de observação foi realizado um jogo-treino da equipe reserva contra a equipe do Independente de Limeira. Esse tipo de treino é realizado para dar ritmo de jogo para os

jogadores que não disputaram o jogo oficial. A partida começou e os titulares ficaram do lado de fora do campo observando. Em seguida, o coordenador passou por nós e nos apresentou ao diretor de futebol, que também foi muito simpático e nos deixou bastante à vontade. Após a observação do jogo-treino dos reservas e dos exercícios realizados pelos titulares, bem como dos momentos que procederam as atividades, fomos apresentados ao treinador que, apesar de pouco conversarmos, também foi bastante simpático e nos deixou confortável para realizarmos a pesquisa.

Vale ressaltar que, tal como notado nos demais clubes, dirigentes e comissão técnica foram comunicados e concederam autorização para realização de nossa pesquisa, situação não repetida com os jogadores. Isso reforça o papel exercido por eles, atletas, neste contexto no qual pouco poder decisório lhes é atribuído, sobretudo por passarem pelo processo de reificação e mercadorização já discutidos ao longo de nossa introdução.

Assim como realizado nos clubes anteriores que investigamos, em nossos encontros iniciais na Ponte Preta buscamos realizar algumas observações iniciais do clube e compilar informações referentes à dimensão institucional quanto à sua origem, história, estrutura, composição, política etc.

A Associação Atlética Ponte Preta (cujo distintivo está representado abaixo na figura 7) ou “macaca”, como reconhecida popularmente pelos torcedores em virtude de sua mascote ser uma macaca, se trata do “primeiro clube do Brasil em funcionamento ininterrupto e dono da maior torcida do interior do País”⁶⁹. É uma organização esportiva de tradição no futebol brasileiro, sendo um dos primeiros clubes do Brasil a possuir na sua equipe um jogador negro e o clube do interior que mais cedeu jogadores à seleção brasileira em Copas do Mundo, revelando ao futebol nacional e internacional importantes jogadores, como Dicá, Oscar, Waldir Peres, Chicão, Carlos, Polozzi, Nelsinho Baptista, Luis Fabiano, entre outros. Forma, junto com o Guarani FC, um dos maiores clássicos do futebol brasileiro, denominado “Dérbi Campineiro”, nos quais a Ponte Preta leva uma ligeira vantagem, conquistando 65 vitórias contra 60 do seu rival⁷⁰.

Fundada em agosto de 1900, ainda que não tenha conquistado nenhum título na divisão principal dos campeonatos Paulista e Brasileiro, a Ponte Preta é reconhecida atualmente como um grande clube do futebol nacional e importante formador de atletas, ocupando a 17ª colocação no

⁶⁹ Fonte: Site oficial da Associação Atlética Ponte Preta. Disponível em <<http://pontepreta.com.br/o-clube/historia>>. Acesso em 18 jul. 2016.

⁷⁰ Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Associa%C3%A7%C3%A3o_Atl%C3%A9tica_Ponte_Preta>. Acesso em 18 de setembro de 2016.

ranking nacional de clubes⁷¹ mais recente divulgado pela Confederação Brasileira de Futebol, estando entre os cinco mais bem posicionados do estado de São Paulo, e possuindo a 24ª marca mais valiosa do futebol brasileiro, segundo ranking da rede de contabilidade BDO⁷².

Figura 7: Distintivo oficial da Associação Atlética Ponte Preta.

Fonte: Google.

Situada também na cidade de Campinas, a Ponte Preta possui uma estrutura física que conta com o Estádio Moisés Lucarelli⁷³, o Centro de Treinamento profissional, o Recanto da Macaca e o Clube Social. Fundado em 12 de setembro de 1948, o Estádio Moisés Lucarelli, também denominado de “majestoso” por ser, à época de sua inauguração, o terceiro maior estádio do Brasil, possui atualmente capacidade oficial⁷⁴ para receber 19.728 espectadores. Teve como recorde de público oficial 37.234 espectadores em partida disputada contra a equipe do São Paulo em 1978, antes de ter reduzida substancialmente sua capacidade inicial de 35.000 espectadores por questões de segurança.

De todos os treinos que acompanhamos, somente dois foram realizados no estádio. A pequena frequência com que se utilizam do estádio para treinar é justificada pelos dirigentes pela necessidade de preservação do gramado do campo oficial e pela existência de um bom centro de treinamento. Ainda assim, por vezes os treinos são realizados no estádio, sobretudo em semanas que antecedem as partidas “em casa”, justamente para maior e melhor ambientação dos jogadores a fim de que se sintam mais à vontade nos jogos realizados no Moisés Lucarelli. Na oportunidade em que

⁷¹Fonte: Confederação Brasileira de Futebol. Disponível em <http://cdn.cbf.com.br/content/201512/20151209150041_0.pdf>. Acesso em 18 de julho de 2016.

⁷² Fonte: <http://www.bdobrazil.com.br/pt/PDFs/Estudos_Zipados/Valor_das_Marcas_2015.pdf>. Acesso em 18 de julho de 2016.

⁷³ Nome dado em homenagem à Moisés Lucarelli, presidente do clube por muitos anos e um dos idealizadores do estádio, notado por ser um dos poucos construídos a partir da iniciativa dos próprios torcedores que angariaram fundos para sua construção junto aos associados e comunidade.

⁷⁴ Fonte: Cadastro Nacional de Estádios de Futebol da Confederação Brasileira de Futebol. Disponível em <http://cdn.cbf.com.br/content/201601/20160122182359_0.pdf>. Acesso em 18 de julho de 2016.

pudemos acompanhar o grupo em um dia de jogo oficial, estivemos no Majestoso onde, após permanecer no vestiário com os atletas até que eles se dirigissem para o campo, permanecemos na numerada cativa a fim de analisarmos a torcida e assistirmos a partida. O nosso trânsito entre as arquibancadas e o vestiário foi facilitado pelo porte de uma credencial para livre acesso às dependências do Estádio que recebemos de um dos dirigentes.

Pudemos notar que a torcida da Ponte é numerosa, principalmente se comparada à do Bragantino⁷⁵. De um lado do campo, na arquibancada principal, fica a maior torcida organizada e torcedores mais jovens que cantam e apoiam a equipe em grande parte da partida. No outro lado, ficam as cadeiras numeradas/cativas que são ocupadas por um público constituído por adultos de mais idade e crianças que possuem outro jeito de torcer, mais contido. Os dois espaços estavam bem cheios e somente atrás dos gols havia poucos torcedores. Para nossa surpresa, o público declarado foi de 5.000 espectadores.

Figura 8: Estádio Moisés Lucarelli

Fonte: Google

O centro de treinamento, construído numa área que passou a ser denominada de “cidade pontepretana”, conta com boas instalações: um campo oficial e outro de menor metragem (onde realizam jogos reduzidos e os exercícios de aquecimento), salas de musculação, massagens, fisioterapia, fisiologia e nutrição, além de vestiários e um pequeno refeitório no qual a todo instante

⁷⁵ Como não acompanhamos uma partida oficial do Guarani pelos motivos já explicitados, não pudemos notar e analisar a sua torcida. No entanto, em pesquisa realizada por uma empresa especializada em pesquisas voltadas ao esporte, Pluri Consultoria, e publicada em 2014, a torcida da Ponte Preta é mais numerosa que a do Guarani com 190.000 e 168.000 torcedores, respectivamente. Fonte: <<http://www.futebolinterior.com.br/futebol/noticias/2014-01/Ranking-de-torcidas:-Confira-qual-rival-tem-a-maior-torcida-em-todo-Brasil>>, acesso em 14 de setembro de 2016.

estão servidas algumas frutas, bolachas, bolos, café e água. Foi no centro de treinamento onde passamos a maior parte do tempo em pesquisa de campo neste clube, visto que é neste espaço que os atletas e comissão técnica passam/frequentam em grande parte de sua vida profissional. Já no segundo dia de observações, como não haveria jogo treino, o ambiente já estava significativamente mais tranquilo e não precisamos de autorização para entrar. No entanto, somente no dia seguinte tivemos acesso ao interior do campo para acompanhar e observar a todos mais de perto. Desse dia em diante, além de não precisarmos mais de autorização para entrar no CT e no campo, passamos a frequentar com maior frequência o refeitório, sala de musculação, sala de fisioterapia e, em menor frequência, o vestiário.

Se no Guarani e no Bragantino estivemos por bastante tempo no vestiário, na Ponte Preta foram poucas as vezes em que permanecemos no seu interior. Isso devido ao fato, principalmente, dos atletas permanecerem pouco tempo no vestiário, o utilizando somente para colocarem a roupa de treino e tomarem banho antes de irem embora. As conversas, reuniões e brincadeiras, tal como notadas nos demais clubes, aconteciam dentro do campo ou então no refeitório e sala de musculação. Isso, fazia do vestiário da Ponte Preta um ambiente bastante tranquilo, de poucas conversas.

Por sua vez, vale ressaltar que o vestiário do “Majestoso” apresenta características, tanto do ponto de vista de estrutura e organização, quanto de ambiente, diferentes. Conta com chuveiros, banheira de hidromassagem e um assento marcado para cada jogador (os mais jovens mais deslocados, afastados dos demais), mas, principalmente com um “clima”, ambiente, significativamente distinto do observado em situações de treino: semblantes fechados, concentrados e gritos de incentivo. Inicialmente era o auxiliar técnico o que mais falava e tentava “animar” os jogadores, incentivando-os. Depois, dentre os jogadores, o capitão da equipe dizia o tempo todo gritos de incentivo e por último a fala esteve com o treinador com orientações sobre a postura da equipe que queria no jogo. A intenção era certamente criar um clima favorável à motivação. Havia muita gente no vestiário: dirigentes (alguns que até então não conhecíamos), todos os membros da comissão técnica e até um torcedor com seu filho, convidados do médico.

Já o Recanto da Macaca, localizado em Jaguariúna, cidade vizinha à Campinas, é um espaço destinado exclusivamente às categorias de base e conta com dois campos de treinamento (um deles oficial) e alojamento com capacidade para abrigar 80 atletas que usufruem, além dos campos e dormitórios, de um salão de entretenimento, uma academia de musculação, cozinha, refeitório, banheiros e lavanderia. Distante do centro de treinamento da equipe profissional e do Estádio,

estivemos nesse espaço em somente uma oportunidade, na qual foi possível conhecer o centro de treinamento e entrevistar o coordenador das categorias de base do clube.

Por fim, a sede social fica localizada em outra região da cidade de Campinas e conta com parque aquático, salão social, saunas, *american-bar*, lanchonete, quiosques, playground, quadras de tênis, campos de futebol soçaite, sala de ginástica e musculação.⁷⁶

Politicamente, o clube vivia situações conturbadas que envolvia o processo contra o ex-presidente Márcio Della Volpi⁷⁷. Em 2015, o atual presidente do clube, Vanderlei Pereira, fez em entrevista coletiva uma denúncia contra o ex-presidente de que ocorreram irregularidades em vendas de jogadores, assinaturas de contrato e na administração financeira da instituição. Aberto em 2015 e passado cerca de um ano de apuração, o processo administrativo interno para averiguar as irregularidades denunciadas teve como desfecho a expulsão do ex-presidente do conselho deliberativo do clube e do quadro oficial de associados, se tornando inelegível por oito anos. Por sua vez, o ex-presidente se diz perseguido pela atual diretoria e argumenta que se trata de um processo político para impedi-lo de candidatar-se novamente à presidência em 2017.

Se ainda em 1912, quando poucos clubes de futebol já haviam iniciado a sua história, a Ponte Preta conquistava seu primeiro campeonato, a liga operária de futebol de Campinas (torneio conquistado também em outras nove oportunidades), os títulos estiveram pouco presentes na história do clube. Ao longo destes mais de cem anos de existência, os cinco Campeonatos Paulistas do Interior, o vice-campeonato da Copa Sulamericana em 2013, o vice-campeonato do Campeonato Brasileiro da série B (1997 e 2014) e também o vice-campeonato, por cinco vezes, no Campeonato Paulista de Futebol da primeira divisão estão entre as maiores conquistas. Os outros resultados mais expressivos foram um terceiro lugar no Campeonato Brasileiro, assim como o terceiro lugar na Copa do Brasil.

Na temporada de 2016 o clube não fez uma boa campanha no campeonato paulista (ficou em 9º lugar) e a boa posição que ocupava na tabela do Campeonato Brasileiro da primeira divisão, permitiu à época que substituíssem a meta de permanência na primeira divisão e conquista da vaga para participação na Copa Sulamericana de 2017, por algo maior e mais significativo, como a

⁷⁶ Fonte: Site oficial da AA Ponte Preta. Disponível em <<http://pontepreta.com.br/sedes/>>. Acesso em 18 de julho de 2016.

⁷⁷ “Ex-presidente da Ponte é expulso do conselho deliberativo por irregularidades na gestão”. Disponível em <<http://globoesporte.globo.com/sp/campinas-e-regiao/futebol/times/ponte-preta/noticia/2016/08/ex-presidente-da-ponte-e-expulso-do-conselho-por-irregularidades-na-gestao.html>>. Acesso em 08/08/2016.

participação inédita na Copa Santander Libertadores, competição que reúne os melhores clubes da América do Sul e Central. Em conversa com um dos médicos da equipe, no entanto, ele afirmou que a prioridade para os clubes como a Ponte Preta é permanecer por pelo menos três anos seguidos na série A do Campeonato Brasileiro a fim de ganhar maiores cotas de televisão e, com mais recursos financeiros, formar uma equipe mais competitiva, que tenha condições de buscar objetivos maiores.

Na outra importante competição de nível nacional que também disputava à época de nossa investigação, a Copa do Brasil, encontrava-se nas oitavas de final e buscava, além do título, a vaga para disputa da Libertadores, já que neste torneio somente o campeão também assegura vaga para participar desta importante competição internacional. Até o término de nossa pesquisa de campo neste clube, já haviam sido disputadas pela Ponte Preta 59 partidas, entre Campeonato Paulista, Copa do Brasil e Campeonato Brasileiro, as duas últimas competições ainda em andamento. Via de regra são disputadas duas partidas por semana e quando se limita a um jogo, isso é motivo de comemoração por parte dos atletas e comissão técnica, pois permite maior descanso e melhores possibilidades de treinamento (diminuídas frente ao número de jogos e o curto intervalo entre eles).

Quando iniciamos nosso estudo neste clube, o grupo de atletas era formado por vinte e nove jogadores, dos quais quatro eram goleiros, sendo um deles em transição da categoria de base para o profissional. Três destes atletas haviam sido contratados recentemente e estavam na sua primeira semana de treinos. Antes do término de nossas observações e entrevistas, outro atleta foi contratado, mas três jogadores foram negociados com outros clubes. Um deles foi envolvido na troca com o atleta recém-contratado e os outros dois foram dispensados, pois eram jogadores que estavam insatisfeitos por não estarem sendo utilizados nos jogos, por vezes nem mesmo sendo relacionados para as partidas. Em comparação com os demais clubes analisados neste estudo, não visualizamos na Ponte Preta, ao menos durante nossa pesquisa de campo, atletas em período de avaliação/teste, sobretudo na configuração dos Jabás, conforme Mourelle (2012).

Em relação à comissão técnica, esta era formada pelo treinador, dois auxiliares técnicos, um treinador de goleiros, dois preparadores físicos, um fisiologista e dois analistas de desempenho. Ainda compunham a comissão técnica todos os profissionais do departamento médico: dois fisioterapeutas, uma nutricionista, dois massagistas e cinco médicos que revezavam entre eles de modo a sempre um deles estar presente nos treinos e nos jogos. Havia ainda, dentre os funcionários que participavam da rotina dos jogadores e comissão técnica, acompanhando os treinos, dois

roupeiros, um segurança, um assessor de imprensa, um supervisor de futebol (logística), um coordenador e um diretor de futebol.

4.2 O cotidiano de comissão técnica e atletas no futebol profissional.

“A gente vive futebol, a gente respira futebol 24 horas”.

(J21)

Ao buscarmos subsídios teóricos na Psicologia Social concreta formulada por Pichon-Rivière, é importante assinalarmos que a crítica da vida cotidiana ganha importância no desenvolvimento dos estudos desse autor, pelo fato de ser compreendida como uma dimensão da vida social que é predominantemente experiência de ação que se expressa de modo irreflexivo e não consciente (PICHON-RIVIÈRE & QUIROGA, 1998). A vida cotidiana pode ser entendida como uma série de “fatos, atos, objetos, relações e atividades que se apresentam em forma *dramática*”, ou seja, como mundo-em-movimento, como ação (PICHON-RIVIÈRE & QUIROGA, 1998, p. XIII, *itálico do autor*) correspondente a cada contexto histórico-social. Ou ainda, segundo Quiroga (1986), como o espaço e o tempo que se manifestam as relações que os homens estabelecem, de acordo com as suas necessidades e de modo imediato, entre eles e com o seu meio ambiente, regulando a vida dos seres humanos em uma época historicamente determinada.

Os fatos cotidianos são destituídos de sua originalidade e não passam pelo crivo de uma análise, sendo aceitos de forma naturalizada, como partes de um todo já conhecido e auto evidente, como algo que não tem sentido questionar e problematizar e que não requer averiguar/verificar, já que o real é constituído por excelência.

O entendimento da cotidianidade como algo evidente e inquestionável está fundamentado em um sistema social de representações e em ideologias que ocultam e deturpam o cotidiano já que o apresenta em natureza concreta, ou em sua “realidade”, como a única forma possível de vivê-la. Assim, “a ideologia dominante mistifica o cotidiano, na medida em que oculta, desde os interesses dos setores hegemônicos na sociedade, a essência da vida cotidiana, seu caráter de manifestação concreta das relações sociais” (PICHON-RIVIÈRE & QUIROGA, 1998, p. XIV).

Tal elaboração é sugestiva e traz contribuições relevantes para compreendermos os processos grupais também no mundo do futebol. Muito das distorcidas e, por vezes, equivocadas compreensões que se tem acerca do futebol profissional, sobretudo da vida, em âmbito laboral, de atletas, dirigentes e comissão técnica, são consequências do desconhecimento, bem como da ausência de crítica e questionamento, da rotina de todos presentes neste contexto. Nesse sentido, conhecer aspectos do que Pichon-Rivière entende como cotidianidade de determinados grupos sociais, parece ser um caminho profícuo para nosso propósito. Tendo essas referências como pano de fundo, buscamos nesse capítulo descrever e discutir a rotina/cotidiano, em âmbito profissional, das equipes profissionais de futebol investigadas neste estudo, o Guarani Futebol Clube, o Clube Atlético Bragantino e a Associação Atlética Ponte Preta, levantando elementos para qualificar nossas análises acerca dos processos grupais.

Ao longo do período em que estivemos em investigação nesses clubes, a proximidade e convivência com os atletas, membros da comissão, dirigentes e demais funcionários foram fundamentais para nosso maior, e melhor, conhecimento acerca da vida profissional dos membros desses grupos específicos. Vale ressaltar que, apesar de não termos solicitado aos clubes, nos momentos de negociação para realização da pesquisa, esta proximidade, refletida num contato e interação quase que diária com o grupo de jogadores e comissão técnica, ela foi estabelecida no decorrer das observações e contribuiu significativamente para a compreensão que buscamos tecer no decorrer de nosso trabalho.

Como já enunciado por Damo (2007), uma característica bastante comentada pelos atletas entrevistados se refere ao significado da prática profissional assumido por eles. De modo geral, conforme retratado em quase todas as entrevistas realizadas com eles, tornar-se um jogador de futebol profissional é a realização de um sonho e motivo de muita alegria/felicidade.

[Ser jogador profissional] é a realização de um sonho, porque desde criança a gente está acostumado a brincar com bola e desde criança a gente vai idealizando isso na nossa cabeça (J21).

Primeiro é um sonho, uma realização profissional nossa. Acho que todo brasileiro quando nasce sonha em ser um jogador de futebol, estar nesse meio, principalmente os pais, quando é fanático, vai querer que o filho viva isso (J5).

Todo sonho de qualquer jogador é chegar no profissional. Vir treinar, vir jogar... O sonho da gente é estar aqui. Todo dia que você acorda de manhã ou vem treinar à tarde você pensa no seu sonho (J10.)

Para todo mundo que um dia sonhou em ser um jogador de futebol e conquistou esse objetivo, acordar todo dia e poder vir trabalhar e saber que você vai fazer aquilo que você gosta é gratificante (J9).

Poderíamos supor inúmeros motivos que justifiquem esse sonho de grande parte dos meninos⁷⁸, crianças, jovens e adultos, brasileiros, ou melhor, de jovens provenientes das camadas subalternas do Brasil (RIAL, 2008). Mas como já nos adverte Damo (2007), a possibilidade de rápida ascensão social – fato facilmente desmitificado, já que somente 7,5% dos atletas profissionais recebem mais de 5 salários mínimos (DAMO, 2007, p.93) -, a impressão, sustentada principalmente pela mídia esportiva e senso comum, de que ser jogador de futebol significa levar uma vida fácil, repleta de glamour, fama, status e mulheres, muito provavelmente alimentam os sonhos de grande parte deles. Afinal, a vida de um atleta profissional de futebol é vista pela sociedade em geral como “uma sucessão de regalias, facilidades, fama e sucesso financeiro” (RUBIO, 2001, p.175). Segundo Morato et al (2011), é a partir desta imagem que se estabelece no imaginário social da criança/jovem brasileiro o sonho em se tornar jogador de futebol profissional.

Por sua vez, Martins (2016) nos apresenta outras interpretações que podem justificar o porquê de tantas crianças, jovens e adultos, mesmo cientes das dificuldades em se alcançar esse sonho, assim como das precárias condições de trabalho enfrentadas por grande parte dos atletas, sonharem em se tornar um jogador profissional de futebol.

O sonho de ser jogador de futebol talvez seja a sublimação para as outras esperanças rompidas da vida. Uma escola frustrante e sem sentido, uma vida de trabalho alienado desumanizador. Por mais despótico e tirano que o mundo do futebol possa ser com o jogador, dentro de campo ele pode brilhar. Ou, pelo menos, ele acredita que um dia dentro de campo ele possa brilhar. Se, por um lado, esse sonho se apresenta como um fetiche, um desejo perverso, que encobre as relações sociais de trabalho que são predominantes no meio, por outro lado esse sonho constitui como um tênue protesto contra a situação social que temos em nosso país. Uma estratificação social demarcada e ossificada, tirânica com pobres e negros, e um mundo do trabalho cada vez mais despótico, precarizado e extenuante. Se for para sobreviver nas margens do sistema, sofrendo as consequências do capitalismo selvagem a cada dia, que seja por meio de algo que lhes dê prazer e que ainda venda

⁷⁸ Ainda que em menor proporção do que os meninos, segundo Souza Junior e Reis (2010), o sonho de se tornar uma jogadora de futebol é manifestado por inúmeras mulheres brasileiras ao passo que para obter uma das vagas no melhor time de futebol feminino do país elas “submetem-se a um processo de seleção mais concorrido do que qualquer vestibular do país”. Neste estudo, os autores relatam que de 1.128 meninas dos mais diversos Estados que concorreram a uma vaga em uma determinada equipe do futebol feminino, somente 5 foram aprovadas. Entretanto, vale ainda destacar que o futebol feminino “não é reconhecido como profissão, tampouco oferece expectativas de um futuro promissor” (SOUZA JUNIOR e REIS, 2010). Para uma discussão mais aprofundada sobre o tema, consultar tese de doutorado “FUTEBOL COMO PROJETO PROFISSIONAL DE MULHERES: interpretações da busca pela legitimidade” defendida em 2013 por Osmar Moreira de Souza Junior na Universidade Estadual de Campinas.

a possibilidade de superação dessa condição. O sonho cumpre a ideia de que é possível viver fora da miséria (MARTINS, 2016, p.106).

Entretanto, se tais imagens referendam a escolha de crianças e jovens pelo futebol e por buscar concretizar esse sonho, conforme verificamos neste estudo, a realidade observada e retratada por alguns atletas se apresenta de outra forma nos discursos abaixo:

No futebol acontecem diversas coisas que muita gente não sabe. Aham que futebol é fácil, que futebol é só ali na televisão, jogar, fazer gol, ganhar dinheiro, mas não é! (J13)

“[...] já não temos salário e agora não temos um campo decente também” (atleta não identificado).

Outros atletas ponderam em seu discurso que apesar do futebol e a carreira do jogador não serem constituídas só de coisas boas, a realização de um sonho e o prazer e gratificação por alcançá-lo se destacam e recebem maior valor.

Tem seus prós e seus contras, mas assim, para quem sempre sonhou em jogar e está vivendo esse ambiente de um grupo é gratificante, é gostoso, prazeroso (J24).

Na minha opinião é difícil fazer parte do futebol, mas ao mesmo tempo é interessante e gratificante por aquilo que você sempre sonhou e correu atrás né (J11).

Entretanto, de fato, uma parcela muito pequena dos pretendentes à vaga de atleta profissional de futebol obtém êxito na concretização deste sonho e em menor proporção ainda estão aqueles que se apropriam, por pouco tempo que seja, das benesses do futebol profissional.

Todo mundo olha a gente hoje com status, fama, vê na televisão e acha que tudo para chegar onde a gente chega é mil maravilhas. Na verdade, não é. Tem todas as dificuldades que a gente passa, no começo enfrenta os desafios da famosa base até chegar ao profissional e alguns poucos conseguem se destacar (J5).

Nas poucas situações em que observamos em um dos clubes o contato dos jogadores da equipe sub20⁷⁹ com os profissionais, embora o objetivo/sonho de se tornar um atleta profissional não tivesse se concretizado até então, a proximidade, ou ao menos a presunção de sua concretude, estampava nos rostos e atitudes dos meninos uma suposta alegria, felicidade e admiração pelos atletas profissionais. A possibilidade de participar de um jogo-treino entre ambas equipes é bastante

⁷⁹ Atletas que possuem menos de 20 anos e ainda não integram o grupo profissional.

comemorada pelos aspirantes à equipe profissional. Ainda no aquecimento, realizado separadamente, a todo momento os juniores permaneciam olhando, como que admirando, o aquecimento dos profissionais. No entanto, iniciado o jogo, a busca intensa por espaço no grupo profissional (os juniores almejando adentrá-lo e os profissionais querendo manter sua posição) tornou o jogo extremamente competitivo, “duro” e em alguns momentos até violento.

Em outra oportunidade, mas ainda no mesmo clube, no dia em que três atletas das categorias inferiores foram chamados para treinarem juntos com os profissionais, enquanto ainda aguardavam no vestiário os demais atletas se aprontarem para o treino, o silêncio, o suposto olhar de admiração⁸⁰, a observação e comentários ao “pé do ouvido” contrastavam com o ambiente descontraído, de brincadeiras e gritarias dos profissionais. Em um dos clubes, tais situações eram oportunizadas com mais frequências e comumente havia jogadores das categorias de base treinando com os profissionais. Tanto nos treinos rotineiros, quanto no jogo-treino, a admiração e a vontade de estar entre os profissionais eram nítidas. Voltaremos a falar de ambas as situações no momento em que trouxermos para discussão o processo de transição das categorias de base ao profissional.

Ainda assim, foi possível verificar em nosso estudo que o sonho de fazer parte do futebol profissional também é compartilhado pelos membros das comissões técnicas. A história de vida, sobretudo a relação que estabelecem com os pais, assume, assim como nos casos dos aspirantes à carreira de jogador profissional, importante influência em ter esse sonho e buscar concretizá-lo.

[Fazer parte do futebol profissional], pessoalmente, é uma satisfação. Era meu sonho estar aqui desde o início, de fazer parte. Eu sou filho de ex-atleta, hoje meu pai é treinador, então eu vivo no mundo do esporte desde que me entendo por gente. Então respiro esse ambiente. Eu não me via em outro lugar do que aqui dentro (CT5).

Eu gosto bastante da área. Eu sou formado em Educação Física, meu pai jogou futebol também, trabalha no meio e aí não deu certo de eu jogar, né, não fui bom, então estudei e comecei em 2009 nessa área de preparador físico. Eu gosto bastante! (CT7)

Eu sempre quis, eu sempre sonhei em trabalhar como preparador físico. Desde que eu entrei na faculdade, eu nem sabia como ia conseguir, mas sempre procurei. Não só por gostar, mas a responsabilidade é muito grande (CT11).

Da maneira que eu fiz a minha formação profissional, [trabalhar no futebol profissional] é uma grande conquista, porque tentei ser jogador, não tenho

⁸⁰ De acordo com Giglio (2007, apud Morato et al 2011, p.4), admirar é “uma forma de se aproximar do ídolo e de se sentir em seu lugar”. É um modo particular de observar atentamente os demais atletas, alguns deles tidos como ídolos, imitando-os com a finalidade de realizar seus feitos, mesmo que de forma simbólica.

frustração nenhuma em relação a isso, por ter tentado, mas é o meio que eu escolhi, desde que eu fui estudar educação física, é o meio que eu escolhi para viver. Caminhei toda minha faculdade para isso... minha família, pai e mãe, eu sou filho único, é pautado nisso aí porque meu pai foi jogador (CT1).

Aqui cabe uma reflexão: Será que o sonho destes meninos das categorias de base do futebol, bem como dos profissionais inseridos neste contexto, não é, de fato, sonho de seus pais tomados para si como seus próprios? Será que a insistência de concretizar esse sonho não passa pela necessidade/vontade de satisfazer o desejo/sonho do pai a fim de obter sua admiração e seu amor? Ou então que ao romper com o desejo de seu pai, lhe venha o sentimento de ingratidão frente a tudo o que o pai fez/faz por ele? Há ainda a hipótese de que o pai “imponha” o seu sonho ao filho direcionando a vida para aquilo que ele, pai, julga como importante e, nesse caso, esse pai narcísico tende a considerar o seu filho como parte de si mesmo, e os sucessos e derrotas do filho são vivenciadas como suas. Todas essas questões não serão discutidas nesta tese por não estarem entre nossas prioridades, mas nossas reflexões podem ser importantes por suscitar a emergência de novos estudos.

Enfim, apesar do jogo propriamente dito, o oficial principalmente, ser o grande momento esperado pelos atletas, eles passam a maior parte de sua atividade profissional treinando. Em média, considerando a realização de um jogo oficial por semana, no caso do Guarani FC, e dois jogos semanais no caso do AC Bragantino e da AA Ponte Preta (em seus respectivos períodos de observação), entre treinos táticos, técnicos e físicos, os jogadores realizam de quatro a oito sessões por semana, às vezes em dois períodos. Os treinos costumavam ser marcados para às 9:00hs quando realizados no período da manhã e às 15:00hs quando à tarde, mas pelo menos vinte minutos antes do início de cada treino os jogadores já costumam estar no vestiário a fim de colocarem os uniformes e acessórios e irem juntos para o campo.

A rotina de treino envolve a realização de atividades que visam o aprimoramento de aspectos técnicos e táticos, cujo espaço prioritariamente utilizado é o campo de futebol, ao passo que o desenvolvimento dos aspectos físicos é realizado no campo, ginásio, sala de musculação e/ou piscina (hidroginástica). Ainda assim, vale ressaltar outros dois espaços/ambientes diretamente relacionados à dinâmica de treinos: a sala de imprensa e o vestiário.

Diariamente, alguém do grupo (um ou dois atletas e por vezes o treinador) é encarregado de participar da coletiva de imprensa⁸¹, situação na qual se estabelece a relação do clube/atleta com a sociedade, principalmente com a sua torcida. Há nos clubes um funcionário, o assessor de imprensa, cuja responsabilidade passa, dentre outras tarefas, por selecionar o participante da coletiva de imprensa e, como notado em um dos clubes, orientar os jogadores sobre o que e como falar.

Por sua vez, o vestiário se mostrou um ambiente de fundamental importância no futebol profissional já que o consideramos como o espaço de maior intimidade do grupo de atletas e tema pouco discutido e analisado na literatura. Nele, local de exposição dos corpos - nus quando vestem os uniformes de treino e/ou jogo ou quando tomam o banho pós treino/jogo – e das conversas particulares e frequentemente das reuniões, discussões, desavenças e “lavagem de roupa de suja”, atletas passam grande parte do tempo da sua rotina profissional. Portanto, da mesma forma que acontecem as ocasiões de descontração, brincadeiras, conversas informais e casuais (principalmente quando os atletas chegam ao clube e se preparam para o treino ou quando finalizam o treinamento e se arrumam para irem embora), ocorrem também momentos de muita seriedade como a discussão/resolução de conflitos grupais.

No Guarani, cada atleta possuía seu próprio armário e à medida que iam chegando, se cumprimentavam e se dirigiam para o armário onde todo o uniforme de treino já estava preparado pelo roupeiro. Enquanto se arrumavam (colocando shorts, camisa, meião, chuteira e outros acessórios), conversavam com os atletas que possuíam armários mais próximos. Em conversa com o roupeiro deste clube, ele afirmou que procura colocar os jogadores que já são amigos e possuem afinidades em armários próximos. A partir desta distribuição de armários, os contatos e afinidades passam a ser maiores entre os jogadores que possuem armários vizinhos. Os subgrupos se formam por meio de tal distribuição (ou será, diferentemente do que afirmou o roupeiro, que os atletas escolhem os armários de acordo com suas afinidades dentro do grupo?) e costumeiramente, tanto no vestiário quanto nos demais ambientes (campo, sala de musculação, refeitório etc.), as rodas de conversa são formadas segundo estes subgrupos.

Por sua vez, no Bragantino a dinâmica é um pouco diferente, visto que os atletas não possuem armários próprios e devidamente identificados, ainda que se acomodem com frequência no mesmo lugar e ao lado das mesmas pessoas para se prepararem para o treino/jogo ou após o mesmo. O

⁸¹ Momento em que os atletas ou demais funcionários do clube (sobretudo o treinador e membros da diretoria do departamento de futebol) permanecem por volta de 20 minutos respondendo às perguntas de jornalistas das mais diversas emissoras de rádio e TV e, por vezes, participando de programas esportivos ao vivo.

roupeiro, funcionário há bastante tempo no clube, mas menos próximo dos atletas⁸², possui uma sala própria, com uma pequena porta e grande janela da qual os atletas se aproximam para solicitar seus materiais (chuteiras, tênis e demais vestimentas). Neste caso, são os próprios atletas os responsáveis por selecionar e constituir os subgrupos dentro do vestiário.

Por fim, na Ponte Preta foi possível notarmos as duas situações, visto que no vestiário do CT a distribuição dos armários e dinâmicas dos jogadores se assemelhava à observada no Bragantino, ao passo que no vestiário do “Majestoso”, tanto em dia de treino, quanto de jogo, à do Guarani. Na Ponte Preta dois profissionais exerciam a função de roupeiro e ficavam responsabilizados pelas chuteiras de cada atleta, roupas de treino e jogo e materiais, como bolas e cones. São dois profissionais que estão há bastante tempo no clube, um deles há 21 anos, o que faz dele um sujeito reconhecido e respeitado por todos e bastante próximo dos jogadores.

Importa, portanto, destacarmos o papel do roupeiro nesse contexto: a princípio, é este funcionário que escolhe o armário de cada atleta. Se um atleta saiu do clube, o próximo a chegar ocupa o armário vago. No entanto, assim como retratado pelos roupeiros dos clubes investigados, quando um atleta renomado e com maior prestígio é contratado, se um jogador que veio das categorias de base, ou de pouca expressão/reconhecimento, tem um armário, ele o perde e passa a ter seu uniforme colocado sobre um banco, onde se arruma para o treino. Trata-se de um critério de status. Dessa forma, personagem de pouca importância no contexto do futebol profissional, o roupeiro assume em nossa perspectiva um papel fundamental no processo de formação de grupo, sobretudo pela sua função enquanto apoiador e selecionador de subgrupos. Será que conscientemente e intencionalmente o roupeiro está atento aos movimentos grupais? Quando ele faz suas escolhas, que não deixa de ser uma forma de adjudicar papéis, ele estaria “escutando” certos movimentos grupais? Se assim for, ele estaria intervindo para apoiar e/ou funcionar como um sabotador desse movimento? Será que o sistema de distribuição de armários não pode ser utilizado como ferramenta importante no processo de formação de grupo?

Ainda que tenhamos permanecido por poucas vezes e por um curto período de tempo no vestiário da Ponte Preta, foi possível notarmos situações de tensão e inquietude. Em uma delas, no vestiário do CT em dia de treino, alguns jogadores e um membro da comissão técnica demonstraram

⁸² Possivelmente esta impressão de menor proximidade se deu pelo fato de quase todo o grupo, incluindo diretoria e comissão técnica, ter sido contratada recentemente e, portanto, fazerem parte do grupo de trabalho do roupeiro por pouco tempo. Somente 6 atletas permaneceram do ano anterior e justamente estes eram os que se relacionavam mais abertamente e descontraidamente com ele.

nitidamente preocupação com um dos jogadores que estava atrasado e, a poucos minutos do início do treino, ainda não havia chegado. Tal situação explicitou uma conduta de proteção dos líderes do grupo em relação aos demais membros, já que o atraso nos treinos traz como consequência punições, dentre elas uma de ordem financeira⁸³ e outra, de maior gravidade, que pode suscitar a perda do espaço e do papel desempenhado pelo atleta na equipe, pois o atraso é relacionado à falta de compromisso. Essa postura protecionista nos aponta uma ambiguidade presente neste contexto visto que, se por um lado o atleta tem que diariamente disputar e “lutar” por um lugar e papel que lhe garanta a sobrevivência e permanência no grupo, por outro este mesmo atleta cuida/defende aqueles que correm risco de se prejudicarem.

Se, como dito anteriormente, na Ponte Preta estivemos em poucas oportunidades no vestiário em dias de treino, sobretudo se compararmos com momentos que estivemos realizando nossa pesquisa no Guarani e Bragantino, somente neste clube foi possível estarmos com o grupo no vestiário em situações de jogo oficial. O ambiente e comportamento dos atletas e comissão técnica é consideravelmente distinto daqueles observados na rotina de treinos. Diferentemente das situações de descontração e brincadeiras que precedem ou contemplam partes dos treinos, nas diversas situações que constituem um jogo oficial as ansiedades presentes são elaboradas dentro do contexto de seriedade que representa a exposição pública, o ganhar e o perder uma partida, e que podem, conseqüentemente, ser o momento da consagração ou desqualificação.

Os sorrisos são substituídos por semblantes sérios, o relaxamento pela concentração, as falas/gritos e brincadeiras descontraídas pelo silêncio e conversas paralelas. O volume e intensidade das falas aumentava quando eram proferidos, pelo capitão, treinador e auxiliar técnico, gritos de incentivo tentando criar um clima favorável à motivação e ao desempenho no jogo. Quando se reuniram para rezar⁸⁴ e subir para o campo, um dos atletas destacou o bom ambiente do grupo, a coesão entre eles e disse que a discussão no vestiário no jogo passado (no qual foram derrotados por 3x0) faz parte do futebol e já tinha ficado para trás.

Os sentidos atribuídos pelos jogadores e membros da comissão técnica nos ajudam a compreender a dificuldade em ter acesso a este espaço, por vezes tendo que nos ausentarmos para

⁸³ Os atletas que chegam atrasados pagam uma quantia, costumeiramente pequena, de dinheiro que vai para a “caixinha” e esse dinheiro é revertido em cestas básicas a serem doadas ou no churrasco de confraternização dos jogadores.

⁸⁴ Não nos dedicamos nesta tese à análise do papel da religiosidade no processo de formação de grupo (tarefa que merece ser empreendida em estudos futuros), mas a entendemos como importante, sobretudo se levarmos em consideração sua relevância para a formação de subgrupos, estabelecimento de vínculos e atribuição de papéis.

que pudessem ter uma conversa entre eles, bem como manifestado na fala de um dos treinadores que passou por um dos clubes investigados, no qual foi rejeitada nossa permanência em alguns momentos, pois “*no vestiário dele nem diretor entra*”. Tal treinador justificou sua decisão dizendo que não se sente à vontade para chamar a atenção, falar mal ou conversar com os atletas na presença de um estranho. Ainda assim, autorizou que continuássemos as observações, exceto nos momentos reservados dele com os atletas, sobretudo em circunstâncias de jogo.

Caso semelhante aconteceu no segundo clube analisado, quando após dias de observação e cada vez mais proximidade com os jogadores e equipe de preparação física, o treinador da equipe solicitou ao preparador físico que nos pedisse para não mais permanecermos no vestiário, pois lá era um “*lugar sagrado para os jogadores*” no qual até eles, comissão técnica, procuravam estar pouco presentes. Dissemos compreender os motivos do treinador e fomos para a sala de musculação que se localizava ao lado do vestiário e contava também com a presença constante de vários jogadores e funcionários, além de ser um local de passagem para ele. No entanto, ainda que tenhamos procurado não mais permanecer nesse ambiente, ainda possuíamos o acesso.

No Bragantino, se nossa presença no vestiário passou a não mais ser permitida pela comissão técnica em dias de treinos, nem mesmo o acesso a ele tivemos em dias de jogos, assim como no Guarani, no qual a negociação com o treinador para abertura da possibilidade da ida ao jogo e observação do grupo no vestiário antes e após a partida se encerrou na primeira vez que tocamos no assunto diante da pronta, e indiscutível, negativa. Por sua vez, no Bragantino chegamos a ter promessas de que conseguiríamos o acesso, mas no dia do jogo a decisão era postergada. Quando fomos a duas partidas e em ambas tivemos negado o acesso ao vestiário, decidimos não mais insistir pela presença nesse ambiente em dias de jogos, pois notamos que a solicitação estava causando certo desconforto com os membros da comissão técnica e dirigentes.

Um dos motivos para tais rejeições se deve, provavelmente, ao receio de expor o grupo em situação de maior pressão. De acordo com um integrante da comissão técnica, em jogos oficiais o vestiário é acessado por muitos dirigentes que cotidianamente não se fazem presente e tumultuam o ambiente e o tornam ainda mais tenso. Isso, acrescido ao fato do presidente poder não gostar da nossa presença no vestiário, hipoteticamente inviabilizou nossa presença no vestiário do Bragantino. De fato, é possível supor que tumultuar ainda mais esse ambiente poderia prejudicar o rendimento da equipe. A associação do vestiário como ambiente importante para a coesão de grupo e a sua relação com o rendimento da equipe esteve destacada em algumas falas.

Nós, atletas, passamos mais tempo dentro do vestiário, viajando, concentrado do que em casa mesmo. Então a gente tenta... tenta que eu falo em vestiário, tenta ter o melhor ambiente possível para que não atrapalhe dentro de campo. Você ter um vestiário que você sabe que é só problema, só discussão onde a maioria não se fala dificilmente você vai ter o resultado [bom] aqui no campo... dificilmente você consegue conquistar objetivos se não tiver um vestiário bom... aí o resultado não vem e a primeira coisa que afeta é o vestiário, treinador que sai, vira tudo uma bola de neve (J17).

Às vezes chega um momento [após as derrotas] que tem um desgaste de vestiário, né, de grupo, do treinador com o grupo (CT8).

Entretanto, a relação inversa entre o rendimento e ambiente de vestiário também se mostrou bastante evidente, pois bastava uma vitória, ou uma sequência pequena de bons resultados na competição, para que o ambiente no vestiário melhorasse muito, passando do silêncio, seriedade e muita pressão, para um mais “leve”, descontraído, com mais conversas e brincadeiras.

Em entrevista com um membro de uma das comissões técnicas investigadas, o significado do vestiário no futebol foi ainda mais ampliado e realçado, pois ter um bom vestiário significa para ele possuir um grupo unido, fechado, blindado de questões exteriores ao contexto de treino e jogo que possam interferir negativamente no relacionamento entre eles e/ou rendimento nas partidas. O vestiário assume simbolicamente tudo o que compõe a rotina profissional de atletas e comissão técnica, e dessa forma, tal como notado no discurso abaixo, muito desse significado e do que acontece no vestiário se relaciona com o processo de formação de grupo. Alguns dos discursos explicitados abaixo nos indicam o vestiário como um ambiente em que se preserva os segredos circunscritos aos pequenos grupos e um espaço de intimidade intermediário entre o público e o privado. Privado na medida em que se refere às relações íntimas e afetivas dos jogadores e público porque é de onde estes partem para ambientes de exposição.

Vestiário fechado é o time unido. Assim, eu não estou jogando, mas está jogando meu companheiro e eu vou ajudar. Então é um exemplo. Tudo o que acontece aqui dentro, o vestiário é isso aqui. O vestiário é o centro de treinamento, é o campo. Então, tudo o que acontecer aqui dentro, nós vamos brigar, discutir, aqui dentro. Acontece um monte de coisa e eu não vi, faz quatro meses que estou aqui, uma notícia ruim em termos de briga, de algum acontecimento ruim e aconteceram brigas, acontecimentos ruins. A gente blindo isso, não deixa escapar (CT5).

As seções de treino possuem, frequentemente, momentos de descontração, ludicidade e outros de maior esforço, intensidade e seriedade. A proporção de cada momento dentro do treino dependerá do perfil da comissão técnica, das características do grupo de atletas e do contexto e situação pela qual

o grupo está passando. Ou seja, no primeiro clube observado cada um dos três treinadores (e seus respectivos auxiliares técnicos) que pudemos observar contemplava partes do treino com atividades lúdicas em maior ou menor frequência. Por sua vez, assim como já sinalizado em relação ao ambiente de vestiário, o fator mais determinante para o ambiente criado em situações de treino era a situação pela qual a equipe atravessava. Os momentos de maior pressão e necessidade de vitórias diante de uma série negativa de resultados e proximidade da zona de rebaixamento impunham um ambiente opostamente diferente da ocasião de sequência de vitórias e possibilidades de classificação.

Semelhantemente, no segundo clube, os momentos que antecederam a estreia na competição, as derrotas e as vitórias impunham ambientes diferentes dentro do vestiário e nos treinos. Como no momento de proximidade do término da fase de classificação da competição, cuja pressão certamente era mais intensa, não mais estávamos em pesquisa de campo no Bragantino FC, as ocasiões que precederam a estreia da equipe na competição tenham sido as de maior ansiedade e pressão que pudemos observar. Inclusive, algumas solicitações que havíamos feito ao treinador, tal como ser apresentado aos atletas e ter deles o consentimento para realização da pesquisa, ficaram condicionadas à realização da primeira partida, pois segundo suas próprias palavras *“queria ver como ia ser [a estreia]”*.

Já no terceiro clube investigado, como este passava por um bom momento, com uma sequência de resultados positivos e bom posicionamento na tabela de classificação do campeonato, ao longo de toda nossa pesquisa de campo foi notado um ambiente muito bom, descontraído, de brincadeiras, paz e tranquilidade. Tal percepção foi também compartilhada por um dos dirigentes entrevistados ao dizer que *“hoje, o ambiente da Ponte, mesmo que você não seja do futebol, você vê que é um ambiente bom”* e também por um integrante da comissão técnica quando se referiu ao ambiente de trabalho neste período como uma *“maravilha. Um marasmo. Tudo bom, tudo feliz, todo mundo dando risada”*. Ainda assim, apesar do ambiente tranquilo, pudemos perceber duas situações de conflitos: uma envolvendo acontecimentos extracampo de um jogador e outra referente a insatisfação do papel/posição ocupado pelo jogador, sobretudo por não estar entre os titulares e até mesmo na relação de alguns jogos.

As piadas e brincadeiras são bastante comuns nos momentos que precedem os treinos. Além de se configurar como uma estratégia de distração, divertimento e integração dos atletas, as entendemos como uma forma de lidar com a ansiedade que os treinos e demais situações mais estressantes parecem despertar. Grande parte das relações estabelecidas entre os jogadores de um

grupo profissional de futebol é permeada pela expectativa inicial de “vingar” na equipe, ou seja, fazer parte, assumir o sentimento de pertença em determinado grupo e depois atingir o destaque necessário a fim de garantir seu espaço e papel almejado no clube. E os treinos se configuram como espaço privilegiado nesse sentido. Nesta perspectiva, as brincadeiras e demais situações de descontração, além de situarem-se como parte do processo criativo, funcionam como importante artifício para elaboração destas ansiedades, visto que dificilmente poderão ser manejadas pelas palavras ou por meio de uma construção coletiva.

Os jogadores pertencentes ao Guarani, especificamente, desenvolviam no vestiário uma atividade estritamente lúdica, um jogo de futevôlei, que se tornou prática comum antes dos treinos. Este jogo se mostrou relevante na configuração vincular entre os membros do grupo e no processo de integração e ambientação dos atletas recém-chegados. Já no Bragantino e na Ponte Preta, também ocorriam brincadeiras (na maioria das vezes um jogo de controle, no qual a bola não poderia cair no chão ou o bobinho) antes do início dos treinos, mas essas aconteciam em tom de menor descontração e já no campo de treino.

Segundo Damo (2007, p.93), “as rotinas de treinamento exigem dedicação integral, atitudes consequentes e disciplinamento do corpo e da alma”. A partir de nossas observações e entrevistas, pudemos constatar que o treino é tido pelos jogadores como o momento em que podem mostrar para a comissão técnica suas qualidades, sobretudo técnicas e táticas, e garantir um espaço na equipe titular. A busca por esse espaço faz com que a intensidade e esforço de cada atleta sejam altos e estafantes. Os jogadores costumam sair do treino demasiadamente esgotados, visto que o rendimento que possuem em cada sessão de treino pode ser determinante para o seu futuro na equipe e papel que desempenhará dentro do grupo, bem como para a torcida. O rendimento nos treinos poderá garantir seu espaço na equipe titular e a regularidade do alto desempenho nos jogos irá garantir, em tese, sua titularidade. Assim como os atletas, treinadores e demais membros da comissão técnica também são diariamente cobrados por rendimento e resultados positivos e o desgaste com essa pressão é muito grande. Os discursos de alguns dos entrevistados validam tal enunciado:

Eu acho que a cobrança é interna primeiramente. Muito pesada pelos resultados, pelos objetivos do clube. Se o time não está conseguindo os resultados, sem dúvida nenhuma, a diretoria vai cobrar o jogador, a comissão técnica também no dia a dia vai cobrar demais e depois tem essa carga psicológica externa que é de imprensa e torcida que você sente mais no jogo, a impaciência da torcida, principalmente no jogo (J1).

Todo dia tem que estar matando um leão aqui para ter uma oportunidade [de jogar] (J20).

Futebol é resultado. Não adianta você estar num grupo bom, clube bom se você não ganha (J17).

Infelizmente o segundo colocado não tem glória. Ou você é o cara, ou não é (CT12).

É uma pressão jogar aqui em cima [no profissional]. Todo mundo fala que quer vestir essa camisa, mas é difícil... é um ambiente que você não está acostumado, aí você se sente pressionado (J8).

Se você está num time grande e a vitória não vem a pressão é [alta]... tem atletas que não conseguem segurar a pressão, treinador é demitido e então você acaba ficando o ano inteiro trabalhando sobre pressão e nem todos atletas conseguem lidar com isso. Tem atletas que não conseguem lidar com tanta pressão, outros já conseguem lidar (J17).

A pressão por vitórias, conquistas, boas performances e resultados (esportivos e financeiros) satisfatórios é alta e constante, vinda de todos os lados, com variadas intensidades e dos mais diversos personagens do futebol profissional. O clube é cobrado pela mídia esportiva, sobretudo a televisiva. A torcida, impulsionada pelas cobranças das mídias esportivas, exerce uma pressão sobre os atletas, treinador e, em algumas oportunidades, em membros da diretoria. A diretoria cobra o treinador e os atletas sempre que a equipe obtém uma série de resultados adversos, pressionando-os à conquistarem vitórias. O treinador, além da exigência diária nos treinamentos por rendimento, cobra de seus atletas uma boa performance nas partidas e a conquista de vitórias. Conquanto, os empresários dos atletas e por vezes as empresas patrocinadoras (dos clubes e dos atletas) também estão, a todo momento, exigindo bons resultados e conquistas.

Portanto, independente da origem, intensidade e frequência da pressão, ela está presente na rotina de todos aqueles que compõem o futebol profissional, tal como sinalizado, por exemplo, por um integrante da comissão técnica que, quando conversávamos num dia de treino, afirmou que a maior dificuldade enfrentada por aqueles que trabalham no futebol é a pressão diária pelos resultados. Cada derrota nos jogos aumenta ainda mais a pressão sobre a equipe e comissão técnica. Tal como explicitado pelo funcionário da comissão técnica citado acima, outros integrantes e atletas entrevistados neste estudo possuem posicionamentos semelhantes.

Tem as cobranças que já são da instituição e tem as cobranças que são do futebol. Então, são três níveis de cobranças. As cobranças que são do futebol elas não são muito diferentes das cobranças, muitas vezes, da direção, da presidência, porque no futebol a cultura do resultado, independente da categoria, ela prevalece... então a

primeira grande cobrança que é do futebol, que é da diretoria, que é da presidência e que é do coordenador, é vencer, mas não um vencer a qualquer custo. É a condução do desempenho para vencer... Segundo nível de cobrança é a cobrança em que estrategicamente o tempo todo a coordenação tem o papel de, em conjunto com a diretoria, porque isso é articulado com os diretores, de gerar novos níveis de meta para os treinadores... E o terceiro, que acho que é o atípico no futebol, bem atípico, que é tentar fazer valer na prática o esforço de que estamos formando seres humanos, pessoas, cidadãos de bem que vão tentar transformar o mundo se não forem jogadores de futebol ou se forem jogadores de futebol e isso é o mais difícil (CT5).

A responsabilidade é muito grande. Tem muita cobrança, tem muita pressão. (CT11).

Tem a cobrança externa que é da diretoria, que é da torcida, imprensa. Tem cobrança nossa, para poder chegar numa colocação boa no campeonato, poder brigar por coisas boas e imaginar coisas boas também, mas isso acaba sendo mais para capitão, jogador mais experiente, mais rodado. No meu caso, hoje em dia, por ser mais rodado, ter passado como capitão aqui, a gente tem sempre que estar cobrando os meninos novos que sobem da base para poder fazer a coisa certa, andar direitinho dentro e fora de campo, não fazer nenhuma besteira, poder fazer sempre as coisas certas para que nada ocorra de errado dentro do campo e nos treinamentos (J3).

Pressão do resultado. Pressão de torcida, pressão de imprensa, pressão de empresário, pressão da família. Pressão para vencer, vencer toda hora. Essa é a pressão... Vem de todos os lados. Você tem que vencer. O cara tem que vencer, tem que jogar bem toda hora (CT3).

Não obstante, citadas na última entrevista acima e mais explicitamente em outras falas, os atletas e membros da comissão técnica recebem ainda uma pressão/cobrança da família, tanto do ponto de vista financeiro, quanto afetivo. Como a maioria dos sujeitos que compõe o campo do futebol profissional provém de classes sociais menos favorecidas, o sucesso, esportivo e, conseqüentemente, financeiro de um dos membros da família é visto como a única alternativa de ascensão social e conquista de uma vida mais digna. E a busca desse sucesso faz com que o jogador tenha que permanecer, às vezes por anos, longe da sua família.

A grande maioria dos jogadores vem de origem pobre, que precisam cuidar das suas casas, ajudar no sustento, não da sua casa só, mas dos familiares. Então essa pressão é uma pressão indireta que aumenta muito (D5).

A pressão da família nos atletas é pelo dinheiro, né. Para deixar bem logo, às vezes a esposa, casa nova, às vezes são os pais que querem ficar ricos logo e pressionam o moleque (CT3).

[O futebol] é onde eu tiro meu sustento, sustento da minha família (J10).

A demanda de treinos e jogos exige dos atletas (principalmente dos atletas, mas não só) uma dedicação e disciplina que extrapola seu contexto profissional deixando sua vida pessoal, quase sempre, em segundo plano. É muito comum entre atletas e membros da comissão técnica um distanciamento da família, a ausência em tarefas de casa (como ir ao supermercado, pagar contas etc.) e o pequeno envolvimento em atividades de lazer. O sentimento manifestado em maior intensidade, e que nos fez identificá-lo como emergente, é o de saudades. Em conversas informais com os atletas, os mais novos (ainda solteiros) diziam com frequência sobre as saudades de casa, dos pais e dos amigos, enquanto que os mais velhos, sobretudo os casados, da esposa e dos filhos. O mesmo discurso foi enunciado também por um dos membros da comissão técnica do Guarani em uma de nossas conversas no decorrer dos treinamentos, quando, ao falar das dificuldades enfrentadas por quem trabalha no futebol, explicitou a distância da família.

Em conversa realizada num dia de treino com um atleta quem nem mesmo relacionado para as partidas ainda estava sendo, ele sintetizou quão complicada é a vida de um jogador profissional de futebol ao dizer que é muito difícil lidar com a pressão que enfrentam diariamente pelo rendimento esportivo, com a rotina desgastante de treinos e, principalmente, com a distância da família. Se não bastasse a rotina de treinos, jogos e viagens, o regime de concentração esportiva acaba reforçando o curto tempo que atletas e comissão técnica passam com a família gerando, como consequência, e frequentemente, o sentimento de saudades, tal como possível de verificarmos nas falas abaixo:

No começo, [a distância da família] é bastante difícil. Falo que no começo, várias vezes, eu pensei em desistir. Pensei. Pensei sim. Porque você fica longe do seu pai, da sua mãe, você fala “pô, estou perdendo meu tempo com meus amigos, minha família, perdendo tempo de tudo”. Então, enquanto todo final de semana o pessoal está saindo para comer e para festar, a gente está concentrado para trabalhar (J15).

Com essa rotina de treinamento, rotina de concentração, essas sequências de jogos, a gente acaba passando mais tempo com os jogadores do que com a própria família. A saudade existe, né (J10).

[fazer parte de um grupo profissional de futebol] é difícil também, né cara, porque a gente fica longe da nossa família e a gente sente muita falta da nossa família [...]tem momentos bons que você passa no futebol, momentos bons, momentos ruins, que você quer compartilhar com a sua família, mas ela não tá do lado, na maioria das vezes ela não tá do seu lado, pelo fato da distância e nos momentos bons você quer compartilhar aqueles momentos felizes, conquistas, títulos, essas coisas e na maioria das vezes a gente não tem a nossa família do nosso lado, mas a gente vai levando a vida, né, com as dificuldades também [...]Saudade da mãe, do pai, do irmão, da esposa, esses são os momentos mais difíceis que a gente passa (J13).

[ficar pouco tempo com a família] é difícil. Difícil, porque você fica e participa muito pouco. Eu posso falar dos dois lados. Fui filho de atleta e tenho filho agora. Estou nesse meio. Então assim, o seu filho paga um preço muito alto. A convivência com o pai é muito pequena... E o peso de você não ficar em casa é muito grande (CT5).

O sentimento de saudade, pouco discutido no âmbito do futebol profissional, carece de maior análise, visto que se configura como motivo de angústia e parte importante nos processos de escolhas dos atletas e membros da comissão técnica. Não é raro um jovem futebolista desistir do sonho de profissionalizar-se por conta das saudades que sente de sua família e amigos, sobretudo quando o clube que defende se localiza em outros estados ou outro país. Ainda assim, quando profissional, em virtude da intensa rotina de mudanças de clubes, em muitos casos para o futebol internacional, na impossibilidade de ser acompanhado pela família, tem que optar por se transferir para outro clube em busca de um melhor contrato ou evitar o sofrimento psíquico decorrente do sentimento de saudades e solidão.

No decorrer de nossa pesquisa, por diversas vezes conversando com jogadores e integrantes das comissões técnicas, foram explicitados discursos que confirmam os conflitos vivenciados em decorrência da saudade. Um atleta disse que a esposa e filho estão cansados de ir junto com ele para todos os clubes e respectivos países para onde se transfere e com isso as saudades são grandes. Outro disse também que voltou de uma curta experiência num clube localizado no Oriente Médio, pois não aguentou de saudades da família. Um membro de uma das comissões técnicas disse que chegou a abrir mão de boas propostas no exterior, pois não aguentaria de saudades da família.

Vale ressaltarmos que, conforme Rubio (1998), além da rotina desgastante e da ausência de contato com a família, o contexto esportivo, diante da superexposição à mídia e da representação social assumida pelo atleta, impõe aos seus “personagens” (atletas, comissão técnica e dirigentes) limites para que assumam, tanto para si, quanto para o público, suas fragilidades, angústias e incertezas, atribuindo pouca, ou nenhuma, importância para o fato destes sujeitos se relacionarem afetivamente com seus pares e também sofrerem com os transtornos que circundam a vida de um atleta que, além de profissional, é um cidadão.

Há ainda outro tipo de pressão que se refere à manutenção do papel exercido dentro do grupo e à incerteza quanto à continuidade no emprego. Entretanto, certamente esse outro tipo de pressão explicitada pelos jogadores e membros da comissão técnica, a pressão pela manutenção do emprego, também se relaciona com o desempenho, visto que com bons resultados, vitórias e conquistas de

campeonatos, o ambiente melhora, os conflitos são minimizados, as cobranças diminuem e as mudanças se tornam menos frequentes.

O Brasil é um lugar que a pressão é muito alta. Uma pressão de saber que cada jogo que eu faço, tem que fazer o melhor, porque se não em dois jogos me podem mandar embora, entende? Uma pressão que não somente se encontra no jogador, encontra no clube também.... De tudo que há no entorno do clube (J10).

Essa pressão toda a que estão submetidos os atletas na sua rotina profissional traz paralelamente um intenso e perverso regime de controle e disciplinamento. Sua alimentação é controlada, seu sono é controlado, sua vida social é controlada, sua relação com a família é controlada, seus gastos são controlados, suas falas são controladas... enfim, tal como já nos alertara Damo (2007), as rotinas de treinamento, e aqui ressaltamos que não somente limitada aos treinos, exigem de todos inseridos neste contexto dedicação exclusiva à sua atividade profissional, a adoção de comportamentos tomados como aceitáveis e uma disciplina com as condições do seu corpo/mente.

Diretamente relacionada à performance em campo está a pressão que os atletas sofrem por cuidar do corpo, tido por todos nesse contexto como “instrumento de trabalho”. A cobrança, interna, da comissão técnica, da diretoria e da torcida com o cuidado pessoal do atleta é elevada e motivo de preocupação para alguns jogadores e comissão técnica, tal como representado nas falas a seguir, sendo também principal justificativa para existência da concentração esportiva em dias que antecedem os jogos, mas sobre esse tema, a concentração esportiva, destinaremos maior atenção em tópico específico.

Na minha opinião é muito difícil porque você tem que cuidar do seu corpo. Não que não seja fácil você cuidar do seu corpo, mas você tem que ter um cuidado a mais com alimentação, descanso em si, e também a convivência com outras pessoas, né (J11).

[Não afetar o] atleta é o que vale para gente. O atleta bem, sem machucar, funcionando é o nosso material, né? (CT7).

Por sua vez, os treinadores também têm que lidar diariamente com uma série de questões emblemáticas que fazem do futebol um campo de trabalho extremamente desgastante. Além da necessidade de possuir um conhecimento técnico e tático, há questões relacionadas às elaborações dos grupos que envolvem liderança, comunicação, resolução de conflitos, que constantemente

demandam atenção do treinador não só em sua relação com os jogadores, mas também com os demais membros das comissão técnica, dirigentes, mídia e torcida.

“Como treinador de futebol você tem inúmeras funções. Então, eu julgo que o treinador hoje ele tem que ter várias competências, né. Não adianta ele ter só um controle ali, ter um conhecimento no aspecto técnico, tático. É muito mais complexo que só o conhecimento técnico e tático e também no aspecto de motivação de grupo. [...] fazendo parte de um grupo profissional, você tem que administrar bem pessoas, porque você tem o principal que é liderar um grupo de atletas, de trinta, trinta e cinco atletas. Tem o outro aspecto de você também liderar uma comissão técnica, hoje multidisciplinar, você tem vários profissionais envolvidos de várias áreas, mas acaba você sendo a referência desses profissionais. Então, você tem que se inteirar de tudo o que acontece em todas as áreas ali para que aquele conhecimento, aquelas informações, você consiga canalizar na equipe para ajudar na performance dentro de campo. E o aspecto também de lidar com direção, com torcida, com imprensa. [...]enfim, é muito prazeroso você trabalhar nele [futebol], mas ao mesmo tempo muito desgastante (CT8).

É difícil. Você tem que estar ligado sempre, você tem que estar... não tem, em termos de horário, você não tem o sábado e o domingo nunca. E quando você tem um dia de folga você tem que estar atento a tudo o que está acontecendo, porque a minha parte não é só escalar o time. Você tem que ter uma atenção com a diretoria na formação da equipe, você tem que ter um pé no departamento médico, um pé na parte física, um pé na imprensa para estar atento a tudo o que acontece e, às vezes, blindar, ou não, algumas situações para não trazer mais problemas aqui para dentro. Então você cuida, na minha função, você cuida de uma gama de situações que vão muito além de simplesmente treinar o time (CT5).

Tais discursos se sustentam na compreensão já exposta por Rubio (2001) de que nossa sociedade, ao supervalorizar o vencedor, a vitória, a ascensão, acaba impondo um padrão de comportamento que reconhece o mais habilidoso, vitorioso, o destaque como exemplo a ser seguido.

De modo geral, as equipes do futebol brasileiro lidam constantemente com a chegada e saída de atletas e trocas de comissão técnica. Entretanto, as mudanças ocorridas no Guarani FC no período em que estivemos em observação foram muito superiores ao que se vê rotineiramente nos demais clubes, visto que, somente em 2014, passaram por esse clube 60 atletas e 3 comissões técnicas diferentes⁸⁵. Diante de tantas e constantes substituições, em que a rotina é a mudança, como podemos depreender das falas dos jogadores entrevistados – um deles diz: *“eu gosto de mudança, porque não gosto muito de rotina”* - a realidade do futebol, talvez mais do que outros grupos, nos leva a lançar

⁸⁵ No Bragantino tais mudanças foram muito menos frequentes, visto que ao longo do período em que estive em pesquisa de campo neste clube, somente dois atletas saíram e outros três chegaram. O treinador e todos os demais membros da comissão técnica permaneceram os mesmos.

nosso olhar de modo cuidadoso às ansiedades básicas que emergem nos processos de mudança, tema abordado no capítulo 6.

Essa parece ser uma necessidade premente na compreensão das relações que se processam nos grupos ligados ao futebol profissional pela situação, nas quais o sentimento de sofrimento se faz tão presente. Segundo Damo (2007, p.123), os atletas têm que conviver com intensos, repetitivos e desgastantes “treinos, jogos, repouso funcional e concentração e outras rotinas pouco apreciadas” por eles. Como nos afirma Rial (2008, p.48), a disciplina imposta pela carreira de futebolista é definida pelos atletas como sofrimento. Nesse sentido, com base em nossas observações e entrevistas realizadas com esses grupos específicos, podemos também constatar que a vida de um atleta ou membro da comissão técnica que integra um clube profissional de futebol é bastante difícil, atípica e singular. Sua rotina é cansativa, estressante, cercada por pressões de torcida, diretoria e mídia por vitórias e conquistas, além da pressão familiar do ponto de vista financeiro e afetivo.

O mundo do futebol é um mundo completamente diferente. A rotina é completamente diferente no sentido de cobrança, de auto cobrança, de estresse, há uma necessidade de vencer. Só o trabalho, não basta. Não adianta você só treinar e fazer as coisas direito... você precisa ganhar jogos. Porque time que não ganha, não chega a lugar nenhum (D5).

No entanto, são justamente a distância da família e “ausência” de vida social os principais problemas explicitados. Ainda assim, em várias situações, sobretudo em treinos, vestiário e concentração, há diversos momentos de alegria, brincadeiras e descontração. O contraste entre pressão/tranquilidade, cobrança/incentivo, seriedade/descontração etc. foi também explicitado por um dirigente quando disse que “o futebol é diferente de tudo. Apesar desta dificuldade, por um lado todo mundo ganha mais, tem prestígio, mas por outro é na mesma proporção... é muito sofrido, muito penoso, muitos meninos têm que deixar suas casas quando crianças” (D5).

O contraponto em relação a rotina estressante, desgastante e de extrema pressão pela qual passam os jogadores, foi realizado por um dos atletas entrevistados, que vendo a proximidade de sua aposentadoria e distanciamento de tudo que faz parte do dia-dia do jogador profissional, reforçou em tom bastante valorativo que no futebol.

[...] você tem um grupo e você consegue formar grandes amizades. Você conhece pessoas de outros estados e até mesmo de outros países, grandes histórias, sabe. Então você consegue dividir, coisa que aí fora você não consegue, porque você tem uma rotina que não vai conseguir. No futebol, o bom é que você vai poder

compartilhar isso com seus companheiros e você vai ter como conhecer também até mesmo outros lugares, ter outros conhecimentos fora do país onde você nasceu. Então acho que isso que é o mais gratificante de tudo. E você poder proporcionar, assim, esses conhecimentos junto com a sua família eu acho que não tem preço isso. E quando você, que nem eu, vou citar meu exemplo, você começa a chegar num nível de preparação que você está para encerrar sua carreira, você começa a sentir falta dos mínimos detalhes. Que futuramente você vai falar, “deixei de fazer”... Conversar, brincar, muitas vezes tomar o problema do seu companheiro para você. Você poder ajudar e ele poder te ajudar. É o que eu mais vou sentir falta. Não é do treinamento, nada disso, do jogo. Claro que às vezes você vai, mas assim de você estar assim no dia-dia, do cotidiano de vida, brincando, compartilhado suas coisas também. Então acho que isso é o que vou sentir mais falta (J12).

Enfim, a rotina destes grupos específicos, como nos atesta Rial (2008), pode ser estendida a todos os demais do futebol profissional.

[...] todos [atletas] devem treinar ao menos uma vez por dia nos centros de treinamento ou no próprio estádio muito semelhantes uns com os outros, todos devem apresentar-se para os jogos, todos devem viajar e hospedar-se em hotéis, todos frequentam salas de ginásticas, *halls* de aeroportos, salas de imprensa – ou seja, passam de um *não-lugar* (Augé, 1992) a outro. Devem, sobretudo, respeitar uma rígida regulamentação de conduta que, em alguns casos, como o da Holanda, dificilmente encontra paralelo entre outras profissões, senão na carreira militar. Horários rígidos pontuando o tempo de trabalho (e o do não-trabalho), disciplina vestimentária (ir ao estádio de terno e gravata, ter uma roupa para os deslocamentos antes dos jogos no seu estádio e outra nos jogos fora de seu estádio, ausência de telefones celulares durante o deslocamento de ida – mas não no de volta - e nos vestiários, lugares fixos na mesa, ordem fixa de quem se serve durante as refeições, não-troca de camisas após os jogos com os adversários, pontualidade absoluta na chegada aos treinamentos e em todas as reuniões previstas, etc.), fazem o dia-a-dia dos jogadores ser absolutamente controlado, e as penalidades previstas para os casos de transgressões, monetárias e de exclusão da equipe fazem com que tenham interesse em aceitar o controle (RIAL, 2008, p.52).

A partir da explicitação e do melhor entendimento acerca do cotidiano daqueles envolvidos profissionalmente com o futebol, propusemo-nos, no próximo tópico, a continuar nossa reflexão a partir de uma das questões emblemáticas do futebol profissional, a concentração esportiva. Ao expor e analisar o regime de concentração a partir da literatura científica, dos debates e comentários veiculados na mídia esportiva e dos discursos dos profissionais entrevistados neste estudo, esperamos problematizar sua existência, seus interesses, objetivos e justificativas e, principalmente, discutir sua relação com o desenvolvimento dos processos grupais.

4.2.1 A concentração esportiva

Diante das mudanças explicitadas no decorrer desta tese pelas quais o futebol passou, e vem passando, muitas práticas habituais no futebol brasileiro passaram a ser questionadas, dentre elas, e com maior veemência, o regime de concentração esportiva, seja quanto a sua necessidade, seja em relação a sua eficácia. No entanto, vale ressaltar que a iniciativa de crítica e questionamento da concentração, ou reclusão, esportiva, se deu de modo mais explícito e denso já a partir da experiência com a “democracia corinthiana”⁸⁶ na década de 1980. Nesta ocasião, não se chegou a extinguir o regime de concentração esportiva, mas sua flexibilização e facultatividade, permitia aos atletas casados que saíssem da concentração em alguns momentos e antes de algumas partidas para dormirem em suas casas com suas famílias e retornassem horas antes do jogo (MARTINS & REIS, 2014).

Segundo Toledo (2000, p.155), as concentrações eram “supostamente designadas como ‘terapias coletivas’ para equilibrarem o estado emocional dos jogadores, apartando-os de outros estímulos e contatos extrafutebol, por horas, às vezes dias, antes das partidas oficiais”. Tal entendimento partia do pressuposto de que os acontecimentos extracampo comprometiam o desempenho dos atletas em campo na medida em que causavam prejuízos ao estado físico e mental dos jogadores.

Tal compreensão foi compartilhada pelos jogadores entrevistados neste estudo, já que valorizam a existência da concentração esportiva por manter o foco do jogador na próxima partida “desligando” dos problemas de extracampo e compromissos familiares, objetivando melhor desempenho.

[A concentração esportiva serve] para gente focar no que a gente tem que fazer, porque muitas vezes em casa tem filho, tem esposa e a gente tem que se programar com essa outra pessoa. Às vezes num fim de semana tem um passeio com a família, fazer uma compra no supermercado e às vezes a gente tem que se poupar para o jogo, né (J21).

Aqui [no Brasil] se você deixa livre [sem a exigência de permanecer na concentração] o cara ao invés de ficar em casa descansando, no dia anterior [ao jogo] ficar lá com a família, para curtir o apartamento, dormir cedo tal, mas aí

⁸⁶Sobre tal movimento ideológico, de caráter político-esportivo, ver: MARTINS, M; REIS, H. Cidadania e direitos dos jogadores de futebol na Democracia Corinthiana. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 28, p. 429-440, 2014.

não... vai jogar no sábado e na sexta feira o cara quer ir para o shopping o dia inteiro, quer dormir onze horas da noite, meia noite, duas horas da manhã. Aí acorda de manhã e o cara quer ir na padaria, quer ir não sei aonde para jogar as quatro horas da tarde. Pô, seu rendimento não vai ser igual (J25).

A concentração, para quem tem filho eu acho que é bacana. Um dia antes você concentrar, você consegue descansar também, porque quando você está em casa, não adianta você falar que vai descansar, porque as crianças não deixam. Quer brincar, quer não sei o que... a conduta que é trazida do extracampo vem para dentro de campo (J12).

Entretanto, a existência de diversos aparelhos e recursos tecnológicos, sobretudo o celular, computador, *tablet*, *whatsapp*, *skype*, internet, tem dificultado e de certa forma impedido que o atleta “se desligue” do que está acontecendo fora da concentração, do que se passa com a sua família. Alguns atletas, inclusive, em seus discursos contradizem o argumento de que a concentração esportiva se faz importante por apartar os jogadores de contato com os acontecimentos extracampo.

[Quando estou na concentração] tenho meu celular, tenho meu tablet, tenho meu computador e eu fico fazendo minhas coisas... minha mulher fica ligando o tempo todo e eu não consigo concentrar (J19).

[Quando estou na concentração] eu procuro em dia de jogo pegar o celular, falar com a família (J15).

O celular hoje em dia acaba ocupando muito tempo... gosto de olhar o twitter e olhar as notícias, para informar um pouquinho (J4).

Os discursos apresentados ratificam nossa compreensão de que o distanciamento físico da família e dos fatos sociais que acontecem fora do espaço da concentração esportiva, além de não representarem o isolamento que a maioria dos atletas julga necessário para conseguir descansar e concentrar na próxima partida, sobretudo em virtude dos recursos tecnológicos de comunicação existentes, podem suscitar outras demandas de âmbito psicológico que se põem em jogo quando o ser humano se vê incapacitado de estar e permanecer ao lado de sua família e/ou amigos, sendo excluído de qualquer convívio social que não esteja relacionado à sua profissão, tal como sinalizado por um dos membros das comissões técnicas entrevistadas.

Hoje em dia eles [jogadores] tem celular, vídeo game, vão dar uma distraída O nome chama concentração. Tem que se concentrar no jogo. Às vezes o cara fica ali, mas fica disperso. Ah, estou aqui agora e vou aproveitar esses dois dias para fazer o que tem que fazer. Então é celularzinho, é mulherzinha, aí perde um pouco o foco também. Às vezes também é estressante o cara ficar dois dias longe da família. Ah, pô, podia ficar com a minha esposa (CT7).

Ainda assim, de modo geral, a maioria dos jogadores entrevistados por nós neste estudo é favorável à existência da concentração esportiva, visto que somente sete deles (28%) se manifestaram contrariamente. Dentre os pontos positivos mais destacados estão o controle e qualidade da alimentação, o descanso oportunizado e o foco na partida e no rendimento da equipe.

É um momento ali que você tenta descansar. A comida é melhor, o quarto melhor, tudo melhor (J22).

A gente só se alimenta, descansa e dorme. Às vezes tem um videogame, resenha. É mais o descanso mesmo e focar no jogo (J11).

A concentração é para você concentrar mais no jogo e descansar também, conversar. Principalmente, mais para concentrar no jogo, focar naquilo que você tem que fazer. Ficar focado, né, concentrado, mas também para descansar. Relaxar o corpo para no dia seguinte executar o trabalho [no jogo] (J13).

Eu sou a favor [da concentração], porque nos mantém focado para a partida. Eu sou a favor, porque o jogador come bem. Quando a gente está concentrado, a gente tem todo um horário. Horário de alimentação, a gente descansa mais na concentração (J10).

Outros argumentos mencionados favoráveis à sua existência, e de relação mais próxima com nosso interesse de estudo, referem-se às possibilidades de fortalecimento dos vínculos, favorecimento ao processo de integração de novos atletas ao grupo e aumento da coesão grupal.

[A concentração esportiva] é importante para descansar, manter o grupo unido, focado [no jogo] (J14).

A concentração ela é boa, ela é válida, até mesmo às vezes no início de campeonato para você se adaptar aos companheiros, conversar, trocar ideia... às vezes um está passando uma situaçãozinha e você pode ajudar ou você mesmo também pode “pô, hoje eu não tô legal” e o seu companheiro pode te ajudar (J12).

Você cria uma amizade ali com a pessoa que você está conhecendo agora. Eu, pelo menos, cheguei faz pouco tempo, um mês e meio, então estou conhecendo ainda o pessoal. Você fica no quarto com goleiro, conversa de outras coisas, não de futebol, outras coisas mais pessoais e você acaba conhecendo a pessoa também, aí no dia a dia no campo você já tem uma liberdade a mais com a pessoa (J23).

[Na concentração] há comunicação para entrosar o grupo. [...] então, acho que [serve] para unir o grupo, para concentrar no jogo e fazer um belo espetáculo (J15).

Serve para poder descansar. Para se alimentar bem, pois tem muitas pessoas que não se alimentam bem e para poder entrosar o time também (J16).

É bom que você entrosa mais com a pessoa que você não conversa, acaba entrosando mais com a pessoa, quando reúne todo mundo junto na hora da janta, do almoço, do café (J8).

Como já enunciado em nossa introdução, a lógica do “rodar” (RIAL, 2008) presente no futebol profissional, na qual os jogadores constantemente trocam de clubes, circulando por diversas equipes nacionais e internacionais, faz com que os jogadores tenham que estar frequentemente se integrando às novas equipes e estabelecendo novos vínculos com demais atletas, comissão técnica, torcida e clube. A compreensão deste processo, que Morato (2011) nomeou de “vínculo transitório”, é de fundamental importância à medida que se trata, de acordo com Pichon-Rivière (2000), do desenvolvimento psicossocial que nos fará entender a vida em grupo. Entretanto, vale ressaltar que para Pichon-Rivière (2000), todo vínculo é transitório, pois se trata de uma relação estabelecida com outro(s) objeto(s), “criando uma estrutura particular a cada caso e a cada momento”, ou seja, cada novo atleta, novo treinador, nova torcida etc., que o jogador encontrar, interagir e comunicar ao mudar de clube, irá configurar, em momentos específicos, um novo vínculo.

À medida que pudemos constatar em nossa pesquisa, sobretudo no primeiro clube investigado, que ao longo de uma temporada de um clube de futebol profissional há um intenso e contínuo processo de saída e chegada de atletas, e até mesmo de comissão técnica, constantemente há de se estabelecer novos vínculos com os demais profissionais do clube e torcida, se integrar a um novo grupo que, por sua vez, terá que se reorganizar em relação ao processo de coesão e elaboração de um ECRO grupal. Se tais acontecimentos constituem parte importante da dinâmica de um grupo profissional de futebol, vemos na concentração esportiva uma relevante oportunidade para o progresso e fortalecimento desses processos, tal como sinalizado por poucos atletas entrevistados. Tanto as concentrações que precedem a realização dos jogos, quanto as pré-temporadas realizadas em hotéis e centros de treinamento em cidades distintas à sede social do clube, ao possibilitarem um contato mais intenso e prolongado entre os membros do grupo, constituem-se como espaços privilegiados nesse sentido.

No entanto, visto que tais objetivos não estão previstos no planejamento daqueles responsáveis pela sua elaboração, como os dirigentes e comissão técnica, a organização do tempo e atividades propostas para serem realizadas nestes espaços não caminham nesta direção pois, conforme os grupos entrevistados, enquanto estão concentrados, os atletas passam a maior parte do

tempo à vontade para fazerem o que quiserem e “ficam cada um na sua” e pouco, ou nada, contribuem para o processo de formação de grupo.

Para formação do grupo é indiferente. Não acrescenta nada na formação do grupo a concentração [...] então a concentração é importante não para formação do grupo, não se tem nada numa concentração que vai unir mais o grupo. Às vezes algumas palestras, tal, mas isso é normal. Mais para orientação, preleção, motivação, mas não para união do grupo. A união do grupo é no dia-dia. É no dia-dia aqui, trabalhando junto, correndo junto, proporcionando um ambiente saudável... A maioria dos jogadores ficam isolados nos seus quartos, de dois em dois, dependendo do clube. [...] só sai do quarto para comer, para andar um pouquinho, mas nada em conjunto (CT12).

[O jogador] concentra, mas acontece que passa um dia sem um falar com o companheiro que está concentrado. Então, que concentração é essa? Se eu vou e tenho meu celular, tenho meu tablet, tenho meu computador e eu fico fazendo minhas coisas. Se eu estou com meu companheiro do quarto e falo três, quatro palavras o dia todo com ele é muito. Porque cada um tem seu espaço no quarto, tem seu celular, tudo (J10).

Até pela fiscalização dos hotéis, você perde muito no sentido de grupo. Tem jogador que você nem vê porque não gosta de almoçar [junto]. Preferem comer no quarto (D6).

De modo geral, de acordo com Toledo (2000) e conforme pudemos constatar em nosso estudo, enquanto estão concentrados, os jogadores descansam, dormem, treinam, se alimentam com maior frequência e qualidade, conversam sobre o jogo, seja na preleção do treinador, seja com o companheiro do quarto, dedicam momentos à religiosidade e passam o tempo com videogame, computador, celular, internet e baralho.

A gente dorme bastante, às vezes a gente faz uma brincadeira, tem o pessoal que leva o videogame para passar o tempo (J21).

[Na concentração] cada um faz uma coisa, o que gosta, o que acredita. Uns jogam videogame, ficam mexendo no celular, outros fazem oração, jogam baralho. Cada um faz o que quer (J14).

[Na concentração os atletas se distraem com] celular, WhatsApp, facebook, jogos, baralho, resenha, muita resenha, televisão, videogame. Tudo o que a gente tiver à disposição para fazer passar o tempo a gente faz. Conversa sobre os jogos também (J10).

A gente conversa sempre na hora do almoço, janta, café da tarde. No quarto, geralmente são dois por quarto, a gente conversa bastante sobre o jogo do dia (J20).

A gente alonga, descansa, conversa, bate papo, fala sobre o jogo. Eu, quando fico com os meus companheiros de quarto, converso sobre o jogo, como é que vai ser o

jogo, alguns adversários. [...] a gente procura conversar, fazer sempre nossa reuniãozinha para falar um pouquinho sobre Deus também. Pessoal sempre reúne ali, dez, doze jogadores e a gente conversa bastante (J15).

[Nas concentrações os atletas participam das] preleções, assistem vídeos [de jogos], mas a função básica e principal é descansar. Descansar e guardar as energias que serão usadas no jogo (D5).

Outros atletas, ainda que tenham realizado algumas ponderações contrárias em relação à manutenção da concentração nos dias que precedem os jogos, também se mostraram partidários a sua existência. A falta de responsabilidade e profissionalismo de alguns atletas brasileiros, compreendida em alguns discursos como parte da cultura futebolística brasileira, é argumento preponderante para que alguns jogadores sejam favoráveis à sua existência, mesmo que não em total concordância.

[A concentração existe porque] eu acho que nós [jogadores] ainda não adquirimos uma responsabilidade. É muito ruim falar isso como atleta, mas o brasileiro precisa ainda ter essa educação... eu tive experiência na Coréia, Dubai, Japão e não se concentrava. Você chegava para o almoço, café da manhã e obtinha resultados normalmente. Mas era uma cultura dos caras dormirem cedo, jantarem, enfim, um processo de concentração. O tempo que você fica ali na concentração, é um martírio cara! Jogo das dez horas da noite e você passa o dia inteiro, você vai para o café da manhã e você vai jogar dez horas da noite. Você fica o dia todo no hotel! Eu tenho certeza, vocês podem pesquisar isso, não tem ganho, tenho certeza! Mas eu acho que é um mal necessário no Brasil e que ainda vai durar. Infelizmente acho que vai durar, porque grande parte dos jogadores é irresponsável. Grande parte dos jogadores não vai saber administrar o seu tempo em casa. Não vai, até por uma questão de cultura (J6).

[A concentração] existe mais porque o jogador ainda não está consciente de se alimentar direito, de dormir direito, de saber se comportar na véspera de um jogo... Lá na Europa já tem uma exigência maior e já tem um “felling” melhor de alimentação, tudo, nesse sentido acho que o Brasil falta melhorar ainda um pouquinho, mas estamos no caminho certo (J4).

No Brasil, vai muito do profissionalismo. Na Europa se cobra muito do profissionalismo fora do campo. O caráter do jogador fora do campo, o que o jogador faz fora do campo. No Brasil fica um pouco difícil controlar isso né, porque tem muitos jogadores... é muita culpa de nós, jogadores (J25).

A concentração hoje em dia é mais para evitar de um jogador ir para balada, perder noites, esses tipos de coisas. Hoje ainda no futebol tem esses tipos de jogadores, mas não tem mais espaço para isso hoje. Cada ano que passa o futebol vai evoluindo, né, vai ficando muito mais rápido, então eu acho que no futebol isso não se aceita mais. Tem que ter profissionalismo (J13).

Um jogador, ainda que tenha também levantado essas questões referentes à falta de profissionalismo e compromisso do atleta, se posicionou totalmente contra a existência da concentração, pois entende que um atleta profissional deve ter consciência das exigências e necessidades da profissão, cuidando do seu corpo, da sua alimentação e do seu descanso. Para ele, a concentração esportiva é “*como uma prisão para poder segurar nós [jogadores] para não sair para a noite, balada, para não beber, para não fazer farra com a mulherada*”.

No Brasil, [a concentração] é para prender jogador de não sair para noite. A concentração na Europa, você só vai concentrar para o almoço. Você vai no dia do jogo, almoça, descansa até a hora do jogo e vai... sabe? Não vem um dia antes, dois dias antes. Todo mundo tem responsabilidade. Todo mundo é pai de família, homem, responsável, tem que saber que um dia antes, dois dias antes, não tem que sair para noite, não tem que beber bebida alcoólica, não tem que fazer nada disso, porque a gente depende do nosso corpo. E você ingerir bebida alcoólica antes do jogo, num espaço curto antes do jogo, é perigoso você ter lesão. Então, o europeu em si é mais consciente sobre isso. Então, por isso que lá não tem concentração, não tem que ficar prendendo ninguém em concentração (J3).

Portanto, em nosso estudo, os atletas que enunciaram pontos contrários à existência da concentração esportiva o fizeram por defenderem que cada atleta deve ter profissionalismo e consciência do seu papel no grupo e assumir sua responsabilidade ao buscar o descanso e boa alimentação antes dos jogos, já que somente ele tem a capacidade de se concentrar e isso acontecerá estando ou não dentro do clube ou em sua residência.

Ainda assim, determinados jogadores que também se posicionaram favoravelmente à manutenção da concentração esportiva, em contrapartida, contestaram a quantidade de dias que elas ocorrem, sendo contrários, portanto, aos longos períodos de concentração que chegam a durar dois, três dias.

Eu acho que concentrar um dia antes é o suficiente. Eu acho que ficar muito tempo também pensando numa partida só tem também um gasto psicológico, né. Então, sobre a concentração eu penso assim, de não ficar tanto tempo. Podia ser só uma noite (J21).

Não sou a favor daquelas [concentrações] longas, né. Dois, três dias antes [dos jogos], como muitos clubes fazem. Acho que você concentrar um dia antes...você vem paro o treino e já vem pronto para ficar [na concentração], você vai ter um jantar no horário, vai ter um lanche, vai dormir cedo, vai ter um café da manhã legal, acho importante (J17).

Eu vejo que alguns sofrem quando é concentração mais longa, quem tem filho pequeno dá saudades (J4).

Damo (2007), ao trazer seu entendimento acerca da reclusão dos jogadores profissionais de futebol em dias antecedentes aos jogos, confirma muitos dos resultados obtidos em nosso estudo e discutidos ao longo deste capítulo, sobretudo em relação às suas justificativas, às tarefas/práticas realizadas, bem como aos possíveis prejuízos. O “aquartelamento”, outra expressão utilizada pelo autor para designar a concentração esportiva, ainda que tivesse o baralho e o fumo como práticas rotineiras, funcionava em décadas passadas, mais do que nos dias atuais, como um “dispositivo moral, pois do ponto de vista funcional os resultados de longos confinamentos tendem a trazer mais problemas do que prejuízos” (DAMO, 2007, p.308).

A reclusão, por exemplo, atravessa fronteiras históricas e culturais, sendo usada como estratégia prática e simbólica visando salvaguardar os atletas do desperdício de energia em véspera ou antevéspera de jogos. Não por acaso, as interdições principais recaem sobre o intercuro sexual e a ingestão de bebidas alcoólicas, duas atividades aparentemente distintas, mas que podem ser agrupadas a partir das representações populares de masculinidade (DAMO, 2007, p.306).

Outras críticas diretamente relacionadas ao tempo em que permanecem em concentração também foram enunciadas pelos jogadores, tais como a imposição de um controle da vida social do atleta e o prejuízo na condição física daqueles que não participam dos jogos. Ao permanecerem um, dois, alguns casos, até três dias em concentração, ou até semanas em situação de pré-temporada, os jogadores ficam sujeitos ao distanciamento das relações familiares e da proximidade com amigos. Como consequência, e não por acaso, o sentimento mais presente nestes casos é o de saudade.

Os próprios torcedores, se você tiver no shopping e você estava tomando refrigerante vão falar que você estava tomando cerveja, se tiver tomando água vão falar que você estava tomando cachaça. Se o time perder vão falar, “ah, fulano de tal estava no shopping ontem ou saiu para jantar com a família” (J17).

A gente não pode sair e a gente só ficando pensando, focado, na próxima partida. Então a gente quase não tem um tempo para família assim. A gente acaba passando mais tempo com os jogadores do que com a própria família. A saudade existe, né (J10).

[ficar longe da família] no começo [da carreira] é bastante difícil. Falo que no começo, porque várias vezes eu pensei em desistir. Pensei sim. Porque você fica longe do seu pai, da sua mãe, você fala “pô, tô perdendo meu tempo com meus amigos, minha família, perdendo tempo de tudo”. Então, enquanto todo final de semana o pessoal está saindo para comer e para festejar, a gente está concentrado para trabalhar (J15).

A mídia esportiva, sobretudo nos programas televisivos com mesas redondas, comentaristas e convidados, ao trazer para o debate a necessidade, ou não, da existência das concentrações esportivas

tem explicitado cada vez mais frequentemente argumentos contrários à sua realização em discursos que buscam defender os atletas do “aprisionamento” suscitado pela obrigatoriedade do jogador permanecer na concentração.

Em reportagem de Padeiro e Calipo (2008) publicada pela UOL/Esporto no dia 15 de outubro de 2008, o então treinador do São Paulo Futebol Clube, Muricy Ramalho, declara opinião contrária à concentração esportiva em certos momentos, sobretudo pela privação dos atletas ao contato familiar. Nesta ocasião, propôs que os atletas retornassem para suas residências após os treinos para dormir com a sua família e nas duas noites que antecederam o jogo, manteve os atletas concentrados no alojamento, pois entendia que

[...] é claro que ficar fechado sete dias ninguém gosta, por isso os jogadores passam o dia aqui e vão dormir em casa. É complicado ficar longe da família.⁸⁷

Tal como explicitado por Muricy Ramalho, comumente veicula-se na mídia esportiva comentários de atletas que questionam a ausência da família quando estão concentrados. Em reportagem de Martini (2016) ao diário esportivo “Superesportes” de janeiro de 2016, o capitão da equipe do Clube Atlético Mineiro, ao se posicionar contrariamente à realização da concentração esportiva, levantou a distância da família como o principal problema a ser enfrentado.

O futebol está evoluindo, todos os atletas são profissionais e é importante ficar próximo da família. Ficar distante da família é complicado, isso [acabar com a concentração] ajuda a se aproximar da família. Quando você fica 15 dias seguidos aqui [na concentração], cansa demais, você fica com o corpo cheio. Já foi provado que sem concentração tivemos títulos. Foi bom para ver que o resultado foi produtivo. Na verdade, os dois lados a gente percebe que são bons, mas preferimos sem concentração.⁸⁸

Já Ronaldo Nazário de Lima (Ronaldo “Fenômeno”), um dos maiores jogadores brasileiros de futebol de todos os tempos, em reportagem da Agência Estado (2009) explicitou em coletiva de imprensa à época que jogava pelo Corinthians opinião contrária a realização da concentração esportiva reclamando, sobretudo, da elevada frequência antes das partidas e o consequente curto período de estadia com a família. Se utilizou em seu discurso do Barcelona FC, clube espanhol

⁸⁷ “Palmeiras aposta na concentração; São Paulo, na liberdade aos jogadores”. Disponível em <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2008/10/15/ult59u174339.jhtm>>. Acesso em 29/06/2016.

⁸⁸ Aguirre seguirá meio-termo no regime de concentração e recebe compreensão de capitão. Disponível em <http://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/atletico-mg/2016/01/23/noticia_atletico_mg,327975/aguirre-seguira-meio-termo-no-regime-de-concentracao-e-recebe-compreensao-de-capitao.shtml>. Acesso em 01/07/2016.

campeão da *Champions League* (Liga dos Campeões da Europa), para desmitificar a necessidade da concentração esportiva em dias que antecedem os jogos para obter bons resultados.

O título da Copa do Brasil é importante também porque vai nos dar tranquilidade para o segundo semestre, e espero que com isso diminua o tempo de concentração. Em seis meses este ano, acho que ficamos três concentrados. Itu, jogos... nem temos mais brincadeiras para fazer [...] é muito tempo concentrado, sem ficar com a família. Eu gostaria de passar mais tempo em casa no segundo semestre. Na Europa não existe isso. O Barcelona, campeão da Champions [Liga dos Campeões], se apresentava no dia do jogo. Só na final precisou chegar um dia antes porque a Uefa quem mandou (AGÊNCIA ESTADO, 2009, s/p).⁸⁹

Um dos atletas por nós entrevistado também se posicionou criticamente em relação à associação da concentração esportiva com o desempenho nos jogos, pois defendeu alguns clubes no Brasil que mais recentemente aboliram este regime de reclusão pré competitiva e obtiveram bons resultados. No entanto, fez a ressalva que a partir de uma sequência negativa de resultados, voltaram atrás desta polêmica decisão, pois assim que o clube *“começou a perder alguns jogos os caras [dirigentes] acharam que era por causa da concentração, aí voltaram a concentração. Mas até então, estava assim, a gente não estava concentrando, o time estava indo muito bem”* (J3).

No entanto, não há no futebol frase mais célebre que questione a relação das concentrações esportivas com o desempenho das equipes do que a proferida diversas vezes por João Saldanha, ex treinador (da Seleção Brasileira, inclusive), jornalista e escritor: "Se concentração ganhasse jogo, o time da penitenciária seria campeão invicto" (BUENO, 2016).

Já em entrevista ao diário esportivo LANCE em 1998 o ex jogador da Seleção Brasileira de Futebol, Sócrates, falecido em 2011, foi além e explicitou opinião bastante crítica e contestadora:

Nada é mais banal e letárgico que este tipo de aprisionamento a que os jogadores são submetidos. Quais os motivos para a existência das concentrações? Evitar que os atletas se excedam em bebedeiras, noitadas ou mesmo relações sexuais? Na verdade, é mais uma conduta paternalista que persiste, levando, ao contrário do que se pensa, uma perda de concentração e de motivação, porque, estando os jogadores distantes de seu habitat natural, o sentimento corrente é de sonolência, mau-humor e relaxamento, que em nada favorecem suas performances (LANCE, 12/3/1998, apud KOCIAN, 2009).

⁸⁹ “Ronaldo critica períodos de concentração no Corinthians”. Disponível em <<http://esporte.ig.com.br/futebol/2009/06/29/ronaldo+critica+periodos+de+concentracao+no+corinthians+7024966.html>>. Acesso em 01/07/2016.

Os discursos trazidos pelo treinador Muricy Ramalho e pelos jogadores Sócrates e Ronaldo, bem como as falas dos atletas entrevistados por nós neste estudo, explicitam que o sentimento de aprisionamento e de controle da vida social e o consequente distanciamento das relações familiares podem ocasionar, ao invés de condições favoráveis à concentração, a perda desta, bem como dos níveis de motivação, ansiedade, autoconfiança, auto eficácia etc. não estabelecendo relação direta e favorável com o desempenho das equipes nas partidas e campeonatos. Neste aspecto, segundo Kocian (2009), o excessivo período em regime de reclusão pré-esportiva, diante das reduzidas possibilidades de usufruto do tempo, sobretudo nos momentos de ócio, pode acarretar aumento nos níveis de estresse e irritabilidade dos atletas, bem como o mal-estar e desconforto quando mantido o foco de atenção no jogo em alta intensidade.

Por sua vez, o prejuízo na condição física, e diríamos também nos demais determinantes do treinamento esportivo, técnico, tático, e psicológico/social (BANGSBO, 2015), e não somente físico como relatado por um atleta entrevistado por nós, se dá pelo fato da concentração esportiva não oferecer as mesmas condições de treino, em frequência e intensidade, aos jogadores, visto que há necessidade de se preservarem para o próximo jogo. No entanto, os jogadores que não participam dos jogos, pois permanecem somente no banco de reservas ou nem mesmo são relacionados para a partida, sentem-se prejudicados na medida em que não há para eles o esforço físico e o desenvolvimento técnico-tático requeridos em situações normais de treino e jogo. No aspecto psicológico, a desvantagem se dá, sobretudo, pelo papel assumido por esses atletas no grupo, já que se veem sem função, sem importância, à margem dos demais jogadores, trazendo ressonâncias em certos estados emocionais tais quais a motivação, estresse, autoestima, autoconfiança e auto eficácia, conforme já atestamos.

O conceito de vigilância e poder disciplinar de Foucault (1987) pode nos ajudar a entender o controle e monitoramento impostos aos atletas por meio da utilização da concentração esportiva e o porquê da sensação de estar sendo vigiado e controlado ter sido mencionada explicitamente por poucos atletas. Ao tomar a vigilância como instrumento do controle social usado pelo poder disciplinar (RODRIGUES, 2004, p.264), ou a uma “engrenagem específica” (FOUCAULT, 1987, p.200) desse poder que tem “como função maior *adestrar* “ (FOUCAULT, 1987, p.195, *italico do autor*), garante-se que ao funcionar em rede – e atualmente a tecnologia e as redes sociais funcionam como importantes colaboradores desta rede -, todos jogadores são o tempo vigiados, às vezes, uns

pelos outros, fazendo com que essa vigilância hierarquizada passe despercebida, discretamente, praticamente invisível para os integrantes do grupo.

Tal como notado nos discursos dos atletas, entre os membros das comissões técnicas entrevistadas, a grande maioria também é favorável à existência da concentração esportiva em dias que precedem a realização de jogos oficiais, ainda que alguns tenham feito ressalvas. Dentre os principais argumentos que sustentam tal opinião estão a qualidade da alimentação oferecida, os momentos de descanso oportunizados aos atletas, a distância das exigências familiares (esposa e filhos), a integração entre os atletas, a mudança do foco da rotina de treinos para a de jogo, o aumento da concentração no jogo e o compartilhamento de informações importantes sobre a próxima partida, como informações e/ou detalhes do adversário ou forma como a equipe deve se comportar taticamente em campo a fim de propiciar o melhor rendimento nas partidas.

É importante para ter uma alimentação melhor, já que o atleta não tem aqui [no clube]... No meu ponto de vista é bom porque o atleta vai sair um pouco, às vezes, do problema do dia-dia que ele tem dentro de casa, da mulher. Então ele sai um pouco do foco que ele tem no dia-dia para poder ficar concentrado junto com o jogador, estar unido do lado do jogador, porque tem grupo que às vezes, vamos supor, tem atleta que às vezes vem, treina, pega a roupa dele e vai embora. Não tem um convívio maior com o grupo, com todo mundo. Isso aí a gente respeita. É dele. Daí concentrando eles tão ali, eles almoçam todos juntos, senta todo mundo numa mesa, todo mundo junto, café da noite está todo mundo junto. Às vezes tem atleta que não está em contato com um e ali na mesa começa a conversar, começa a ter contato. Então, eu acho que é de suma importância a concentração nesse propósito de você estar junto, no café da manhã, almoço, janta. Tem um descanso maior que às vezes em casa você não tem. Você vai passar um vídeo do jogo do adversário para o atleta ou um vídeo do jogo anterior da equipe para ver o que errou e o que não errou. Aí você mostra o adversário como que joga, os pontos fracos, pontos fortes. É tudo inserido no contexto do jogo que você vai ter no outro dia (CT10).

Eu acho importante, não pelo aspecto de controlar o atleta em relação a sair à noite, essas coisas, como muita gente pensa. Acho importante se a gente poder controlar o descanso e a alimentação do atleta. Muitas das vezes o atleta que é casado está em casa com a família, mas a criança não deixa ele dormir. Ele vai comer uma pizza, vai para o shopping e acaba desgastando. Então a gente prefere ter o controle da alimentação e descanso de todos eles [...] A gente procura passar vídeos para eles do adversário. A palestra do treinador. Mas basicamente é essa questão da alimentação e do descanso (CT6).

A concentração no futebol já vem de muitos anos. Vem, antigamente, por causa de os jogadores não saírem, mas hoje é mais por causa da alimentação. Hoje é mais pelo cotidiano. Uns clubes já têm tirado a concentração nos dias de jogos, na própria cidade eles tiram a concentração. Mantém mais por conta da alimentação. À noite, alguns atletas já têm filhos novos e aí a relação com a mulher às vezes obriga que ele fique noites acordado ajudando a cuidar da criança e uma noite mal dormida, para jogar no outro dia, é prejuízo na certa (CT3).

As exceções dentre os membros das comissões técnicas, couberam a dois entrevistados que se posicionaram explicitamente contrários à utilização deste recurso, pois “*a concentração, na verdade, é para trancar jogador*” (CT11). O discurso explicitado abaixo, que se alinha com o do jogador Sócrates, entrevistado pelo jornal esportivo Lance (1998, apud KOCIAN, 2009), será retratado em maior detalhe devido sua riqueza de informações e teor significativamente crítico.

Realmente, de verdade, se usa a concentração para trancar o cara [jogador]. O que você faz no hotel sem fazer nada? Você fica sem fazer nada. Você não sai para rua. Aí tem jogador que consegue uma brecha e leva mulher para o quarto e a mulher vai e se hospeda, descobre o hotel que vai, e se hospeda antes num quarto qualquer do hotel. O hotel é grande e você não tem esse controle. Se o cara quiser levar na bolsa dele um litro de whisky e tomar de madrugada... você não tem esse controle do tipo, vou garantir que o cara vai dormir “x” horas por noite e comer bem. Você consegue garantir que ele vai comer. O resto, você não consegue. [...]você não vai me convencer que você vai ficar 48 horas pensando no jogo, porque aqui você não vai ficar. Você vai ficar jogando truco, jogando videogame, você vai ficar na recepção do hotel vendo se passa mulher, você vai falar de outras coisas, vai dormir. Então, o nome concentração não retrata o que, na minha opinião, é uma concentração. O cara está concentrado para o jogo sempre, não é só ali na hora que ele está no hotel. Então é bem mais ou menos desse jeito que funciona a concentração. E lá dentro os caras não fazem nada, ficam lá uns no quarto dormindo o dia inteiro, outros ficam jogando videogame, outros jogam baralho, só. E as outras coisas que a gente não fica sabendo que eles fazem, ou deixam de fazer dentro do quarto, se bebe, se não bebe. Conheço um monte de jogador que leva mulher para o quarto e ninguém fica sabendo. Não agora aqui, mas em outros clubes que trabalhei tinha jogadores que são amigos meus de outros clubes que contam que levam whisky, pedem gelo para o massagista, fazem que querem fazer gelo no joelho, na coxa, sei lá onde for, e tomam whisky e vão bêbados para o jogo e jogam. Então, a concentração eu tenho muita restrição. Eu acho que não serve para nada, para ser bem sincero. Jogo fora, não tem jeito, [pois] tem que viajar e ficar no hotel descansando... tem uma viagem. Mas jogo em casa não vejo porque. Eu acredito que o cara tem que ser profissional. Ele é pago para isso (CT11).

Como facilmente nota-se nesta fala, o entrevistado não vê validade nenhuma para a existência desta prática e credita ao “aprisionamento” dos atletas a principal justificativa para a manutenção do regime de concentração esportiva no futebol brasileiro. Vale ressaltar que tais justificativas já se evidenciavam, conforme Florenzano (1998, p.82), ao longo da Copa do Mundo de 1970 na medida em que “o regime de concentração da seleção brasileira assegurava a vigilância sobre os jogadores, os expunha a visibilidade do poder garantindo que nenhuma indisciplina passasse despercebida”. O

jogador, nesta perspectiva, é visto como uma “força de trabalho produto do disciplinamento”⁹⁰ (CARRAVETTA, 2001, apud RODRIGUES, 2004, p. 264).

No entanto, conforme um integrante de comissão técnica, nem mesmo a suposta condição de maior descanso, abstinência sexual e a não ingestão de bebidas alcoólicas está garantida, pois os atletas, quando querem, encontram brechas para burlar o sistema de controle imposto pela concentração e realizar as práticas desejadas. O discurso da alimentação como fator importante na concentração é problematizado por ele próprio quando questiona o impacto de uma boa alimentação por dois dias antes dos jogos ao passo que em todos os demais dias anteriores e posteriores aos jogos eles, atletas, se alimentam mal.

[A concentração serve] porque a gente peca na alimentação. Então os caras se alimentam mal durante a semana. Falta um café da manhã bom, de repente o almoço foi ruim, chega na hora do lanche da noite a ceia não tem nada. Então os caras se alimentam mal. Então quando a gente vai para concentração, ficam dois, dois dias e meio no hotel, eles tão se alimentando muito bem. Então fazem quatro, cinco, seis refeições no dia e todas as refeições excelentes. [...] agora você pergunta, se eles passam a semana inteira comendo mal, que comam uma vez bem um dia, dois, antes do treino vai fazer tanta diferença? Não sei (CT11).

Há também aqueles profissionais que condicionam a realização, ou não, da concentração esportiva à importância da próxima partida. Quanto mais importante o jogo, seja em relação ao adversário, sobretudo um rival, seja em relação à fase da competição, mais esse sistema de reclusão dos atletas tem recebido importância e sido realizado. O treinador do Clube Atlético Mineiro, Diego Aguirre, em reportagem de Martini (2016) publicada no site esportivo “Superesportes”, afirmou pensar na necessidade da concentração caso a caso, subestimando ainda a sua importância.

*Não é uma coisa que me preocupa. Às vezes, podemos concentrar, às vezes, não. Tudo depende da importância do jogo. Provavelmente, vamos fazer as duas coisas. Mas não é uma preocupação. Não é tão importante assim concentrar ou não concentrar. Na Europa, ninguém se concentra (MARTINI, 2016, s/p)*⁹¹

Compreensão semelhante foi enunciada por Diniz (2015) quando sugeriu a existência da concentração esportiva somente em momentos excepcionais, comparando esta prática, tal como

⁹⁰ A disciplina é entendida por Rodrigues (2004, p.264) “como obediência técnica e tática, uma disciplina corporal e moral”.

⁹¹ Aguirre seguirá meio-termo no regime de concentração e recebe compreensão de capitão. Disponível em <http://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/atletico-mg/2016/01/23/noticia_atletico_mg,327975/aguirre-seguira-meio-termo-no-regime-de-concentracao-e-recebe-compreensao-de-capitao.shtml>. Acesso em 01/07/2016.

realizado por alguns profissionais entrevistados nesta pesquisa, com a configuração do futebol europeu.

Trancar jogadores em concentrações não deve ser uma regra, mas uma exceção, se necessária, para momentos especiais. Os times europeus, que praticam o melhor futebol do mundo, não usam esse expediente e focam seu treinamento mais nos aspectos táticos do que físicos do esporte (DINIZ, 2015, s/p).⁹²

Dentre os dirigentes entrevistados, dois deles também se manifestaram contrariamente à existência da concentração esportiva, pois a entendem como uma estratégia ultrapassada, retrógrada e cuja função única na atual conjuntura do futebol profissional é impossibilitar que os jogadores tenham comportamentos não desejáveis que possam prejudicar o rendimento, individual e coletivo, nos jogos. Enquanto um deles creditou à falta de profissionalismo dos atletas brasileiros a existência e manutenção do regime de concentração esportiva, o outro responsabilizou os gestores, principais responsáveis por esse processo, por julgarem os atletas como seres desprovidos de consciência crítica e responsável e pela incapacidade de promover mudanças nesse sentido.

É obsoleta né! Isso não existe. Ou você é profissional ou você não é. O medo de que o atleta vá dispersar, vá fazer alguma besteira né. O fundamental é que ele tenha consciência que sendo profissional, se ele não descansar, se ele não focar, vai prejudicar o rendimento dele na hora do jogo. E aí ele não vai virar [ter sucesso] pô, vai perder espaço [no grupo]. Eu sou totalmente contrário. Eu acho que nós temos que começar a treinar isso, a colocar isso como é na Europa, como é nos Estados Unidos, como é em outros países para que o jogador seja ciente das suas responsabilidades. (D6)

Entretanto, o discurso de que a concentração esportiva serve para trancar o jogador com intuito de controlá-lo foi contestado por um dos demais dirigentes entrevistados, pois tanto ele quanto os outros dirigentes favoráveis à existência deste recurso, veem a qualidade da alimentação oferecida e o descanso oportunizado como os principais motivos em manter os atletas em concentração.

Às vezes o pessoal diz: 'ah vai trancar o jogador'. Não é trancar o jogador. Você vai fazer ele comer bem, porque às vezes ele está na casa dele e às vezes não come. Come besteira na rua. Vai comer um lanche na rua, uma pizza e na concentração você tem todos os horários certinho, café da manhã, almoço, café da tarde, jantar, lanche da noite. E ele descansa, não vai no centro, não vai bater perna, sair com a esposa, não vai precisar brincar com o filho, ele vai descansar. Numa sequência de jogos muito grande como essa, o mais importante é ele comer bem, se alimentar

⁹² “Chega de concentração”. Disponível em <<http://abiliodiniz.blogosfera.uol.com.br/2015/01/26/chega-de-concentracao/>>. Acesso em 02/07/2016.

bem, e descansar para que ele possa estar recuperado, porque você tem dois, dois dias e meio, às vezes três dias no máximo para recuperar para o outro jogo (D4).

[A concentração esportiva serve] para que o atleta possa descansar bem, pois na sua casa normalmente ele não vai descansar. O atleta casado, às vezes a criança quer passear, “vamo pai, vamo pra lá, vamo pra cá.” Muitas vezes a criança está com problema de saúde que a mãe nessas horas tem que fazer o papel de pai, mas o atleta está preservado. E a alimentação é adequada também, que na sua casa certamente não é a ideal (D5).

Ambos discursos, ainda que tenham buscado relativizar a reclusão e o controle dos comportamentos e condutas dos atletas, ratificam o paternalismo que impera na argumentação daqueles que são favoráveis à concentração esportiva no futebol profissional, haja vista a limitação às liberdades de cada sujeito invadindo sua autonomia individual por basearem-se na incapacidade do atleta para tomar determinadas decisões/comportamentos que o clube, ou a instituição futebol, julga como corretas.

Segundo Miguel (2015), o paternalismo se configura na utilização de recursos coercitivos a fim de manipular e/ou modificar os comportamentos e preferências dos agentes. Ainda assim, há duas leituras, com suas devidas interpretações e críticas: uma, que considera o paternalismo como legítimo e com a qual temos algumas discordâncias, entende que à medida que “as crianças, por definição, não possuem capacidade de exercer sua autonomia, a ação dos pais em tomar as decisões em nome dos filhos e, assim, protegê-los de sua própria racionalidade deficiente” se valida (MIGUEL, 2015, p.109-110), ou seja, todos os sujeitos desprovidos de capacidade de tomar decisão, dentre eles as crianças e determinados adultos com problemas psiquiátricos e/ou sob uso de drogas estão sujeitos às condutas paternalistas; e outra visão de paternalismo, com a qual nos apropriamos para essa reflexão, relacionada aos agentes que ocupam posições distintas dentro de uma hierarquia, tal como na relação entre atletas, comissão técnica e dirigente esportivos e que ferem a capacidade de decisão individual dos sujeitos.

Afinal, ao privar o jogador de se relacionar com a sua esposa/namorada, de estar com seu filho porque terá que brincar com ele, de passear com a sua família em um parque ou shopping, com o argumento de preservá-lo do desgaste físico, assim como de comer um lanche, uma pizza ou ir à uma festa, com vistas à otimizar seu rendimento no jogo, estão, de certa forma, referendando a compreensão que os atletas brasileiros não possuem capacidade de exercerem sua autonomia e optarem pelas decisões e comportamentos a serem tomados. Vale destacar que tal entendimento

esteve presente em quase todas as entrevistas realizadas neste estudo, inclusive entre os próprios atletas.

Por outro lado, entendemos que a falta de profissionalismo dos atletas brasileiros trazida como argumento para existência e manutenção do regime de concentração esportiva somente poderá ser superada quando, corroborando com Mill (1991, apud Miguel, 2015), os jogadores tiverem “liberdade para definir seu próprio comportamento, mesmo quando, no olhar de outros, eles estejam prejudicando a si mesmos”. Supomos também que essa liberdade e/ou visão crítica podem ser ampliadas no conjunto dos jogadores e técnicos quando construídas coletivamente, em uma rede de solidariedade em que permita, inclusive, identificar seus próprios paradoxos e elaborar suas representações no processo que se estabelece nos grupos.

Ainda assim, há de se problematizar, no entanto, que quando um atleta tem um rendimento nas partidas, sobretudo físico e técnico, abaixo das expectativas não está somente prejudicando a si próprio, mas também, ainda que indiretamente, os demais atletas e comissão técnica, pois o futebol, como modalidade coletiva, presume o esforço de todos os membros do grupo para um bem/meta comum: a vitória no jogo, conquista de uma competição, dentre outros.

Diniz (2015), ao comemorar a decisão do treinador Muricy Ramalho em acabar com a concentração esportiva no São Paulo Futebol Clube na época de sua segunda passagem pelo clube, emitiu opinião favorável ao fim desta prática de confinamento, cujo argumento corrobora o acima explicitado.

Jogador profissional é assim. Sabe o que deve e o que não deve fazer. E que se não fizer o que deve, prejudicará seu time e sua própria carreira. O futebol está cada dia mais competitivo. Não há mais espaço para abusos que comprometam o desempenho do atleta e do grupo. Por isso é fundamental desenvolver no jogador a consciência da importância do que ele faz. Como são profissionais que atingem seu pico em idade ainda muito jovem, eles precisam aprender logo cedo a ter responsabilidade e passar confiança ao time e ao treinador. E os clubes, ao invés de trancafiá-los como crianças, devem investir na formação dos atletas não apenas como jogadores, mas como homens de bem e responsáveis. A maioria dos jogadores no Brasil já tem essa consciência. Só falta agora acabar com o confinamento que os isola das famílias e dos amigos e atrapalha suas vidas desnecessariamente, além de gerar custos extras aos clubes com acomodação (DINIZ, 2015, s/p).⁹³

⁹³ “Chega de concentração”. Disponível em <<http://abiliodiniz.blogosfera.uol.com.br/2015/01/26/chega-de-concentracao/>>. Acesso em 02/07/2016.

Tal compreensão também esteve presente, ainda que não explicitamente, na fala de um dos entrevistados nesta pesquisa, já que tais condutas consideradas inadequadas para um atleta profissional, como por exemplo não garantir o tempo apropriado de sono/descanso e a qualidade da alimentação, poderão prejudicar outras pessoas que não os próprios atletas, neste caso, a comissão técnica.

Quem determina a concentração normalmente é o treinador e comissão técnica e, normalmente, aqui no Brasil você não tem um respaldo da diretoria, de pensar que se o jogador for mal, a culpa é dele, não é do treinador. Então vamos mandar o jogador embora e vamos trazer outro que é o que acontece na Europa. Lá na Europa, os caras [dirigentes] não demitem treinador. Os caras [atletas] tem o contrato e acabam com o contrato. Troca o jogador, encosta, empresta. Tem dinheiro para fazer isso e apostam numa metodologia de trabalho. Ai o treinador não concentra os caras [jogadores] e metade do time sai para noite na véspera, vai para o pagode, fica cozido, não corre, perde o jogo, aí o preparador físico é uma 'merda', treinador é uma 'merda'. Então os caras [comissão técnica] usam a concentração até para se defender e evitar o problema de ter surpresa no dia do jogo, de um rendimento abaixo (CT11).

À alimentação e ao descanso, também valorizados por outros dirigentes entrevistados neste estudo, somam-se como recursos importantes para o momento em que estão concentrados, os vídeos, conversas e reuniões (reconhecidas como preleções), cuja finalidade é conhecer o adversário e melhor se preparar para enfrentá-lo. Ainda assim, em uma das falas nota-se relação com o desenvolvimento dos processos grupais, por proporcionar maior proximidade e integração entre os integrantes do grupo.

[A concentração esportiva] é um ambiente que o treinador tem para trabalhar. Então na concentração o treinador tem a possibilidade de passar um vídeo sobre o adversário, na concentração os jogadores têm a oportunidade de discutir no almoço ou no jantar sobre os assuntos do dia-dia, há uma integração maior. Além de uma melhora do repouso e de uma alimentação melhor, eu acho que é um horário que você tem hoje, os treinadores usam a concentração para trabalhar também, então eles fazem palestras onde mostram o vídeo do adversário, eles fazem reunião para discutir como foi o jogo passado e o que pode melhorar... acho que uma concentração na véspera do jogo é importante, porque é onde você consegue integrar mais o elenco e poder trabalhar também (D2).

[Na concentração] você tem o vídeo que você mostra o adversário, você estuda o adversário. A gente tem um analista de desempenho só para analisar o adversário. Então a gente mostra isso para eles. Tem a preleção do treinador que é aquilo que ele quer que seja feito durante os jogos. É sempre esse tipo de cuidado, uma conversa ou outra (D4).

Portanto, entendemos a concentração esportiva, por nós agora apropriada como reclusão/confinamento pré competitivo, como uma estratégia adotada por dirigentes e comissão técnica para, ao (tentar) privar no dia que antecede uma partida os atletas de convívio social com qualquer pessoa que não esteja relacionada ao contexto profissional, garantir o descanso e uma boa alimentação a fim de possibilitar melhor rendimento no jogo que se aproxima. A substituição do termo concentração pelo termo reclusão e confinamento se justifica pois as condições às quais estão submetidos os jogadores não favorecem o processo de concentração - definida por Weinberg & Gold (1999, p.326) como a “capacidade de manter o foco da atenção sobre os estímulos relevantes do meio ambiente” -, ao passo que a reclusão/confinamento se mostra como alternativa encontrada, equivocadamente no nosso entendimento, pelos dirigentes e comissão técnica para abster os jogadores de qualquer contato ou influência que não tenha relação direta com o jogo que se aproxima e que possa prejudicar a performance esportiva.

Quando afirmamos que as condições às quais se submetem os jogadores em uma concentração esportiva não favorecem o processo de concentração, partimos do pressuposto que não são formuladas estratégias e criadas as devidas condições para o desenvolvimento/aprimoramento da atenção, muito menos para sua manutenção pelo período desejado. Samulski (2002) já nos advertira que o atleta permanece no decorrer de uma partida, em vários momentos, diante de situações decisivas que exigirão dele a capacidade de direcionar sua atenção aos estímulos mais relevantes. Complementa ainda que o processo de se concentrar e manter, portanto, a atenção por determinado período de tempo, pode ser aprendido. Caberá ao atleta assimilar o como concentrar-se, em quais momentos do jogo deve estar mais ativado para o foco da atenção e em quais e com que intensidade deve focar sua atenção aos objetos/estímulos de um jogo. Proporcionar esse aprendizado e oportunizar seu desenvolvimento não estão entre os objetivos e tarefas propostas aos atletas durante o período em que eles se mantêm em reclusão pré-competitiva.

Embora muitas críticas ao regime de concentração esportiva tenham sido elencadas, corroboramos a compreensão de grande parte dos entrevistados neste estudo de que há pontos positivos nesta prática, dentre os quais destacamos a possibilidade de descanso, alimentação de qualidade, as preleções e estudo do jogo e do adversário e, principalmente, a oportunidade – não aproveitada, entretanto, - de desenvolvimento dos processos grupais presentes no futebol profissional.

No entanto, se ressignificada e melhor apropriada pelos dirigentes, comissão técnica e jogadores, a conduta paternalista que normatiza a reclusão esportiva carece de ceder lugar a uma postura que atribua aos atletas responsabilidades, poderes decisórios e liberdade para definirem seus próprios comportamentos, incluindo a opção por permanecerem, ou não, nos hotéis/centros de treinamento.

Finalizamos este tópico na expectativa de termos contribuído com o debate em torno das concentrações esportivas, ou reclusão/confinamento pré competitivo, explicitando suas características, ambiguidades/contradições, posicionamentos favoráveis e contrários à sua existência em sua relação com o desenvolvimento dos processos grupais no futebol profissional. Ainda que estejam presentes em alguns discursos enunciados por nossos entrevistados, argumentos favoráveis à realização dos períodos de concentração esportiva para favorecer a ambientação, integração, coesão, comunicação e relacionamento entre os atletas, não constatamos estratégias e oferecimento de condições que caminhem nesse sentido.

Desse modo, esperamos ter oferecido subsídios para elaboração de outras estratégias que ampliem sua serventia para além do confinamento, descanso e alimentação ou até mesmo para sua supressão. Sua facultatividade poderia também, em consonância com referencial que vemos defendendo, servir como um modo de respeitar a singularidade de cada atleta e seu manejo do par dialético necessidade/satisfação, sem perder a visão de conjunto/equipe.

5. REFLEXÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DE GRUPOS NO FUTEBOL PROFISSIONAL

Para que possamos atingir nosso objetivo de compreender o processo de formação de grupos no futebol profissional, necessitamos, também, averiguar e analisar os critérios existentes no processo de contratação e venda de jogadores, as estratégias adotadas na transição dos atletas formados nas categorias de base à equipe profissional, bem como o tratamento e postura dos dirigentes esportivos e comissão técnica em relação aos atletas das categorias de base que não conseguiram se profissionalizar.

Estudar o processo de formação de um grupo de futebol, na perspectiva proposta neste trabalho, implica, portanto, identificar aspectos que caracterizam a instituição (BLEGER, 1988) “futebol profissional” e compreendê-lo a partir das dimensões propostas por Pichon-Rivière que analisam o sujeito que se dirige ao grupo (dimensão psicossocial); o grupo como estrutura (dimensão psicossocial) e os grandes grupos (dimensão institucional). Conforme já destacado, estas três dimensões não podem ser pensadas de maneira indissociada, contudo algumas características merecem ser abordadas dentro desses recortes considerando o conjunto de questões de natureza diversas que a temática desse estudo nos traz.

5.1 O futebol profissional como instituição

Conforme já destacamos, Bleger (1980) entende a instituição como conjunto de valores e como organização, ainda que ambos entendimentos também não possam ser abordados de forma rigidamente separada. Ainda assim, algumas características que tem ressonância no processo de formação desses grupos merecem ser apresentadas, pois além de subsidiarem o esclarecimento sobre tal processo, algumas delas tem sido, inclusive, objetos de outros estudos e/ou de preocupação para quem se preocupa com as questões do futebol no Brasil e no mundo.

Tal como apontado por Rubio (1998, p.85), nenhuma equipe do futebol profissional está imune às questões institucionais, pois estas estão pautadas na busca incessante pelo rendimento, pelas conquistas e pela competitividade, motivos pelos quais os clubes oferecem todo o suporte

possível para que se associem à “atletas com bom desempenho e que transfiram para seus produtos essa imagem vitoriosa”. Acrescentaríamos ainda que o objetivo de busca da configuração desta imagem está diretamente relacionado aos ganhos financeiros que pode favorecer/render, já que a compreensão do futebol como uma instituição alicerçada no mercado, comércio, no ganho do capital, tal como já discutido no nosso primeiro capítulo, se faz cada vez mais presente.

Uma destas preocupações neste sentido passa, necessariamente, pelo conhecimento e análise de todo o contexto que envolve a compra/contratação, venda e dispensa/demissão de jogadores do futebol profissional, tarefa à qual nos deteremos nesse momento. Nesse caso, vale retomarmos a discussão já iniciada em nossa introdução acerca do processo de mercadorização e reificação de atletas.

Para nos aprofundarmos em tal empreitada nos valem, inicialmente, do conceito de “comodificação” trazido por Walsh e Giullianoti (2007, p.12). De acordo com tais autores, o processo de comodificação refere-se à “transformação de um bem ou serviço [neste caso o jogador de futebol profissional] em mercadoria”⁹⁴, ou seja, em algo passível de ser comercializado. Em outras palavras, trata-se da “transformação de uma coisa que possui somente valor de uso para um bem que possua valor de uso e valor de troca”⁹⁵ (WALSH & GIULLIANOTI, 2007, p.13).

Segundo Marx (2013), enquanto o valor de uso pode ser determinado pela sua utilidade ou devido sua “determinidade quantitativa”, o valor de troca se refere à relação quantitativa, quando o valor de uso de uma mercadoria é substituído pelo valor de uso de outra mercadoria (de outra espécie). Analogicamente, o valor de uso de um jogador de futebol profissional será determinado pelo seu uso do corpo - e porque não do seu “capital futebolístico”? -, ao passo que seu valor de troca, o preço para adquirir seus direitos federativos, será estabelecido pelas técnicas corporais empregadas em sua prática profissional (GIGLIO & RUBIO, 2013), pela possibilidade de exploração da sua imagem em propagandas, vendas de material esportivo e outras estratégias de marketing, e pela identificação que possui com o clube e torcida. Portanto, se um objeto ou uma pessoa reificada, tal qual o jogador profissional de futebol, pode ser comercializado, é possível afirmarmos, segundo Walsh e Giullianoti (2007), que ele possui um valor de uso e um valor de troca. Portanto,

Devido as rotinas de treinamento, os atletas literalmente trazem incorporado o seu valor de uso e, dessa forma, o valor de troca, que converte o objeto em mercadoria, é

⁹⁴ Tradução realizada do original em língua inglesa “[...] transformation of a good or service into a commodity”.

⁹⁵ Tradução realizada do original em língua inglesa “[...] transformation of a thing with only use-value to a good with both use-value and exchange-value”.

traduzido por meio do uso de seu corpo e do que é capaz de produzir enquanto força de trabalho (GIGLIO & RUBIO, 2013, p.389).

Giglio e Rubio (2013, p.389) acrescentam ainda que “o jogador que tiver a sua força de trabalho corporal reconhecida no meio futebolístico aumenta as chances de transformar seu saber corporal em maior rendimento financeiro”.

Com as mudanças pelas quais o futebol passou nas últimas décadas, sobretudo em relação ao modelo de organização e gestão ocorridas em função da economia política e do mercado, instaurou-se uma nova configuração na qual se destaca a comercialização de jogadores, os transformando em produtos e *commodities* (ANGELO, 2014). Esta nova configuração, que passa por uma transformação cultural,

[...] afeta valores e atitudes, crenças e percepções, normas e regras, compromissos e comportamentos sociais e laborais, identidades e identificações organizacionais e a ética profissional; bem como a responsabilidade social corporativa e as instituições envolvidas no sistema (ANGELO, 2014, p.50).

Mundialmente reconhecido por possuir um alto valor de uso e baixo valor de troca (sobretudo em relação aos atletas que atuam nos grandes centros do futebol europeu), o atleta brasileiro constantemente está envolvido em transações de uma equipe para outra, principalmente de um clube brasileiro para outro estrangeiro. Desde a implementação do novo e padronizado sistema de transferências da FIFA, o Brasil é o país que possui mais registros em movimentação de atletas em todo o mundo, sendo responsável por 13% de todas as transferências registradas. Para que tenhamos maior entendimento sobre o que representa tal porcentagem, o segundo país que mais movimenta atletas no mundo é a Argentina, com 6% das negociações. Ainda segundo informações da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Portugal é o país que mais envia atletas para o mercado futebolístico brasileiro, ressaltando que 98% dos atletas que saem de Portugal para jogar em equipes brasileiras são nascidos em solo brasileiro.⁹⁶

Em relação ao processo de compra e venda de atletas, Melani e Negrão (1995, p.69) salientam que, a partir do momento em que o jogador passa a não responder pela venda da sua própria força de trabalho, se traveste em objeto se reificando, quase sempre, nas mãos de clubes e,

⁹⁶ Fonte: site CBF - <<http://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/nova-ordem-do-futebol-reduz-numero-de-jogadores-vindos-do-exterior#.VcOfYflViko>>, acesso em 06/08/2015.

cada vez mais, dos agentes, já que “uma parcela muito expressiva dos passes dos principais jogadores está nas mãos dos empresários”. A partir de então, “o jogador assimila sua existência como parte de uma engrenagem subjugada por outros interesses que não os seus” (MELANI & NEGRÃO, 1995, p.67). Cabe ressaltar que esse processo se inicia ainda no momento em que o atleta assina seu primeiro contrato profissional e passa a fazer parte de um contexto que lhe retira a propriedade da força de trabalho, e no qual se estabelece que a relação “mercadoria-jogador é a coisificação do ser humano-atleta” (MELANI & NEGRÃO, 1995, p.67).

Diferentemente de outras pessoas, os jogadores de futebol vendem não apenas sua força de trabalho, senão que eles próprios são comprados e vendidos como coisas. Eles podem ser mercadorias muito apreciáveis, sendo que o preço varia, nestes casos, não apenas pela relação entre oferta e a demanda convencionais, mas por uma lógica especulativa, como no mercado de ações futuras (DAMO, 2007, p.58).

De acordo com Damo (2007, p.58), todos os jogadores profissionais de futebol estão sujeitos a serem convertidos em coisas, pois há um mercado de compra e venda de atletas que se apresenta de modo bastante estruturado, com fluxos preferenciais, tal como acontece com os melhores atletas brasileiros que se dirigem aos grandes centros europeus e os de menor prestígio para outras partes do mundo. Vale destacar, que a atribuição de um valor para a transação se dá segundo diversos atributos dos jogadores, assim como a idade, país de origem, comportamento extracampo, o clube que detém o “passe”, agente/empresário que o negocia entre outros, mas sempre associados à expectativa que se tem em torno da sua possível performance atlética, e mais recentemente, aos retornos decorrentes da exploração da sua imagem em propagandas e campanhas de marketing criadas pelos clubes, patrocinadores e marcas de material esportivo⁹⁷, sobretudo pelo forte apelo midiático que possuem.

Por sua vez, vale ressaltarmos que atualmente o clube detém, na maioria dos casos, somente uma parte dos direitos federativos, o empresário outra, o atleta outra, sendo que o sócio majoritário tem mais poder na definição da transação comercial. No entanto, sem acordo entre todas as partes, o negócio não se realiza.

⁹⁷ Em reportagem publicada pelo site especializado *Marketing Deportivo* <<http://www.marketingdeportivomd.com/>>, acessado em 31/05/2016, os três jogadores de futebol mais midiáticos do mundo têm seu valor avaliado em 220, 133 e 99 milhões de euros.

De acordo com Florenzano (1998, p. 152), o futebol moderno está impregnado pelo discurso que associa o jogador a uma máquina, como uma peça de engrenagem e que pode ser tranquilamente reposta/substituída quando vendida ou inutilizada. Dessa forma,

Quando um clube vender o passe de alguns jogadores, tratar-se-á da reposição de peças para a equipe; quando o futebol apresentado por uma equipe estiver aquém das expectativas, tratar-se-á de fazer com que as peças se encaixem; quando a equipe deixar de vencer uma partida, será porque as peças não funcionaram como deveriam (FLORENZANO, 1998, p.152)

Alguns discursos enunciados neste estudo, tanto de dirigentes e comissão técnica, quanto dos próprios atletas, corroboram as considerações de Florenzano (1998), sobretudo quando se refere aos jogadores como peças, que podem ser trocadas/substituídas, repostas e encaixadas para dar “liga na engrenagem”, ou seja, para fazer o grupo de atletas funcionar como uma equipe coesa.

[...] você tem muitos jogos ao longo da temporada e caso você não tenha uma reposição das peças que venham a sair por alguma razão, seja ela por uma lesão, por uma suspensão ou por até mesmo uma negociação que acontece durante a temporada, você corre o risco de perder rendimento. Então, geralmente você tem aí um, no futebol geralmente a gente trabalha com um grupo que gira em torno de trinta, trinta e cinco... [assim], você tem peças que possam entrar durante a temporada e tentar manter o rendimento da equipe (D1).

Se você pegar no aspecto cultural, até de formação como ser humano, no futebol europeu eles já estão acostumados com as mudanças, com a rotatividade, a troca de peças, né (CT8).

Outras equipes que permaneceram com os treinadores num longo prazo fizeram bons trabalhos, porque eles conhecem o perfil da diretoria, os jogadores que ele precisa e ele consegue perder uma peça ou outra e recompôr (J2).

Eu acho que eu tenho essa responsabilidade de ser uma peça importante nesse grupo (J6).

[O time encaixar é ele] dar liga. O time entender o que o treinador quer e as peças se desenvolverem a fazer (J5).

Como possível de ser notado nos parágrafos anteriores, por diversas vezes a expressão “venda do passe” foi apropriada para designar o momento em que um jogador sai de um clube e se transfere para outro. Ainda que em nossa introdução já tenhamos elencado alguns pontos importantes referentes à Lei nº. 9.615, de 24 de março de 1998, mais conhecida como Lei Pelé, vale ressaltar nesse momento que, à época de sua implementação, quando foi criada para substituir a Lei nº. 8.672/93 (Lei Zico), pretendia-se com a extinção do “passe” acabar com o sentimento de

aprisionamento dos atletas em relação aos clubes, já que, até então, mesmo findado o contrato do jogador com o clube, este era impedido de se transferir para outro até que não fosse pago a ele o valor que a lei determinava como devida. Dessa forma, apoiados na legislação, os clubes faziam do passe, ou seja, da compra e venda de atletas, sua principal fonte de renda (GUERRA, 2003) e com o seu fim, os clubes se viram sem a posse daquele que era seu principal patrimônio/mercadoria: o atleta.

Nesse ponto, um profissional da comissão técnica de um dos clubes investigados emitiu opinião que corrobora as afirmações de Guerra (2003), pois para ele, quando tratávamos da finalidade das categorias de base, sendo a principal delas o lucro obtido com a venda do jogador após ele profissionalizar-se e destacar-se, o clube

Funcionava muito bem até ter a mudança da lei, onde o clube era proprietário do jogador. Então o clube conseguia... sabia que ia gastar dinheiro, mas o jogador era propriedade do clube. Então, ele podia colocar no profissional e vendia se quisesse. O jogador era preso no clube, hoje com essa mudança, de direitos federativos do atleta, ele tem procurador e o empresário dele tira ele daqui, põe outro no lugar e vai trocando de clube e fazendo somente o interesse do empresário e do jogador (CT11).

Segundo o artigo 28 da Lei Pelé, em nova redação dada pela Lei 12.395 de 2011,

[...] a atividade do atleta profissional é caracterizada por remuneração pactuada em contrato especial de trabalho desportivo, firmado com entidade de prática desportiva, no qual deverá constar, obrigatoriamente cláusula indenizatória desportiva, devida exclusivamente à entidade de prática desportiva à qual está vinculado o atleta [no caso de] transferência do atleta para outra entidade, nacional ou estrangeira, durante a vigência do contrato especial de trabalho desportivo (BRASIL, 2011).

Embora a Lei Pelé tenha sido elaborada e implementada possuindo como uma de suas prerrogativas proteger e favorecer o atleta - possuidor e detentor da sua força de trabalho - na relação de trabalho com o clube, ao venderem sua força de trabalho (direitos federativos) para os clubes, os jogadores acabam se tornando “refêns” destes ao longo de quase toda sua carreira, pois somente poderão reaver sua liberdade contratual e laboral, e se transferir para outras instituições, mediante o pagamento de valor estabelecido pela cláusula indenizatória desportiva, constituída em grande parte, por valores elevados e desproporcionais (sobretudo se considerado o valor da cláusula compensatória desportiva) ou quando findado o prazo de vigência do contrato. Isso significa, de acordo com Reis,

Lopes e Martins (2014, p.121), “que essa cláusula ainda atribui ao atleta um valor de troca no mercado de pés-de-obra”.

No entanto, são raros os casos em que o clube cumpre este prazo e dá ao atleta novamente a posse dos seus direitos federativos, pois antes que o prazo para expirar o contrato se aproxime, os clubes se mobilizam para “vender o jogador” e lucrar com a cessão dos direitos trabalhistas a outro clube. De fato, são poucos os atletas que possuem contratos mais duradouros⁹⁸, aqueles dos grandes clubes, renomados ou “promessas” (jogadores recentemente revelados nas equipes profissionais nos quais se atribuem grandes expectativas de sucesso), mas o tempo maior de contrato se justifica, pois “caso outro clube tenha interesse nele, não será possível esperar que seu contrato chegue ao fim para sair sem pagar uma multa [maior pelo período mais longo de contrato] ao clube ao qual o jogador estaria vinculado” (MARTINS, 2016, p.102).

Estabelecido então o primeiro contrato trabalhista, ou a primeira venda, as transferências se dão, quase sempre, tendo como referência o valor de compra e o valor estipulado pela cláusula compensatória. Ainda que com a implementação da Lei Pelé o atleta tenha ganho, teoricamente, mais voz e poder decisório no momento de transferência entre clubes, assim como destacado acima pelo “CT11”, de fato, esta prática permanece estabelecida, salvo exceções, como um mercado de compra e venda no qual o atleta continua a ser tratado como uma mercadoria/objeto, a partir de uma relação empregatícia na qual o clube é sempre o elo mais forte visto que, dentre outros motivos, “o valor a ser indenizado ao clube é muito superior ao valor indenizado ao atleta no caso de rescisão” (CANI & GODOY JUNIOR, p.1163, 2013).

Importa ressaltar, em contrapartida, que alguns atletas têm se negado a ir para clubes que não sejam de seu desejo - sobretudo quando se tratam daqueles localizados fora dos grandes centros do futebol nacional e/ou mundial ou que não ofereçam boas condições de trabalho-, bem como solicitado aos clubes que o liberem para outro clube, via empréstimo, indenização pela quebra de contrato ou sem compensação financeira, quando estão insatisfeitos no clube atual ou passando por problemas pessoais/familiares.

Tais situações foram observadas no decorrer de nossa investigação. Em um dos clubes analisados nos deparamos com dois casos em que os contratos de jogadores foram rompidos a pedido

⁹⁸ Segundo Martins (2016), considerada a segunda divisão do Campeonato Paulista de 2013, somente 10,95% dos atletas possuíam contratos com mais de um ano de duração.

dos atletas, visto que não estavam satisfeitos com a posição/papel que vinham ocupando na equipe, ou seja, não vinham sendo escalados e utilizados pelo treinador nas partidas. Estes, a partir da quebra de contrato, em comum acordo conforme um dos dirigentes, ou seja, sem a necessidade de pagamento do valor estipulado pela cláusula indenizatória de seus respectivos contratos, ficaram “livres” para assinar um contrato com outras equipes.

Houve ainda dois casos em outro clube em que a “liberação”, como costumeiramente escutamos dos dirigentes, ou em outras palavras, a quebra de contrato por parte do atleta sem que o clube seja indenizado por isso, aconteceu pelo descontentamento de dois atletas com as condições de trabalho oferecidas, principalmente pela forma como se deu a troca da comissão técnica e devido os seguidos atrasos no pagamento de salários e direitos de imagem. Da mesma forma, em uma transação de troca, via empréstimo, entre dois clubes na qual um jogador viria emprestado para uma das equipes investigadas por nós em troca de outros dois jogadores, também por empréstimo, um dos atletas pretendidos se negou a ser envolvido na negociação, pois não queria sair de um time que estava disputando a série A do Campeonato Brasileiro para outro da série C.

Se tomarmos como referência a crítica ao conceito de coisificação realizada por Chalhoub (1990)⁹⁹, estas situações que pudemos presenciar, também veiculadas pela mídia esportiva em outros clubes, nos indicam que o jogador de futebol, ao menos em sua totalidade, não é destituído de sua agência, de seu poder contestatório e incapaz de realizar ações autônomas, negando dessa forma a própria associação, ainda que metaforicamente, do atleta como coisa. Entretanto, todos esses processos, ainda que busquem devolver ao atleta o poder decisório e a posse de sua força de trabalho, acabam perpetuando, na prática, a relação desigual de compra e venda de uma mercadoria/objeto.

Nos últimos anos, em decorrência também das alterações na legislação que regulamenta a profissão do jogador de futebol, se por um lado o atleta ganha mais direitos e proteção na relação contratual com o clube, por outro se vê muitas vezes “preso” a outro profissional que, em tese, deve zelar e administrar a carreira do jogador: o empresário. Assim, a relação que era estabelecida entre

⁹⁹ É preciso ressaltarmos que Sidney Chalhoub, na condição de historiador, se referia em sua crítica à coisificação do escravo em âmbito jurídico e social, tal como defendido, dentre outros, por Fernando Henrique Cardoso (FHC) em “Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional: O Negro na Sociedade Escravocrata do Rio Grande do Sul”, publicado em 1962, no qual afirmava que os escravos eram destituídos da capacidade de realizar ações autônomas e faziam uma representação de si mesmos como “não-homem”. A defesa de FHC partia do conceito de coisificação trazido um século antes por Perdigão Malheiro, ao entender o escravo como sujeito ao domínio/posse de outro, desprovido de direitos e representação, se reduzindo da condição de humano para a de coisa. Por sua vez, Chalhoub fundamenta sua crítica à Fernando Henrique Cardoso no modo como autor se apropriou das fontes historiográficas e no consequente equívoco conceitual, pois procura provar em sua obra que os escravos eram possuidores de consciência e certa autonomia e agiam com lógicas ou racionalidades próprias, interferindo, por exemplo, nas situações em que eram comprados e/ou vendidos.

jogador e clube, atualmente se estabelece, na maioria dos casos, entre jogador, clube e empresário. Este último, detentor de capital, além de se responsabilizar por gerenciar a carreira do jogador, defender seus direitos e intermediar as negociações com as entidades esportivas, sendo “peça chave fundamental nas transferências de atletas” (MARTINS, 2016, p.101), por vezes adquire do jogador, em contrapartida, parte dos seus direitos federativos recebendo determinada porcentagem nas transações financeiras que o atleta realiza com o clube e/ou vendendo sua parte adquirida aos clubes.

Como característica do futebol modernizado, passou-se a enfatizar uma preocupação, até então pouco evidenciada, e mais presente em clubes de maior expressão e mais estruturados, de contratar um jogador de modo que a ordem/ambiente no grupo de jogadores não fosse abalada. Nesta perspectiva, além do aspecto técnico, fazia-se um “levantamento de sua vida particular, de suas condições e relações de trabalho” (FLORENZANO, 1998, p.50). Apesar da resistência ainda sofrida pela presença da psicologia esportiva no âmbito do futebol profissional, alguns clubes passaram a adotar como medida, no momento de contratação de atletas, avaliar o temperamento/caráter ou o “perfil psicológico” de cada jogador, a fim de constatar as características de jogador ideal para cada clube.

Nesse sentido, cada vez mais tem ganhado espaço e importância nas comissões técnicas um profissional até pouco tempo inexistente no futebol profissional brasileiro: o analista de desempenho. Este novo integrante das comissões técnicas, além de dar suporte aos demais profissionais para o planejamento de treinos e escalação da equipe, subsidia o processo de contratação e dispensa dos atletas. Segundo Montano (2014), a análise de desempenho é uma área já consolidada no futebol europeu, mas ainda incipiente no Brasil, visto que conta com poucos clubes que possuem um departamento devidamente estruturado para este fim. Tem como principais objetivos analisar, quantitativa e qualitativamente, de modo coletivo e individual, os princípios e fundamentos do futebol, com a finalidade de detectar padrões de comportamento nas equipes, subsidiando a análise da própria equipe, dos adversários e dos atletas a serem contratados.

Em nosso estudo, somente dois profissionais elencaram explicitamente o conhecimento acerca das características de ordem psicológica como importantes no processo de contratação e dispensa dos jogadores, valorizando, nos discursos, o perfil de liderança e o modo como o atleta se comporta e relaciona em grupo. Um integrante de uma das comissões técnicas entrevistadas afirmou ainda que, de modo geral, ao avaliar o atleta que será indicado, se pautam também no rendimento em equipes anteriores, no histórico de lesões e no comportamento adotado fora do ambiente de trabalho.

O jogador que está sendo contratado eu procuro ver o perfil dele que seria se é um cara que tem uma passagem pelo futebol vitoriosa, se um cara que a gente fala no futebol, bom de grupo. O que seria o bom de grupo? O líder positivo, um cara que sempre está ajudando um ou outro [...] geralmente se o cara [jogador] está vindo contratado é porque alguma coisa ele mostrou em outro lugar, em alguma equipe ou você já conhece. Você procura saber o que? Histórico de lesão e o extracampo dele (CT10).

[...] cuidado que tem que ter na hora de trazer o jogador. Às vezes você traz um jogador que é muito bom, mas é aquele cara que cria problema e não aceita ficar no banco, não treina... se ele fica na reserva um jogo, por exemplo, ele vai para o banco com má vontade, ele treina diferente. É um cara que não respeita a decisão do treinador, não respeita o jogador que vai entrar no lugar dele... É jogador que faz grupinho que 'ah não recebemos salário hoje não vamos treinar, vamos'... sabe, puxa sempre contra... chega em outro jogador e pô, vamos fazer isso, as vezes o cara não está com essa intenção, mas de tanto ele falar, o colega acaba comprando essa ideia dele (D4).

Assim como fazemos ao adquirirmos qualquer produto quando apreciamos/avaliamos sua marca, seu histórico, os comentários positivos e negativos de outros consumidores, seu valor, ou melhor, seu custo-benefício, no processo de compra e venda dos direitos federativos de um jogador faz-se o mesmo; avalia-se o custo da contratação do jogador, o retorno (esportivo e financeiro), seu perfil – e compatibilidade com o perfil do clube/torcida, seu histórico de lesões, seu comportamento, assim como suas qualidades e deficiências técnicas, táticas, físicas e psicológicas/sociais.

Em toda contratação existe um consenso, existe um trabalho que é feito, uma análise que é feita de mercado, análise estatística, onde você tira informações do atleta, técnicas, comportamentais, antes de você contratar... então eu vou atrás do jogador dentro da realidade financeira do clube... agora o segredo no futebol é você ter convicção naquilo que você faz. Você ter convicção nas contratações... [para fazer uma contratação é analisado] o perfil do jogador, se bate com o perfil do clube, característica, se o treinador está jogando no quatro, um, quatro, um, então o lateral ele tem que marcar melhor do que atacar. Então, a característica, análise estatística, como funciona a questão? Quantos jogos ele fez? Aí a gente tem os programas, os profissionais [analistas de desempenho], tem o contato que a gente também tem no futebol. Então tem um treinador que trabalhou com fulano, daí a gente vai e entra em contato. Então a gente se cerca de todas as informações possíveis antes da contratação. E é claro que isso tudo também em cima da questão orçamentária do clube (D2).

Eu acho que o fundamental é ele estar jogando, estar em evidencia. Ele fez um ótimo campeonato e aí você vai buscar, porque a tendência é que ele venha e ajude. Você pega um jogador que está há três, quatro meses parado, até ele entrar em forma, é um risco, risco de lesão, tudo. Primeiro a gente parte disso e aí a sequência é confiança, informações, se você já conhece, não conhece. Tira informação o máximo possível para ver todos os outros critérios para que a gente possa agregar tudo. Em princípio a gente vê se o jogador vem jogando nos últimos anos, no último campeonato, a sequência dele é o mais importante (D4).

O jogador que está sendo contratado eu procuro ver o perfil dele que seria se é um cara que tem uma passagem pelo futebol vitoriosa, se é um cara que a gente fala no futebol, bom de grupo... geralmente se o cara está vindo contratado é porque alguma coisa ele mostrou em outro lugar, em alguma equipe ou você já conhece. Você procura saber o que? Histórico de lesão e o extracampo dele (CT10).

Há ainda situações em que não se tem definido os critérios para contratação de novos atletas ou, quando determinados, não são instituídos, tal como sinalizado por um dos dirigentes entrevistados ao dizer que “o critério para contratação nós estávamos estabelecendo, mas nós não conseguimos implantar” (D6).

Semelhantemente, ao encerrar o contrato de um jogador, avalia-se o custo estabelecido em contrato na cláusula compensatória desportiva, o relacionamento com a torcida, o rendimento do atleta frente às expectativas no momento de sua contratação, as necessidades atuais (financeiras, inclusive) e a disponibilidade e viabilidade de contratação de outros jogadores no “mercado”. Segundo dirigente entrevistado, os critérios que fundamentam a opção por dispensar um atleta são “de ordem disciplinar ou de ordem técnica. E essa correlação quem pré-estabelece, evidentemente, é o técnico e a comissão técnica” (D6).

Vimos apontando ao longo desta tese diversos recursos disciplinadores e controladores adotados para “moldar” o comportamento dos atletas que vão desde a imposição ou “preferência” por uma determinada vestimenta e corte de cabelo, até a obrigatoriedade em permanecer no regime de concentração, o controle do sono e da alimentação, a limitação do contato social dos jogadores com família e amigos, sobretudo em festas e “noitadas”. É justamente o rompimento com essas determinações, de ordem disciplinar como apontado pelo dirigente entrevistado, que se configura a principal causa de rompimento de contrato por parte do clube, principalmente quando esse comportamento inapropriado do atleta vem seguido de um rendimento técnico/tático/físico aquém do esperado.

As entrevistas realizadas neste estudo nos permitem afirmar que o processo de contratação de atletas possui participação de muitas pessoas, ainda que em frequência e intensidade variáveis a depender dos clubes e de cada situação. Portanto, do presidente dos clubes ao roupeiro, passando pelos diretores, treinadores, analistas de desempenho, fisiologista e empresários, todos contribuem, de uma forma ou de outra, com informações, indicações e negociações entre o clube e o jogador.

A gente tem que entender que os clubes têm os dirigentes estatutários, ainda no Nordeste existem os coronéis ligados aos clubes, que eles mandam, que eles têm

história dentro do clube. Então, é utopia a gente falar que a decisão é feita por uma pessoa. E não dá certo isso. Acho que ninguém tem, vamos dizer assim, a propriedade e o conhecimento de tudo para poder tomar a decisão. Acho que a grande virtude nossa aqui é isso. Todas as decisões a gente está sempre tomando a decisão em conjunto. Seja com o coordenador técnico, seja com o treinador, com jogadores, enfim, é importante você estar ouvindo desde o seu coordenador até o roupeiro que talvez tenha informações mais importantes para te dar, porque ele está ligado diretamente com o atleta, então você tem que trazer esses caras do seu lado, você tem que ouvir (D2).

Dentre os membros das comissões técnicas entrevistadas, somente três deles explicitaram contribuir com a indicação de alguns jogadores para serem contratados, mas que pouco interferem nas demais etapas da contratação ou demissão. Um dos treinadores afirmou ainda que a participação, ou não, nas indicações dos atletas que deseja contar no grupo, depende do clube em que se encontra e do momento da temporada (pré-temporada ou com a competição em andamento).

Tem clube que o treinador tem liberdade para indicar, para dispensar e tem clube que não. E depende do momento também. Quando você chega numa pré-temporada, você participa ali dessas ações de contratação, dispensa. Participa de todo esse processo. Às vezes, como eu falei, um pouco mais num clube, um pouco menos em outro. Mas quando você chega no meio da temporada, aí, como se diz, já está com o grupo montado e não tem como participar muito. Mas eu acho que o ideal é ter um conjunto, trabalhar em conjunto o treinador com a direção (CT8).

Um dos argumentos utilizados pelo treinador entrevistado para justificar a participação da comissão técnica, do treinador especificamente, em conjunto com a diretoria, no processo de contratação e dispensa dos atletas é que, ao ter em um grupo somente atletas indicados pelo treinador, quando este muda de clube, algo bastante comum no futebol profissional, possivelmente os jogadores que permanecerem não estarão acostumados ao modelo de jogo e método de trabalho do novo treinador. Por outro lado, ainda segundo tal treinador, apesar do conhecimento, competência e expertise dos dirigentes, quando as contratações são realizadas sem a participação do treinador, provavelmente não serão levadas em consideração o perfil e características dos atletas, assim como o modelo de jogo e metodologia de treino, valorizadas pela comissão técnica.

Acho que só os jogadores que o treinador indica, de repente, o treinador sai, recebe uma proposta melhor, e de repente a coisa não andou da forma como se esperava e tem que ter uma mudança, fica meio que só jogadores indicados pelo treinador. E também acho que só a direção, por mais que tenha competência e profissionais competentes para fazer essas contratações, é importante também que cada treinador tem a sua maneira de trabalhar, seu modelo de jogo, ele pensa o futebol de uma forma e de repente ele gosta de jogadores com determinada característica. Então, ele participando desse processo de formação é interessante que ele vai

indicar atletas que se encaixam na maneira que ele pensa na montagem de equipe (CT8).

Este é o mesmo entendimento de um dos dirigentes entrevistados em nosso estudo, pois para ele, cabe aos dirigentes e à comissão técnica ponderar sobre os critérios para contratação e dispensa do jogador.

O critério de contratação de montagem de elenco é do conhecimento do treinador, da sua comissão técnica e diretoria. Tem que ser dividido. Muitos times [clubes] querem montar time sem treinador e isso é um grande erro. Quando fica só para treinador também é um grande erro porque o clube tem que participar. Tem que haver um consenso (D5).

Sob outra perspectiva, um integrante de comissão técnica, ao se referir aos principais responsáveis pela construção do grupo e às condições que balizam as opções no momento de contratar os profissionais, ainda que tenha apontado a participação dos treinadores e empresários no momento de indicação dos atletas a serem contratados, atribuiu maior responsabilidade à diretoria e aos objetivos do clube traçados por ela.

[A construção do grupo] primeiro começa pela diretoria. É a diretoria que vai traçar onde quer chegar, onde quer ir naquela competição. Aí vai começar a formar as peças, contratar. Eu acho que a primeira peça, a mais importante, dependendo do que se quer no campeonato, é a escolha do técnico. Porque o técnico já tem aqueles jogadores que ele conhece e que ele gostaria de apontar. Então, não adianta a diretoria ir contratando, contratando, contratando e, às vezes, contratar a peça errada. Por indicação de empresário, de várias formas, acaba contratando a peça errada. Daí chega um técnico e não utiliza aquelas peças. Entendeu? A gente vê isso em todos os lugares. Vai passar o ano todo e não vai ser utilizado no campeonato. E é um desgaste para o técnico e para o jogador. Para o técnico, porque não vai colocar [o jogador para jogar] de jeito nenhum e vai ser cobrado pelo jogador. E para o jogador que está insatisfeito, porque acha que poderia jogar e não está jogando. E tem que treinar, mais do que os outros que estão jogando. Pelo menos os outros que jogam descansam e esses não têm descanso. Então, eu acho que o grupo, a equipe, se forma primeiro pelo objetivo da diretoria. Diretoria reúne e define “o que queremos nesse campeonato? Quanto podemos pagar? Quantos temos de patrocínio para poder investir? Qual o nível dos jogadores que vão ser contratados? Até onde queremos chegar? Esse ano nós vamos só manter o time nessa divisão? Não queremos cair de divisão? Nós queremos ganhar o campeonato?” Tudo parte da diretoria, mas tem que ter recurso para isso (CT12).

Por sua vez, outro dirigente entrevistado apontou caminho diferente no momento de contratar um jogador, já que atribui ao sistema tático/modelo de jogo implantado pelo treinador e à renovação com atletas que já compõem o grupo, bem como o aproveitamento de jogadores formados nas categorias de base, maior prioridade.

As contratações têm que partir primeiro de tudo em cima do modelo de jogo... então, o primeiro passo é, pensando em dois mil e dezessete, quais jogadores que estão no elenco desse ano que a gente acredita que estão dando uma resposta positiva e que a gente vai fazer o processo de renovação. Então, esse é o primeiro passo... o primeiro passo é renovação dos jogadores. Segundo passo, preciso de um lateral esquerdo, tem na base um jogador que me atenda? Não tem, aí eu vou no mercado buscar [...] então, a gente geralmente renova o elenco, vê as carências e, a partir das carências, a gente seleciona quatro, cinco opções no mercado que cabem no orçamento do clube e atendam a nossa expectativa, através de uma análise de todos os profissionais. Daí eu vou fazer contato para tentar negociar. Quem é a primeira opção? Não deu certo, vamos na segunda (D2).

Para ampliarmos nossa compreensão acerca do procedimento de contratação, venda e demissão de atletas, traremos para reflexão o conceito de clubismo e a relação dos torcedores com este processo. Inicialmente é importante ressaltar que nenhum clubismo é tão disseminado e significativo quanto o futebolístico. Segundo Damo (2008, p.140), o pertencimento clubístico dos torcedores se trata de uma “modalidade de vínculo que os amalgama aos ‘clubes de coração’”, cujo pertencimento em vista da sua capacidade de promover uma identidade social se configura como agente que impulsiona o futebol espetáculo. Segundo Reis (2010), a paixão por determinado clube é algo praticamente herdado de seus familiares e passa a ser sentida já nos primeiros anos de vida. Para Damo (2007, p.49), “a adesão a um clube, uma vez empenhada, é tida como definitiva – eterna”, já que é tida como semelhante ao vínculo sanguíneo.

Ao retomarmos o conceito de pertença de Pichon-Rivière (2000, 2005), tendemos a concordar com as afirmações de Damo (2007), pois ambas proposições se assemelham à medida que o sentimento de fazer parte do clube que torce e a identificação com os acontecimentos que se processam nesse grupo, o percebendo como parte dele (internalização de vínculos que constituem seu mundo interno), são responsáveis por estabelecer a identidade do clube, assim como dos seus integrantes.

Todos os clubes investigados neste estudo possuem torcedores organizados, uniformizados e espectadores¹⁰⁰. No entanto, pudemos notar que as torcidas da Ponte Preta e do Guarani, além de possuírem um número próximo de torcedores, com ligeira vantagem para o clube ponte-pretano, são as mais representativas, mais fanáticas, mais presentes e possuem, tanto em dias de jogos como de treinos, mais integrantes do que a torcida do Bragantino. Se no Guarani houve a necessidade, no decorrer de nossa pesquisa de campo, do clube aumentar o sistema de segurança da sede

¹⁰⁰ Classificação realizada por Reis (1998).

social/campo/atletas por conta da pressão dos torcedores organizados por melhores resultados, acontecendo o mesmo na Ponte Preta algumas semanas antes do início de nossas observações, no Bragantino visualizamos somente alguns poucos torcedores uniformizados esperando os jogadores para pedirem autógrafos e fotos após o término do jogo e um número pequeno de torcedores organizados cobrando, no decorrer do jogo, pelo retorno do clube à divisão principal do futebol paulista. Ainda assim, por se tratarem de clubes do interior e, portanto, de menor expressão que os clubes da capital do Estado de São Paulo (São Paulo, Corinthians, Santos e Palmeiras), é comum os torcedores se manterem fieis e bastante identificados aos clubes de sua cidade, Ponte Preta e Guarani para os moradores de Campinas/SP e Bragantino para os moradores de Bragança Paulista/SP, mas serem torcedores também de outro clube. Enfim, ainda que assuma características diferentes de acordo com a equipe em questão, o clubismo, consolidado no decorrer de quase um século, é quem dá “suporte a produção e circulação de emoções a partir da adesão do indivíduo (torcedor) a uma dada agremiação (clube de futebol)” (DAMO, 2007, p.46) e sem o qual, ao “forjar um público fiel, jamais teria alcançado tamanha popularidade” (DAMO, 2008, p.143).

A maneira como os torcedores se relacionam com o mercado e com a liberdade de circulação de jogadores é significativamente ambígua, pois se por vezes especulam no campo imaginário sobre possíveis contratações e vendas de atletas, em outras os acusam de mercenários. Ainda assim, “exigem, sem exceção, que os clubes tenham sua própria fábrica de atletas (mercadorias), pois acreditam que assim é possível inculcar-lhe o pertencimento, sem contar que um ou outro pode ser capitalizado” (DAMO, 2007, p.67). Não só os torcedores têm esse entendimento, já que os dirigentes também têm, na valorização das categorias de base, uma estratégia para manter o torcedor identificado com a equipe, pois “acreditam que os atletas formados na base incorporam os ideários do clube”. Tal como já nos dissera Damo (2007), dois dirigentes entrevistados também se posicionaram nesta mesma direção.

A partir do momento que você utiliza um jogador de base, você consegue reduzir o valor da sua folha (de pagamento) porque o custo é menor, e você ainda vai ter um atleta mais identificado com o clube, porque ele vivenciou tudo na base. Então, tudo favorece. Para nós, é muito importante se a gente consegue ter um jogador da base no elenco profissional (D2).

[Quando o jogador da base é promovido para o profissional] começa a criar uma identificação maior de quem está sendo formado com a torcida, porque aí começa a dizer “ah esse menino aqui, desde a base está aqui”. Já sabe o hino e a médio prazo nos ajuda a organizar ações para atrair jovens torcedores, num longo prazo pode nos ajudar com venda de uniforme, venda de material esportivo (D3).

Portanto, em todos os clubes investigados nesta tese notamos que o sentimento de pertença, apontado por Pichon-Rivière (2005) como um importante vetor do funcionamento grupal, é bastante valorizado não só pelos torcedores, mas também pelos dirigentes. No Guarani FC havia um atleta, entrevistado por nós, que passou ao longo da sua vida profissional defendendo vários clubes do futebol nacional e internacional. No entanto, após uma passagem de um ano pelo clube em 2000, retorna em 2012 e lá permanece até o momento¹⁰¹. Se no decorrer destes últimos quatro anos, nos quais foram contratados e demitidos centenas de atletas e dezenas de treinadores, este atleta teve sucessivamente seu contrato renovado, certamente além da sua capacidade técnica/tática/física/psicológica, o sentimento de pertença e, conseqüentemente, a identificação com o clube e torcida, bem como o estabelecimento de uma identidade da equipe e própria identidade como parte dela, foram fundamentais, visto que é atualmente o maior ídolo da história recente do clube.

No Bragantino não há, como no Guarani, um atleta com tamanha identificação, mas mesmo que em proporções menores, há um atleta bastante valorizado e reconhecido por torcida e dirigentes pois “é de casa”, ou seja, se destacou para o futebol nacional atuando pelo Bragantino e, após passagens de sucesso por outros clubes de grande porte, retornou para o clube que o projetou. Já a Ponte Preta, dentre os clubes analisados, é o clube que mais possuía em sua equipe jogadores formados nas suas categorias de base. No entanto, tal como nos demais clubes, dois dos jogadores que se formaram nas categorias de base do clube e que tiveram sucesso em clubes grandes do Brasil, são considerados por seus torcedores importantes ídolos da atual equipe e da história recente do clube, justamente pelas passagens de destaque que tiveram no passado e por serem “pratas da casa”¹⁰².

Se a especulação sobre as contratações é também algo presente e parte importante do significado do “torcer” dos três clubes investigados neste estudo, notamos que no Bragantino a identificação maior com o atleta se dá não por conta do êxito de suas categorias base e conseqüente sentimento de pertencimento que o atleta formado no próprio clube aparenta ter - algo que nos pareceu ter pouca importância atualmente no “Massa Bruta” e, por outro lado, ser motivo de contemplação para os “Bugrinos” e Pontepretanos - e sim por vê-lo despontar para o futebol nacional/internacional, sendo contratado por equipes importantes após passagem bem sucedida no

¹⁰¹ Temos como referência o mês de julho de 2016.

¹⁰² Expressão utilizada para designar os atletas formados nas categorias de base do próprio clube.

Bragantino. Ou seja, o Bragantino se orgulha em ser um grande revelador de jogadores, ao passo que a Ponte Preta e o Guarani por serem importantes formadores.

Uma prática diretamente relacionada ao processo de contratação e venda dos direitos federativos de atletas e “absolutamente disseminada no meio do futebol” foi nomeada por Mourelle (2012, p.125) como “Jabá”. Em relato minucioso em sua dissertação de mestrado, o autor explicita a prática de contratação, inscrição junto à Federação de Futebol ou abertura de espaço para treino, como contrapartida de um aporte financeiro no clube, troca por materiais esportivos e/ou serviços, como laudos para funcionamento do estádio. Ou seja, diante das precárias condições financeiras do clube no qual esteve ao longo de sua pesquisa de campo, o “Jabá” se tornou fundamental para a sobrevivência da instituição.

Como consequência desta prática, e não só por ela, é comum as equipes contarem com um número elevado de jogadores. Esta era, segundo Mourelle (2012), a principal queixa da comissão técnica do clube analisado por ele. Todo o processo de montagem da equipe, que envolvia diretamente vendas e, principalmente, dispensas de atletas, gerava grande atrito dentro do clube, visto que “era comum haver um número relativamente grande de atletas em período de experiência (MOURELLE, 2012, p.43).

Em dois dos três clubes investigados por nós neste estudo notamos, tal como já explicitado no capítulo 4, a presença de jogadores em período de teste/avaliação. Entretanto, não foi possível constatar se tais atletas estavam treinando por um período de experiência e avaliação como consequência da prática do “jabá”, tal como notado por Mourelle (2012). Somente no Bragantino tivemos a possibilidade de questionar o diretor de futebol sobre um determinado atleta e obtivemos como resposta que ele estava no clube a pedido do presidente, sem que tenhamos conhecimento do porquê de tal pedido.

Como estratégia para suprir as dificuldades em contratar novos jogadores, alguns clubes, sobretudo os menos estruturados e em piores condições financeiras, além de acolher um número grande de atletas para avaliação/teste, investem nas categorias de base e “apostam” na formação e revelação de alguns jogadores que tenham condições de fazer parte e contribuir com a equipe profissional. Dessa forma, no tópico a seguir nos deteremos a tecer breves comentários sobre a importância das categorias de base em um clube de futebol, além de esclarecer e analisar como se dá o processo de transição dos atletas formados nas categorias de base ao grupo profissional.

Ainda que nosso estudo esteja fundamentado, em grande parte, no futebol profissional e naqueles que dele fazem parte, ao tratarmos do processo de formação de grupo, não podemos abdicar da compreensão acerca das categorias de base e, sobretudo, do conhecimento sobre o processo de transição dos jogadores formados nos próprios clubes em categorias inferiores às equipes profissionais. Para isso, nos deteremos a responder as seguintes questões: Qual a finalidade das categorias de base nos clubes de futebol? Como estão organizadas/estruturadas? De que forma é realizada a integração do departamento de base ao profissional? Por quais processos passam os jogadores que estão sendo integrados à equipe profissional, ou seja, como se dá a sua transição?

5.2 As categorias de base e o processo de transição à equipe profissional

Diversos estudos (DAMO, 2007; LOPES, 1999; RODRIGUES, 2010; SOUZA et al., 2008), confirmam unanimemente as grandes expectativas que jovens brasileiros depositam no futebol como um meio de ascensão social/econômica e caminho para a fama. Sobretudo para aqueles oriundos de classes populares e médias, o futebol torna-se uma aposta para que se obtenha uma reviravolta no destino econômico do atleta e da sua família. Ou seja, mais do que uma escolha pessoal, a busca pela profissionalização no futebol trata-se, em grande escala, de um projeto familiar, principalmente de famílias de camadas populares, na medida em que envolve esforços de todos os parentes, na expectativa de que um membro possa alavancar a vida de todos os demais lhes dando conforto, tranquilidade e uma melhor qualidade de vida (RIAL, 2006). Conforme destacado por Cavichioli et al (2011, p.644), “diferente de outras profissões, experimentar ser jogador de futebol é uma missão que alguns pais se colocam antes mesmo do filho nascer”. Assim, tal como apontado por Souza et al. (2008), da mesma forma que o sucesso de um membro da família é atribuído a todos, o inverso também é verdadeiro.

No entanto, “o caminho entre o reconhecimento de se ‘ter certo talento’ para o futebol - nos círculos familiares e escolares - até a “lapidação” desta espécie de ‘aptidão aparentemente inata’ - nos clubes especializados” é longo (CAVICHIOOLI et al, 2011, p.632) e não só. Nesta empreitada, abre-se mão de uma escolarização de qualidade e dedica-se desde a infância, conforme Damo (2007), cerca de 5.000 horas no processo de formação de um jogador profissional. Por sua vez, ao analisar a relação do tempo destinado à escolarização e formação nas categorias de base, Melo et al. (2016)

constatarem que esse número pode ser superior ao apontado por Damo (2007), atingindo uma duração superior à destinada à formação escolar. Independentemente do número exato de horas destinadas à formação futebolística, a carreira de jogador de futebol requer, normalmente, de um longo período de preparo e uma fase de iniciação na qual toda a família acaba ajudando neste projeto “não apenas dispensando este integrante de buscar ganhos, mas ainda arcando com despesas extras de condução, uniforme, chuteiras...” (RIAL, 2006, p.170).

Portanto, grande parte dos jovens que decidem, “iludidos pela ideia demasiadamente difundida pela mídia brasileira do ‘futebol maravilha’”¹⁰³, investir na carreira de jogador de futebol profissional, abdica de uma série de coisas, tais quais viver ao lado da família, ter privacidade e continuar com os estudos (RODRIGUES, 2010, p.346). Para se inserir no mercado do futebol profissional e nele conseguir permanecer por certo tempo, deve-se considerar o que alguns autores denominaram como *capital futebolístico* (RIAL, 2006; 2008; DAMO, 2007), ou seja, a “soma de conhecimentos particulares ao campo futebolístico, sejam eles conhecimentos corporais (saber como empregar o corpo nas performances futebolísticas), sociais (conhecer pessoas importantes para ascensão no campo) ou econômicos (saber administrar contratos e inversões monetárias)” (RIAL 2006, p.172).

Enfim, trata-se de uma carreira na qual a competição por uma vaga nas equipes profissionais é muito grande, intensa e carregada de oportunidades raras e breves (RIAL, 2006, DAMO, 2007; SOARES et al., 2011). Segundo Morato et al. (2011, p.3), uma das responsáveis por alimentar o sonho de um dia ocupar o lugar que hoje é do ídolo é justamente “a imagem projetada, não só pelos jogadores, mas por todos aqueles que reproduzem e transformam o futebol em um fato social”.

Se em meados do século passado o jogador de futebol formava-se, a partir daquilo que Freire (2003) denominou como “pedagogia da rua”, nas ruas, praças, terrenos baldios, várzeas, “campinhos de pelada” e demais espaços públicos, nas últimas décadas, cada vez mais, esse papel de formação¹⁰⁴ do atleta tem sido atribuído às escolas de esportes, mais reconhecidas como “escolinhas”, e aos “centros de formação” (DAMO 2007), ou seja, às categorias de base dos clubes profissionais. Uma

¹⁰³ Segundo Rodrigues (2010, p.347), “há uma ideia muito difundida no imaginário social brasileiro, de que o jogador de futebol profissional é aquele indivíduo que ganha bem, é muito famoso, possui tudo que deseja, mulheres e carros importados, etc.”

¹⁰⁴ Cabe ressaltarmos que, sobretudo ao nos referirmos às categorias de base, compartilhamos da compreensão de Damo (2007) de que a não utilização exclusiva do termo “formação” e a apropriação também do termo “produção” se justifica na medida que, nos clubes, os aspectos do futebol espetáculo, assim como sua mercadorização, estão enraizados na sua essência diminuindo a importância atribuída ao processo de ensino e aprendizagem das técnicas relacionadas ao futebol.

das justificativas para essa mudança se deve, segundo Freire (2003), ao desaparecimento, preferimos dizer grande redução, dos campos de várzea e espaços livres como consequência do crescimento acelerado, principalmente nos centros urbanos, das fábricas, prédios e centros comerciais. “No tempo em que havia fartura de espaço e de brincadeira, nem fazia sentido falar em escolinha de futebol” (FREIRE, 2003, p.2). Ao constatarem a escassez de espaços públicos para a prática de futebol, as pessoas dos centros urbanos passaram a fomentar as escolas de futebol como estratégia de recriar esses recintos. Como professores, atuavam ex-jogadores profissionais de futebol e as crianças, interessadas em “brincar e imitar seus ídolos, corriam para se matricular, achando que aprenderiam futebol tanto quanto os craques aprenderam” (FREIRE, 2003, p.2). No entanto, assim como já discutido em nosso primeiro capítulo,

[...] até que a possibilidade de se tornar celebridade se concretize, milhões de jovens alienam-se de si mesmos e vivem a vida de seus ídolos, a felicidade e a infelicidade deles, esperando algum dia poder se tornar um deles, coisa que, para a quase totalidade, jamais ocorrerá” (MARTINS, 2016, p.65).

Antes de prosseguirmos, é necessário termos claro que as escolas de futebol e as categorias de base nos clubes se tratam de ciclos distintos da carreira futebolística, pois tal como explicitado por Damo (2007), as escolas de futebol se caracterizam como o espaço onde se dá a iniciação da criança ao futebol pelo domínio das técnicas elementares relacionadas à modalidade e onde, aqueles que demonstram talento, são recrutados pelos clubes para dar início ao segundo ciclo, qual seja, o de preparação ou formação do jogador. Nesta etapa, aquela que nos deteremos no decorrer deste tópico, os jogadores identificados como possuidores de talento, dom e vocação, realizam o aprimoramento das técnicas corporais futebolísticas que os levarão ao profissionalismo ou à exclusão.

Mais recentemente, ainda que o espaço e papel desempenhado pelas escolinhas também esteja sendo ocupado pelos clubes, visto que já contam com categorias para crianças de 7 a 9 anos (fraldinha), 10 a 11 anos (dente de leite) e 11 a 12 anos (pré-mirim) e 12 a 13 anos (mirim), nos deteremos às etapas em que o processo de formação é, de acordo com Damo (2007), intensificado: dos catorze aos vinte anos, nos quais passam pelas categorias Infantil (14 a 15 anos), Infanto-Juvenil (15 a 16 anos), Juvenil (17 a 18 anos) e Júnior (de 17 a 20 anos)¹⁰⁵.

¹⁰⁵ Ainda que sejam dadas essas nomenclaturas para as categorias, é mais comum no campo futebolístico que se designem a elas como sub20, sub17, sub15 e assim por diante.

Os três principais meios utilizados pelos clubes para recrutar novos jogadores às suas equipes de base são as indicações, as “peneiras” e as contratações (TOLEDO, 2000). As peneiras, processo no qual os jovens procuram espontaneamente os clubes e se cadastram para realizar um teste, se por um lado são as principais responsáveis por alimentar o sonho de milhares de jovens em se tornarem jogadores de futebol, por outro configuram-se também como motivo decisivo para que as expectativas que são criadas em torno deste jovem sejam frustradas (MELO et al, 2016), visto que, conforme Toledo (2000), menos de 1% destes jovens são aprovados nestas peneiras e passam a integrar as equipes de base dos clubes. As indicações já partem de uma pré-seleção, ocorrida normalmente nas escolinhas de futebol ou pelos “olheiros” de competições amadoras, que acabam sendo os principais responsáveis por encaminhar esses jovens aos clubes. A grande vantagem da indicação é que ela costuma garantir ao jogador pular a etapa da peneira e passar por um estágio probatório com duração de 10 a 15 dias, o que acaba por aumentar consideravelmente a possibilidade de sucesso e aproveitamento, pois cerca de 50% dos indicados passam a fazer parte da equipe (TOLEDO, 2000).

Diversas são as justificativas para que cada vez mais os clubes invistam, tempo e dinheiro, no departamento amador e qualifiquem o processo de formação/produção do jogador de futebol. Entretanto, todas elas estão fundamentadas em três modelos de formação/produção apontados por Damo (2007): endógeno, exógeno e híbrido. O primeiro está voltado ao desenvolvimento do jogador para atender às necessidades e demandas do próprio clube, ou seja, para adquirir ao longo do processo condições de fazer parte da equipe principal/profissional. A lógica endógena pode ter como pressuposto reduzir custos, o que significa ascender ao profissional, quanti e qualitativamente, jogadores a partir de um investimento menor, portanto, mais lucrativo do que adquirir o passe de atletas disponíveis no “mercado de pés de obra” ou então atender às demandas e anseios do quadro de associados e torcedores que vislumbram possuir na sua equipe jogadores vinculados à instituição desde cedo, ou seja, mais identificados com o clube.

Por sua vez, o segundo modelo se dirige à venda do atleta produzido para outras equipes a fim de obter grandes quantias financeiras como fruto deste negócio. E estas vendas estão, de acordo com Soares et al. (2011), voltadas ao exterior, ou seja, desde o momento em que são recrutados (nas ruas ou escolinhas de futebol) a fazer parte das categorias de base dos clubes, os jovens passam a ter como meta profissional a imigração para outros países, principalmente Alemanha, Itália, Inglaterra, Espanha, França e Portugal. Há ainda, no entanto, um terceiro modelo, o híbrido, que na verdade

contempla os outros dois, pois busca, em um primeiro momento, integrar os atletas formados nas suas categorias de base à equipe principal para compor o grupo e, quando destacados e valorizados, vendê-los para outras equipes, sobretudo do futebol internacional (Europeu e Asiático).

Pudemos notar em nossas entrevistas que os três modelos apontados por Damo (2007) estão presentes a depender do clube analisado, ou seja, cada um dos três clubes que investigamos tem o seu departamento amador de futebol, responsável pela gerência e desenvolvimento das categorias de base, fundamentado em um dos três modelos de formação/produção do jogador de futebol. As justificativas apontadas em algumas falas que nos fazem contemplá-las num modelo endógeno de formação passam pela necessidade de agregar à equipe profissional o maior número de jogadores possível que se formaram nas categorias de base, “alimentando” a equipe principal, contribuindo para a formação do grupo e, concomitantemente, diminuindo as despesas com contratações de atletas.

A finalidade da categoria de base é alimentar o departamento profissional. Porque um clube como esse não tem uma receita que te dá a possibilidade de fazer contratações. Então, a partir do momento que você utiliza um jogador de base, você consegue reduzir o valor da sua folha (de pagamento) porque o custo é menor, você ainda vai ter um atleta mais identificado com o clube, porque ele vivenciou tudo na base. Então, tudo favorece. Para nós, é muito importante se a gente consegue ter um jogador da base no elenco profissional (D2).

Já em relação ao modelo de formação híbrido, ainda que ele atenda as justificativas do modelo endógeno e exógeno de produção do atleta, entendemos que a venda do jogador e o consequente lucro que ele trará ao clube, está evidentemente em primeiro plano, mas para que a venda seja possível é necessário que o jogador seja visto, se torne conhecido e quanto mais destaque obter, ou seja, quanto maior o capital futebolístico for agregado a ele, maior será o valor da multa indenizatória e, dessa forma, maior o lucro com a sua venda. Ainda assim, é possível presumirmos que tal modelo é adotado e desenvolvido pela dificuldade em vender um jogador antes que ele integre a equipe profissional, mas principalmente, por entendermos que o valor a ser obtido com a sua negociação será proporcionalmente maior ao destaque obtido como profissional. Na condição de atletas profissionais estes jogadores estarão mais expostos e visíveis aos demais clubes e empresários, visto que a cobertura televisiva e da mídia esportiva em geral é significativamente superior à realizada com as competições de categorias inferiores. Assim, “não compensa” ao clube vender o jogador que ele passou anos preparando, formando, produzindo antes que ele seja

valorizado, pois o investimento realizado nas categorias de base costuma ser alto e é necessário trazer com essas vendas um retorno ao clube.

Categoria de base é para poder municiar a equipe principal. Formar jogadores, para que você tenha no elenco sempre pelo menos 4 a 5 jogadores formados na base para que você possa tentar colocar aos poucos para ver se lá na frente ele vai gerar algum retorno [financeiro] para você (D4).

A finalidade, para nós do clube, é formar jogadores para o time profissional... se hoje a gente tem, dentro do cenário do futebol brasileiro, um aproveitamento muitíssimo baixo do jogador que começa na base e chega no profissional, a gente quer mexer nesse número. A gente quer que todo ano a gente consiga que de três a seis consigam sim chegar no profissional e servir o profissional de verdade. É o que nós temos hoje. Então esse é o principal papel, tornar a base, investimento. Investimento que num curto prazo, ano a ano, depois que o processo tiver bem ajustado, forneça jogadores para o profissional. Isso gera uma economia muito grande, porque, por exemplo, os valores que eu vou falar talvez não sejam atuais para qualquer momento, mas se um clube de futebol vai contratar, por exemplo, um meia e vai para o mercado... quanto custa um meia para jogar série A do Campeonato Brasileiro? Ah, um meia vai custar, no mínimo, 80 mil reais por mês. No mínimo. E aí, bom, se olhar para a base no sub20 eu tenho um jogador que tenha os atributos que eu preciso e vai jogar. O garoto da base, ele num plano bem organizado de teto salarial ano a ano que o menino vai fazendo o contrato na base, ele ganha bem menos que os 80. Quando ele é promovido para o profissional, ele vai ganhar mais, mas ele vai ganhar ainda muito distante dos oitenta. E aí, se você pensar isso multiplicado por quatro, cinco jogadores, multiplicado por doze vezes no ano, treze se pensar no décimo terceiro, isso, ano a ano, gera uma economia gigantesca. E mais, começa a criar uma identificação maior de quem está sendo formado com a torcida. Num longo prazo a gente sabe que formei um jogador para o profissional, atingi meu primeiro grande objetivo. Qual que é o segundo objetivo? É o seguinte, ele não vai ficar a vida inteira no clube. De repente ele vai para seleção brasileira, vai para um clube fora do Brasil e isso também vai gerar um segundo momento de ganho, porque eu economizei com o fato dele ter chegado no profissional e agora vou ganhar na venda. Então, de alguma maneira eu consigo criar no clube, então indiretamente, como segundo grande objetivo, uma fonte de captação de recurso financeiro muito superior ao que a TV dá, muito superior ao que outros mecanismos nos dão. Mas isso não vai acontecer em cinco meses, seis meses, um ano. Isso vai acontecer depois de dois, três anos, porque demora um pouquinho para o menino que chegou no profissional começar a se destacar e aí virar um grande jogador no cenário nacional (D3).

Não pudemos notar, ainda que implicitamente, nenhuma fala que nos permitisse categorizá-la num modelo de formação exógena. Entretanto, a partir do momento em que tomamos conhecimento de que um dos clubes tem suas categorias de base terceirizadas e, a partir de nossas observações, notamos que não há uma estreita e qualificada relação e comunicação, bem como o planejamento de um processo de transição entre a base e o profissional, podemos supor que tal estratégia está

fundamentada num modelo exógeno de produção do jogador, cuja prioridade é, portanto, formar/produzir um jogador para lucrar futuramente com a sua possível venda.

Tal comportamento ratifica nosso entendimento, defendido no decorrer de toda esta tese, de que o jogador é entendido como uma mercadoria que pode, a qualquer momento, ser vendido e trazer vantagens financeiras para os clubes e empresários. Mesmo nos casos em que os clubes optam por um modelo de formação endógena, não podemos desconsiderar seu viés financeiro, ou seja, à exceção daqueles que defendem tal modelo pela maior identificação do atleta com o clube e torcedores, os demais o justificam pela redução de custos com salários e contratações e economia que trará à instituição, já que o jogador vindo das categorias de base se trata de um “produto mais barato”, ainda que se pondere os custos para formá-lo/produzi-lo.

À medida que, independente do modelo adotado, direta ou indiretamente, um dos objetivos é fazer com que o jogador formado nas categorias de base passe a compor o grupo de atletas profissionais, se faz necessário averiguarmos como se dá a relação e interlocução do departamento amador com o profissional e, conseqüentemente, refletirmos sobre como está organizado e implementado o processo de transição de uma categoria para outra.

Uma das críticas que mais nos deparamos no decorrer de nossa pesquisa nos três clubes investigados, se refere à falta de diálogo ou, em alguns casos, à insuficiente comunicação entre os funcionários que compõem o departamento amador de futebol (diretor de futebol, coordenador de futebol e comissão técnica) e a equipe gestora e técnica do departamento profissional. Em uma de nossas entrevistas, nos foi apontado que o número excessivo de atletas no grupo profissional dificulta o trabalho conjunto, pois restam poucos espaços e oportunidades para os jogadores das categorias de base. Se a proximidade e comunicação entre os clubes investigados são dificultadas pelo fato dos departamentos, bem como os centros de treinamentos, se situarem em locais distintos, este inconveniente é ainda maior no caso do Bragantino que tem as categorias de base terceirizada e funcionando em outra cidade.

Ainda assim, algumas falas de nossos entrevistados denotam o reconhecimento destas limitações e, em contrapartida, um esforço para aproximar os departamentos e qualificar a comunicação entre eles. A iniciativa de contato parte, quase sempre, do departamento profissional de futebol que se atém a monitorar, acompanhar e avaliar o que vem sendo realizado no departamento amador. A relação mais próxima se dá entre as comissões técnicas dos dois departamentos já que,

por vezes, principalmente quando as partidas são realizadas no campo ou cidade da sede do clube, o treinador e/ou seu auxiliar técnico da equipe profissional, ou ainda outro profissional do departamento profissional, observam os jogos das categorias inferiores. Um dos clubes investigados promove reuniões entre os dois departamentos para compartilharem informações e relatórios sobre o trabalho realizado nas categorias de base. Outra forma adotada para estreitar o contato entre eles é promover jogos-treinos entre as equipes de distintas categorias. Pudemos observar em nosso estudo algumas oportunidades, nos dois clubes de Campinas, em que foram realizados treinos nos quais a equipe sub[20] participou de um jogo contra a equipe reserva (incluindo aqueles que não participaram do último jogo) do profissional.

Faz parte do trabalho, no planejamento, a análise do departamento amador. Tanto é que a gente tem profissionais no nosso grupo/staff que acompanha todos os jogos da base. Existe uma ligação entre o profissional e a base que também é feita pelo coordenador e é onde a gente tem informações dos jogadores que estão nesse último ano de júnior, e que já não vão jogar mais, para ver se tem condição de fazer parte do profissional... esse trabalho, essa interligação que a gente faz com a base é exatamente para isso. Então é o que eu acho que hoje precisa ser feito... geralmente existem os treinos que são feitos, geralmente o treinador faz muito treino contra a categoria de júnior e isso é importante, porque você consegue analisar. A gente acompanha os jogos dos juniores. Tem profissionais, eu acompanho também os jogos dos juniores. A gente tem reuniões praticamente quinzenais com a coordenação da base, através do próprio coordenador do futebol profissional, onde a gente recebe informações e relatórios dos atletas para gente fazer uma análise, por exemplo, esse ano nós temos seis jogadores da base que estouram a idade. Então, a gente está monitorando e acompanhando para saber qual desses atletas que a gente acredita que tem condição de fazer parte do elenco (D2).

Às vezes a comissão técnica de lá [profissional], ou até mesmo todos né, não só o treinador, todos, acabam assistindo os jogos ou uma vez ou outra a gente faz um jogo treino contra eles. Ou eles precisam de [jogador em um] treinamento e aí ele chega para mim e diz: “preciso de um lateral esquerdo, preciso de um meia esquerda” (CT9).

Se os clubes se estruturam e se organizam para que a maior quantidade possível de jogadores formados/produzidos na base adquira condições de assumir um lugar na equipe profissional, nos perguntamos: Como funciona a seleção daqueles que passarão a fazer parte da equipe profissional? A partir de quais critérios são selecionados? Quais estratégias são adotadas para integrá-los ao novo grupo?

Na expectativa de buscarmos responder essas questões, ainda que não em sua plenitude, voltemos às falas dos dirigentes e membros das comissões técnicas entrevistadas neste estudo. A partir do aprimoramento e estreitamento da comunicação e observação de funcionários do

departamento profissional em relação ao amador, são avaliados e selecionados alguns atletas para iniciarem um processo de transição para o profissional, no qual, após nova avaliação, o finalizam aqueles que tenham atendido às expectativas das equipes técnica e gestora do departamento profissional.

O processo de seleção destes atletas, quando não fizer parte de um programa de acompanhamento e apreciação, tal como sinalizado por dois dos clubes que investigamos, acontece segundo demandas específicas da equipe profissional que, por sua vez, podem atender à necessidade da presença de alguns jogadores para suprir a carência em determinadas seções de treinos ou para suprir a falta de quem assuma e desempenhe determinada posição na equipe.

Pudemos ter conhecimento de dois programas de avaliação e transição dos jogadores das categorias de base, dos quais, somente um teve possibilidade de ser implementado e, por esse motivo, será aquele que nos determos neste momento. Um dos objetivos traçados por esse programa, além daqueles já apontados e analisados acima, é recolocar o clube como referência no processo de revelação de atletas e, conseqüentemente, aumentar o aproveitamento do jogador que se forma nas categorias de base na equipe profissional, algo muito pouco realizado no futebol brasileiro, de acordo com dirigente entrevistado. Assim, a ideia é fazer com que ao menos de três a seis jogadores consigam, por ano, chegar, se manter e servir à equipe profissional, fato já consumado atualmente. Para isso, é criada toda uma lógica/cálculo que estabeleça quantos jogadores de primeiro, segundo e último ano de cada categoria a constituirão. Com o controle desse processo, espera-se que as possibilidades de ter atletas do sub20 sendo aproveitados no profissional aumentem significativamente. No entanto, conforme defendido em entrevista, esse programa só tem validade e eficácia se fizer parte de um projeto de transição apoiado e defendido por todos.

É preciso que o clube como instituição tenha um projeto de transição, da base para o profissional. Tenha... não pode depender de um treinador do profissional olhar para a base. Tem que ser alguma coisa que no contrato dos treinadores tenha algo “olha aqui no clube funciona assim, a gente olha para dentro primeiro e depois a gente olha para o mercado”. Ai, a gente consegue efetivamente justificar qual o objetivo da categoria de base (D3).

Do ponto de vista procedimental, essa proposta se efetiva a partir da criação de um perfil que contempla as variáveis psicológicas, fisiológicas, técnicas¹⁰⁶, táticas, de habilidades, entendimento de jogo, enfim, trinta e seis variáveis que darão ao longo de todo processo, uma noção precisa do que ainda pode ser ou não treinável, conforme a característica de cada atleta, de modo que se tenha clareza do perfil de jogador que se quer formar/produzir ou contratar. O primeiro passo, então, é analisar se nas categorias de base existe um jogador com as características que o profissional necessita. Em seguida, junto com o departamento profissional, são criadas as condições para que a equipe sub20 treine ao menos uma vez por semana com os profissionais. A associação desta interação semanal com o acesso e julgamento dos atributos dos jogadores, afunila a seleção até que algum(uns) jogador(es) passe a treinar na equipe de cima, mesmo que ainda não definitivamente, pois dentro de algumas semanas, de uma a cinco, um novo parecer é emitido em reunião conjunta dos departamentos e o atleta passa a fazer ou não parte do grupo profissional, desta vez definitivamente, com um novo contrato e sem mais treinar com a equipe sub20. Caso o parecer seja negativo, o atleta volta a treinar na sua categoria de origem para que possam ser corrigidos ou aprimorados os quesitos identificados como deficitários.

Ainda que não com tamanho detalhe, um dos atletas entrevistados, ao explicitar como se deu seu processo de transição das categorias de base ao profissional, apontou uma estratégia que caminha nesta direção.

Foi gradativamente [a passagem da base para o profissional]. Foi aos poucos. Era relacionado, subia para treinar duas, três vezes e depois descia para treinar no júnior, isso acho que foi me amadurecendo, acho que fui me criando como pessoa, como jogador, a gente vai aprendendo com bastantes jogadores experientes que vão passando pela vida da gente. E acho que a gente tem que escutar e sempre pegar as coisas boas, então joguei com bastante jogador experiente, treinador experiente, que sempre me incentivaram. Diretores também lá na equipe que me formei, que a gente tinha essa passagem do júnior para o profissional, então foi conversado, foi explicado como é que ia ser. Então, acho que foi gradativamente, evoluindo (J15).

Um dos motivos que podem justificar um provável insucesso neste processo de transição é a sua inicialização em momento não apropriado. Deve ser oferecido ao jovem jogador que será integrado ao profissional, um ambiente propício e favorável à motivação do atleta, visto que, se em boas condições, esta tarefa será extremamente difícil e irá gerar angústias e medos, sobretudo pelas

¹⁰⁶ Ainda que este modelo de formação explicitado por um dos clubes revele a análise de trinta e seis variáveis, segundo grande parte dos nossos entrevistados, a principal variável, às vezes única, para que um atleta formado nas categorias de base possa ter condições de ser integrado ao profissional, é a técnica.

ansiedades emergentes em todo processo de mudança, em situações de extrema pressão e dificuldades, as possibilidades de êxito serão ainda menores.

Embora no plano conceitual essa proposta de transição nos pareça coerente e interessante, em nossas observações foi possível constatar, ao menos no período de nossa pesquisa de campo, que sua implementação não se dá exatamente desta forma, pois a frequência com que os jogadores das categorias de base treinam com os profissionais foi inferior à relatada pelo dirigente entrevistado e essa transição ocorre somente em circunstâncias específicas da temporada.

Nos demais clubes pesquisados, nem mesmo planos traçados para essa transição são elaborados ou, quando construídos, não são implementados por problemas burocráticos e de política interna, tal como observado e confirmado em entrevista. Dessa forma, a seleção dos jogadores se dá após observações em competições da categoria sub20 ou ainda ao acaso, conforme constatado por nós quando, na necessidade da equipe profissional em contar com alguns jogadores das categorias de base para completar a equipe de treino, solicitou ao treinador do sub20 que enviasse, pontualmente, um jogador com condições de suprir uma necessidade e, na impossibilidade de atender esse pedido com seus principais atletas, já que teriam jogo importante neste dia, foram indicados aqueles que nem mesmo relacionados para este jogo do sub20 haviam sido. Após ser bem avaliado pela comissão técnica do profissional, um destes jogadores ficou em definitivo, assinando novo contrato e passando a treinar com o novo grupo.

A gente estava na época da taça São Paulo, né. Aí, o grupo da Taça são vinte e cinco jogadores. Vinte e três viajam... vinte e dois viajam e três ficam aqui, caso machuque alguém lá para ir para lá. Aí, eu fiquei dentre esses três substitutos para ir para taça. Ficamos treinando aqui, esses três, no profissional. Eu fiz três treinos, três dias de treino e o treinador profissional falou para eu ficar com ele... eu subi e falei, ah, já que estou aqui vou dar meu máximo, né. Treinei bem pra caramba, aí o treinador falou para eu ficar nos treinos com ele (J20).

Após todo esse processo de avaliação e transição, conforme pudemos constatar em nossa pesquisa de campo, raramente o atleta volta a treinar com a equipe da categoria anterior, ainda que, por vezes, seja requisitado pela equipe sub20 para participar de jogos oficiais, sobretudo quando este não vem atuando, ou sendo relacionado, para disputar as competições oficiais. Ainda assim, vale ressaltar que, segundo nossos entrevistados, bem como a partir das observações realizadas, o processo de transição se dá por encerrado no momento em que o atleta formado nas categorias de base passa a treinar definitivamente com os profissionais.

Ao contrário desse entendimento, defendemos nesta tese que ainda há muito a ser realizado do ponto de vista do desenvolvimento grupal. Nesse ponto, vale retomarmos o esquema de cone invertido proposto por Pichon-Rivière (2005) através do qual é possível avaliarmos tudo o que acontece nos grupos, inclusive seus modos de atuação. No âmbito do futebol profissional, entende-se que o processo de transição do jogador formado nas categorias de base é finalizado quando este passa a treinar permanentemente com os atletas profissionais, momento em que o jogador se encontra ainda em fase de afiliação, visto que nem mesmo o sentimento de pertença foi contemplado. Ou seja, o jogador se mantém relativamente distante dos demais membros da equipe, não se sentindo totalmente parte deste, e ao se ver “fora dele”, não se identifica com os acontecimentos que se processam no cotidiano do trabalho. Nesse sentido, a fala de um de nossos entrevistados caminha nesta direção.

Fiz parte do grupo, mas na verdade você acaba não fazendo parte porque de certa forma você fica de fora. Pelo fato de você estar subindo [da base para o profissional], então você é um pouco excluído (J25).

Após um tempo inespecífico, já que esse tempo dependerá do sujeito, do grupo e da instituição em questão, o sentimento de pertença pode se configurar e trazer ao atleta identidade que, por sua vez, o permitirá localizar-se como membro daquele grupo e agregar possibilidades de elaboração grupal das ansiedades paranoides e persecutórias presentes em todo grupo que, quando não elaboradas, estancam o processo de aprendizagem ou impedem uma adaptação ativa à realidade.

Uma das estratégias utilizadas pelas comissões técnicas e grupo de atletas que parecem, em muitos casos, promover o sentimento de pertença, se refere aos jogos e atividades lúdicas realizadas antes do início dos treinos, logo em seu início ou então nos disputados “rachões”. Em todos os clubes que investigamos, essa era uma prática recorrente e, no nosso entendimento, se mostrou fundamental para inserir um jogador recém-contratado ou promovido das categorias de base aos demais atletas e fazê-lo se perceber como parte do grupo. Pudemos observar, durante nossas observações durante a pesquisa e em outras ocasiões ligadas à nossa experiência no futebol profissional, que ao ser convidado a participar dos jogos, o jogador recém-chegado logo passa a manter um contato mais próximo com o grupo, a conversar com maior frequência e descontração com os demais, o que parece facilitar sua identificação com os acontecimentos cotidianos desta equipe de trabalho. Sendo assim, parece ser apropriado o desenvolvimento de atividades lúdicas no âmbito do futebol profissional em maior frequência. Estudos têm sido desenvolvidos sobre as funções das atividades

lúdicas e do brincar na constituição psíquica, e entendemos que esse tema de estudo é também bem-vindo no mundo do futebol. Indagamos se na formação dos grupos, atividades dessa ordem, além do prazer, divertimento e atração que elas provocam, não contribuiriam significativamente, tanto para a elaboração das ansiedades, quanto para o fortalecimento do sentimento de pertença e identificação com clube, comissão técnica e demais jogadores.

Este seria, tal como discutido no capítulo que segue, o momento em que o jogador estaria, na perspectiva de atletas, dirigentes e comissão técnica, adaptado ao grupo. Entretanto, do ponto de vista do desenvolvimento grupal, há outras etapas a serem cumpridas. Após o sentimento de pertença, os jogadores deverão adentrar o estágio em que passam a caminhar juntos, mesmo que silenciosamente, rumo à execução da tarefa: a cooperação. Todas essas fases se desenvolvem concomitantemente aos demais vetores, comunicação, aprendizagem e telê que, somados, indicarão o quanto este grupo estará trabalhando operativamente. Apesar da importância destes três vetores para um grupo de futebol profissional, não convém conceituá-los novamente, já que nos detivemos nessa tarefa no capítulo 2.

No entanto, vemos a necessidade de abrir uma exceção ao vetor telê, pois além de se configurar como o menos conhecido do ponto de vista conceitual, principalmente no âmbito do futebol profissional, reveste-se de fundamental importância nesse contexto, pois sinaliza a capacidade e entusiasmo que cada jogador ou integrante da comissão técnica tem para trabalhar com o outro, influenciando diretamente o ambiente de trabalho. Nesse sentido, quando questionado como era chegar num clube novo, um dos atletas entrevistados emitiu a seguinte opinião:

Aí tem as dificuldades. É jogador que não gosta do outro, é a vaidade, é o jogador que quer ser maior que outro. Aí tem as brigas de vaidade, tem as brigas... as traiagens, né. Então é aquilo... que não sabe nunca o que vai encontrar. Se você encontra um grupo bom que te abraça, pô, é a melhor coisa do mundo, mas quando você encontra um grupo que, pô, não te aceita, tem as vaidades, ou então num grupo fechado, que os caras são amigos... pô, é difícil cara. Quando você sai de um grupo para outro, você tem que dar muita sorte de encontrar um grupo que seja bom. Um grupo bom é aquele que te aceite. Aceite o outro, as pessoas chegarem (J25).

A telê pode favorecer a tarefa (telê positiva) ou ser um obstáculo para sua realização (telê negativa). Se por um lado, quanto maior a incidência de telê positiva, maior será a aprendizagem e a configuração de um campo de trabalho e clima favorável à tarefa, por outro, quanto maior a telê

negativa, maior serão as dificuldades e rejeição dos membros do grupo em trabalhar com o outro (PICHON-RIVIÈRE, 2005).

Enfim, são aspectos a serem mais investigados no âmbito do futebol profissional. E com isso, finalizamos este tópico ressaltando que todos esses processos aqui discutidos e analisados também se fazem presentes quando um atleta profissional é recém-contratado e inserido na nova equipe. No entanto, neste caso se atenua alguns comportamentos e expectativas que são inerentes ao jogador que está em fase de profissionalização, quais sejam, (1) as características dos modelos de treino e jogo, (2) a elevada pressão por resultados no profissional que não está presente em grandes proporções nas categorias de base (3) e a incerteza da realização do sonho em se tornar um atleta profissional de futebol. Ao refletirmos nessas páginas sobre o processo de transição do atleta da categoria ao grupo profissional, abrimos espaço para pensarmos agora na seguinte questão: E o que acontece com aqueles inúmeros garotos que não obtém sucesso nesta empreitada?

5. 3 Sobre aqueles que ficam pelo caminho: a postura dos dirigentes esportivos e comissão técnica em relação aos atletas das categorias de base que não são promovidos à equipe profissional.

“Não estar mais nos planos do clube é simplesmente, mais ou menos, que nem papel higiênico, você é descartado”.

(D6)

Se uma pequena parcela destes jovens que passam pelo processo de formação/produção do jogador nas categorias de base obtém sucesso e torna-se atleta profissional¹⁰⁷ (e em menor proporção ainda, bem-sucedido), a grande maioria frustra-se diante da impossibilidade de concretizar suas expectativas e tem, sobretudo pela curta e frágil escolarização, dificuldades em encontrar novos caminhos profissionais. Diariamente, milhares de crianças e jovens brasileiros alimentam o sonho de um dia tornarem-se jogadores profissionais de futebol, mas se fazer parte de uma equipe de base nos clubes já é uma tarefa árdua, na qual poucos triunfam, profissionalizar-se e integrar, de fato, uma

¹⁰⁷ Em média, menos de 1% dos jogadores de futebol que passam pelas “peneiras” (testes para seleção de atletas) nos clubes para se integrarem às equipes das categorias de base são aproveitados (TOLEDO, 2000).

equipe profissional é tarefa ainda mais difícil. O número de vagas existentes no futebol profissional é limitado e, para conquistá-las, dependerá da conjugação de uma série de fatores, tais quais a “dedicação e disciplina, até as possibilidades que o mercado apresenta em distintos momentos, além da casualidade embutida em cada ação humana” (SOUZA et al., 2008, p. 99). Jogadores, familiares e treinadores acrescentam os elementos sorte e “dom” a estes fatores (DAMO, 2007; SOUZA et al., 2008, GIGLIO et al., 2008).

No entanto, ainda que não desconsideremos tais fatores, creditamos às condutas e estratégias inerentes ao processo de formação/produção do jogador - sobretudo aquelas relacionadas à estrutura, recursos humanos, tempo e paciência - significativa interferência neste transcurso. Por sua vez, Angelo (2014, p.72) acrescenta outros motivos que justificam o insucesso neste processo, quais sejam, “a falta de controle emocional, a raiva, a falta de apoio e de recursos de enfrentamento e incerteza quanto ao futuro”.

Alguns discursos enunciados pelos entrevistados neste estudo corroboram tais argumentos, visto que explicitam tais dificuldades e a grande concorrência por uma vaga no futebol profissional. Assim, os poucos que possuem condições e interesse em ajudar o atleta a lidar com as situações de dispensa, orientam os jogadores ao longo do processo de formação a estudarem e/ou os ajudam a encontrar outros clubes, outras oportunidades, mesmo que isso não traga vantagens financeiras ao clube formador.

Pensa num funil. Aqui [nas categorias de base] a boca é larga e depois afunila... é uma boca larga embaixo que quem entra no profissional em cima afunila para chegar. Tem que pinçar um ou outro. Não consegue aqui (CT9).

[Os jogadores das categorias de base] vão até o último, último suspiro assim, até estourar a idade que eles falam assim, agora sou profissional. Muitos tentam... entra até uma esperança para esses garotos, para eles tentarem alguma coisa, mas de 25, 26 garotos que você tem na categoria de base no sub20, por exemplo, um ou dois é que você vai aproveitar no profissional. Muito difícil. Principalmente nos clubes do interior. O próprio Corinthians, São Paulo você não vê aparecer toda hora garotos. E são times que ganham quase todos campeonatos que disputam. É muito difícil esse funil para chegar no profissional [... por isso] eles são orientados a estudarem. Jogar, mas ter um estudo paralelo (D4).

Se por um lado tivemos nesta pesquisa a oportunidade de conversar com atletas recentemente promovidos ao profissional e que caminham para uma vida esportiva de sucesso, conforme já enunciado, são mais frequentes os casos de insucesso. Nesse sentido, apesar de não estar entre nossos

principais objetivos neste estudo, considerando que aspectos que envolvem o contingente de excluídos se referem também ao grupo, principalmente à sua dimensão institucional, vale retratar o sentimento costumeiramente presente em jovens que não alcançaram o sonho de se tornar jogador profissional de futebol:

Olha, bate uma decepção, sim. Decepção por não ter conseguido e ter chegado tão perto e perder a oportunidade de realizar um sonho que era o de jogar, que é a aquilo que eu sempre soube fazer, o dom que Deus me deu, sabe? Hoje é difícil para mim falar disso tudo, eu vejo muitos garotos tentando jogar, tentando realizar os sonhos, eu me vejo no lugar deles e penso em tudo que passou, como eu também pensava como eles, que iria conseguir realizar os meus sonhos. Não posso falar que não bate uma decepção porque eu estaria mentindo para você. [...] Quando eu vejo uma reportagem falando de jogadores que estão na Europa, mostrando a vida que eles têm [...] bate uma tristeza grande, algumas vezes não consigo segurar e choro, eu tenho essa tristeza dentro de mim eu sei que hoje, se eu estivesse na Holanda, eu poderia dar um conforto para os meus pais que já estão velhos e trabalham até hoje, poderia ajudar mais a minha filha e a minha família toda” (SOUZA et al., 2008, p.106).

De fato, tal como apontado por Martins (2016, p.65), milhares de jovens são providos de esperança e expectativas de um dia tornarem-se jogadores profissionais de futebol, tal como seus ídolos que acompanham diariamente na televisão e nos estádios. No entanto, “uma porcentagem mínima deles conseguirá passar por todos os filtros que vão ao longo de anos dispensando esses meninos sonhadores”.

Essa dispensa é certamente um dos momentos mais difíceis da vida de uma criança ou adolescente que almeja se tornar um jogador profissional de futebol, pois denota a interrupção de um sonho, a quebra de uma fantasia, a percepção e vivência de uma realidade concreta à qual este sujeito buscava enfrentar. Nesse sentido, de acordo com Damo (2007, p.96), mais difícil do que “largar o futebol” é “ser largado por ele”, na medida em que implica uma “espécie de exclusão por deficiência técnica ou física... e denota a ideia de abandono, declínio, fracasso e exclusão”. Angelo (2014) acrescenta que estas questões que envolvem desamparo, abandono e constrangimento decorrentes de uma dispensa, assim como a violação dos direitos, devem ser tratados com preocupação, pois frequentemente estão presentes e podem gerar graves consequências de ordem emocional.

Alguns de nossos entrevistados falaram sobre o processo de dispensa de um jogador, bem como sobre o que acontece com aqueles atletas que não obtém sucesso no processo de transição das categorias de base ao profissional, ou seja, aqueles que não correspondem às expectativas, técnicas

principalmente, da comissão técnica e dirigentes, ou atingem a idade limite da última categoria sem que tenham adquirido condições de assumir um espaço/papel em alguma equipe profissional. Apesar de naturalizarem esse processo de “descarte”, expressão utilizada em algumas ocasiões no decorrer de nossa pesquisa de campo e que denota a compreensão do atleta como um objeto/mercadoria/coisa que não tem mais valor, ressaltam que não atendem a um modelo que julgam como ideal, qual seja, aquele que conta com a contribuição de psicólogo e assistente social para ajudar o atleta dispensado a elaborar a situação de dispensa e lidar com as consequências de ordem social e psíquicas. Outros, ainda que tenham uma conduta tida com a possível, atestam que conseguem dessa forma, somente, diminuir a possibilidade de erros na seleção.

Quem entra para o futebol nesse nível tem que estar preparado para isso. Os profissionais e os atletas, porque nós também temos esse viés. Então, esse sistema, na verdade, funciona dessa forma, porque é um sistema que visa o resultado como fim e os meios são relativamente pouco importantes para se atingir o resultado. Então, num ambiente desse, não conseguiu o resultado eu preciso trocar aquelas pessoas até chegar alguém que consiga dar aquele resultado. [...]quem entrar [nas categorias de base], tem que entender que essa é uma dinâmica do ambiente (CT4).

Infelizmente você não tem uma estrutura correlata que seria o modelo ideal, você trabalhando com assistente social e com psicólogo, que é uma das exigências hoje para que o clube tenha a certificação de clube formador, e seria importante que [o jogador] passasse por esse contexto. Mas um clube hoje como o nosso é simples né... chama o jogador, chama o responsável, o pai, e comunica que ele já não faz mais parte dos planos do clube. Simplesmente isso. Então o jogador em formação, da base fundamentalmente, ele não tem uma sustentação psicológica para poder arcar com um peso muito grande que é uma dispensa. Isso aconteceu comigo enquanto jogador também. Enquanto fui jogador, lá atrás, em várias oportunidades, passei por esse processo também de não estar mais nos planos do clube... acho que [a dispensa] é um fato terrível né, porque aí nós estamos falando também de um aspecto do substrato cultural, aonde o jogador, ninguém, se prepara para isso. Isso não só no futebol, mas em qualquer circunstância de atividade profissional. O ser humano ele não é preparado para uma situação como essa. E aí você, a tendência é entrar em parafuso mesmo né (D6).

O primeiro grande filtro é o sub15. Do sub15 para o sub17 nós temos uma lista com um grande número de dispensas. Por quê? Porque a ideia é quem ficar no 17 tenha uma perda muito pequena de no máximo dois jogadores do [sub]17 para o [sub]20, no máximo. E do primeiro ano de sub20 para o segundo, um jogador. Do segundo para o terceiro do [sub] 20 um 1 jogador, ou seja, a chance de agente errar diminui muito, porque quando você do [sub]15 para o [sub]17 faz um descarte muito grande, muitos bons jogadores acabam ficando de fora. Então, esses a gente tenta ajudar. A gente faz carta de recomendação, pede para os clubes ligarem para gente, ou a gente liga para os clubes (D3).

A maioria [daqueles que não passam a integrar a equipe profissional] vai rodar em times menores, sem expressão. Outros vão voltar para sua casa, vão trabalhar, procurar outros empregos. É natural. É natural! (CT12)

[O atleta] não vai [profissionalizar-se] e vai ficar por isso mesmo. Isso é uma falha dos clubes no Brasil. Normalmente um atleta na Europa, países mais estruturados, ele tem sequência, né. Primeiro que ele já tem estudo. Já tem um berço melhor. Já tem uma formação moral melhor. Então muitos deles são utilizados em outros setores, para trabalhar no clube ou seguir uma carreira... sei lá, de comissão técnica, preparação física. No Brasil não. Não existe essa paciência. Não tem esse tempo. Aqui deu, deu. Não deu, tchau! Sem maiores formalidades (D5).

Nesta última fala, são explicitados a falta de tempo que o jogador tem para se desenvolver e adquirir condições de mostrar à comissão técnica e dirigentes que possui capacidade, ou talento/dom, para se profissionalizar e integrar a equipe principal, assim como a falta de paciência destes que são responsáveis por essa avaliação e seleção. Ambos, tempo e paciência, fatores também determinantes para as constantes trocas de comissão técnica, como veremos no capítulo seguinte, acabam por interromper a trajetória de muitos jovens, por vezes até mesmo aqueles que tiveram reconhecidas as suas potencialidades e que sonham em seguir a carreira como jogador de futebol.

Um atleta que às vezes você vê potencialidades, muitas vezes é descartado pelo imediatismo do resultado sendo que é um atleta que daqui há dois, três, quatro, cinco anos tivesse condições de integrar o profissional e você descarta e não aproveita e investe muito mais para ter um atleta igual aquele daqui há três anos (CT4).

Se um dos modelos apresentados, apesar de não efetivado, foi tido como ideal, outro dirigente explicita uma forma distinta de atuação, caracterizada, por ele, como ousada. Se após o atleta atingir a idade máxima da última categoria antes de profissionalizar-se e não atender às exigências e expectativas dos dirigentes e comissão técnica, o clube realiza parcerias com alguns clubes de menor expressão/grandeza e encaminha essas atletas. Neste modelo, se por um lado tenta-se contribuir com o jogador para que ele não interrompa o sonho de se tornar um jogador de futebol profissional, por outro assegura-se que, ao menos em partes, o modelo exógeno de produção do atleta seja garantindo trazendo lucro, ainda que pequeno, ao clube formador.

[...] aqueles que estão no [sub]20 e que são do segundo ano, aí já temos uma ideia, a partir do perfil, daqueles que o profissional pode aproveitar. Se há a possibilidade

de não ser aproveitado, o que o clube tem feito hoje como plano de ação? É um plano de ação ousado, porque a gente quer que ocorra sozinho, mas tem que criar clubes parceiros, fazer parcerias com clubes para que esses jogadores tenham a grife do clube, passaram pelo processo todo, eles têm coisas boas, tem qualidades, então, a gente vai colocar esse jogador no clube parceiro. Mesmo que a gente não ganhe quantias, vamos ficar com uma quantia muito pequena do jogador, não tem problema, porque, afinal das contas, ele continua sendo alguém formado pelo clube que foi colocado numa equipe profissional. Não que isso resolva que eles não se frustrem, porque ele quer chegar no profissional do clube, mas penso que ajuda bastante, minimiza bastante (D3).

Um dos pontos levantados por esse dirigente, que gostaríamos de ressaltar, se refere à frustração, por vezes não explícita, pela qual o atleta passa neste processo. Ainda que ela seja minimizada com a reinserção em outro clube, todo atleta que passa anos nas categorias de base de um clube, espera ter a oportunidade de defender a equipe profissional deste que se tornou a sua “segunda casa”, pois, tal como explicitado por um de nossos entrevistados, “[defender o profissional] é um sonho. Sonho desde pequeno estar num profissional, ainda mais [no clube que o formou] (J8). No entanto, ao ver essa possibilidade ruir, este jovem sente-se frustrado, fracassado, desiludido, sentimentos que se atenuam quando outra oportunidade lhe é dada e este vê seu sonho permanecer vivo.

Há de se destacar também um entendimento, pouco verificado em nossa pesquisa de campo, que passa pela necessidade de valorizar o atleta como um sujeito de necessidades, estabelecendo com eles uma *relação humana*, algo que buscamos defender ao longo de toda esta tese.

[...] eu busco uma relação humana com meus atletas, uma relação de buscar o desenvolvimento, mas chega um momento que eu preciso dar o andamento, esse atleta não vai mais se desenvolver aqui, porque para ele se desenvolver ele precisa estar mais, nesse momento, nesse processo de jogar mais, ele não vai conseguir, porque ele está muito abaixo. Talvez ele se desenvolva melhor num outro ambiente. Acho que isso não é descartá-lo, é encaixá-lo num ambiente que seja mais favorável, mas em algum a gente tem que entender e essa dinâmica do mundo do futebol base-profissional ela é muito permanente (CT4).

Se já não é fácil lidar com as expectativas, ansiedades e demais sentimentos emergentes no processo de mudança das categorias de base para a equipe principal, esta dificuldade toma proporções muito maiores quando este processo é interrompido e nem mesmo a possibilidade de fazer parte deste grupo é presumida e visualizada. Dessa forma, entendemos que os dois planos, sugeridos como ideais e ousados, explicitados por nossos entrevistados, devam fazer parte de um

mesmo procedimento. Ou seja, minimiza-se ao máximo as possibilidades de erros e injustiças, contribui-se para que o jogador não aproveitado na equipe principal do clube que o formou continue sua trajetória profissional em outra instituição e, principalmente, ao longo de todo o processo de formação/produção deste atleta, ele seja acompanhado/assessorado por profissionais, tais quais o assistente social e o psicólogo esportivo, que o ajudarão a entender o funcionamento deste sistema de formação/produção do jogador para que ele esteja melhor instrumentalizado nesta trajetória até o grupo profissional, os auxiliando a adquirir estratégias/ferramentas para lidar e elaborar os sentimentos decorrentes de uma possível, mais provável até, dispensa e “descarte”.

Nesse sentido, Angelo (2014, p.72) afirma que não há uma preparação adequada para que os jovens aprendam a lidar e enfrentar essas situações, bem como os sentimentos de impotência e frustração decorrentes delas. E conclui que os “indivíduos que tem pouca mobilização de recursos para lidar com esses sentimentos estarão mais sujeitos a desistir diante da adversidade”.

Ao tratarmos do processo de contratação e dispensa de atletas, bem como do processo de formação/produção do jogador de futebol nas categorias de base a sua transição, ou exclusão, ao profissionalismo, finalizamos este capítulo com a intenção de discorrermos e analisarmos, no capítulo que segue, alguns acontecimentos e operações travadas no interior dos grupos de futebol profissional. Abordaremos, especificamente, o conceito de adaptação, o estabelecimento de vínculos, com foco no processo de atribuição e assunção de papéis, assim como as causas e consequências das mudanças de comissão técnica.

6. OPERAÇÕES TRAVADAS NO INTERIOR DOS GRUPOS.

6.1 A constituição de vínculos no cenário de atribuição e desempenho de papéis

Muitos dos aspectos da vida profissional de um grupo de futebol podem ser compreendidos pelas modalidades de relações presentes no grupo, a partir das contribuições teóricas da Psicologia Social concreta formulada por Pichon-Rivière, tendo como referência os vínculos estabelecidos, bem como os papéis adjudicados e assumidos pelos seus membros no processo de configuração vincular. Considerando os aspectos até então discutidos, algumas indagações orientaram a construção que apresentamos aqui. Nesse sentido, buscaremos no decorrer deste tópico entender como se constituem os vínculos em uma equipe de futebol profissional com foco no processo de atribuição, assunção e mobilidade de papéis. Portanto, esperamos que ao seu término, e de forma associada aos capítulos anteriores, tenhamos as respostas para as seguintes perguntas: Como se configuram as relações entre jogadores, comissão técnica e dirigentes do futebol profissional? Como o jogador encara estar na reserva ou nem mesmo ser relacionado para os jogos? Como jogadores, comissão técnica e dirigentes lidam com as insatisfações decorrentes de determinados papéis assumidos no grupo?

No que se refere à última indagação, além da teoria pichoniana, a discussão sobre papel trazida por George Mead no campo da Psicologia Social é também sugestiva para nossa reflexão. De acordo com Pichon-Rivière (2005), no âmbito da Psicologia Social, George Mead posiciona-se como o grande precursor do conceito de papel. Ao buscar explicar muitos aspectos da vida social dos grupos, nos quais cada membro incumbe-se internamente de seu papel, assim fazendo também em relação aos demais, assume-se o papel social de um grupo organizado, processo explicitado a partir do conceito de “outro generalizado”. Mead (2010, p. 132), expõe o entendimento de “outro generalizado” como “o grupo social que dá ao individual a unidade de self”, cuja atitude, conjunto organizado de respostas, é aquela que deve ser atribuída ao grupo todo. Em outras palavras, o “self” se desenvolve completamente no indivíduo não só pela organização de suas atitudes individuais, mas também pela organização das atitudes sociais do grupo social que pertence, o outro generalizado, ou seja, por aquele que “representa as respostas organizadas de todos os membros do grupo”.

Segundo Souza (2011), George Mead deixa claro em seus estudos acerca da formação social do *self*, a grande importância de nossa capacidade em nos colocarmos no lugar do outro, por meio de uma ampla assimilação dos distintos papéis sociais. Vale destacar ainda, que a assunção do papel do outro se dá, predominantemente, através da linguagem que, por sua vez, ao basear-se no gesto vocal, configura-se como o meio para realização de atividades cooperativas nos diversos grupos e comunidades (MEAD, 2010).

Uma das limitações encontradas por Pichon-Rivière no conceito de papel de George Mead foi superada quando Pichon-Rivière (2005, p.28) incorporou a ideia de grupo/mundo interno do sujeito, pois entendia que a “internalização do outro não se faz como a de um outro abstrato e isolado, mas inclui os objetos inanimados, o hábitat em sua totalidade, que alimenta intensamente a construção do esquema corporal”.

Tais considerações são fundamentais para nossa discussão sobre o desempenho e mobilidade de papéis no âmbito do futebol profissional, já que nos deparamos, no decorrer de nosso trabalho, com situações emblemáticas que envolviam jogadores e integrantes das comissões técnicas. Quanto aos jogadores, vivenciar o papel de titular, reserva e terceiro suplente (aquele que nem mesmo relacionado para as partidas é) e, sobretudo, circular por esses distintos papéis instituídos no contexto do futebol profissional, é motivo de conflito interno e desestabilização nas relações entre os membros do grupo. Tal como analisaremos a seguir, a aceitação de um papel instituído de “menor valor e importância” é algo bastante difícil e pouco aceito entre os atletas. Da mesma forma, notamos esses tipos de conflitos entre integrantes da equipe de preparação física de um dos clubes ao lidarem com a rotatividade na função, ora preparador, ora auxiliar ou segundo auxiliar de preparação física, que deveriam desempenhar como consequência de mudança de comissão técnica.

Por sua vez, conforme havíamos antecipado, vale retomarmos o papel instituído no quadro de funcionários de um clube de futebol profissional que, com raras exceções, é muito pouco falado e valorizado neste contexto: o roupeiro. Responsável oficialmente por selecionar, cuidar, organizar e distribuir os materiais esportivos dos atletas, é costumeiramente um dos participantes do grupo de futebol que há mais tempo o compõe, fato confirmado nos três clubes investigados neste estudo. O longo período que permanecem nos clubes, assim como a função que desempenham, além de fazer deles personagens célebres e caricatos, os tornam sujeitos fundamentais no processo de formação de grupo, principalmente por atuarem como apoiadores e selecionadores de subgrupos. À medida que determina os locais/armários de cada jogador, ou seja, onde cada um irá permanecer para se trocar

antes e depois dos treinos e jogos, se mostra conscientemente e de modo intencional atento aos movimentos grupais, visto que ao atribuir determinados papéis aos jogadores pode funcionar como um apoiador ou sabotador deste movimento.

Figura 09: Vestiário da Associação Atlética Ponte Preta e Guarani Futebol Clube¹⁰⁸

Fonte: Google

Além da necessidade de os atletas possuírem um bom rendimento diariamente, do esforço destinado em cada treino e da pressão constante por bons resultados/desempenhos, outra questão importante a ser analisada do ponto de vista dos processos grupais, refere-se à disputa por funções e espaços a serem ocupados dentro do grupo. Tal como explicitado por nossos entrevistados, há uma competição intensa e cotidiana por espaço e posição a ser ocupado, sobretudo entre os atletas. Os jogadores que não vem sendo relacionados para as partidas disputam um espaço por fazer parte deste grupo mais restrito e, da mesma forma, os reservas lutam para obter uma vaga na equipe titular, ao passo que os titulares por manter seu status.

Não é explícita, mas existe uma competição interna [por espaço/posição] muito grande (CT9).

O futebol é um querendo matar o outro! (J13)

Você está de reserva, mas você vai brigar pela sua posição durante a semana e durante os jogos fica esperando uma oportunidade (J10).

Todo dia tem que treinar dando o melhor para se manter né. Se manter e conseguir uma oportunidade... se você não render, sempre tem outro querendo seu lugar (J20).

¹⁰⁸ Não localizamos uma imagem do vestiário do Clube Atlético Bragantino, mas se trata de um ambiente significativamente diferente dos aqui apresentados, visto que não é moderno como eles e não conta com armários/espacos específicos para cada jogador, e sim, bancos encostados nas paredes do vestiário onde cada atleta ocupa o seu lugar.

Vale frisarmos também que, principalmente como observamos em um dos clubes investigados, há exemplos em que se nota uma aceitação maior da função de reserva e mais evidente postura colaborativa entre os jogadores titulares e reservas, entendendo essa mobilidade de papéis de modo naturalizado. Os atletas que possuem maior consentimento de que não vivem melhor fase que o outro que ocupa o seu lugar na equipe titular, ou seja, que o jogador titular está (e não, é) titular por ter, em determinado momento, melhores condições (físicas, técnicas e/ou táticas) do que outro, é tido no contexto do futebol profissional como um “jogador de grupo”¹⁰⁹. Em vários discursos, tais como os exemplificados abaixo, pode-se notar uma maior aceitação da posição que lhe é atribuída – assunção do papel adjudicado – sobretudo, no discurso de companheirismo, ainda que o descontentamento pela posição de reserva e a vontade de ocupar um lugar de maior importância estejam presentes, implícita e explicitamente.

O cara que está jogando pode passar motivação para um atleta que não está jogando. Porque quando você não está jogando você vai sentir o que? “Eu sou melhor do que aquele que está jogando e o culpado é o treinador”? Não. Muitas das vezes, o culpado não é o treinador, não é o companheiro que está jogando. Muitas vezes o erro está em você próprio, de você não se doar no dia-dia e trabalhar corretamente e você fazendo isso, já é um grande passo. Então, quem está jogando, muitas vezes vai trazer aquele que não está jogando com ele, passando “você tem valia para o grupo, você vai nos ajudar no futuro”, porque amanhã você não está jogando e depois pode mudar isso, você está jogando e eu não estou (J12).

Quanto a estar reserva, titular, isso aí é normal. De repente seu companheiro no dia-dia está melhor que você. De repente você não foi tão bem naquele jogo, mas seu companheiro está trabalhando durante a semana para poder ter a oportunidade dele, então, a gente respeita essa troca (J10).

O atleta de futebol precisa saber que para tudo existe um tempo, né. Existe o tempo de você semear e o tempo de você colher. Existe o tempo de você treinar, existe o tempo de você jogar. Existe o tempo que você vai treinar e ficar no anonimato e o tempo que você vai jogar e se destacar e ser o principal protagonista do time. Acho que o jogador tem que encarar isso com naturalidade e isso é normal para todos (J9).

Tem que ter paciência e esperar seu momento, respeitar quem está jogando para na hora que chegar a oportunidade, aproveitar (J7).

O [papel de] titular e o reserva é uma coisa que a gente vai aprendendo a conviver com a idade, mas quando a gente é mais novo, a gente quer jogar sempre. Quando a gente é mais experiente também, a gente quer jogar, ser titular, mas você aceita

¹⁰⁹ Segundo integrante da comissão técnica pertencente a um dos clubes investigados, “o cara não ser de grupo é ele achar que não pode ficar na reserva. Se ele fica na reserva um jogo, por exemplo, ele vai para o banco com má vontade, ele treina diferente. É um cara que não respeita a decisão do treinador, não respeita o jogador que vai entrar no lugar dele” (CT6).

melhor ficar na reserva, entendendo que o grupo é mais importante. Mesmo que você veja condições de jogar, você respeita os outros atletas que estão jogando. Mas sem dúvida, todo jogador que está aqui, tem a ambição e quer ser titular. Tem essa ânsia e busca, mas não é fácil ser reserva o tempo todo, ser pouco utilizado geralmente você não sente tão bem, mas você respeita os que estão jogando, porque o ambiente é importante para que as coisas fluam (J1).

No entanto, mesmo que esse processo seja naturalizado para alguns, é notório que grande parte dos atletas não gosta de estar no papel de reserva, visto que nesta posição se sentem menos importantes, excluídos do grupo, invisíveis, não reconhecidos, desprezados, insatisfeitos, inúteis e mais distantes das melhores oportunidades laborais.

[Quando não estou entre os titulares] eu fico bravo comigo mesmo, porque eu sei da minha capacidade, sei do futebol que eu tenho, sei que eu tenho capacidade de jogar e fico bravo comigo mesmo. Me xingo, fico chateado comigo, por não estar no meio, entre os que estão jogando (J16).

Claro que todos que estão de fora estão insatisfeitos. Costumo brincar, antes eu brincava, que eram onze satisfeitos no futebol, sete mais ou menos e o resto que não era convocado, infelizes. Essa era a tônica do futebol. Hoje mudou né, porque são onze satisfeitos, vamos colocar onze meio a meio, e o resto infeliz. Então, comigo não é diferente. Acho que todo jogador que passa por isso quer estar jogando, às vezes não sabe respeitar o momento do outro, mas às vezes sabe e espera sua oportunidade e quando pega a oportunidade, agarra (J5).

De modo geral, ficar fora nenhum jogador quer ficar. [...] porque quem está aparecendo é quem joga. Não tem jeito! É por isso que a maioria dos jogadores não aceitam, mas é difícil ficar de fora. A maioria dos jogadores, por exemplo, as oportunidades aparecem para quem está jogando, não para quem está na reserva (J11).

Geralmente o atleta que não está jogando, ele se sente excluído (J12).

Como consequência, muitos desses atletas ficam insatisfeitos por não estarem na equipe titular, participarem dos jogos e/ou por não ocuparem um papel importante no clube. Essa insatisfação é nitidamente notada nos treinamentos e em entrevistas à imprensa esportiva, visto que ou o atleta expõe explicitamente seu descontentamento ou perde motivação e passa a se empenhar menos nos treinos e jogos. Esse tipo de conflito se faz mais presente em clubes de maior grandeza, principalmente porque possuem jogadores mais talentosos, famosos, importantes, acostumados, portanto, a ocuparem posições de destaque nas equipes que defendem.

Nesse sentido, foi na Ponte Preta, dentre os clubes investigados neste estudo, que nos deparamos com mais situações desta natureza. Por diversas vezes, vimos o treinador e dirigentes

tendo que mediar conflitos envolvendo jogadores que questionavam a sua não escalação na equipe titular. Algumas estratégias foram levantadas por nossos entrevistados para minimizar ou solucionar problemas desta ordem e uma delas, de maior responsabilidade dos dirigentes, se refere à quantidade de jogadores que devem fazer parte do grupo.

[...] no futebol, geralmente a gente trabalha com um grupo que gira em torno de 30, 35. Se você estende muito esse grupo, se você faz com que ele seja mais volumoso, você pode incorrer em dois problemas que possivelmente podem acontecer. Não digo que vão acontecer. Primeiro, é a questão de você deixar muito atleta insatisfeito, porque você passa a ter atletas que não participam de treinos, que ficam de fora de treinos, fora de jogos e não são convocados. E isso, de certa forma, começa a gerar um descontentamento por parte dos jogadores; e outra, é a questão do orçamento: quanto mais jogadores você tem no elenco, maior é o custo seu para manter essa equipe (D1).

O fato de ter reduzido os grupos já ajuda bastante... Sempre tem um número menor de insatisfeitos (D3).

Conforme já mencionado, o grupo de jogadores do Guarani Futebol Clube era formado por 33 atletas, o Clube Atlético Bragantino por 28 e a Ponte Preta por 29. Em todos os três clubes, cerca de 20 atletas eram relacionados para as partidas. Balizados pelo rendimento que obtém nos treinos e jogos e por questões mercadológicas e institucionais já discutidas na introdução desta tese, tanto os jogadores quanto comissão técnica, vivem constantemente um sentimento de incerteza em relação ao seu papel e futuro na equipe e no clube, assim como enunciado pelos atletas entrevistados:

Não sei como vai ficar o ano que vem acabando meu contrato (J23).

O futebol é muito dinâmico. Do dia para noite, tudo muda. É uma linha quase imperceptível entre o céu e o inferno. Entendeu? Tudo muda muito rápido. Uma derrota muda a linha do tempo em relação ao grupo [...] jogou três, quatro, cinco vezes mal e todo mundo quer fora, xingando, brigando, contratação errada. Jogou uma partida, fez dois gols, já é a sensação. Em todas as televisões, todo mundo falando que é o melhor jogador (CT12).

Cada jogo que eu faço tenho que fazer o melhor, porque, se não, em dois jogos podem me mandar embora, entende? (J10)

Uma hora você presta, noutra você não presta. Num jogo ele [um goleiro] falhou num gol e no outro jogo ele já defendeu pra caramba. Então, ele já foi melhor num jogo e no outro foi o vilão (J23).

Entretanto, como visualizamos em discurso abaixo, é muito difícil que uma equipe com trinta, trinta e cinco jogadores, tenha todos motivados o tempo todo. Diretamente relacionado a esse estado

está, para eles, participar ativamente dos treinos e jogos, contribuir, dentro ou fora de campo, com o grupo e se sentir importante no clube. Assim, buscam manterem-se motivados a treinar bem para mostrar ao treinador que possuem condições de jogar, acreditando que um dia essa oportunidade vai surgir e que a situação de suplência, desprezo e inutilidade irá mudar.

Eu tive no Japão um contrato maravilhoso, contrato que talvez poucos atletas vão ter, tirando esse nível A da rapaziada, e eu não me sentia importante, não jogava, jogava pouco e eu fiquei um ano e meio, joguei 15 jogos em um ano e meio. Eu me sentia muito mal, porque eu tinha um salário maravilhoso, um contrato maravilhoso, mas eu não rendia, não jogava, não tinha uma sequência e eu me senti muito mal e pedi para vir embora. Abri mão de um ano e meio de contrato para ser feliz. Eu voltei para ter essa importância. Eu acredito que todos têm que se sentir assim, de uma forma ou de outra. Não sei como... às vezes de fora você tentar se motivar, mas eu acho que é isso que move o futebol. Você ter 33 atletas é difícil cara. E todo mundo estar motivado é difícil, mas se manter, tentar se manter, para que você tenha importância. Vestiário, num churrasco, num almoço, enfim, nessas situações eu acho que você tem que se manter motivado (J6).

A outra estratégia adotada passa pelo modo como os integrantes da comissão técnica e dirigentes se relacionavam e conversavam com os atletas. Eles procuram observar quem está, ou não, satisfeito e como estes tem se mobilizado, ou não, para superar esse conflito. Portanto, se faz necessário estarem sempre próximos dos jogadores, em constante observação e análise, a fim de identificar quem está descontente e conversar com esse jogador. Tal orientação deve passar pela problematização com os atletas acerca da necessidade de rotatividade dos papéis e, sobretudo, pelo reconhecimento de sua importância para a equipe que, uma vez obtido, o levará a manter-se motivado e empenhado a treinar mais e melhor.

Eu sempre digo para os treinadores o seguinte: acho que a insatisfação é sempre boa, desde que seja uma insatisfação positiva, ou seja, o cara que não está contente com aquilo e quer melhorar. Então, dentro do processo pedagógico, a ideia é que os treinadores gerem um ambiente de treino muito competitivo, em que não tenha titulares e reservas. E que o tempo todo eles tenham que provar que são os melhores para provar que tem condições de jogar o próximo jogo. Isso faz com que, primeiro, a gente consiga ter um equilíbrio de minutos interessante, a gente avalia, em todos os grupos a gente vê uma boa distribuição de minutagem de jogo, por exemplo. Não tem um que tem um tempo gigantesco e um que ficou um tempo baixo e o legal disso é que, o que tinha como praxe, joga um, temos um time titular, um time reserva, então imagina o tanto de pessoas mal-humoradas que vão ficar no dia-dia. [...]toda vez que há uma insatisfação negativa, é muito fácil resolver porque, ou a própria comissão resolve, departamento de psicologia, ou todos em conjunto, às vezes o coordenador. Sempre as conversas começam com perguntas: Por que você acha que está acontecendo isso com você? O que acha que pode melhorar? O que está ruim? Daqui a pouco o próprio jogador diz assim: “é

verdade, eu não tinha percebido”. Então fica fácil. Não gera uma contaminação, acho que não é uma receita de bolo, mas aqui tem pouquíssimo disso (D3).

Particularmente a equipe técnica, treinador, preparador físico, nós também, coordenador, temos que estar muito atentos porque o atleta muitas vezes ele pensa em si só. Ele não tem muita visão de grupo, ele quer o seu bem-estar e o seu bem-estar é estar jogando. E estar fora muitas vezes ele não concorda com a decisão, opinião daqueles que são responsáveis por colocar os onze titulares, ou ter a própria formação de banco. Você tem que fazê-lo entender que, no momento oportuno, de acordo com aquilo que ele vem apresentando no dia-dia de trabalho, a oportunidade vai aparecer para ele e é fato isso. Você começa com uma equipe e essa equipe muda de jogo a jogo, constantemente. Daqui a pouco, aquele atleta que se encontra insatisfeito, muitas vezes se a equipe técnica não tomar o cuidado de fazê-lo entender que, quando a oportunidade surgir, ele precisa estar preparado, vai acontecer de ele não conseguir render o que se espera e acabar ficando, vamos dizer assim, pouco aproveitado ao longo da temporada. Então, você tem que trabalhar essa dinâmica de grupo, você tem que conscientizar os jogadores de que a oportunidade vai aparecer e é fato, aparece para todos. Mais cedo ou mais tarde, seja no início ou até no final da competição, mas todos vão ter a sua contribuição. Dificilmente você tem um elenco, salvo na posição de goleiro, que é uma posição que é, vamos dizer assim, que tem uma rotatividade menor, o jogador geralmente se lesiona pouco e também não existe uma substituição constante desse atleta durante uma temporada... salvo essa posição, as outras todas, nas outras dez de linha, existe uma rotatividade muito grande e todos acabam tendo uma participação. E aí o atleta que é aquele que está melhor preparado, quando a oportunidade surge entra, rende e esse acaba tendo uma sequência maior de jogos. Então, [a estratégia] é fazê-los entender que todos são importantes durante o processo e a oportunidade vai bater na porta de todos (D1).

Assim como a atenção e orientação dada pelo treinador aos atletas, acima de tudo àqueles que estão descontentes em relação ao papel que vem desempenhando na equipe, o perfil do treinador e suas condutas relacionadas aos treinos e escalação para as partidas, são bastante valorizadas pelos jogadores. Eles valorizam treinadores que possuam uma postura e linha de conduta justa, que saibam perceber o tempo certo de escalar determinados jogadores, que optem pelo jogador que estiver melhor e vier de uma boa sequência de jogos e que dê continuidade a estes.

[...] acho que a função do treinador, da comissão técnica é fundamental. Você saber onde utilizar as peças, o que tirar das peças, tirar o melhor de cada jogador, você tentar ter um grupo alegre, um grupo que confia nele, e saber que se você fizer o melhor no dia-dia você vai jogar. Eu acho que o futebol mudou muito também, essa nova geração de treinadores tem caras mais sérios, são caras que estudaram, são caras que são fundamentados em, assim, treinou, jogou, vai continuar. Antigamente tinham alguns problemas, empresários, diretores, enfim, algumas coisas extracampo. Mas eu acho que hoje a função do treinador é fundamental. Não aparece tanto né, até porque a gente faz mais contratos e contratos melhores, mas eu acho que o treinador hoje ele é fundamental. Ele é fundamental na sua postura, na sua linha de conduta quanto a tirar e por atletas. Nosso treinador consegue ter o

“time” de quem estiver melhor joga, quem entrou e teve uma sequência, continua (J6).

Por diversas vezes tivemos a possibilidade de questionar os atletas sobre como eles se sentiam quando não estavam jogando ou sendo relacionados para as partidas e, de modo geral, eles não gostam e não aceitam ficar de fora, principalmente quando menos experientes. Por outro lado, contraditoriamente, alguns afirmaram que tal situação serve de motivação para que eles se empenhem mais nos treinos à espera de uma oportunidade. Se sentir importante no grupo e se manter motivado a treinar bem para estar preparado quando a oportunidade de jogar aparecer, estão entre as demandas explicitadas pelos jogadores entrevistados. Muitos deles valorizam a equipe na qual os atletas, independente se estão jogando ou não, estão dando o seu máximo, trabalhando 100% nas suas possibilidades e oferecendo à equipe sua parcela de contribuição.

Eu era um cara que não aceitava ficar de fora. Até por ter sido convocado para seleção de base, por ter sido criado com um pouco de mimo aqui na base deste clube, eu tinha dificuldade de aceitar ficar de fora, ficar no banco. Eu prejudiquei demais a minha carreira por isso. Eu me mantinha sempre desmotivado quando eu estava fora, ao invés de me motivar. É o que eu faço hoje. Eu me mantinha bem abaixo do grupo. As consequências eram minhas, pois muitas vezes eu ficava fora até de relação [para os jogos], com uma qualidade boa. Eu era um cara considerado de muita qualidade, mas eu não conseguia me manter motivado. E hoje, é o que eu falo, acho que a maturidade, a experiência me trouxe isso: jogar 100%, treinar 100%. [...] eu tenho comigo que o grupo se fortalece a cada dia quando, mesmo quem não esteja jogando, esteja treinando 100%. A minha ideia de grupo forte, grupo vitorioso é saber que todos têm a sua parcela, dentro ou fora, todos tem uma parcela (J6).

A rotatividade de papéis em uma equipe de futebol é uma prática que tem se tornado cada vez mais comum nos clubes europeus, mas que, no contexto brasileiro, ainda é significativamente restrita. A justificativa adotada por treinadores brasileiros para não implementar o “rodízio”, estratégia na qual se reduz a importância atribuída aos papéis de titulares e reservas e considera todo o grupo de jogadores capaz de iniciar a partida, variando, em cada jogo, aqueles que iniciam o jogo como titulares, passa pela incompreensão dos atletas que não aceitam esta dinâmica e, como consequência, prejudicam o seu envolvimento na tarefa. Nesse sentido, um dos atletas entrevistados reforça nossa reflexão, acrescentando ainda, que a própria mídia esportiva também repercute negativamente e critica essa rotatividade entre reservas e titulares.

[...] se você fizer isso [o rodízio entre reservas e titulares] a imprensa não aceita, os jogadores que sempre jogam, quando começam a rodar, já não tem essa aceitação.

Ai o jogador que estava bem, às vezes, por que não jogou em algumas partidas por conta de o treinador ter rodado, já começa a fazer biquinho (J2).

A rotatividade de posições que ocorrem nessas equipes pode ser estudada e até problematizada a partir da teoria pichoniana. Entretanto, corroboramos com Pichon-Rivière (2005) o entendimento de que um grupo estereotipado requer que os papéis se tornem intercambiáveis para que volte a adquirir flexibilidade, mobilidade e, conseqüentemente, operatividade. Não pudemos averiguar os efeitos dessa prática de rodízio a partir das observações feitas nos clubes aqui estudados, mas, essa prática faz emergir uma questão que merece ser investigada: a rotatividade frequente dos papéis prescritos dentro de uma equipe de futebol (titular e reserva, líder e liderado, capitão e demais jogadores, protagonista e coadjuvante, porta-voz e bode expiatório, dentre outros) contribuiria com o movimento no grupo em direção à mobilidade de papéis, condição para aprendizagem e adaptação ativa à realidade?

Supomos que sim ao considerarmos determinadas situações como, por exemplo, simulações de jogo (“coletivos”) em que o jogador atua no papel de treinador e pode experimentar fazer a escalação de equipe. Arriscamos afirmar que ele entenderá melhor o quão difícil é o processo de escolha, dentre os trinta, trinta e cinco jogadores que formam o grupo, daqueles que deverão iniciar a partida. Nesse sentido, o “rodízio” entre os jogadores que serão titulares e reservas também se apresenta como importante recurso de mobilidade de papéis trazendo maior aceitação do seu papel e do outro. Ou então, ao fazer com que aquele atleta que possui dificuldades em lidar com as decisões dos árbitros nas partidas, sendo advertido em várias oportunidades, atue como árbitro, provavelmente em situações reais de jogo seu comportamento seja distinto. Esse tipo de prática poderia despertar nos integrantes, inclusive, que se sintam úteis e com lugar relevante no grupo.

Do ponto de vista teórico, os papéis em interação são apreendidos pelo sujeito e traduzidos em atitudes que poderão trazer “novas qualidades às relações sociais estabelecidas” (COLOSIO, 2005, p.60). A análise da funcionalidade dos papéis, a qual nos permite assumir papéis complementares e suplementares, é fundamental na tarefa com grupos operativos, pois não se deve cair no erro de tratar indivíduos de um grupo como simples indivíduos de um conjunto indiferenciado, sem levar em conta os papéis que cada um dos seus membros deve assumir no seu *aqui-agora-comigo*, pois ao adjudicar-lhes papéis equivocados, será produzido, em consequência, “um conflito intrapsíquico de papéis e uma atuação patológica”, visto que “a pertença, cooperação e

pertinência, estão seriamente perturbadas, originando-se uma patologia social pela rejeição, indecisão ou incapacidade de assumir o papel adjudicado” (PICHON-RIVIÈRE, 2005, pág.146).

Um papel adjudicado e assumido é aquele que irá satisfazer a necessidade do grupo e deve ser desempenhado por aquele que assume este papel. Portanto,

[...] na medida em que os dois papéis coincidem – o prescrito e o assumido -, se produz o encaixe, a articulação, como acontece, por exemplo, em uma equipe de futebol, na qual o jogador ao mesmo tempo que internaliza os membros de sua equipe, também o faz com a equipe contrária, configurando o que George Mead chama de ‘o outro generalizado’, com objetivo de chegar a uma operatividade máxima (a partida é jogada primeiramente no campo interno) (PICHON-RIVIÈRE, p.145).

O atleta considerado “de grupo”, conforme já elencamos, é aquele que possui maior aceitação do papel que lhe foi atribuído pelos demais, sobretudo pelo treinador da equipe, e ao aceitar esse papel – o que não significa acomodar-se com ele -, facilitará a operatividade do grupo frente às tarefas. Por outro lado, ao não aceitar a condição de reserva, posição no esquema tático da equipe e/ou perder a condição de capitão, por exemplo, rompe-se a rede complementar de papéis elaborada pelo grupo prejudicando a comunicação e aprendizagem.

A leitura e interpretação que vemos fazendo até este momento parte, em grande medida, da elaboração do conceito de papel realizada por Mead (1967), cuja influência para Pichon-Rivière (2005) foi significativa. Na perspectiva de George Mead, os papéis são entendidos como determinadas atitudes sociais, ou papéis sociais (o de jogador de futebol, treinador, médico, psicólogo, por exemplo), que são organizados pelo grupo, ou parte dele, a que pertence. Essas atitudes estão relacionadas

[...] a problemas sociais de várias espécies com os quais esse grupo ou comunidade se defronta, em um dado momento, problemas que surgem ligados a projetos sociais divergentes ou a realizações cooperativas organizadas nos quais esse grupo ou comunidade, enquanto tal, se engaja; e como participante individual nesses projetos e realizações cooperativas, ele conduz, de acordo, sua própria conduta (MEAD, 2010, p. 133).

No entanto, além da valorização do mundo interno do sujeito no processo de adjudicação e assunção de papéis, Pichon-Rivière (2005) avança também no conceito meadiano ao trazer outros entendimentos acerca do papel, para além da função/posição social. Se por diversas vezes Pichon trata em sua obra e em suas aulas/palestras, da rotatividade papéis que promovia entre enfermeiros e

pacientes (função social) no seu trabalho como psiquiatra, é possível o identificarmos também como uma representação do papel propriamente dito, tal qual o de líder, porta-voz e bode expiatório, dentre outros, assim definidos por conta da frequência com que se manifestam, pela rotatividade (em contraposição à estereotipia) e da importância que adquirem no grupo.

Já destacamos anteriormente que os membros de um grupo podem assumir mais de um papel prescrito e quando a assunção do papel adjudicado se dá de forma adequada, ou seja, “dentro dos limites do lugar que ocupam”, amplia-se sua funcionalidade. Os papéis, apesar de serem rotativos, tendem a ser fixos no início da tarefa até que sejam configuradas as lideranças funcionais no grupo, as mais eficazes em cada “aqui e agora” da tarefa grupal. Dentre os papéis, os mais presentes no dia-dia de um grupo são o de porta-voz, líder e bode-expiatório e tais papéis (funcionais e rotativos) são assumidos por pessoas no acontecer do grupo conforme suas características pessoais (PICHON-RIVIÈRE, 2005).

Ainda que não esteja entre nossos objetivos identificar qual membro em cada um dos clubes investigados assume cada papel, vale destacar a presença e a importância de cada um deles em grupos de futebol profissional. Talvez, destes, o mais explícito e comentado no âmbito do futebol profissional, seja o de líder, representado principalmente na figura do presidente do clube, treinador e do capitão da equipe. No entanto, tal como já apontado e analisado por Castellani (2010), o líder em um clube de futebol se apresenta em diferentes contextos, em vários subgrupos, na pessoa de distintos profissionais e sob diversas funcionalidades e perfis de lideranças. Se para aqueles que compõem o futebol profissional, o papel de líder merece destaque, para Pichon-Rivière (2005), nenhum destes papéis é tão importante quanto o de porta-voz.

O porta-voz de um grupo profissional de futebol é compreendido habitualmente, neste contexto, como aquele que levará à torcida, mídia e aos dirigentes ou comissão técnica, a opinião, argumentação e/ou reivindicação da maioria dos atletas. Este papel é representado, em grande medida, pelos atletas mais experientes, pelos líderes da equipe, sobretudo o capitão, e por aqueles que detenham melhor oratória. No entanto, buscamos neste estudo extrapolar essa compreensão e atribuir maior destaque a esse papel, já que o porta voz é aquele que irá explicitar a cotidianidade do grupo que faz parte revelando as ansiedades e fantasias emergentes que movem este acontecer grupal. Ou seja, “o porta voz é o membro que, por sua história pessoal, por suas características, pode expressar algo que permite decifrar o processo latente” no grupo (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p.259).

É preciso ressaltarmos que sempre algum membro do grupo assumirá o papel de porta voz. Ainda assim, este não falará por si só, mas por todos do grupo, pois nele se conjugam a verticalidade e horizontalidade grupal, ou seja, aquilo que se refere à sua história pessoal (verticalidade) e o acontecer grupal, na totalidade dos membros, do aqui e agora (horizontalidade). O sujeito, ao assumir o papel de porta voz, irá expressar um conflito como se este fosse seu, mas não o é exclusivamente, pois estará denunciando um conflito existente nas situações interativas com o grupo e em relação com determinada tarefa (COLOSIO, 2005, p.62). Ainda assim, a possibilidade do porta-voz em desempenhar seu papel é dada pela articulação entre a fantasia inconsciente e o acontecer do grupo que está inserido. Em outras palavras:

As necessidades, as ansiedades e as fantasias enunciadas pelo porta-voz e sua maneira de formulá-las fazem referência a sua história pessoal, enquanto o fato de formulá-las num dado momento do acontecer grupal assinala o caráter horizontal do emergente (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p.179-180).

Guiados por essa compreensão, tomamos conhecimento de alguns conteúdos emergentes que optamos por trazer para análise nesta pesquisa, dentre outros, o sofrimento com a distância e o curto tempo que passam com suas famílias, os problemas relacionados à estrutura e condições de trabalho e os conflitos no interjogo de papéis e a consequente impossibilidade de elaborar as contradições emergentes em muitos momentos.

Interessante notar que na linguagem que circula no futebol profissional, alguns termos como porta-voz e bode expiatório são frequentes embora sendo enunciados com sentidos distintos daqueles presentes na perspectiva do grupo operativo formulado por Pichon-Rivière. Bode expiatório é atribuído, em grande parte das oportunidades, a três tipos de profissionais: o diretor de futebol, dentre os dirigentes; o treinador, na comissão técnica; e um jogador específico, designado no linguajar dos “boleiros” como o laranja podre, ou seja, aquele que é o responsável por contaminar e “apodrecer” todo o grupo.

Na perspectiva teórica que estamos buscando desenvolver é possível agregar a compreensão de que o bode-expiatório funciona como o depositário dos pontos negativos, problemáticos e conflituosos do grupo, possibilitando, tal como faz um porta-voz, a emergência dos mecanismos de segregação como aqueles que se manifestam na demissão de um dirigente e/ou treinador quando a equipe não apresenta bons resultados. Isso acontece, também, com atletas específicos que, diante de performances insatisfatórias em treinos e jogos ou mal comportamento, são enfaticamente criticados

pela torcida e/ou mídia esportiva e, assim, são afastados, passando a treinar separadamente dos demais jogadores, tendo seus contratos rompidos ou sendo vendidos para outras equipes. Entendemos, desse modo, que em um grupo certamente estarão presentes uma série de papéis, prescritos ou estabelecidos, que serão definidos em termos de pertença, afiliação, cooperação, pertinência, comunicação, aprendizagem e telê, com a função de romper com a estereotipia presente na tarefa grupal (PICHON-RIVIÈRE, 2005). Tais vetores, como já sinalizado, são importantes na medida em que possibilitam a análise da funcionalidade dos papéis, bem como a interpretação das tarefas do grupo.

Conforme Colosio (2005, p.45), ao atribuir um papel a determinada pessoa, estamos, de fato, deslocando os “desejos, emoções, fantasias de um vínculo a outro, de um objeto a outro, de um tempo a outro”. A noção de papel traz uma contribuição importante na construção que faz Pichon-Rivière,

[...] pois expressa a concretude das relações sociais internalizadas como cenas que estruturam os objetos externos e que são determinantes na constituição da subjetividade. O papel é a tentativa de apreender concretamente a relação que se dá entre as pessoas; tentativa de sair da determinação intrapsíquica, buscando as determinações de uma realidade objetiva que vai além da projeção de fantasias, e que é também determinante da constituição do mundo interno (SCARCELLI, 2016, p.95).

É noção importante para compreendermos o contexto vincular do qual emerge o sujeito, como emergente, em virtude de um interjogo que está fundamentado na necessidade e satisfação, que remete, por sua vez, uma dialética intersubjetiva que busca interpretar os pares contraditórios necessidade/satisfação e sujeito/contexto vincular social. Em outras palavras, quando Pichon-Rivière (1982) se refere a vínculo, está buscando definir, no conjunto de formulações possíveis, “um desenvolvimento psicossocial das relações do objeto que torna compreensível a vida em grupo” (PICHON-RIVIÈRE, 1982, p.115).

Vale ressaltarmos que, tal qual outros conceitos aqui já enunciados e discutidos, o vínculo em nossa perspectiva teórica amplia e aprofunda o significado de uma palavra que já é polissêmica e dá, portanto, uma definição complementar a adotada por aqueles que integram o contexto do futebol profissional, sobretudo quando assumem no decorrer das narrativas o significado de ligação afetiva e contrato de trabalho. Portanto, segundo aqueles que compõem o campo esportivo, é a partir dos laços de amizade/afeto que os jogadores e comissão técnica possuem entre eles, assim como da ligação

contratual estabelecida entre os funcionários (jogadores e membros da comissão técnica) com o clube, que o vínculo está posto.

Ainda que já tenhamos estabelecido algumas relações e análises acerca do conceito de vínculo no âmbito do futebol profissional, principalmente no decorrer dos itens 4.1 e 5.1, importa retomarmos a ideia que, se para Pichon-Rivière (2005) todo vínculo é transitório, no futebol tal característica acentua-se, pois as mudanças são constantes e, conforme nos relatou um jogador entrevistado, “entra e sai jogadores, então cada ano, cada mês você vai fazer amizades novas” (J8). Semelhantemente, o vínculo entre profissional e clube também é definitivamente influenciado por tais mudanças, pois são comuns os casos de atletas e treinadores que defendem dois, por vezes três, clubes em uma mesma temporada.

Às vezes, a gente tem uma amizade muito forte, convivendo um, dois anos no mesmo quarto com a mesma pessoa, aí depois é dispensado e já vem outros amigos. Então, a gente vai sempre renovando as nossas amizades. Vai um e chega outro (J21).

No futebol é difícil fazer amigos, os verdadeiros assim para ter, você vai contar poucos, mas tem vários que você tem uma relação próxima, que você depois vai casar e vai chamar para o seu casamento, que você vai chegar nas férias e vai combinar de viajar junto [...]por mais amizade que você faça, vai manter o contato, você tem que entender que é o futebol. Você só é visto de forma positiva dentro do futebol se você estiver valendo alguma coisa (J5).

Estabelecer uma relação afetiva de amizade está entre as prioridades dos atletas em seu cotidiano profissional, visto que se associa diretamente ao ambiente de trabalho e ao prazer de permanecer na rotina de treinos e jogos. Como eles passam mais tempo com o grupo de trabalho do que o familiar, muitos chegam a declarar seus companheiros de clube como a segunda família. De fato, em nossas observações pudemos constatar que os atletas se relacionavam como se fossem conhecidos de longa data, com bastante intimidade e brincadeiras entre eles. Mesmo aqueles que chegaram mais recentemente ao clube, logo estão “entrosados”, ainda que tais amizades fiquem restritas e divididas em subgrupos.

[...]sempre rola um afeto entre cada jogador, tem amizade mais com um, mais com outro, mas eu vejo esse grupo aqui como se fosse minha segunda casa (J10).

Quando subi para o profissional, no começo é ruim porque você está acostumado a ficar com a família, mas depois você começa a viajar bastante e com isso acaba acostumando, adaptando, ficar com eles. É gostoso também esse contato. Mas, então, é o que eu falo, é a segunda família aqui, porque a gente fica mais com eles do que com nossos pais, namoradas, esposa, tudo. Então é bem tranquilo. Considero eles todos quase como meus irmãos (J8).

Por outro lado, dentre nossos entrevistados, há quem se manifestou dizendo que os laços de amizade são mantidos mesmo quando não estão na mesma equipe e tais relações extrapolam, inclusive, o relacionamento profissional. Nesse ponto, levantam a existência da tecnologia, celular e WhatsApp, como facilitadores da manutenção desta configuração vincular.

Nos clubes que eu trabalhei, pelo menos, eu fiz amizade, tenho amizades até hoje (J23).

Quando tem um grupo assim, sempre tem o mais chegado, um pouco mais né, mas sempre num grupo grande assim, você arruma boas amizades que leva além do trabalho para fora (J22).

Enfim, a discussão aqui trazida é um modo de registrar situações presentes nos grupos de futebol que não podem ser desdenhadas, pois dizem respeito a uma situação de insegurança e inconstância nas quais são tantas as mudanças (de dirigentes, treinadores e jogadores) e conflitos, que passam a ser naturalizados como rotineiros, próprios do cotidiano.

Finalizamos este tópico destacando que papel e vínculo, tal como os demais “ingredientes” relacionados aos processos grupais analisados nesta tese, não atuam de forma isolada e podem ser notados no decorrer de toda nossa pesquisa. Dessa forma, a separação por nós proposta possui uma intencionalidade pedagógica no sentido de organizar o conhecimento produzido. Assim, nos próximos tópicos deste capítulo nos deteremos no conceito de adaptação e sua relação com a rotina no futebol profissional, assim como às mudanças que ocorrem neste contexto e suas consequências de ordem psíquica.

6.2 Aprendizagem, leitura crítica da realidade e possibilidades de modificações criativas e operativas no âmbito do futebol profissional.

Como já dito em outras palavras, aprendizagem, leitura crítica da realidade e modificações criativas referem-se à concepção de adaptação ativa proposta por Pichon-Rivière (2005). São expressões presentes também no futebol profissional embora não necessariamente nos termos como são conceituadas na psicologia social concreta, na qual se compreende como

[...] um interjogo dialético com o meio, e não uma relação rígida, passiva, estereotipada... Adaptação não implica aqui competência social, aceitação indiscriminada de normas e valores, mas, ao contrário, uma leitura da realidade com capacidade de evolução e propostas de mudanças (LEMA, 2004, pág.86, tradução nossa).

De antemão, é preciso destacarmos que Pichon-Rivière, ao trazer o conceito de adaptação (ativa e passiva) em sua teoria, partiu da realidade do trabalho com portadores de transtornos mentais nos hospícios e o consequente processo de reintegração à sociedade. Tratava-se, portanto, de um trabalho que intencionava a saída deste ambiente de reclusão, controle, coerção e de afastamento da família e da sociedade, para uma volta à comunidade e às relações que promovessem maior liberdade, autonomia e emancipação, mesmo que fora dos hospícios se reproduzam formas de relacionamento voltadas para o controle e isolamento do “louco”, tido como perigoso e incapaz. Ao nos apropriarmos de tal conceito, assim como outros tantos trazidos nessa tese, temos ciência que, no caso de atletas profissionais de futebol, o caminho percorrido é o inverso: crianças e jovens, na expectativa de conquistar o sonho e ascender socialmente, saem de suas casas, teoricamente, um espaço de menor privação da liberdade, maior conforto e segurança para se inserirem - voluntariamente (ou às vezes pelo desejo da família), e não compulsoriamente como em grande parte dos casos dos internos dos hospitais psiquiátricos- no futebol profissional, conforme apontado por nós no decorrer de toda essa tese, uma instituição excludente, “fechada”, conservadora, de privação e controle. No entanto, em nosso entendimento, essa diferença não nos impede de nos apropriar de tal conceito em nossas interpretações e análises, visto que, apesar do caminho ser oposto, guardadas as devidas proporções e singularidades, as instituições e os grupos possuem modos de (inter)agir semelhantes.

Vale ressaltar ainda que nosso entendimento de adaptação se difere do explicitado em discursos de atletas, treinadores, dirigentes, jornalistas esportivos e torcedores, visto que tal compreensão está baseada, em grande medida, mas não exclusivamente, na ideia de que o atleta ou treinador está adaptado no momento em que constituiu novas amizades, está integrado ao grupo, compreendeu a dinâmica de treinamento, esquema tático e modelo de jogo proposto, se adequou às regras e combinados estabelecidos pelo clube e comissão técnica, aprendeu a lidar com a pressão e cobrança do novo clube e passou a obter performance satisfatória.

[O atleta contratado] no clube “x” ele jogava de uma forma, o treinador montava o jogo para ele, para ele trabalhar, aqui não. Ele chega e aí o treinador já pensa de outra forma, ele tem que se adaptar a essa forma do treinador jogar. Se ele não se adaptar, ele não vai jogar (CT7).

Quando você muda de grupo, de time, geralmente você chega num lugar que você não conhece todo mundo, sabe quem são as pessoas, mas nunca conviveu. Então, geralmente você vai esperando para ver como é que o grupo vai se mostrar para você, para você poder ir se adaptando e ir se colocando da maneira que é o grupo. Da mesma forma, quando alguém chega, da minha parte eu tento, mesmo não jogando, não tendo jogado com a pessoa, tento fazer alguma brincadeira, estar perto para poder aproximar a pessoa, enfim, para quebrar um pouquinho esse gelo inicial de uma pessoa que conhece muito pouco o grupo no geral (J1).

[Quando um jogador é recém-contratado] os primeiros seis meses é tempo de adaptação. Principalmente aqui no Brasil tenho aprendido que os clubes não dão tempo para o jogador. Os clubes querem que chegue um jogador e dois meses, um mês, o jogador já se sinta seguro e já seja “top”. Mas isso não vai conseguir. Para mim, se um clube quer que um jogador faça isso, tem que contratar um Messi, Cristiano Ronaldo. De resto, tem que ter um processo, tem que ter um tempo de adaptação. Porque não é somente entrar em campo e jogar futebol. Há outras coisas externas, outros manejos, [como exemplo] adaptar a família. É muito importante que a família do jogador estrangeiro, nesse caso, não somente o jogador estrangeiro, mas também dos jogadores que não são da cidade da onde está jogando...a família tem que ter uma comodidade muito importante. Para mim, pessoalmente eu falo, eu vou ficar onde minha família se sinta acomodada, se sinta bem. Se minha família não está bem, aí eu já vou perdendo [...] quando você sai do campo, você vai para sua casa e lá tem uma situação: Tua mulher falando “não estou confortável, não consigo sair deste hotel, deste apartamento, sinto saudades da minha família, sinto saudades da minha mãe, meus irmãos”. Todas essas situações também exigem um tempo de adaptação, que precisa junto, não somente com o jogador, toda sua família, tudo o que está entorno do jogador... [A impaciência do futebol brasileiro] também faz parte da adaptação, porque o Brasil é um lugar que a pressão é muito alta. Uma pressão de saber que cada jogo que eu faço, tem que fazer o melhor, porque se não, em dois jogos podem me mandar embora (J19).

A importância da adaptação é ressaltada ainda mais pelos entrevistados nos casos em que o jogador vem das categorias de base, visto que as mudanças são mais bruscas e o jogador passa por

todo um processo de transição para o grupo profissional, tal como já analisado no capítulo anterior. Outra situação que merece ser destacada é aquela em que o jogador recém-contratado vem de outra cidade/Estado e, principalmente, de outro país, tal como em fala supracitada por “J19”, pois envolve a questão de lidar com as diferenças culturais.

Quando a gente sobe [para o profissional] meio novo da base, demora um tempinho para você pegar moral com pessoal, tudo. Essa adaptação demora, assim, uns 4 meses... uma adaptação boa, pegar amizade com todo mundo (J22).

[As dificuldades de adaptação se referem] à intensidade do treinamento que é, a responsabilidade que é, porque na base você tem responsabilidade, mas não tem igual aqui no profissional. A convivência, as pessoas que vivem em volta, torcida, imprensa, entendeu. É uma pressão jogar aqui em cima. Todo mundo fala que quer vestir essa camisa, mas é difícil. Mas já me adaptei, já acostumei, então está tudo tranquilo (J8).

[A passagem]do sub20 para o profissional foi um choque um pouco maior porque aí eu já sai do interior, uma cidade pequena, convivendo com jogadores que há um ano, dois anos eu via jogando pela televisão e, de repente, eu estava junto com os caras, então, no começo eu tive um... Deu um choque assim de... Difícil você sair de uma cidade pequena, do interior, jogando só amador e, de repente, se profissionalizar e estar numa equipe grande e, de repente, está vivendo o dia-dia com aqueles caras [...]hoje em dia, futebol é imediato né. Não tem seis meses de adaptação. Você tem que chegar e resolver o problema. Então, eu sempre, pelo menos comigo, essa mudança de clube, sempre gerou uma insegurança de início que depois você vai conhecendo, vai se ambientando no novo clube, conhecendo novos companheiros né, vai se enturmando. Isso não é da noite para o dia também. Requer um pouco mais de tempo também, mas eu sempre fui, assim, um cara muito de grupo, muito tranquilo, então eu sempre tive uma adaptação fácil, na maioria dos clubes que passei (J24).

Nesse sentido, algumas estratégias foram apontadas por nossos entrevistados para facilitar e contribuir com esse processo de ambientação. Notemos, no entanto, como os discursos direcionam-se para que o jogador, o mais rápido possível, se insira no ambiente, se integre aos demais companheiros de equipe, se adeque e se submeta às condições que já estão postas para atingir seu melhor desempenho o quanto antes. Dentre as estratégias enunciadas, não foi possível notarmos aquelas que incentivassem o jogador a atuar de modo autônomo, ativo, criativo e que o permitisse desenvolver condições e possibilidades de propor soluções e mudanças dentro do grupo, assim como em si próprio.

A gente procura recebê-lo [o jogador recém-contratado] da melhor maneira possível, dando conforto ao atleta para que ele se sinta em casa já, ambientado. Procura integrá-lo aos outros jogadores de uma maneira bem natural, bem suave para que ele se sinta respeitado e se sinta confortável no novo ambiente dele (CT6).

Na verdade, vai mais do dia a dia, mas geralmente no primeiro dia do atleta, quando o atleta é novo, o treinador apresenta só para quem ele não conhece, não sabe quem é, e tenta apresentar justamente para quebrar esse gelo inicial e depois vai do grupo abraçar o jogador, tentar dar um pouco de liberdade para que ele possa se mostrar, enfim, da maneira dele, mais tímido ou mais extrovertido, mas para que ele possa ficar à vontade (J1).

[Ao chegar um novo atleta vou]tentar encaixar o cara, mesmo que ele treine numa intensidade mais baixa, num volume mais baixo, tentar que ele sempre esteja junto com o resto do grupo. É para esse vínculo de amizade entre eles acontecer o mais rápido possível. O tratamento é igual. Não faz distinção de ninguém, se ele é titular, se ele é reserva, se ele veio porque ele é filho do presidente ou porque, sei lá, não importa. Tento tratar todo mundo igual, o tempo todo (CT11).

A gente tem que considerar, por exemplo, que os estados proporcionam campeonatos diferentes. Entendeu? Comissões técnicas tem ideias de trabalhos diferentes e isso tudo gera um processo [de adaptação] da parte do jogador. Não cabe discutir se em menor ou maior escala. Outros jogadores participam de um número bastante interessante de jogos no ano e outros talvez, nem tanto. Então isso gera um processo de adaptação que para alguns talvez tenham que ter um pouco mais de cuidado em relação ao outro (CT2).

Nossa perspectiva, por outro lado, aponta para o entendimento de uma adaptação ativa (PICHON-RIVIÈRE, 2005) à realidade processando-se no grupo, de modo que os sujeitos (no caso do futebol, os atletas e/ou treinadores) possam intervir como operadores de mudanças em seu meio ambiente, assim como de si- mesmo (CALOSIO, 2005), questionando, a partir da leitura da realidade à qual faz parte, as regras (que no caso do futebol incluem contratos, salários, esquemas táticos, escalações, calendário de competição, concentração esportiva, etc.).

Podemos dizer que o entendimento de adaptação que circula entre parte dos sujeitos que compõe o campo do futebol profissional aproxima-se ao que, na teoria pichoniana, é denominada adaptação passiva, quando os modos de operar na realidade, mesmo que inovadores, podem ser apropriados de forma instrumental e não passarem de técnicas a serviço da manutenção das clivagens ou da burocratização (SCARCELLI, 2016). Ou seja, quando os atletas e comissão técnica, não se transformarem a ponto de atuarem como modificadores do meio em que vivem, têm suas condutas e comportamentos estereotipados e suas respostas em relação às tarefas inerentes à sua atividade profissional, cristalizadas. Tal como pudemos notar neste estudo, os próprios atletas se mostram, em sua maioria, condizentes com as relações desiguais contratuais com os clubes, bem como às demais condições e normas de trabalho, aderentes ao sistema de controle, vigilância e normatização do seu corpo e conduta social, indiferentes ao desinteresse e desvalorização de suas necessidades e

subjetividade, favoráveis à concentração esportiva mesmo que críticas tenham sido realizadas, denotando estarem adaptados passivamente à realidade do futebol.

Cuidar para que o grupo de atletas e/ou comissão técnica possa criar estratégias para lidar com situações problemáticas, já que estas são corriqueiras em equipes do futebol profissional, desponta como algo a ser, no mínimo, pensado, considerando que, de acordo com Quiroga (1991, p.86), a crise grupal implica, como momento de abalo da estrutura do grupo, “na intensificação da insegurança e ambiguidade”, no qual “emergem vivências de privação e ataque, situações de confusão”. Se o sujeito se isola e comporta-se de modo passivo, seu sofrimento psíquico trará um sentimento angustiante de perda de si, de se ver impotente e estar *à mercê* dos acontecimentos. Como diz Pichon-Rivière (2005, p.198) “toda resposta ‘inadequada’, toda conduta ‘desviada’, resulta de uma leitura distorcida ou empobrecida da realidade. Em contrapartida,

[...] quando se está diante de uma situação social concreta, não interessa apenas que a interpretação seja exata, mas que haja uma adequação em termos de operação, adequação das hipóteses à realidade, que se expressa pela possibilidade de promover uma modificação criativa da realidade (SCARCELLI, 2016, p.52).

Desse modo, o grupo terá maiores condições de agir e interagir em prol da superação do momento de crise, transformado a realidade a qual faz parte, ao mesmo tempo que transforma a si mesmo.

Em nossa introdução, iniciamos a discussão acerca da relação entre a modernização do futebol e a maior incidência de práticas e comportamentos dos atletas profissionais que buscavam resistir aos modos de monitoramento e controle, ou seja, às formas de dominação e mecanismos disciplinares adotados pelo futebol enquanto instituição. Segundo Martins (2016, p.109), esse período, mais especificamente o final da década de 1970, constitui-se como um marco do “crescimento do número de greves e do fortalecimento de entidades sindicais” relacionadas à produção industrial brasileira, sobretudo sob influências dos metalúrgicos. Neste contexto, o sindicalismo esportivo, especificamente no futebol profissional, acompanha esse movimento promovendo maiores transformações da ação sindical em 1980, quando influenciadas pela experiência da Democracia Corinthiana e do novo sindicalismo¹¹⁰. No entanto, trouxemos para

¹¹⁰ “Quando tratamos do *novo sindicalismo*, estamos nos referindo a um processo dentro do qual assistimos à reascensão das greves, não só nas fábricas, como entre os assalariados médios, dos serviços, do funcionalismo público, o avanço do sindicalismo rural, surgimento das centrais sindicais, as tentativas de organização dentro dos locais de trabalho e o aumento da taxa de sindicalização em geral no país” (ANTUNES, 1991, citado por MARTINS, 2016, p.119).

nosso debate os sindicatos do futebol¹¹¹, pois em grande parte da sua existência, até mesmo eles, sindicatos, pautavam sua conduta em discursos de conciliação e aceitação indiscriminada das normas e condições trabalhistas, diferentemente dos sindicatos que representavam outras categorias trabalhistas, por exemplo, os bancários e metalúrgicos, que legitimavam suas ações no enfrentamento e lutas por melhores condições de trabalho, salários, jornada, etc. (MARTINS, 2016).

Assim como antecipado em nossa introdução, o conceito de coisificação e a crítica realizada a ele por Chalhoub (1990) podem nos ajudar nesta tarefa de problematizar o comportamento de atletas e membros das comissões técnicas em suas relações com o conceito de adaptação de Pichon-Rivière (2005). A redução de um homem à condição de coisa foi designada, ao que nos parece, pela primeira vez, destacadamente, por Perdigão Malheiro, em obra publicada em sua primeira edição em 1866¹¹², ao se referir à coisificação do escravo. Seu enfoque inicial era explicitar a condição do escravo do ponto de vista legal, já que entendia que os senhores eram proprietários dos escravos somente por aparência. Em momentos, entretanto, Malheiro foi além desse viés jurídico, passando a tratar da sua condição social por acreditar que os escravos tinham todos os seus direitos e sentimentos negados e eram comparados, por vezes, a seres irracionais, às peças/objetos e ao gado. Eram, portanto, privados de toda a sua liberdade pessoal e capacidade cível (GILENO, 2003). Um século depois, tomam reconhecimento as obras de Fernando Henrique Cardoso¹¹³ e Jacob Gorender¹¹⁴ que defendiam a possibilidade da coisificação subjetiva do escravo e da aceitação passiva destes, com os valores de seus senhores/proprietários.

A esta altura, esperamos que já esteja claro o porquê de nossa associação do conceito pichoniano de adaptação com o de coisificação do escravo. Não se trata de comparar o jogador de futebol a um escravo, de modo algum, mas de levantar similaridades quanto à negação de seus direitos, sentimentos e subjetividade. Ainda assim, se Chalhoub (1990) contesta o conceito de coisificação por entender, a partir de fontes historiográficas sob o viés dos próprios cativos, que estes não eram destituídos de sua agência, ou seja, possuíam possibilidades de ações autônomas e não aceitavam passivamente os valores de seus senhores, o mesmo poderia ser feito por nós neste estudo, pois nos deparamos com alguns casos em que a vontade e os sentimentos dos atletas, bem como a

¹¹¹ Para maior conhecimento acerca do movimento sindical no futebol brasileiro ver: MARTINS, 2016.

¹¹² MALHEIRO, A. M. P. *A escravidão no Brasil: ensaio histórico, jurídico, social*. 3ª edição. 2 v. Petrópolis/Brasília: Vozes/INL, 1976.

¹¹³ CARDOSO, F. H. *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul*. São Paulo. Difel, 1962.

¹¹⁴ GORENDER, J. *O escravismo colonial*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2010.

contestação das condições de trabalho, estiveram presentes. Basta relembrarmos as situações constatadas por nós em pesquisa de campo, na qual a possibilidade de uma greve dos jogadores chegou a ser levantada diante das precárias condições de trabalho e atraso nos salários, a vontade de alguns atletas em mudar de equipe foi respeitada, o desejo do clube em emprestar um jogador para outra equipe foi rechaçado pelo atleta e, em maior escala, foram observadas contestações em relação à escalação da equipe, esquema tático e papel adjudicado à determinados jogadores.

Um atleta entrevistado, ainda que tenha explicitado a desunião entre as categorias de jogadores profissionais e até mesmo dentro da própria equipe que defende, manifestou que visualiza no jogador de futebol, capacidade de contestar, reivindicar e promover mudanças no ambiente em que vivem.

Quem movimenta um clube de futebol é o futebol e quem faz o futebol são os jogadores. Se a gente falar, ah a coisa não está legal, não está de acordo com o que a gente quer, a gente pode mudar. Aquilo, claro, vai ser muito mal visto pela imprensa, pelos torcedores... Ah, os caras pararam, pô. Por que os caras fizeram isso? Porque o único jeito de a gente mudar isso é o seguinte: a coisa não está certa, então se vocês não fizeram do jeito que a gente quer, a gente não vai jogar. A arma que a gente tem é o jogo. E o jogo, treino nem tanto, mais é o jogo. Oh, a gente não vai jogar. Ou vocês agem da forma que tem que ser com a gente ou a gente não vai jogar, porque está prejudicando o grupo. Então, a gente tem essa força (J25).

Em um dos clubes investigados por nós, comandados pelos atletas mais experientes e líderes do grupo, os jogadores ameaçaram não disputar as partidas até que os salários atrasados fossem pagos. Em algumas situações, geralmente depois dos treinos, presenciamos esses encontros entre estes líderes para discutirem sobre a situação dos atrasos de salários e realização, ou não, de uma greve. Se a cada promessa da diretoria em quitar os débitos com os jogadores a ideia da greve era suspensa, cada vez que o prometido não era cumprido, sobretudo com o recebimento de alguns cheques sem fundo, a ideia voltava ainda com mais força. No entanto, quando os atletas tiveram parte de seus salários atrasados acertados, não mais ouvimos e observamos conversas sobre esse assunto.

Se neste clube o movimento grevista não passou do plano das ideias, no futebol espanhol, em 2011, os jogadores se articularam com o sindicato da categoria e decretaram um “basta” para os seguidos atrasos de salários que vinham acontecendo e, com a greve comunicada à Federação de Futebol Nacional, o início das competições teve que ser postergado. Representado pelos mais importantes jogadores do futebol espanhol, este movimento grevista se colocou como um marco do protagonismo dos sindicatos e dos atletas na luta por melhores condições de trabalho (MARTINS &

REIS, 2014). No futebol brasileiro, dois movimentos que reivindicaram participação nas tomadas de decisão relacionadas à carreira do futebolista merecem destaque: a, já citada, democracia corinthiana e o Bom Senso Futebol Clube.

A democracia Corinthiana, movimento organizado pelos jogadores do Sport Clube Corinthians na década de 1980, caracterizou-se como uma “forma de organização coletiva que os permitiu participar nas discussões e deliberações relacionadas aos rumos do trabalho do atleta de futebol”. Entretanto, vale ressaltar o êxito do movimento está relacionado ao momento político de embate às formas autoritárias de exercício do poder, ao endosso a ele por parte da diretoria do clube e, principalmente, pelos bons resultados obtidos em campo (MARTINS, 2016). Com a finalidade de expandir o movimento para os demais clubes, esse grupo de jogadores procurou o sindicato que os representava e, como consequência, ameaçou decretar greve pelo direito de férias (MARTINS & REIS, 2014).

Por sua vez, o Bom Senso Futebol Clube se trata de um movimento mais recente, organizado em 2013 pelos atletas que, influenciado pelas manifestações políticas de junho de 2013, foi tomando corpo e reconhecimento a partir de protestos pontuais, ora permanecendo todos sentados no campo de jogo, ora abraçados, ora levantando faixas, interrompendo as partidas do Campeonato Brasileiro em seu minuto inicial. Essas ações, distintas e por vezes contrárias às realizadas pelos sindicatos, buscavam protestar contra a exploração exacerbada do jogador de futebol e contra o calendário imposto pela CBF, ainda que tenham delimitado também outras pautas de reivindicação que se relacionavam à pré-temporada, férias e ao *fair play* financeiro, “que se tornou uma das principais reivindicações, já que envolvia não somente a responsabilidade fiscal dos clubes, mas o pagamento das dívidas trabalhistas, comuns no universo do futebol” (MARTINS, 2016, p.265). Configurado como importante emergente de postura política e contestatória por parte dos jogadores de futebol, inicialmente o movimento circundava as equipes e jogadores da primeira divisão do campeonato brasileiro, passando posteriormente a incluir as demais, buscando intencionalmente ampliar o foco de participação e ação para diversos clubes, divisões e atores políticos do futebol brasileiro (MARTINS, 2016).

Voltando às situações notadas em nossa pesquisa de campo, em outro clube nos deparamos com dois casos em que os contratos de jogadores foram rompidos a pedido dos atletas, visto que não estavam satisfeitos com a posição/função que vinham ocupando na equipe, ou seja, não vinham sendo escalados e utilizados pelo treinador nas partidas e não se viam úteis e importantes para a

equipe. Estes, a partir da quebra de contrato, em comum acordo, conforme um dos dirigentes, ou seja, sem a necessidade de pagamento do valor estipulado pela cláusula indenizatória de seus respectivos contratos, ficaram “livres” para assinar um contrato com outras equipes. Neste caso específico, mas não limitado a ele, o atleta abriu mão do que teria direito de receber até o fim do seu contrato para poder assinar um novo com outro clube, segundo as recém-adquiridas condições estabelecidas por essas novas partes.

Vale ressaltar que, costumeiramente, esse “comum acordo” não se dá em condições de igualdade entre as partes e favorece mais quem possui maior poder, ou seja, o clube¹¹⁵. Uma coisa é um atleta renomado, reconhecido por seu “capital futebolístico”, estabelecer um acordo com um clube, pois este pode se posicionar de modo diferente no tratado, até porque, provavelmente, não passa por dificuldades financeiras e dificilmente terá problemas em encontrar um novo clube para jogar. Outra coisa, é um atleta pouco (re)conhecido, que defendeu em sua carreira, em toda ela ou maior parte dela, clubes pequenos e de menor expressão, como grande parte da categoria de jogadores profissionais, negociar esse acordo, pois detém pouco poder de negociação e às vezes se vê “obrigado” a aceitar as condições colocadas pelo clube, haja visto que não pode correr o risco de ficar desempregado, por meses que seja, sobretudo por questões de ordem financeira. Um atleta, entrevistado por Martins (2016), corroborou com nosso enunciado ao dizer que para não ficar parado/desempregado, aceitava as condições do clube, pois se via sem condições de fazer qualquer tipo de exigência. O aceite das condições precárias e a insistência nesta carreira, além da questão financeira prejudicada com o possível desemprego, era justificado pela necessidade de manter vivo o sonho de se tornar um jogador de futebol profissional bem-sucedido, ou seja, famoso, admirado e bem remunerado.

Houve ainda um caso, em outro clube investigado, em que a “liberação” aconteceu pelo descontentamento de dois atletas com as condições de trabalho oferecidas a eles, principalmente pela forma como se deu a troca da comissão técnica e devido os seguidos atrasos no pagamento de salários e direitos de imagem. Insatisfeitos com estas condições e com propostas de outros clubes,

¹¹⁵ Vale ressaltar que a partir de uma ideia de poder como rede, esta pode ser direcionada ao futebol, sobretudo nas “relações de controle social, condicionamentos físicos, técnicos e táticos, ordenamentos e hierarquia das posições. O técnico revela seu poder por meio dos esquemas, os atletas procuram sempre “escutar e fazer o que o técnico manda” (Rincón, 20 anos, atleta). Trata-se de um poder disciplinar em forma de técnicas, dispositivos, métodos de controle do corpo e dos atos dos indivíduos, almejando docilidade e utilidade. Os treinamentos físicos, táticos e técnicos manipulam o corpo, na tentativa de alcançar o padrão ideal de jogador, resistente e habilidoso. Trata-se de colocar os jogadores em forma, preparados para jogar (RODRIGUES, 2005, p.263).

abriram mão de parte do dinheiro que deveriam receber para se verem “livres” para assinar um novo contrato com outra equipe.

Semelhantemente, em uma transação de troca entre dois clubes, na qual um jogador viria emprestado para uma das equipes investigadas por nós em troca de outros dois jogadores, também por empréstimo, um dos atletas pretendidos se negou a ser envolvido na negociação, pois não queria sair de um time que estava disputando uma competição de maior importância para outra de menor visibilidade e reconhecimento.

Em outro caso ainda, um dos atletas passou a questionar o controle e desaprovação que vinha sofrendo por conta das atitudes e comportamentos que estava tendo em seu momento de lazer, fora do trabalho. Dirigentes, treinador e até mesmo seus colegas de equipe, passaram a criticá-lo por conta da assunção de condutas tidas no contexto do futebol profissional como desviadas, inapropriadas, condenáveis.

Eu acho que o que você faz dentro de campo, tem que ser tratado dentro de campo, o que você faz fora do clube, independente do que aconteça, tem que se ficar fora do clube [...] acho que o que passa do portão de trabalho para fora, não tem que interferir para dentro. Então, o que você faz lá fora, você é um humano como qualquer outro, que escolheu uma carreira na qual milhões de pessoas queriam estar no seu lugar, e isso é uma coisa do meu pensamento que eu acho que deveria mudar. Eu acho que se o cara está em campo e está rendendo, não importa como ele chega para trabalhar, não importa. Ele tem que cumprir seus horários, cumprir suas metas e fazer acontecer. Claro que não vai chegar aqui bêbado, sem condição de treinar, sem nada. Mas, a partir do momento que ele cumpre seus horários e não faz mal nenhum ao grupo, faz mal nenhum diretamente ao grupo, de começar a falar, pô ele chega assim toda hora, acho que isso tem que ficar de fora (J5).

No entanto, mesmo que tenhamos apontado alguns casos que denotam autonomia e poder contestatório e reivindicatório por parte dos jogadores, preferimos não defender esta crítica ao conceito de coisificação do atleta, tal como o fez Chalhoub (1990) em relação aos escravos, por não termos levantado instrumentos, dados e realizado as análises necessárias para que pudéssemos concluir que as situações observadas por nós neste estudo se tratam de fatos comuns, regras, e não de exceções.

Sob viés distinto, o processo de coisificação do sujeito é entendido por Quiroga et al. (1991), tal como por Marx (2013), a partir do conceito de alienação. Se constitui, dessa forma, o fundamento objetivo da alienação, ou seja, o sujeito se aliena do seu trabalho e daquilo que produz. Assim, de sujeito passa a ser aquilo que não é: objeto e, portanto, coisificado, fragmentado, abstrato, como uma

mercadoria entre tantas outras. A alienação implicará a ele um esvaziamento e coisificação da sua vida e suas relações, pois as convivências entre os homens serão substituídas pelo convívio entre as coisas, se naturalizando e fixando no psiquismo. Em sua existência alienada, expressa também no âmbito grupal e, portanto, reeditando suas relações cotidianas, o sujeito será levado à

[...] fragmentação e dissociação estereotipadas, ao desconhecimento de si e do outro, ao isolamento, à negação das necessidades, à ruptura dos processos identificatórios, fratura entre realidade e representação, ao pensamento unilateral, à ausência de visão integradora (QUIROGA et al., 1991, p.85).

Por fim, Quiroga et al. (1991) ressalta, ainda, que a alienação se manifesta de modo sutil e diversificado nas configurações grupais, mesmo que em todas elas o sujeito perca e mantenha clivada a representação de si em sua multidimensionalidade. Em outras palavras, quando alienado, o sujeito se “coisifica”, as relações humanas são coisificadas e perde-se a qualidade da comunicação direta e plena entre membros de uma sociedade/comunidade/grupo (BLEGER, 1988).

Próximo a este entendimento, está também o conceito de ideologia defendido por Chauí (2000)¹¹⁶, que por sua vez, beira também os postulados freudianos, pois podemos dizer que adotamos crenças, opiniões e ideias sem ter claro sua origem e intencionalidade, suas causas e consequências e sem avaliar sua coerência. Entretanto, tal relação se estreita ainda mais pelo fato dos autores entenderem que essa operação se dá por meio de representações interpostas entre nossa consciência e a realidade, oriundas da experiência imediata e do silêncio, sem que tornem deliberações voluntárias, mas sim, respostas do inconsciente (por meio de atos falhos, lapsos, sonhos, sublimação etc.) ao mesmo tempo que esconde a consciência.

Os discursos e comportamentos observados em nossa pesquisa denotam, com raras exceções, uma postura alienada do jogador de futebol profissional, pois, ainda que não conscientemente e de modo sutil, é frequente a utilização de expressões que denominam eles próprios, atletas, como coisas, mercadorias e, mais costumeiramente, peças de uma engrenagem que se chama futebol. E como peças, podem ser descartadas ou substituídas sem que se dê a devida atenção e valorização às consequências de ordem social e psicológicas, tal como discutiremos em tópico posterior.

As opiniões e ideias emitidas por atletas, membros das comissões técnicas e dirigentes entrevistados, se distanciam e ocultam, por vezes, a realidade concreta. Quando colocávamos em

¹¹⁶ “As três grandes formas da alienação (social, econômica e intelectual) são a causa do surgimento, da implantação e do fortalecimento da ideologia” (CHAUI, 2000, p.120).

pauta temas como as condições de trabalho dos futebolistas e treinadores, as concentrações esportivas e ausência de vida social dos atletas, todos já descritos e analisados em capítulos anteriores, era possível notarmos, em alguns casos, que havia uma inversão entre o campo das ideias e o real, já que dificilmente eles se viam explorados, renegados, vigiados, controlados, moldados, etc.

Assim como explicitado por Florenzano (1998), a conjuntura política vivida pelo Brasil em meados da década de 60 do século XX, trouxe para o âmbito do futebol o processo de militarização vivido fora dele, nas quais a disciplina, dedicação e trabalho tornaram-se palavras de ordem. Não à toa, atletas (como soldados) eram convocados (selecionados) para jogarem (lutarem) pelo seu clube ou seleção nacional em partidas de futebol (guerra). Entretanto, o modelo militar de disciplina trazido para o futebol profissional, dificultou ainda mais qualquer possibilidade de questionamento à ordem hierárquica presente, sobretudo, na relação treinador-atleta. Afonsinho, ex jogador do Botafogo/RJ e exemplo ícone desta discussão trazida por Florenzano (1998), ao questionar a escalação da equipe realizada pelo treinador ficou por muito tempo sem entrar nas partidas. Situação mais emblemática vivida por tal atleta, aconteceu em meados da década de 1970 quando, ao retornar para o Botafogo após um empréstimo ao Olaria, se recusou a cortar o cabelo e a barba, como exigência da comissão técnica e diretoria, e foi impedido de treinar, fazendo prevalecer a relação de forças entre técnico/diretoria e jogador. Afonsinho seria, na visão de Florenzano (1998),

[...] o protagonista de uma das lutas mais importantes do futebol brasileiro, enfrentando dirigentes esportivos na justiça, questionando a Lei do Passe em decorrência da qual inúmeros jogadores tiveram a carreira bloqueada, o direito ao trabalho violado e a dignidade humilhada (FLORENZANO, 1998, p.85).

Há de se destacar a estrutura rígida, mobilizada e conservadora assumida pelos clubes profissionais neste período, mas presente ainda hoje, haja vista as inúmeras dificuldades que enfrentamos em fazer contato com dirigentes dos clubes que pretendíamos investigar, em estar presente e observar todos os espaços e situações que fazem parte da rotina de atletas e comissão técnica, e conversar com alguns destes sujeitos.

Posturas de questionamentos e enfrentamentos como as de Afonsinho, posteriormente suscitadas por demais atletas, fizeram os clubes perceberem que “privilegiar a repressão e recorrer à violência como estratégias para a produção do jogador dócil e útil” não era mais uma medida eficaz

e, com o tempo, foi sendo abolida, ainda que medidas disciplinares que restringiam a liberdade dos atletas e geriam suas vidas, não fossem totalmente abandonadas (FLORENZANO, 1998, p.59).

Tal como nos afirmam Giglio e Rubio (2013), os jogadores que enfrentam ou questionam essa estrutura, sofrem retaliações de um sistema que é fortemente capaz de acabar com a sua carreira futebolística, visto que a maioria dos clubes tende a não aceitar um desafeto declarado daqueles que gerenciam e validam o futebol profissional. Estamos falando, sobretudo, das federações e confederações (FPF, CBF e FIFA, por exemplo). Conforme Giglio e Rubio (2013),

A estrutura do sistema FIFA não permite a existência de dissensões e é fechado com o firme propósito de afastar todos aqueles que ousem confrontá-lo. Isso reforça um sistema que leva o jogador a se submeter às diferentes regras, mesmo que criadas de modo a privilegiar a estrutura clubística, dificultando a organização de atletas ou grupos de atletas reivindicantes (GIGLIO & RUBIO, 2013, p.389)

Dessa forma, atletas e treinadores do futebol profissional estão limitados a apenas um mercado estabelecido pela FIFA e controlado a partir das redes das Confederações associadas ao seu sistema (GIGLIO & RUBIO, 2013). Conforme apresenta Favero (2009), aqueles submetidos a este único mercado futebol futebolístico internacional, se por um lado possuem vantagens e benefícios (financeiros e de logística, por exemplo), por outro devem se adequar a uma série de normas e deveres, dentre os quais destacam-se “obedecer à entidade, ‘seguir a cartilha’, não ir contra as decisões estatutárias (mesmo que as decisões firam leis nacionais) e promover o futebol em sua área de atuação de acordo com as determinações e interesses da Fifa” (FAVERO, 2009, p.22).

Tal como nos salienta Melani e Negrão (1995, p.65), independente do conteúdo e intencionalidade de uma reivindicação, se interpretada pelo clube como ousadia, as consequências para o atleta podem ser piores que o desemprego, visto que junto a ele somam-se a ausência de salário e a impossibilidade de se procurar trabalho¹¹⁷.

São de conhecimento público inúmeros casos de atletas que sofreram retaliações por questionarem e enfrentarem o sistema e as normas impostas pelo futebol profissional. Florenzano (1998, p.218-222), traz no exemplo do jogador Edmundo (ex-atleta de Vasco, Palmeiras, Flamengo, Corinthians, entre outros), outro caso marcante na luta de resistência à normalização do futebol

¹¹⁷ A afirmação dos autores acerca da impossibilidade de um jogador procurar outro clube para defender quando rompe um contrato, leva em consideração o contexto histórico no qual o texto foi escrito (meados da década de 1990), ocasião em que a lei do passe assumia características diferentes das atuais, pois servia como maior “mecanismo de exploração do jogador de futebol” (MELANIE & NEGRÃO, 1995, p.65)

brasileiro. Por um lado, sua “rebeldia” se expressava na crítica aos atrasos nos salários, aos treinamentos, ao questionamento das regras do jogo, ao regulamento das competições e até mesmo a partir dos dribles provocativos que efetuava e na violência imposta nas partidas contra adversários, árbitros e companheiros de equipe. Por outro, e em proporção pouco vista no âmbito do futebol brasileiro, se expressava pelo enfrentamento direto ao poder da imprensa esportiva e aos discursos classificatórios, preconceituosos e estigmatizadores proferidos por ela, assim como pela exaustiva vigilância à vida particular do jogador.

Recentemente, outros dois casos merecem ser lembrados: As consequências do envolvimento do jogador Paulo André, à época defensor do Corinthians, no movimento Bom Senso Futebol Clube e a “greve de silêncio” organizada por parte dos atletas do São Paulo Futebol Clube que teve, no papel de bode expiatório, o jogador Michel Bastos¹¹⁸. O jogador corinthiano, reconhecidamente um sujeito que gostava de refletir sobre o futebol e política e que se interessava em transformar o futebol brasileiro, assumiu papel protagônico na articulação do movimento Bom Senso Futebol Clube. Como consequência, o Corinthians recusou-se a renovar seu contrato e, de titular naquela vitoriosa equipe, transferiu-se para o futebol chinês, fato interpretado como um “bem remunerado exílio” (MARTINS, 2016, p. 268). No caso da equipe são paulina, devido ao atraso nos pagamentos de salários e direitos de imagem dos atletas, parte deles decidiu, no interior do vestiário, desrespeitar as regras dos contratos e não mais conceder entrevistas à imprensa esportiva, configurando uma espécie de “greve de silêncio”, até que os débitos do clube com os atletas fossem sanados. Paralelamente, em virtude também do fraco desempenho da equipe nos jogos, o Michel Bastos, tido pela imprensa como o líder desse movimento, fato negado por ele em nota, passou a ser bastante criticado até que não fosse mais relacionado para os jogos (MARTINS, 2016).

Por sua vez, em programa esportivo Resenha ESPN, exibido pela TV ESPN¹¹⁹ (ESPN, 2016), quando os comentaristas, todos eles ex-jogadores, levantaram esse tema para discussão, as considerações realizadas sintonizaram para uma reprovação à ausência de posicionamento crítico e questionamento, por parte dos atletas, das condições presentes em suas vidas profissionais e a dependência destes à realidade. Segundo Rodrigues (2010, p.354),

¹¹⁸ “São Paulo afasta Michel Bastos, que confirma pacto de silêncio no time”. Disponível em <goo.gl/QY76Yo>. Acesso em 05 nov. 2016.

¹¹⁹ Fonte: <http://espn.uol.com.br/video/612584_casagrande-diz-que-e-absurdo-jogadores-atuais-nunca-se-posicionarem-e-comodo-ficar-quieto>. Acesso em 23/10/2016.

[...] praticamente nenhum atleta se mobilizou para defender a proposta que a Lei [Pelé] trazia, de extinção do passe”. Isso se deve também ao fato de que os atletas brasileiros têm pouca capacidade de mobilização e principalmente porque a organização sindical dos jogadores brasileiros é ainda incipiente. Poucos são os futebolistas que lutam de fato pelos seus direitos, ou seja, não há uma consciência de classe entre os jogadores profissionais de futebol (RODRIGUES, 2010, p.354).

Uma possível justificativa para esse tipo de comportamento foi dada pelo Fabio Luciano, um dos comentaristas deste programa esportivo acima citado, quando afirmou que o futebol, sobretudo os dirigentes e os agentes dos jogadores, não aceitam esse tipo de postura. Para Martins (2016), ao partirmos do pressuposto que o sonho em se tornar um jogador bem-sucedido está presente no imaginário de crianças, jovens e adultos brasileiros, mesmo cientes das condições adversas que terão que enfrentar para que a realização deste sonho continue sendo possível, se faz necessário não criticar e desafiar aqueles que podem colaborar para que ele ocorra, isto é, clubes, dirigentes e empresários. Ou seja, “a instabilidade na carreira combinada ao constante ‘sonho’ de tornar-se um atleta famoso fazem com que o jogador não se arrisque à possibilidade de ficar marcado como ‘indisciplinado’ e não consiga mais emprego” (MARTINS, 2016, p.200). Ainda conforme tal autora, foi justamente o fato de não ter mais nada a perder, visto que estava em fim de carreira e já havia adquirido condição financeira estável, que permitiu ao jogador Paulo André se manifestar e posicionar publicamente como uma das lideranças do movimento Bom Senso.

Já Casagrande, no mesmo programa em que Fabio Luciano emite sua opinião explicitada acima, ao comparar a conduta de jogadores de década passada com a geração atual relevou que antigamente o embate se dava entre jogador e o poder, ou seja, presidentes dos clubes, e atualmente o poder é o capital/dinheiro. Nessa nova configuração, todos (jogador, clube e empresários) ganham muito bem, o que torna cômodo o silêncio.

“O jogador tem que receber aquilo que ele merece, mas tem que falar aquilo que ele quer. É impossível, num país como o nosso, que tem diversos jogadores profissionais brasileiros jogando aqui e na Europa, que nenhum fala. É muito louco isso aí. É um absurdo (ESPN, 10/07/2016).

A fala do Fabio Luciano vai de encontro com aquilo que vemos afirmando neste tópico de que posturas críticas e que procurem questionar a realidade, não são aceitas pelo futebol, enquanto instituição, e por aqueles que o dirigem. Já Casagrande, ainda que tenha afirmado implicitamente em seu discurso que os jogadores brasileiros da atualidade estão adaptados passivamente à realidade,

algo que tendemos a concordar, realizou uma generalização que no decorrer de toda esta tese vemos descontruindo, ou seja, primeiramente, somente uma parcela muito pequena de jogadores são bem sucedidos e bem remunerados e, por conseguinte, há casos, tal como já apontado por nós e por Martins (2016), de atletas que tem se mobilizado frente ao calendário de competições, férias, intervalos entre as partidas, horários dos jogos, mecanismos disciplinares, transferências de clubes, esquemas táticos, escalações, posição dentro do grupo e às demais condições de trabalho.

Ainda assim, até mesmo em situações de críticas e questionamentos das condições de trabalho dos jogadores de futebol, Melani e Negrão (1995, p.66), tal como Casagrande, afirmam igualmente que “nas relações sociais de produção do jogador de futebol brasileiro, a máxima do lucro também impera”. Tal assertiva nos faz melhor compreender também o porquê, ainda que um atleta questione as normas, não é vantajoso para o clube afastá-lo de suas atividades profissionais. O atleta afastado impede ao clube explorar sua força de trabalho produtiva dentro da equipe e, ainda assim, fica excluída a possibilidade de obter lucro na negociação dos seus direitos federativos (FLORENZANO, 1998). No entanto, cada vez mais, até mesmo essa preocupação com a exploração da força de trabalho e prejuízo em uma possível venda futura dos atletas, tem ficado em segundo plano, haja vista os frequentes e atuais exemplos de jogadores que foram afastados¹²⁰, tal como o caso do atleta Michel Bastos, exemplificado por nós.

Finalizamos este tópico ressaltando que possivelmente estejamos distantes da configuração de grupos na instituição futebol que produzam em situações de “tarefa” elaborações e estratégias criativas em movimentos ascendentes, próprios do que se entende como adaptação ativa, representados por Pichon-Rivière (2005) em seu esquema de cone invertido. Contudo, temos notado situações, com cada vez maior frequência, que apontam para constituição de sujeitos cuja capacidade de transformar não só a si mesmo, mas o meio em que vive, embora pareça ser de interesse daqueles que estão mais acima na cadeia hierárquica de poder do futebol - dirigentes de confederações, federações e clubes, assim como dos que lideram a comissão técnica -, que não se desenvolvam atletas críticos e criativos para além do campo de jogo, visto que a manutenção no *status quo*

¹²⁰ Podemos citar inúmeros exemplos de afastamento ocorridos recentemente. No Cruzeiro, o atacante Riascos (Fonte: <goo.gl/BKWybX>). No Atlético Paranaense, o meio campista Vinícius (Fonte: <goo.gl/J15IJd>). Na Portuguesa o atleta Renan (Fonte: <goo.gl/5IaX8U>). No Internacional de Porto Alegre o lateral Fabrício (Fonte: <goo.gl/Yj7wcv>). No Pelotas, o atacante Marques (Fonte: <goo.gl/V3084m>). No Atlético Mineiro, três jogadores (Fonte: <goo.gl/bwvEnr>). No Sport-Recife, quatro jogadores (Fonte: <goo.gl/uF8bj3>). No Flamengo, cinco jogadores (Fonte: <goo.gl/DiIgMw>). No figueirense, seis atletas (Fonte: <goo.gl/m1wcmZ>). Acessos em 05 nov. 2016.

relacionado a este contexto, garantirá que se mantenham nas mesmas condições que lhes são favoráveis.

6.3 Quando as mudanças entram em jogo

“Ser treinador no Campeonato Brasileiro é ter vaga cativa em um carrossel” (CAMPOS, 2014).

Tratar desse tema, das mudanças ocorridas no âmbito do futebol profissional e as consequências de ordem psíquicas e comportamentais que elas suscitam, não estava entre nossas intenções ao iniciarmos essa pesquisa. No entanto, no momento em que adentramos o cotidiano dos grupos de futebol investigados, esse assunto se manifestou como emergente a ser, no mínimo, melhor identificado.

A constante e excessiva troca de comissão técnica, sobretudo dos treinadores, é um tema que frequentemente entra em pauta nos debates e conversas de todos aqueles que compõem o campo do futebol profissional, destacadamente nas mídias televisivas e escritas de conteúdo esportivo. Colunistas, comentaristas, apresentadores e blogueiros dedicam tempo e espaço relativamente grande para tratar e discutir os motivos e consequências das precipitadas e sucessivas mudanças de comissão técnicas no decorrer das competições. Certamente, o que justifica tal empenho, passa pela alarmante frequência com que tem ocorrido e a repercussão, leia-se audiência, que este debate gera na sociedade. Se relevarmos somente os três anos que estivemos em pesquisa de campo (2014, 2015 e 2016), são quebrados recordes atrás de recordes. Segundo reportagem de Perez (2014), publicada no jornal mexicano *El Economista*¹²¹, considerando o período de 2002 a 2014, o Campeonato Brasileiro de Futebol é aquele que há mais mudanças de treinadores em todo o mundo, já que dentre as dez primeiras equipes que mais demitem seus comandantes, sete são brasileiras. No total, são 423 treinadores demitidos neste ínterim, o que agrega à competição brasileira uma média de 15,2 partidas por treinador.

¹²¹ Fonte: <<http://eleconomista.com.mx/deportes/2014/10/06/dt-mexico-empleo-siete-meses>>. Acesso em 03.nov.2016.

Em 2014, somente oito clubes – de vinte participantes - permaneceram com os mesmos treinadores do início ao fim do Campeonato Brasileiro da série A, sendo um deles, o campeão da atual competição e o único que permaneceu desde a primeira rodada da edição anterior. Por incrível que pareça, estes dados foram tratados como um recorde positivo pela imprensa esportiva, já que as vinte e três mudanças ocorridas em 2014 (quatro delas em um único clube) ficaram abaixo da média anual de 24,6 trocas de treinadores, se considerado a partir do momento em que esta competição passou a ser disputada por vinte equipes, ou seja, 2006. Considerando também a segunda divisão desta competição (série B), estes números ganham proporções ainda maiores, pois em 2014 ocorreram 35 mudanças de treinadores, sendo que somente duas equipes, uma delas a campeã da competição, permaneceram com o mesmo treinador do início ao fim. Dentre os últimos colocados, dois deles trocaram de comando em quatro oportunidades, a exemplo da série A¹²².

Já em 2015, findado menos de um quarto da temporada competitiva dos clubes, 143 treinadores já haviam sido demitidos de equipes que disputavam a primeira divisão dos campeonatos estaduais¹²³. Ainda neste ano, ao longo do Campeonato Brasileiro da série A, 32 treinadores perderam seus postos do início ao fim da competição, cabendo ressaltar que somente o campeão não trocou de treinador¹²⁴. Por fim, em 2016, antes mesmo do início do Campeonato Brasileiro, 40% das equipes que iriam disputar a primeira divisão deste torneio já havia trocado de treinador. Ainda que, neste instante¹²⁵, o Campeonato Brasileiro não tenha finalizado, somente uma equipe permanece com o mesmo treinador que iniciou a competição.

Assim sendo, ao avaliarmos a significativa importância deste processo no âmbito do futebol profissional, buscaremos neste tópico responder as seguintes perguntas: sob quais condições acontecem as mudanças de comissão técnica no futebol profissional? Quais justificativas são adotadas pelos dirigentes no processo de substituição de um treinador? Qual a relação da mudança de comissão técnica com o aumento ou diminuição de produtividade da equipe? Quais são as decorrências psíquicas e comportamentais desses processos de mudança?

¹²² “Brasileirão 2014 reforça tendência de manutenção de técnicos nos cargos”. Fonte: <goo.gl/BdviVK >. Acesso em 03.nov.2016.

¹²³ “Futebol brasileiro já tem mais de 140 técnicos demitidos na temporada”. Fonte: <goo.gl/kiCxOq>. Acesso em 03.nov. 2016.

¹²⁴ “Times da Série A acumulam 35 trocas de técnico em 2015. Apenas Tite “sobrevive””. Fonte: < goo.gl/LCbcpA>. Acesso em 04. Nov.2016.

¹²⁵ Temos que referência o dia 04 de novembro de 2016, véspera de início da 33.a rodada do Campeonato Brasileiro da série A.

Conforme já explicitado e exemplificado em capítulos anteriores, o futebol vive em função de desempenho, resultados e conquistas e a pressão para que elas ocorram é elevada e constante. Sem dúvida, o grande responsável no encadeamento de substituições de comissão técnica, sobretudo do treinador, bem como dos atletas, é a ausência de resultados positivos e performance satisfatória. Não à toa, fortaleceu-se no futebol uma expressão que logo passaria a valer para as demais esferas sociais se configurando como um provérbio/chavão popular: “em time que está ganhando, não se mexe”.

Vários dos atletas, dirigentes e membros das comissões técnicas entrevistados neste estudo, emitiram opiniões que confirmam a importância atribuída às vitórias no futebol profissional e as consequências de uma série, por vezes relativamente curta, de resultados negativos na manutenção, ou não, de um treinador. O curto tempo que uma comissão técnica recém-contratada tem para desenvolver seu trabalho e colher os frutos decorrentes dele, assim como os critérios utilizados para demitir um treinador, estão entre as principais críticas de jogadores e integrantes de comissão técnica.

Eu acho que o principal motivo de mudança é resultado. Futebol é resultado. Falar que tem plano de trabalho, assim, eu acho que é complicado. Eu não vejo não. Eu acho que se norteia em função do resultado (CT1).

O futebol é resultado, se você vai bem todo mundo presta, vamos dizer assim, mas se você não vai bem essas trocas [de comissão técnica] são normais (J10).

Geralmente essa mudança [de treinador] acontece quando o time não está bem. Se troca, é porque o time não está encaixando (J4).

Quando não dá certo, as trocas são inevitáveis, né. A primeira mudança que se faz é o treinador. Querem um algo a mais, alguém com mais motivação. Às vezes, o grupo fica saturado, não consegue os resultados aí também o treinador... o estilo do treinador, as ideias do treinador, os jogadores às vezes não compram a ideia e aí é melhor você trocar e tentar dar um gás novo na equipe (D4).

Eu acho que o grande mal do futebol brasileiro está nisso daí [troca constante de comissão técnica], de você não ter esse tempo [de trabalho]... Ah, de repente, tivemos o Internacional que trocou o Argel, colocou o Falcão e em cinco jogos troca e se perder mais duas, troca. Não tem o que se trabalhar. Se você não conhece a pessoa, não dá tempo de você conhecer a pessoa, não dá tempo de você implantar um projeto de jogo (CT5).

Nos discursos supra explicitados, bem como em várias outras falas, torna-se evidente que a supervalorização dos bons resultados, conquistas, vitórias, mas de uma vitória que tem que ser imediata, e a sua responsabilidade no processo de mudança de comissão técnica, se trata de uma

questão cultural do futebol brasileiro. Nesse sentido, em entrevista ao jornal Folha de São Paulo, um dos treinadores da primeira divisão afirmou que, nesse processo de troca constante de treinadores,

[...] não existe um culpado. [A mudança] é cultural do futebol brasileiro. O planejamento é feito antes do início da temporada, mas em virtude da pressão da torcida e da mídia, que é muito forte, os diretores fazem a troca. Hoje, os clubes não analisam mais o trabalho em campo, a performance, e, sim, o resultado. É mais fácil trocar o treinador do que suportar a pressão. [A mudança] é o grande mal do futebol brasileiro, que precisa se reciclar em todos os setores (RODRIGUES & COSENZO, 2016, s/p).

A Europa, referência positiva para muitos entrevistados quando o assunto é a manutenção do treinador e a valorização do planejamento em detrimento de resultados imediatos, é entendida como mais avançada e possuidora de maiores condições de manter um grupo por um tempo relativamente maior que costumeiramente adotado no Brasil, independentemente dos resultados obtidos a curto prazo.

O que os clubes fazem no Brasil? Perde três jogos e você não presta. Manda embora e traz outro... se isso não mudar, a tendência do futebol [brasileiro] é ficar assim. Essa merda que é hoje. E o futebol europeu atropelando né. Os europeus cada vez melhores, mais organizados e a gente cada vez pior (CT11).

Isso é uma questão cultural que o Brasil tinha que mudar o mais rápido possível... é uma questão cultural. Que o resultado está acima de tudo. O Brasil é um país, a própria seleção brasileira, é um país imediatista, as coisas acontecem muito depressa. A falta de resultado atrapalha muito o desenvolvimento do trabalho (D6).

Lá fora você vai encontrar, na Europa e mesmo no oriente médio, os treinadores normalmente, normalmente, eles têm mais tempo [para desenvolver o trabalho]. Chegar e conhecer todos os jogadores... às vezes o treinador chega num clube, não sabe nem o nome de todos os jogadores, perdeu um jogo e já é mandado embora (J9).

Algumas falas acrescentam à questão cultural a necessidade de valorizar o trabalho mais duradouro, dar tempo para que a comissão técnica recém-contratada possa desenvolver sua proposta de treino e jogo possibilitando a ocorrência de bons resultados. Assim como nosso entrevistado, Rodrigues e Consenzo (2016) trazem em reportagem à Folha de São Paulo¹²⁶ entrevista de um treinador que também direciona sua opinião nesta mesma perspectiva.

¹²⁶ Fonte: <goo.gl/J8bdP7>. Acesso em 03. Nov.2016.

Tem que escolher bem, pensar bem. Os clubes tinham que ter um profissional do ramo que entendesse como tem que funcionar tudo isso. Que os jogadores precisam se conhecer e o elenco criar uma identidade. Alguém que tenha capacidade de entender que deve haver um planejamento de pelo menos três anos... A Roma de 80, por exemplo, foi construída para ganhar em três anos. Tem que ter planejamento. O primeiro ano serve para se organizar. O segundo para consolidar e o terceiro para ganhar títulos (RODRIGUES & COSENZO, 2016, s/p).

Outros entrevistados, tal como o treinador ouvido pelo jornal Folha de São Paulo em mesma reportagem supracitada, acrescentaram à importância do tempo para que uma equipe conquiste as vitórias, sua relação com os processos de formação de grupo, assim como a configuração de um bom ambiente de trabalho, coesão, integração, etc.

Lá [na Europa], a gente vê times que o treinador fica sete anos, oito anos, então lá eles têm o trabalho. Primeiro ano não deu certo, mas eles confiam no repeteco, em repetir, aí no segundo já vai melhor, aí no terceiro os caras estão brigando por título, estão brigando pelas coisas. Então, acho que isso tem que acontecer, tem que insistir na forma de trabalhar (J5).

Eu, particularmente, acho que o futebol precisa ter um pouco mais de sequência, sabe, um pouco mais de preparo e o treinador passa por isso. Deixa o cara trabalhar, deixa o cara implantar um sistema, trazer algumas peças de confiança. Eu acredito nisso. Eu acredito que precisa desse tempo e essas trocas curtas a gente vê que os resultados poucas vezes dão certo (J6).

No meu ponto de vista, eu acho que isso [troca constante de treinador] atrapalha muito. Tanto para comissão, quanto para os jogadores, porque o treinador que chega implanta um modo de treino, um modo de trabalho dele e o resultado não vem, mandam embora. Aqui no Brasil acho que é assim. Então, acho que o Brasil deveria se espelhar mais nos times de fora do país, né...treinadores com cinco, seis anos num clube, dando continuidade no trabalho (J15).

Se eu contar quantos treinadores eu trabalhei são nove em dois anos. Como você espera que o time tenha uma identidade? Que o time tenha um padrão de jogo? Que evolua? (CT11)

[...]chega um determinado momento que o resultado acaba fazendo com que você faça troca, porque você precisa mudar, precisa ter um fôlego novo, precisa tentar melhorar o seu ambiente (D2).

O fato do resultado obtido, por vezes num curto espaço de tempo, ser o principal, ocasionalmente o único, motivo de demissão do treinador e sua comissão técnica, carece de maior atenção e preocupação, pois ainda que tenhamos clareza da importância das vitórias e conquistas no âmbito do futebol profissional, entendemos que elas não podem balizar exclusivamente toda e

qualquer troca. Neste ponto, a relação entre as trocas de comissão técnica e a performance obtida pela equipe posteriormente às mudanças também devem ser problematizadas.

Tal como apontou reportagem da Folha de São Paulo em 28/07/2015¹²⁷, há casos em que, com a substituição do treinador, a equipe passa, instantaneamente, a obter bons resultados, já que dos onze clubes da série A do Campeonato Brasileiro que optaram pela troca de treinador no decorrer da temporada, nove passaram a ter melhores resultados com a mudança (CASTRO, 2015). No entanto, conforme ressaltado pelo próprio autor da reportagem, os números apresentados retratam apenas parte da história. Em uma breve análise - breve, pois este não está entre nossos objetivos nesse momento - no desempenho destes clubes citados na reportagem, podemos constatar que somente um deles obteve uma evolução de produtividade até o fim da competição, sendo que os demais voltaram a regredir. Nesse sentido, um de nossos entrevistados emitiu opinião que coincide com tal discurso.

[...] as trocas, muitas vezes não levam a nada. O clube que vai trocar três, quatro vezes o treinador no ano, você pode saber que ele vai ter problema, pode saber que ele vai estar brigando lá embaixo pelo rebaixamento (J2).

Ainda assim, é preciso esclarecermos duas questões referentes à relação da mudança de treinador com a produtividade da equipe: a primeira delas, é que não se trata de uma simples associação de causa e efeito, pois há inúmeros outros fatores que podem exercer interferência. A segunda, mais importante para nós neste estudo, é que quando defendemos uma provável queda de produtividade no grupo em situações de mudança, não estamos nos referindo a um dado concreto, como uma vitória, conquista de campeonato, etc., mas a processos próprios de grupos, que envolvem, a comunicação, aprendizagem, elaboração do ECRO grupal, ou seja, aos aspectos infraestruturais que inclui elementos emocionais e motivacionais, e, portanto, não restritos a características manifestas em comportamentos observáveis. Mesmo que tenhamos levantando dados sobre algumas equipes que obtiveram resultados momentâneos melhores a partir da mudança de treinador, são mais frequentes as situações em que mesmo com a chegada de outra comissão técnica, a equipe permaneça perdendo seus jogos e não conquiste seus objetivos, o que ocasionará, brevemente, uma nova troca de comissão técnica, situação essa que perdura por muito tempo, num ciclo vicioso, tal como pudemos notar em nossa pesquisa de campo em um dos clubes investigados. Nesta instituição em questão, a série negativa de resultados e de rebaixamento às divisões inferiores,

¹²⁷ “Troca de técnico no Campeonato Brasileiro favorece 9 de 11 clubes”. Disponível em <goo.gl/9EdoOh>. Acesso em 04. Nov. 2016.

ocorreu concomitantemente a muitas mudanças de comissão técnicas, três delas somente nas semanas que estivemos em observação.

Mesmo que tenhamos levantando dados sobre algumas equipes que obtiveram resultados momentâneos melhores a partir da mudança de treinador, são mais frequentes as situações em que mesmo com a chegada de outra comissão técnica, a equipe permaneça perdendo seus jogos e não conquiste seus objetivos, o que ocasionará, brevemente, uma nova troca de comissão técnica, situação essa que perdura por muito tempo, num ciclo vicioso, tal como pudemos notar em nossa pesquisa de campo em um dos clubes investigados. Nesta instituição em questão, a série negativa de resultados e de rebaixamento às divisões inferiores, ocorreu concomitantemente a muitas mudanças de comissão técnicas, três delas somente nas semanas que estivemos em observação.

Qual é o critério que os diretores e presidentes de clubes usam [para demitir o treinador]? Só o resultado? Acho que não pode ser só o resultado (J9).

No Brasil a gente tem muito pouco tempo para implantar um trabalho, porque o trabalho não depende de qualidade ou não, o que importa é o resultado. E às vezes, trabalhos que poderiam dar um certo fruto no futuro ele não é concretizado pela impaciência que o futebol tem hoje com essa profissão que é o treinador. A cobrança de resultado é muito grande... quando você sente que o treinador vai sair, geralmente já está um ambiente um pouquinho ruim, provavelmente pelos resultados, não pela comissão, mas pelos resultados. Se o treinador vai sair é porque os resultados não estão acontecendo e o ambiente nas derrotas é um ambiente mais pesado, sem dúvida. Todo mundo um pouco mais chateado, mais impaciente, alguma brincadeira pode se tornar alguma desavença. Lógico, porque está todo mundo estressado, com uma carga psicológica gigantesca em cima da gente (J1).

Com efeito, tal como já enunciado acima por “J1” e por demais entrevistados, há outros dois motivos, frequentemente relacionados, que também servem de critérios para que ocorram as mudanças de treinador/comissão técnica em equipes profissionais de futebol: a pressão sofrida e o ambiente de trabalho.

[Quem mais exige para a troca de treinador é] principalmente a torcida, a diretoria eu acho que mexe mais por que a torcida pressiona e começa a xingar, quer bater nos jogadores, então isso não é bom (J5).

Chega um determinado momento que a pressão é muito grande, a pressão externa é muito grande, os resultados não vêm e você acaba fazendo a troca [de treinador] (D2).

Já o ambiente de trabalho, tal como notamos em nossa pesquisa de campo, se apresenta diferentemente nos distintos clubes. Se por um lado as condições de trabalho oferecidas aos atletas, bem como os resultados obtidos pela equipe, relacionam-se a este ambiente, por outro, o treinador e comissão técnica por ele liderada também possuem significativa influência nesta configuração, o que irá, conseqüentemente, determinar as formas de relação entre os membros do grupo, sobretudo do treinador com os atletas. Quando as relações se configuram de modo que o treinador não mais “tenha o grupo na mão” (D2), que seu relacionamento com os jogadores está desgastado, este momento é visto pelos dirigentes como fundamental para que ocorra uma substituição no comando da comissão técnica. Um dos dirigentes entrevistados nos disse que realizou a troca do treinador mesmo recebendo inúmeros conselhos e opiniões contrárias, pois ainda que o considerasse um bom treinador e de boa conduta, via diariamente que o ambiente no grupo era horrível. Há ainda quem entenda que diante de uma conjuntura de pressão, ambiente ruim e ausência de resultados, é interessante até para o treinador pedir demissão e se afastar por um período do trabalho.

A gente procura sempre fazer uma análise do momento, do trabalho, da relação do treinador com o grupo, porque enquanto está ganhando está tudo bem, na hora que o resultado não vem, aí muda tudo. Então, tem treinadores que são bons, não vou citar nomes né, mas tem treinadores que são muito bons de campo, mas que chega um determinado momento que não tem relação boa com o grupo. Então chega um determinado momento que o resultado não vem e começa a gerar um desgaste interno (D2).

As mudanças [de comissão técnica] se fazem necessárias quando a situação requer, por exemplo, quando não tem mais comando do grupo, o grupo está desunido, está rachado, aí você tem que fazer alguma coisa (D5).

Tem várias formas que é feita essa troca [de treinador]. Às vezes, chega um momento que tem um desgaste de vestiário, de grupo, do treinador com o grupo. Às vezes, de repente, os resultados, a equipe joga bem, mas os resultados não vêm, aquela coisa toda. Chega num momento que, às vezes, até para o próprio profissional é interessante dar uma afastada mesmo, porque não é interessante uma sequência (CT8).

Se, por hora, apresentamos as condições relatadas para as mudanças de comissão técnica, o discurso adotado para justificar a demissão de treinador passa pela necessidade de “criar um fato novo”, e, principalmente, fazer com que os atletas se motivem a desempenhar melhor rendimento nos treinos e jogos. Espera-se que, com a chegada de um novo treinador, se por um lado aqueles que vinham ocupando um papel menos importante no grupo, seja como suplente ou nem mesmo sendo relacionado para as partidas, motivem-se a treinar mais e melhor para mostrar ao técnico que possuem condições de conquistar um espaço na equipe titular, por outro, os titulares se motivarão a

também treinar e jogar bem para convencer o atual comandante que podem manter seu espaço e papel dentro da equipe.

Quando faz a troca [de treinador], determina a troca, é uma mudança e aí todo mundo tenta, com a chegada do treinador novo, quem está de fora tenta mostrar o seu papel para desempenhar um papel mais importante que vinha desempenhando com o outro treinador. Então, o treinamento, principalmente no início, fica mais... principalmente os jogadores que não estão jogando tanto ficam mais aguerridos, mais fortes, tentando justamente mostrar para o novo treinador que tem condições de estar no grupo ou ser mais utilizado (J1).

[A troca de treinador] muda mais assim em termos de motivação né. Mais na motivação... quem era reserva passa a lutar para não ser, muda tudo, quem não estava pode estar. Acaba mudando tudo em termos de disposição. Tipo, era reserva e acaba dando uma acendida no elenco (J22).

[...]quando chega um treinador, ainda mais quando já trabalhou com outros jogadores, com outro jogador que já está no clube, o cara acaba se motivando ainda mais para poder jogar com o mesmo treinador que já trabalhou junto. E o pessoal que nunca trabalhou tenta se motivar para mostrar para ele que tem condição de estar jogando. Mas é começar tudo do zero. Quando muda a comissão todinha tem que começar tudo do zero, porque o cara [treinador] chega já querendo, já chega falando para todo mundo “oh, não tem ninguém com cadeira cativa, quem estiver melhor, vai jogar”. Aquilo que todo treinador fala. [...] com alguns, as mudanças] acontecem, tem outros que não. Tem outros que é só balela para falar e a gente se motivar um pouquinho mais para poder treinar melhor e o time manter o mesmo, mas tem treinador que chega e muda mesmo (J3).

[A mudança de comissão técnica] acaba dando uma mudada no ambiente, conforme o perfil do treinador também interfere bastante, que a gente sempre acaba tendo informações nesse sentido. E principalmente para quem não vem jogando, às vezes é até bom, muda um pouquinho, fica aquela expectativa de ter mais oportunidade. E para os outros que vinham jogando, para ficar um pouquinho mais esperto no sentido de saber que pode haver mudança (J4).

[...]quem está jogando fica chateado [com a troca de treinador], porque o cara está botando tu para jogar e quem está chegando é uma motivação para o cara que não estava jogando falar “pô, agora pode mudar tudo, que vem outro treinador e de repente quem não estava jogando vai estar jogando (J12).

Por outro lado, a resposta do grupo pode ser contrária àquela esperada. Ou seja, dependendo do nível de coesão grupal desta equipe, da relação estabelecida entre o treinador/comissão técnica e os jogadores, estes últimos podem reduzir ainda mais seu comprometimento e esforço nos treinos e jogos, desta vez voluntariamente, para prejudicar intencionalmente o clube como forma de protesto contra a demissão do treinador ou de algum jogador.

[...] no meio do campeonato manda quatro [atletas] embora. “Ah, precisa mandar alguém embora aí, tal”. Aí manda quatro, cinco jogadores embora. Aí o grupo está fechado, que é aquele negócio que tem a coesão, aí “é, vai mandar o cara embora?

Então beleza, também vou largar, aí começo a treinar de sacanagem”. “A é, mandou o treinador embora? Beleza. Então o treinador é o culpado [pelas derrotas]? Vou começar a treinar metade do que eu treinava. ” A tendência é dar errado e dá errado! (CT11)

Entendemos, assim, que quando se lança mão dessa estratégia, o que se busca é a desorganização, é abalar a realidade que está posta para que os “atletas se mexam”. No entanto, neste estudo defendemos a tese de que o estado emocional que está em jogo neste processo de mudança não é, à priori, a motivação e sim a ansiedade. Neste ponto, vale retomarmos o entendimento de Pichon-Rivière (2005), Bleger (1980) e Scarcelli (2016), sobre as ansiedades básicas, “coexistentes e cooperantes, e alternativamente manifestas e latentes” (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p.143) em todo e qualquer processo de mudança: o medo da perda e o medo do ataque.

De acordo com Scarcelli (2016, p.108), “diante de mudanças, de quebra de enquadres, de desorganização da instituição, as ansiedades básicas frente ao medo da perda e do ataque se manifestam”, gerando, como consequência, uma espécie de “insegurança social” (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p.57). Quiroga (1989, p.25) acrescenta que o processo de mudança trará, consequentemente, uma desestruturação da situação prévia, daquilo que já é conhecido e conservado, o que trará aos sujeitos que experienciam esse processo “vivências de perda, desinstrumentação e ataque”. Ou seja, como parte da vida de qualquer grupo, as situações de perdas e os consequentes sentimentos de insegurança/incerteza provenientes de uma circunstância de mudança, produzirão a experimentação das ansiedades básicas que, por sua vez, relacionam-se ao processo de aprendizagem. Pois, no caso do futebol profissional, o receio de desaparecer aquilo que já está estabelecido, em outras palavras, o medo, “real ou fantasiado” (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p. 24), de perder o já conquistado, como seu contrato de trabalho, sua posição de titularidade e seu papel no grupo, ou então o receio de lidar com uma experiência nova, o temor de perder as defesas frente ao desconhecido, seja um novo treinador, nova metodologia de treino, novo sistema tático, novas regras estabelecidas, etc., ou insegurança de não possuir instrumental para enfrentar uma conjuntura desconhecida, se configuram como os medos básicos que devem ser elaborados como parte do processo de aprendizagem, da adaptação ativa à realidade.

Portanto, o jogador que vem ocupando a posição de titular e papel de importância no clube, não passa a treinar mais e melhor, por pouco tempo que seja, porque está mais motivado e sim porque tem medo de perder este status. Da mesma forma, o atleta que está entre os reservas ou nem mesmo vem sendo relacionado para os jogos, ainda que visualize a possibilidade de mudar seu status

para um de maior importância com a chegada de um novo treinador, o medo de perder suas defesas diante de algo novo e desconhecido, lhe trará insegurança, hesitação, vulnerabilidade para lidar com essa situação.

Bleger (1991, p.110) acrescenta ainda que o medo que sentimos diante de uma situação nova, daquilo que não conhecemos, não se trata somente do medo decorrente dessa mudança, pois “não é apenas a novidade que provoca o medo, mas também o desconhecido que existe no interior daquilo que é conhecido”. Isto é, cada pessoa possui em si mesma algo desconhecido sob a forma de uma não-identidade (eu sincrético). Quer dizer,

[...]o medo do encontro com uma sociabilidade que as destitua enquanto pessoas e as converta em um só meio homogêneo, sincrético, no qual cada um não sobressaia enquanto figura (como pessoa) do fundo, mas que submerja nesse mesmo fundo, o que implica uma dissolução da identidade estruturada pelos níveis mais integrados do ego, do self ou da personalidade (BLEGER, 1980, p.110).

Entendemos que nestes nestes processos de mudanças são as ansiedades, e não a motivação, que preponderam. Com isso, não estamos desconsiderando a importância do constructo motivacional nestes casos, visto que há situações em que os jogadores podem se verem mais motivados a empenharem-se mais nos treinos e jogos com a troca de comissão, por exemplo. Entretanto, ainda assim, a motivação estará relacionada à ansiedade, visto que “os processos de motivação (motivos e necessidades) e a ação em sua fase de articulação têm a ver com os processos de decisão dentro do grupo”. O medo, bem como a insegurança social, decorrentes de qualquer mudança, constituem a base das ansiedades do grupo e estarão expressas em termos das ansiedades básicas depressiva e paranoide (PICHON-RIVIÈRE, 2005, p.60).

Não é por acaso, portanto, que grande parte dos atletas se posiciona contrariamente às mudanças e trocas constantes de comissão técnica, pois além de a entenderem como prejudiciais, salvo exceções, ao rendimento da equipe e ao trabalho desenvolvido, ainda lhes causam descontentamento, lamentação, insegurança e outros sentimentos.

Cara, 90% do grupo não gosta [da mudança de treinador]. Não gosta dessa troca. Porque a troca ela gera muito confronto num curto espaço de tempo... nós não gostamos dessa troca. A gente não acha justo... a “bolerada” não gosta, é fato! Isso é fato cara. Não tem como fugir disso (J6).

Sempre que há mudança, sim, sempre gera um pouco de insegurança... é ruim né cara. É ruim, porque você se adapta a um estilo de trabalho, de repente muda, não vêm os resultados, muda. O trabalho também é diferente. Teu corpo acaba pagando

o preço por isso. As metodologias de trabalho, às vezes, são um pouco diferentes. Então, isso acaba atrapalhando. Tem a forma tática, enfim, vários fatores que atrapalham (J24).

Eu me sinto incomodado. Eu me sinto incomodado... cada vez que há troca, existe a insegurança, existe, como que eu vou dizer, existe dele não conhecer o elenco. Ele vai pegar um trabalho que já vinha sendo feito por um outro profissional, às vezes com uma outra filosofia da dele. E até ele conhecer as características do elenco que ele está pegando, demora, não diria nem trinta dias, isso aí você tem que por quarenta, cinquenta, sessenta dias para você conhecer... é complicado essas trocas. Você fica com aquela insegurança, então às vezes dá certo, às vezes não dá (J2).

Isso faz parte da nossa cultura do futebol. Eu discordo muito disso, né. Acho um absurdo isso. Muitas vezes há necessidade, mas não concordo (CT6).

É lamentável ter essas mudanças de uma forma tão acentuada como tem, mas como eu falei, a gente que trabalha, a gente está acostumado com isso. Não é, no meu julgamento, a forma correta. Não vai ser a mudança no treinador que vai resolver todos os problemas, mas é mais fácil mudar um do que mudar, sei lá, dez atletas. Não vão mudar trinta, né, mas mudar dez atletas envolve contrato, envolve tudo e de repente você muda o treinador e aí vem aquela famosa frase “ah, vamos da aquela sacudida no elenco” e aí, às vezes, vai em cima do treinador (CT8).

Alguns entrevistados, sobretudo os dirigentes dos clubes investigados, embora tenham considerado a relação da ausência de vitórias e da pressão da torcida com a demissão dos treinadores, criticaram e responsabilizaram os próprios dirigentes pela conduta equivocada em relação aos procedimentos adotados em situações de mudanças de comissão técnica. O equívoco por nós levantado foi tratado pelos entrevistados como covardia, inconsequência, irresponsabilidade, impaciência e irracionalidade.

[A troca constante de treinador] na realidade é uma covardia, porque o dirigente ele contrata - porque ele participa das contratações junto com o treinador - não dá certo, aí é o treinador que está errado. Então ele se isenta da responsabilidade. Ele transfere a responsabilidade, que também é sua, para as costas do treinador (D5).

Essas trocas, muitas vezes, é incompetência não diria do treinador, nem do elenco, mas incompetência, às vezes, da direção de não saber o perfil do treinador para aquela equipe. Porque, às vezes, tem equipe que tem que ter um perfil de um treinador que vai brigar lá em cima, do treinador que sabe levar o elenco, agora eles contratam, às vezes, o treinador que tem um perfil mais turrão, que é um perfil para um time mais aguerrido e isso não vai resolver para aquela equipe. Então, às vezes é incompetência da direção em pegar um perfil de treinador para sua equipe que atrapalha o desenvolvimento do elenco (J2).

Acho de extrema irresponsabilidade dos dirigentes que, às vezes, um trabalho que vem sendo desenvolvido não tem a oportunidade [de dar prosseguimento], porque com duas, três derrotas, já estão trocando [a comissão técnica] (CT6).

Acho que a mentalidade dos diretores e dos presidentes do futebol brasileiro já deveria ter mudado. Não tem como um treinador chegar num clube e mostrar o trabalho dele em dois, três meses. Impossível isso... acho que eles têm que ter mais paciência (J9).

[A falta de qualificação e competência dos dirigentes] eu vejo como muito negativa porque não se preparam. O dirigente ele é inconsequente. Ele quer o resultado. Pressionado pela torcida, ele não sustenta. Ele não tem... há um momento que a torcida vai para o campo, mas não adianta querer, não vai trocar de treinador (D6).

Na maioria dos casos, o trabalho nosso é avaliado normalmente pelo dirigente do clube que normalmente é um torcedor, um cara apaixonado que vai pelo o que a imprensa fala, o que o torcedor fala, naquele calor de momento ali e não julga o trabalho como um todo, né. Tem sim, está melhorando muito hoje, tem muitos profissionais capacitados que tem condições de julgar o trabalho do treinador. Porque, às vezes, o trabalho demora um pouquinho para encaixar, tem uma série de fatores. Às vezes, pega um grupo que tem muito problema de lesão, um grupo que é formado em pouco tempo e o trabalho... você não consegue estralar o dedo e vai sair tudo certinho, vai vir de forma gradativa, né. É todo um processo que vai acontecendo a evolução de uma equipe (CT8).

Apesar da maior parte dos entrevistados neste estudo ter se posicionado criticamente e contrariamente às mudanças constantes de comissão técnica no futebol brasileiro, há aqueles que realizaram algumas ressalvas apontando aspectos positivos relacionados à possibilidade de adquirir maior conhecimento com a chegada de novos treinadores e a de minimizar o problema de desemprego dos ‘trabalhadores da bola’. Neste aspecto, em coluna escrita ao Jornal O Estado de São Paulo, Campos (2014) afirma que “embora a instabilidade predomine, a rotatividade da profissão ajuda”, visto que quatro treinadores saíram de uma equipe e logo assumiram outra e alguns que estavam desempregados reencontraram uma oportunidade. Houve ainda um atleta que afirmou não ser influenciado em nada quando se troca uma comissão técnica, ainda que implicitamente tenha denotado o estabelecimento de um novo vínculo e a importância de ser visto e reconhecido pelo novo treinador.

Por um lado [a rotatividade de treinador] é ruim porque às vezes ele monta um time e não tem [sequência]... Cada um monta um time né. Às vezes um não gosta do mesmo time que o outro deixou né. Vai montando. Isso é ruim para você pegar ritmo com um mesmo time, mas é bom também porque cada um tem um jeito de pensar e passa experiência. Sempre é um ensinamento (J20).

Profissionalmente [a troca constante de comissão técnica] tem o lado bom e o lado ruim. Quando você está empregado, esta rotatividade é ruim. Mas às vezes quando você está desempregado, esta rotatividade ela te coloca com possibilidade de você voltar para o mercado e se inserir no mercado de trabalho, principalmente no Brasil que você tem “n” número de treinadores (CT8).

Na verdade, acho que para mim, isso [troca de treinador] não pesa nada. A responsabilidade continua a mesma, o campeonato continua o mesmo, os adversários continuam os mesmos. Acho que, assim, chega uma nova comissão, vai querer conhecer... então, cada um vai querer mostrar seu trabalho. Mas em questão de mudar muita coisa, acho que não muda não. A gente tem que continuar fazendo nosso trabalho. Não tem muita diferença não de uma comissão para outra. Se você for uma pessoa de um caráter só, você vai continuar a mesma pessoa trabalhadora, trabalhando, chegando cedo nos treinos. A sua responsabilidade não muda. Não muda. O que muda é você querer mostrar para o treinador né que você está ali né (J23).

Diante das ansiedades emergentes em situações de mudança, como parte deste processo, busca-se romper a estereotipização da aprendizagem e da tarefa, bem como a cristalização da reprodução das situações e papéis desempenhados pelo grupo no seu aqui e agora que, porventura, possam acontecer. Neste caso, se configura entre eles um comportamento de resistência às mudanças, próprio do momento de pré-tarefa. Tais comportamentos representam estratégias defensivas do grupo com a finalidade de protelar a elaboração destas ansiedades. Por sua vez, é no momento de tarefa que o grupo se deterá na elaboração (tornar consciente aquilo que se manifesta inconscientemente) destas ansiedades, promovendo a eliminação da estereotipia que prejudica a aprendizagem, comunicação e leitura da realidade dos seus membros. Ou seja, “se os medos e obstáculos que alimentam a resistência à mudança são vencidos, rompem-se as estereotipias que não permitem o momento de aprendizagem e indicam a possibilidade de o grupo manter-se centrado em uma tarefa” (SCARCELLI, 2016, p.90) ou ainda, conforme salientado por Castanho (2010), atingir um objetivo e adquirir identidade.

As dificuldades inerentes a qualquer mudança num grupo, passam também pela necessidade de ajustes ou elaboração do ECRO grupal. Dessa forma, cada vez que uma importante liderança do grupo de futebol, o treinador, por exemplo, é substituída, há necessidade de se fazer uma reelaboração deste ECRO que vinha sendo construído. Nesse sentido, algumas falas de nossos entrevistados nos permitem problematizar as dificuldades e as possíveis saídas para minimizar esse conflito.

Os clubes de uma forma geral não têm clareza sobre qual é o perfil de jogo que o clube quer ter. Então, eu não tenho ideia do perfil de treinador que quero contratar. Então, é muito comum nos clubes, você ver que o clube tem um treinador “x”, dali há pouco eles contratam outro, mas caramba, não tem nada a ver um com o outro. Aí, manda esse embora e não tem nada a ver com os outros dois, e assim todo aquele trabalho de ideia, de futebol, de processo, tudo diferente. Como os clubes não tem muita clareza sobre isso, o tempo todo o processo acaba ficando à mercê do novo comandante. Quem chega, determina tudo de novo. E o clube acaba, então,

ficando refém do novo treinador. Aqui, nós estamos tentando mudar isso. Na base isso já está totalmente sanado. No profissional, é um plano de médio prazo. A ideia é, por exemplo, que a partir de agora, nenhum treinador tenha perfil diferente do atual. Nos demos bem com o perfil do treinador atual, então nós não temos porque buscar no mercado, caso o atual resolva sair, pessoas que não tenham esse perfil (D3).

[...]quando muda de treinador, muda-se uma filosofia. E sempre demora um pouquinho para se adaptar totalmente àquilo que o treinador quer. Com o tempo você vai agregando, com os dispositivos do treinador, mas às vezes não tem tempo. Geralmente a mudança é um periodozinho de transição que é complicado (J1).

[com a interrupção do trabalho de um treinador] você não tem maturação [do grupo] né, você não tem uma sequência, não consegue criar um sentido filosófico (D6).

[A troca constante de comissão técnica] dificulta muito, porque você está jogando num esquema, num padrão tático de um treinador e ele não tem uma sequência boa, em cinco jogos, onde em cinco jogos, hoje em dia, você joga cinco, seis jogos em um mês, por exemplo, aí se o treinador perde três ou quatro, já mandam embora e já vem outro com outro jeito de jogar. Às vezes, traz algumas peças, tira algumas peças do time, então isso que dificulta mais o grupo. Às vezes fala “ah vem treinador e não deu liga no clube. Trocou o treinador e não deu liga”. Porque a maioria dos treinadores, cada um tem um jeito de jogar. Acho que essa mudança constante de treinador prejudica mais por causa que você não tem uma sequência boa. Não dá tempo de dar um padrão tático para a equipe e a confiança também dos atletas que, por exemplo, está mal hoje e aí já chega um treinador novo e já tira porque ele está vindo mal (J11).

[...]na minha vertente, mesmo que [o trabalho] num primeiro momento não esteja dando bons resultados, à médio e longo prazo vai sustentar bons resultados. O resultado do primeiro momento está muito mais ligado à herança que você recebe, qualidade dos estímulos que aqueles atletas sofreram, perfil dos atletas, perfil do ambiente, e aí sim o médio e longo prazo estão muito mais ligados ao que aquele profissional colhe. Então, vejo muitos profissionais que chegam num clube e já ganham imediatamente, e aí a gente olha um ano e dois anos antes e percebe que teve um trabalho muito estruturado há dois anos antes e que aquele momento era o de colher, independente de quem estivesse ali. Muitos bons profissionais também pegam equipes e passam seis meses, um ano, sem conseguir resultados naquele primeiro momento, porque não é o momento ainda. É aquele momento de construção, porque não havia nada, não havia algo estabelecido, um processo de desenvolvimento, de conteúdo. Hoje se explora demais os conteúdos, qual vai ser desenvolvido com os atletas de futebol. Então, o que você hoje herda do processo anterior ao seu é muito importante para a sequência que você vai dar no seu trabalho (CT4).

[Se não conseguir os resultados esperados em uma temporada] tira um ou outro jogador que você viu que não te deu o retorno que você esperava... Normal. Tem trinta, não são os trinta que te agradaram. Mantém a base. Mantém o treinador. Mantém a linha de trabalho. Reforça o time. Aí, você vai ter todo esse campeonato de lastro, não vai ter que criar uma identidade, vai começar o [Campeonato] Paulista do ano que vem já com o grupo formado, os caras já sabendo e a tendência é você conseguir os resultados melhores (CT11).

Nossa apropriação do ECRO pichoniano com as consequências práticas do processo de mudanças na cotidianidade profissional levantadas pelos entrevistados neste estudo, se justifica por entendermos que aquilo denominado por dirigentes, treinadores e atletas como “filosofia”, de fato, um modo de entender e enxergar o futebol, metodologia de treino, modelos de jogo etc., trata-se de uma forma de compreender e apreender determinada realidade, tal como o ECRO proposto por Pichon-Rivière (2005), cujo critério de operatividade possibilitará uma modificação criativa de determinados fatos sociais.

A construção de um ECRO comum no grupo, tarefa fundamental para que a comunicação entre seus membros seja realizada, se dá na medida em que “as mensagens são decodificadas por uma afinidade ou coincidência dos esquemas referenciais do emissor e do receptor”, ou seja, cada membro do grupo levará aos demais o seu próprio esquema de referência, seu conjunto de experiências, conhecimentos, afetos e, a partir de um denominador comum destes sistemas se configura, “em sucessivas voltas de espiral, um ECRO grupal” (PICHON-RIVIÈRE, 2005, pág.144).

A saída de uma importante liderança dentro do grupo (o treinador ou até mesmo outro integrante da comissão técnica, dirigente e atletas específicos), pode significar a ruptura de um processo que tente à elaboração do ECRO grupal. A chegada de um novo treinador, principalmente se possuidor de um esquema de referência muito distinto daquele que vinha sendo construído, configura-se como ruído na comunicação e traz a sensação de que mais uma vez tudo deve ser iniciado “do zero”, como afirmado por alguns entrevistados. Cabe ressaltar, entretanto, que de acordo com a teoria pichoniana, os grupos heterogêneos são mais operativos, ou seja, quanto maior a heterogeneidade, maior a operatividade. Sendo assim, consideramos mais recomendável a composição de grupos com essa característica, ao invés de investir na formação grupos homogêneos, cuja seleção dos membros passa somente por suas similaridades e congruência de esquemas conceituais, referenciais e operativos. Concordamos com Quiroga (1989, p.21) ao entendermos que em um grupo que trabalha operativamente numa tarefa, “o múltiplo, o heterogêneo, o divergente podem integrar-se numa síntese multiforme que enriquece a todos e a cada um dos integrantes, que se esclarecem, nessa prática, acerca da complexidade do real”. E é justamente diante dos diversos enfoques, subsídios e perspectivas trazidas heterogeneamente pelos membros do grupo, que o objeto se enriquece e se mostra em sua complexidade e riqueza.

Se grande parte dos clubes, e daqueles que o integram, não tem ciência destes processos psicológicos relacionados às mudanças, é de se esperar que não estejam preparados para lidar com

esse tipo de situação que requer a elaboração das ansiedades, aspecto fundamental para formação de grupos mais operativos. Defendemos a tese, portanto, que as mudanças de comissão técnica no futebol profissional, tão breves e corriqueiras contemporaneamente, devem ser evitadas ao máximo e, quando realizadas, que tenham como motivos alguns fatores que vão além da falta de resultados imediatos, tais quais um desgaste excessivo no relacionamento entre treinador e atletas, um ambiente nada propício à boa convivência e produtividade, assim como a incapacidade de sustentar e superar a pressão de torcida e mídia para que ocorra a mudança de treinador. E mais, se faz necessário estar atento às ansiedades que emergem neste processo que, se não “trabalhadas”, podem levar um grupo a se burocratizar, situação na qual os meios se tornam fins, fazendo sobressair as características de cristalização e estereotipia.

7. APITO FINAL E O TERCEIRO TEMPO

Ao iniciarmos esta tese, trouxemos como principal objetivo compreender o processo de formação de grupo no âmbito do futebol profissional. Com isso, implicitamente pretendemos, diante do conhecimento do cotidiano de dirigentes, comissão técnica e atletas profissionais de futebol, averiguar como um grupo é construído, tanto sob o viés estrutural e organizacional, quanto sob o viés das estruturas e condições psíquicas que estão postas no processo de desenvolvimento grupal. Neste aspecto, além de averiguarmos os objetivos e características das categorias de base, com foco no processo de transição dos atletas formados/produzidos ao grupo profissional, procuramos analisar as configurações vinculares estabelecidas, com ênfase no sistema de atribuição e assunção de papéis, as consequências psíquicas dos processos de mudança, bem como o processo de ambientação dos atletas recém-contratados e promovidos das categorias de base ao grupo.

Ainda que tenhamos buscado realizar conclusões parciais no decorrer dos capítulos, vale destacarmos algumas últimas considerações. Nesse sentido, justificamos a nomeação deste último capítulo ao trazermos duas expressões alusivas ao futebol profissional que denotam o fim de um jogo, ou o fim desta tese, bem como as análises posteriores ao término da partida, nossas “considerações finais”. Ou seja, enquanto o apito final se configura como o momento em que o árbitro de futebol sinaliza o encerramento do jogo, o terceiro tempo é aquele que sucede os dois primeiros tempos de jogo propriamente dito, no qual os protagonistas não são mais os atletas e sim os jornalistas e comentaristas esportivos que realizam os últimos comentários e análises sobre a partida e suas repercussões.

O futebol profissional, tal como já destacado, se trata de um fenômeno econômico e um comércio extremamente rentável; uma mercadoria que se movimenta pela circulação de jogadores e comissão técnica, cuja modernidade e espetacularização mobilizam milhares de aficionados, admiradores, praticantes e profissionais em todo o mundo. Com o passar dos anos e modernização do futebol profissional, este foi assumindo um sentido no âmbito da estrutura social mais ligado aos interesses do capital. Ainda assim, as contradições e ambiguidades existentes entre o trabalho e o lazer, o lúdico e a seriedade, o prazer e a obrigação, dentre outras, se mantêm na dimensão do sujeito e das relações intersubjetivas. Tais situações são, ao que nos parecem, vivenciadas com ansiedades que não são identificadas como mal-estar. Institucionalmente, o futebol se apresenta como uma organização conservadora, excludente, “fechada”, de privação e controle.

Em uma leitura desatenta e passional, nossas observações poderiam suscitar uma compreensão equivocada sobre o que o representa ser jogador futebol no Brasil. À primeira vista, fundamentados pelo senso comum, jogadores e comissão técnica são completamente dotados de autonomia, estão sempre inseridos num ambiente de trabalho tranquilo, agradável, de paz e alegria; costumeiramente se divertem enquanto trabalham e são muito bem remunerados para isso.

No entanto, nossas observações e entrevistas nos apresentaram outra realidade: a rotina de treino é desgastante, física e psicologicamente; diariamente os jogadores e comissão técnica são muito pressionados para obter bom desempenho e conquistar títulos; o ambiente de trabalho está diretamente relacionado aos resultados obtidos pela equipe, ou seja, diante de vitórias se tem bons ambientes e, por outro lado, uma sequência pequena de derrotas pode transformar esse ambiente tornando-o “pesado”, ruim, de poucas conversas e brincadeiras; jogadores e comissão técnica, em virtude da instabilidade de seu rendimento físico/esportivo e contratual, convivem frequentemente com a incerteza e consequente insegurança relacionada ao seu futuro profissional e espaço/papel que ocupam na equipe; jogadores vivem circunscritos a uma prática de poder sobre seus corpos que os vigia, controla, domina, adentra, educa, corrige, impondo também normas, valores e condutas na sua vida privada a fim de torná-los cada vez mais obedientes, disciplinados e produtivos; o grupo em seu sentido amplo é destituído, em grande medida, de convívio social e proximidade com a família; na relação empregatícia com os clubes os atletas são costumeiramente colocados em posição de inferioridade no mercado de “pés de obra” e poucos são aqueles que recebem bons salários e sem atraso; em muitas oportunidades os jogadores são reificados, coisificados, destituídos por diversas vezes de sua agência, lhes cabendo pouca, ou nenhuma, possibilidade de ingerência sobre seu futuro profissional e satisfação de suas necessidades.

Como parte desta rotina, a concentração esportiva foi ressaltada por nós. Do ponto de vista dos processos grupais, se mostra importante, ainda que seja muito pouco aproveitada neste aspecto por dirigentes e membros da comissão técnica, sobretudo de modo consciente e intencional. Entretanto, ao configurar-se como espaço de confinamento/reclusão, reforça a concepção aqui explicitada e contrariada por nós nesta tese, de que os atletas devem ser monitorados e controlados a fim de modular e regulamentar seu comportamento. O tempo excessivo em que permanecem “concentrados” se relaciona ao sentimento de saudades que sentem de seus familiares, visto que com frequência afirmam passarem mais tempo com os companheiros de clube do que com seus pais, esposa e filhos. Não obstante, a concordância de grande parte dos jogadores entrevistados acerca da

existência e importância desta estratégia de confinamento e controle nos indica uma suposta inabilidade para estabelecer uma leitura crítica da realidade e propor mudanças.

Atletas e integrantes das comissões técnicas do futebol profissional, ao serem tratados como objetos/mercadorias, comportamento que não se limita ao contexto futebolístico, visto que o sistema capitalista de produção impõe essa condição desde sempre, são negligenciados em sua subjetividade e desrespeitados frente à satisfação das suas necessidades, fundamento motivacional das configurações vinculares.

É justamente destas configurações vinculares surgidas a partir do interjogo entre necessidade e satisfação, que se manifesta o emergente e que nos permite compreender a vida de um grupo de futebol profissional, cujos processos de comunicação e aprendizagem são fundamentais. No primeiro caso, alguns sentimentos e comportamentos, por vezes notados no decorrer de nossa pesquisa de campo, tais quais a hostilidade, o sentimento de perseguição, o comportamento de retaliação ou de retorno da agressão, são ressaltados e podem trazer como consequência o decréscimo na motivação para o trabalho, e na configuração das demais condições para troca de comissão técnica e dirigentes, bem como a ruptura contratual de atletas.

Portanto, a configuração dos vínculos neste contexto assume característica específica, principalmente pelas constantes mudanças a que jogadores e integrantes das comissões técnicas estão sujeitos. Nesse sentido, o vínculo, se já assume conceitualmente sob nosso referencial teórico perfil transitório, visto que nenhum vínculo é eterno, no futebol profissional tal peculiaridade é ressaltada.

Assim como a menção dos jogadores ao sentimento de saudades da família, no decorrer de nossa pesquisa de campo nos deparamos com outra situação emergente que nos despertou maior interesse e atenção em nossas análises: as causas e as consequências psíquicas e comportamentais dos processos de mudança, principalmente do treinador e demais integrantes da comissão técnica. As mudanças, bem como a resistência a elas, nos dizem muito em relação ao processo de formação de grupo no futebol profissional, visto que se relacionam à elaboração do ECRO grupal, aprendizagem e comunicação, atribuição e desempenho de papéis, adaptação ativa à realidade, configurações vinculares e às tarefas em si.

As constantes e precipitadas trocas de comissão técnica que ocorrem no futebol profissional explicitam, por meio do processo de adjudicação e assunção de papéis, as fantasias inconscientes presentes no grupo. Vários são os motivos argumentados para que elas ocorram, mas certamente em

maior proporção está a ausência de resultados positivos/vitórias. Ainda assim, pudemos constatar outros fatores tal qual a cultura do futebol brasileiro, que não dá o devido tempo para que as comissões técnicas desenvolvam seus trabalhos; a pressão exercida pela mídia esportiva, empresários dos jogadores, dirigentes, atletas e, principalmente, da torcida; a precipitação dos clubes ao demitir sua comissão técnica sem proporcionar o tempo para que possa obter os resultados esperados; despreparo e equívoco dos dirigentes (apontado por nossos entrevistados como impaciência, inconsequência, irresponsabilidade e covardia); o ambiente ruim como consequência de dificuldades e problemas na relação do treinador com os jogadores; e a perda de comando/liderança por parte do treinador.

A justificativa costumeiramente adotada para tais mudanças passa pela necessidade de criar um “fato novo”, “mexer o grupo” de atletas e motivá-lo a treinar melhor e render mais nos jogos. No entanto, nossas análises apontam para uma direção distinta, visto que o que elas promovem é uma desorganização no funcionamento grupal, desestruturando aquilo que já é conhecido e está conservado, fazendo emergir não a motivação, mas as ansiedades básicas que se relacionam à aprendizagem: medo da perda – do contrato de trabalho, da titularidade, do papel desempenhado, entre outros - e medo do ataque – que se trata do receio de lidar com o novo treinador (que também estará tomado por tais ansiedades básicas), de perder suas defesas diante das novidades e de não possuir instrumental para enfrentar o desconhecido, tal como um método de treino e esquema tático, por exemplo, trazendo aos atletas insegurança, hesitação e vulnerabilidade para lidarem com as situações de aprendizagem, como os treinos e jogos.

A relação das mudanças de treinadores com a produtividade da equipe, ainda que não possa ser estabelecida em condições de causa e efeito, se mostrou, no entendimento de grande parte dos nossos entrevistados, negativa visto que possivelmente impedirá a concretude do sentimento de pertença, prejudicará a comunicação entre os membros do grupo, bem como a elaboração do ECRO grupal, cristalizará o desempenho e mobilidade dos papéis e promoverá a estereotipia da tarefa e aprendizagem. Por outro lado, mesmo com frequência significativamente inferior, houve discursos que mencionavam pontos positivos como decorrência das trocas de comissão técnica, por exemplo, o maior conhecimento oportunizado pela chegada de outro profissional com visões e metodologias de trabalho diferentes e como uma possibilidade de minimizar os prejuízos do elevado índice de desemprego entre treinadores.

Em relação à noção de papel, buscamos também ampliar a concepção disseminada no âmbito do futebol profissional ao entendê-lo sob vieses distintos: como função/posição social, tal qual o jogador titular, reserva, terceiro suplente, capitão, treinador, diretor de futebol, auxiliar técnico, auxiliar de preparação física, dentre outras; e como papel propriamente dito, tal como o de líder, porta voz e bode expiatório. Estes últimos, definidos pela frequência com que se manifestam no acontecer grupal de uma equipe e pela sua importância, são assumidos de acordo com características pessoais do integrante do grupo. A análise e compreensão do processo de atribuição e assunção de papéis num grupo de futebol profissional se mostraram de grande valia para explicarmos diversos aspectos da vida profissional de seus integrantes.

A assimilação de diferentes papéis sociais desempenhados no futebol profissional, ou seja, a capacidade de atletas, dirigentes, comissão técnica e demais funcionários do clube de se colocarem no lugar do outro, não se dá de maneira harmoniosa, visto que vivenciar e circular por distintos papéis é motivo de conflito interno e de desestabilização nas relações vinculares. Grande parte desta dificuldade se dá pela notória disputa por determinados papéis a serem desempenhados no grupo, sobretudo aqueles que oportunizarão a satisfação de se sentirem importantes, notados, reconhecidos, valorizados, úteis e incluídos no grupo. Notamos nesta pesquisa que há uma insatisfação por parte de alguns membros do grupo que não desempenham o papel desejado, principalmente aqueles que lhes darão protagonismo e valorização (o capitão, titular, artilheiro, ídolo, dentre outros). As estratégias mencionadas em entrevistas para lidar com tais insatisfações passam por reduzir a quantidade de jogadores no grupo, visto que quanto menor o “elenco”, menor o número de insatisfeitos; fazer com que todos se sintam importantes na elaboração da tarefa grupal; orientar/conversar com os membros descontentes, fazendo-os entender e aceitar a necessidade da mobilidade dos papéis; e propiciar uma linha de conduta justa no momento de optar pelos jogadores e escalá-los para as partidas.

Entretanto, a rotatividade de posições/funções no contexto do futebol nacional é restrita e passa pelo posicionamento contrário da mídia esportiva à esta prática, bem como pela incompreensão de parte dos atletas que não aceita assumir determinados papéis e acaba por prejudicar seu envolvimento e desempenho na tarefa. O entendimento e anuência do papel que lhe foi adjudicado, assim como acerca da importância da mobilidade e circulação dos papéis, contribuem com a ruptura das estereotipias que estão imobilizando o grupo, favorecem a adaptação ativa à realidade, aprimoram a comunicação e aprendizagem e ampliam a operatividade e produtividade da equipe frente à tarefa.

Trouxemos também para esta tese um entendimento de adaptação que difere daquele comumente notado no contexto do futebol profissional, no qual, o atleta recém-contratado ou promovido das categorias de base está adaptado à medida que se mostra entrosado com os demais companheiros de equipe (em conversas e brincadeiras), estabelece amizades, compreende e assimila os novos modelos de treinamento e jogo e se adequa às condições do clube, sobretudo em relação às regras, nível de exigência e cobrança. De nossa parte, entretanto, estar adaptado não significa adotar postura rígida, passiva e estereotipada e possuir competência social e aceitação indiscriminada de normas e valores, mas sim dispor de leitura crítica da realidade com capacidade de propor mudanças no grupo e em si próprio.

Nesse sentido nos deparamos, no decorrer de nossa pesquisa, com situações nas quais os jogadores contestaram o papel que lhes foi atribuído, o controle e regulação da vida social e os esquemas táticos, assim como se negaram a serem envolvidos em transferências de clubes que não eram de seu interesse e reafirmaram a satisfação de suas necessidades. No entanto, ainda que tenhamos constatado alguns acontecimentos que denotam uma adaptação ativa à realidade, por se tratarem de posturas individualizadas e não elaboradas numa perspectiva grupal, podem ocasionar uma ruptura ou estereotipia. Enquanto grupo, estão mais próximo de uma adaptação que satisfaça aos interesses e pressupostos dos clubes e empresários, ou seja, uma adaptação passiva à realidade.

Uma das preocupações que notamos por parte de dirigentes e integrantes das comissões técnicas que está relacionada também ao conceito de adaptação, se refere ao processo de ambientação dos jogadores promovidos das categorias de base à equipe profissional. Estes espaços se configuram como o mais apropriado para preparação e desenvolvimento da carreira de futebolista, cuja ênfase está no aprimoramento das técnicas corporais e habilidades cognitivas relacionadas à modalidade esportiva. Nesse sentido, procuramos igualmente constatar os interesses, objetivos e modos de organização das categorias de base, sobretudo em relação ao processo de transição dos jogadores formados/produzidos nos clubes às categorias superiores.

Ainda que extremamente concorrida, de poucas oportunidades e de difícil acesso, a inserção de um jovem nas categorias de base dos clubes de futebol se dá pelos jogadores e familiares vislumbrarem a possibilidade de conquistarem um sonho e ascenderem socialmente. Nesta empreitada, no entanto, tem que passar por uma das formas de recrutamento existentes: as peneiras, as contratações ou mediante indicação de professores, empresários ou dirigentes, estratégia que costuma obter maior êxito. Em contrapartida, ao obterem sucesso neste estágio inicial de seleção, tais

jovens têm que abdicar em grande medida da proximidade familiar, vida social, privacidade e de uma educação escolar de qualidade.

Do ponto de vista dos interesses dos clubes formadores, as finalidades apontadas pelos entrevistados passam por obter vantagens financeiras com a venda do atleta formado para outro clube ou mediante redução da folha salarial e custo de contratações; compor e “alimentar” a equipe profissional com jogadores formados na própria instituição; e atender a uma das demandas dos torcedores para que os atletas sejam mais identificados com o clube. A seleção/recrutamento destes jogadores se dá, em grande medida, a partir das demandas do departamento profissional como decorrência da observação de jogos oficiais disputados pelas equipes de base ou jogos-treinos realizados com a equipe profissional, estratégias mais utilizadas para estreitar e aperfeiçoar a limitada comunicação entre os departamentos amador e profissional.

Tal qual os processos de mudanças e suas consequências psíquicas e comportamentais, emergiram da rotina profissional de atletas e comissão técnica nesta pesquisa, três outros aspectos referentes aos processos grupais que requerem destaque: as brincadeiras/atividades lúdicas, o vestiário e o papel assumido e desempenhado pelo roupeiro. Os jogos e atividades de caráter predominantemente lúdico e demais momentos de descontração se apresentaram como parte do processo criativo e importante estratégia utilizada pelos atletas, provavelmente não conscientemente, para elaboração das ansiedades que o cotidiano profissional suscita, seja pela necessidade de inserir-se e manter-se na equipe, lidar com a pressão por manter alta performance e obter resultados positivos e conviver com as constantes situações de mudanças. O vestiário, espaço pouco problematizado no futebol profissional e na literatura científica, se mostrou muito mais do que um local onde os atletas se preparam para os treinos e jogos, visto que, sob nossa perspectiva, se apresentou como um ambiente de fundamental importância no campo das relações afetivas e momento de maior intimidade grupal, seja pela exposição dos corpos, seja pelos momentos de brincadeiras ou de discussão e resolução de conflitos grupais, seja por se constituir como o ambiente em que passam grande parte da sua rotina profissional. É justamente neste espaço que se nota em maior frequência a presença de um dos funcionários dos clubes pouco valorizado no contexto do futebol profissional, mas muito importante sob o ponto de vista dos processos grupais: o roupeiro. Ao assumir a função de organizar o vestiário e alocar os jogadores neste ambiente a partir da distribuição de armários, se mostra atento aos movimentos grupais e pode funcionar, ao atribuir determinados papéis aos atletas, como apoiador ou sabotador da constituição dos subgrupos.

O recorte teórico que adotamos para embasamento de nossas análises, bem como nossa ida ao campo de pesquisa, se mostrou válido, pertinente e significativamente importante para o estudo dos processos de grupo no futebol profissional. Entendemos que a Psicologia Social postulada por Pichon-Rivière, assim como as leituras realizadas por seus seguidores, não só permitiu como favoreceu e contribuiu com nossas elaborações e interpretações acerca das informações obtidas no decorrer de nossa pesquisa de campo com os três clubes profissionais de futebol investigados.

Entretanto, a escassez de trabalhos relacionados ao esporte que tenham como referencial teórico a Psicologia Social, sobretudo aquela proposta por Pichon-Rivière, pode ser superada ao ampliarmos o campo de estudo para o futebol amador ou para as demais modalidades esportivas, diante da comprovada pertinência e eficácia que buscamos explicitar ao longo desta tese.

Do ponto de vista metodológico, vale notabilizarmos algumas dificuldades enfrentadas e as adequações de enquadre que tivemos que realizar. Pelos motivos já explicitados e discutidos, o fato de nossa pesquisa estar alicerçada no campo da psicologia já é gerador de ansiedades e de elaborações de estratégias que dificultam nossa inserção no campo de pesquisa. Ao ressaltarmos que o campo específico se trata do futebol profissional e que nossa proposta de pesquisa passa por conhecer e refletir sobre processos grupais que dão a conotação de invadir a intimidade, como ter acesso aos vestiários, por exemplo, tais dificuldades tomam proporções ainda maiores e não à toa existam poucos estudos que partilhem da nossa premissa. Dessa forma, dispostos a confrontarmos essa realidade, obtivemos inúmeros fracassos nos contatos e permissões para que pudéssemos realizar nosso estudo. Ainda assim, certamente influenciados por circunstâncias pessoais que nos foram favoráveis, conseguimos contemplar uma de nossas propostas metodológicas, qual seja, a de investigar o desenvolvimento dos processos de grupos de clubes que participem de competições oficiais em uma das principais divisões, série A, B e C, do futebol brasileiro.

Outro ponto que vale apontarmos se refere à natureza das entrevistas realizadas. Se lidar com o tipo de entrevista proposta por Pichon-Rivière e José Bleger, fundamentada na teoria e técnica do grupo operativo, não foi tarefa fácil para nós, notamos também uma dificuldade por parte dos dirigentes, atletas e integrantes de comissão técnica em virtude, sobretudo, da significativa distinção de características em relação às entrevistadas que estão acostumados a realizar em sua rotina profissional. Costumeiramente, seja à beira do campo ou nas coletivas de imprensa, eles atendem inúmeros repórteres ao mesmo tempo em um período de poucos minutos e, como consequência, são enunciadas “frases prontas” e curtas. Ao adotarmos, pela primeira vez em nossos estudos, esse tipo

de proposta metodológica, a ansiedade que também é despertada no pesquisador foi ampliada e, em virtude da nossa curta experiência com este tipo de entrevista, assim como dos sujeitos entrevistados, tivemos que, por vezes, nos afastarmos ainda mais da entrevista como propõe a técnica de grupo operativo.

Cabe aqui ressaltamos nossa leitura sobre o grupo operativo enquanto teoria e enquanto técnica, justificando nossas opções metodológicas e o porquê deste “afastamento”. De acordo com Scarcelli (2016), se por um lado a técnica do grupo operativo é apropriada como um procedimento para determinados tipos de intervenções, tais quais as clínicas ou de pesquisas, por outro está fundamentada sob uma teoria, o que nos permite visualizar o par dialético *teoria e técnica* operativa, “como instrumento de investigação válido na condução de pesquisas no campo social” (SCARCELLI, 2016, p.142).

Dessa forma, nossa opção por realizar as entrevistas individualmente se deu não só por concordarmos com Bleger (1980) de que o par entrevistador-entrevistado se configura como um fenômeno grupal, mas também por entendermos que ao tomarmos o grupo como instrumento de investigação, estávamos implicitamente nos apropriando de um conjunto de conceitos que orientavam e norteavam nossas indagações. Ou seja, para que tenhamos o grupo operativo como instrumento de investigação, não vemos a necessidade de desenvolvê-la conforme a técnica de grupo operativo e constituirmos grupos formalizados. Portanto, à medida que nossas entrevistas foram sendo efetivadas a partir de uma questão que traduz nosso objetivo de pesquisa, representando nossa tarefa explícita, nossas observações e análises se realizaram sob instrumental teórico que nos serviu de referência e guia (SCARCELLI, 2016).

Ainda assim, como proposta para pesquisas futuras, destacamos a realização de investigações relacionadas ao futebol ou outras modalidades esportivas, principalmente as coletivas, que tenham como opção metodológica a efetivação da pesquisa de campo a partir da técnica de grupo operativo, mesmo cientes das dificuldades que estarão postas para constituição de grupos formalizados e operativos. Supostamente, entrevistas realizadas em grupos, seja somente entre atletas, entre os dirigentes ou membros da comissão técnica, por exemplo, ou mesmo com integrantes de cada um destes subgrupos, trariam outros fatos emergentes e, portanto, necessários de estudo e análise.

Assim ao chegarmos ao final desta tese, tendo-a como expressão de nossa síntese provisória neste momento, nos sentimos realizados por, basicamente, quatro motivos: primeiro por nos

percebermos com maior capacidade de apreensão da dimensão da realidade social que nos propusemos a abarcar; segundo, pela convicção de termos contribuído com as reflexões sobre o tema presentes nas duas áreas acadêmicas com as quais estabelecemos interlocução, Psicologia e Educação Física; terceiro, por levantarmos alguns elementos capazes de problematizar e atuar na qualificação da práxis relacionada ao futebol profissional e, por fim, por sairmos fortalecidos em nosso sentimento de paixão pela prática social chamada “Futebol”, aquela que não à toa dá identidade corporal esportiva aos brasileiros e brasileiras.

REFERÊNCIAS

ADAMSON, G. *O ECRO de Pichon-Rivière*. Centro interdisciplinar em psicologia social, institucional e comunitária, 2000. Disponível em: <goo.gl/7GIlfj>. Acesso em: 19 dez. 2016.

AGÊNCIA ESTADO. Ronaldo critica períodos de concentração no Corinthians. *IG Esporte*, 29 jun. 2009. Disponível em <goo.gl/KcJgwC>. Acesso em: 01 jul. 2016.

ALCÂNTARA, H. *A Magia do futebol*: Negócios, transações e personagens. Estudos Avançados, São Paulo, vol.20, n.57, p. 297-313, maio/ago, 2006.

ANDRADE, D. Grupo: como o entende Bauleo. In: BARENBLITT, G. (Org.). *Grupo: teoria e técnica*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

ANDRÉ, M. *Etnografia da prática escolar*. Campinas, SP: Papirus, 1995.

ANGELO, L. *Gestão da carreira esportiva*: uma história a ser contada no futebol. Tese (doutorado em ciências) – Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo. 2014.

BANGSBO, J. *Performance in sports* – With specific emphasis on the effect of intensified training. *Scandinavian Journal of Medicine and Science in Sports*, p. 88-99, 2015.

BLEGER, J. *Temas de psicologia*: Entrevista e grupos. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

_____. *Psicologia da conduta*. Tradução Emilia de Oliveira Diehl. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

_____. (1968). *Psicanálise do Enquadramento Psicanalítico*. In: BLEGER, J. *Simbiose e Ambiguidade*. Rio, Francisco Alves, 1988.

BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo? In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, p.136-153, 1983.

BRACHT, V. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. Vitória: CEFD/UFES, 1997.

BRANDÃO, R. *Fatores de stress em jogadores de futebol profissional*. 2000. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2000.

BRASIL. *Lei no 6.354/76, de 2 de setembro de 1976*. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 2 set. 1976. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6354.htm/>. Acesso em: 13 jul. 2016.

BRASIL. *Lei no 9.615/98, de 24 de março de 1988*. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 mar. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9615consol.htm>. Acesso em: 12 jul. 2016.

BRASIL. *Lei no. 12.395/11, de 16 de março de 2011*. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 mar. 2011. Disponível em: <goo.gl/SSvjBM>. Acesso em: 13 jul. 2016.

BUENO, M. *Faíscas verbais: A genialidade na ponta da língua*. Gutenberg editora, 2016.

CAMPOS, C. Brasileirão 2014 tem em média uma troca de técnico a cada rodada. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, set. 2014. Disponível em <goo.gl/vmLiZX>. Acesso em: 03 nov.2016.

CANI, J. P.; GODOY JUNIOR, W. *Análise das principais inovações da lei Pelé, atualizada pela Lei n. 12.395/2011*. Revista Eletrônica de Iniciação Científica. Itajaí, Centro de Ciências Sociais e Jurídicas da UNIVALI. v. 4, n.2, p. 1155-1174, 2º Trimestre de 2013.

CASTANHO, Pablo. *Uma Introdução aos Grupos Operativos: Teoria e Técnica*. Vínculo – Revista do NESME, v.9, n. 1, p. 47-60, 2012. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/vinculo/v9n1/a07.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2016.

CASTELLANI, R. M. *Em jogo a relação entre pesquisador e clube: Futebol e processos grupais*. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2010.

CASTRO, D. “Troca de técnico no Campeonato Brasileiro favorece 9 de 11 clubes”. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 28 jul. 2015. Disponível em <goo.gl/9EdoOh>. Acesso em: 04 nov. 2016.

CAVICHIOILLI et al. *O processo de formação do atleta de futsal e futebol: análise etnográfica*. Revista brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v.25, n.4, p.631-47, out/dez. 2011.

CBF. *Regulamento Nacional de Registro e Transferência de atletas de futebol*. Disponível em: <goo.gl/iJmlrO>. Acesso em: 13 jul. 2016.

CHALHOUB, S. *Visões de liberdade. Uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

COLOSIO, R. *O grupo operativo como instrumento de intervenção na área da saúde: um estudo em prevenção de DST/AIDS na cidade de São Paulo*. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de psicologia da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo. 2005.

DAMATTA, R. *Antropologia do óbvio: Notas em torno do significado social do futebol brasileiro*. Revista USP, n.22, p.10-17, jun/ago. 1994.

DAMO, A. *Do dom à profissão: A formação de atletas futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: hucitec/ANPOCS, 2007.

_____. *Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo*. Revista Brasileira de Ciências Sociais. v.23, n.66, fev. 2008.

DINIZ, A. Chega de concentração. UOL Esporte, São Paulo: 26, jan. 2015. Disponível em <http://abiliodiniz.blogosfera.uol.com.br/2015/01/26/chega-de-concentracao>. Acesso em: 03 fev. 2017.

DUNNING, E. *Sociologia do esporte e os processos civilizatórios*. Brasília: Liber Livros, 2013.

ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992 (tradução da 1ª ed. 1986).

ESPN. *Resenha ESPN*, de 10 de julho de 2016. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/video/612584_casagrande-diz-que-e-absurdo-jogadores-atuais-nunca-se-posicionarem-e-comodo-ficar-quieto>. Acesso em: 23 out. 2016.

FABRIS, F. *Historia de un ruptura: psiquiatria, psicoanálisis y psicología social en Pichon-Riviere*. Buenos Aires: Site Espiral Dialética, 2004. Disponível em: http://www.espiraldialectica.com.ar/espiral/pdf/fabris_historia_de_una_ruptura.pdf. Acessado em: 11 nov. 2016.

FAVERO, P. F. *Os donos do campo e os donos da bola: alguns aspectos da globalização do futebol*. Dissertação (mestrado em geografia humana) – Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

FERNANDES, M.I.A. *De como emerge a questão do narcisismo e da alteridade no grupo operativo*. 1989. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de psicologia da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo. 1989.

FLORENZANO, J.P. *Afonso e Edmundo: A rebeldia no futebol brasileiro*. São Paulo: Editora Musa, 1998.

_____. *A babel do futebol: atletas interculturais e torcedores ultras*. Revista de História, São Paulo, n. 163, p. 149-174, jul/dez. 2010.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, J. B. *Pedagogia do futebol*. Campinas/SP: Autores Associados, 2006.

GEIGER, P. *Novíssimo Aulete: Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon Editorial, 2016.

GIGLIO et al. *O Dom de jogar bola*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 67-84, jul/dez. 2008.

GIGLIO, S; RUBIO, K. *Futebol profissional: O mercado e as práticas de liberdade*. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, 27(3), p. 387-400, jul/set. 2013.

GIGLIO, S; SPAGGIARI, E. *A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: Um panorama (1990-2009)*. Revista de História, São Paulo, n.163, p.293-350, jul/dez. 2010.

GILENO, C. H. *Perdigão Malheiro e as crises do sistema escravocrata e do império*. Tese (doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, 2003.

GUERRA, L. *Consectários da extinção do passe no futebol brasileiro*. Revista Jus Navigandi, Teresina, ano 8, n. 147, 30 nov. 2003. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/4434>>. Acesso em: 11 jul. 2016.

IPRSP, Instituto Pichon-Rivière. *O processo educativo segundo Paulo Freire & Pichon-Rivière*. Petrópolis: Vozes, 1989.

JAITAN, R. *Théories et méthodes de formation à l'école de Pichon-Rivière*. Revue de psychothérapie psychanalytique de groupe. n.39/2, 2002.

KOCIAN, R. *Concentração nas Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo: estudo de caso sobre a reclusão esportiva à luz da Psicologia do Esporte*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Rio Claro. 2009.

LAPASSADE, G. Prólogo para segunda edição. In: LAPASSADE, G. *Grupo, Organizações e Instituições*. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

LEMA, V. Z. *Conversaciones con Enrique Pichon-Rivière sobre el arte y la locura*. Argentina: Ediciones cinco, 2004.

LEWIN, K. *Resolving Social Conflicts, selected papers on group dynamics*. New York: Harper and Brothers, 1948.

_____. *Teoria de campo em ciência social*. São Paulo: Pioneira, 1965.

_____. *Problemas de dinâmica de grupo*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

LOPES, J.S.L. *Considerações em torno das transformações do profissionalismo no futebol a partir da observação da Copa de 1998*. Estudos históricos, n.23, p.175-191, 1999.

MARTINI, L. Aguirre seguirá meio-termo no regime de concentração e recebe compreensão de capitão. *Superesportes*. 23 jan. 2016. Disponível em <goo.gl/hzat33>. Acesso em 01 jul. 2016.

MARTINS, M. *Aperfeiçoando o imperfeito: A ação sindical dos jogadores de futebol no período pós Lei Pelé*. Tese (doutorado) - Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, 2016.

MARTINS, M; REIS, H. *Cidadania e direitos dos jogadores de futebol na Democracia Corinthiana*. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 28, p. 429-440, 2014.

MARX, K. *O Capital: Crítica da economia política*. Livro 1. O processo de produção do capital. São Paulo: Editora Boitempo, 2013.

MEAD, G.H. *Mind, self and society*. Chicago: University of Chicago Press, 1967.

_____. *A Brincadeira, o Jogo e o Outro Generalizado*. Pesquisas e Práticas Psicossociais, São João del-Rei, 5(1), p.131-136, jan/jul. 2010.

MELANI, R; NEGRÃO, R.F. *Passe para a servidão*. Discorpo, São Paulo, v.4, p.61-69, 1995.

MELO, L et al. *Jornada escolar versus tempo de treinamento: a profissionalização no futebol e a formação na escola básica*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Curitiba, vol.38, n.4, p.400-406, dez. 2016.

MIGUEL, L. F. *Autonomia, paternalismo e dominação na formação das preferências*. Opinião Pública, Campinas, vol. 21, nº 3, dez. 2015.

MONTANO, A. *Análise de desempenho no futebol*. Universidade do futebol. 2014. Disponível em <<http://universidadedofutebol.com.br/analise-de-desempenho-no-futebol/>>. Acesso em 12 jul. 2016.

MORATO, M. et al. *A construção do ídolo no fenômeno futebol*. Motriz, Rio Claro, v.17 n.1 p.01-10, jan/mar. 2011.

MOURELLE, P.M.P. *Entre “jabás” e “migués”*: Dificuldades e desafios no dia-a-dia de um clube de futebol de segunda divisão. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2012.

PADEIRO, C.; CALIPO, T. Palmeiras aposta na concentração; São Paulo, na liberdade aos jogadores. *UOL Esporte*. São Paulo, 15 out. 2008.

PEREIRA, T.T.O. *Pichon-Rivière, a dialética e os grupos operativos*: Implicações para pesquisa e intervenção. Revista SPAGESP, São Paulo, 14(1), p. 21-29. 2013.

PEREZ, I. DT en México, un empleo de siete meses. *El Economista*. México, 6. out. 2014. Disponível em <<http://eleconomista.com.mx/deportes/2014/10/06/dt-mexico-empleo-siete-meses>>. Acesso em 31.nov.2016.

PICHON-RIVIÈRE, E. *O processo grupal*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

_____. *O processo grupal*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *Teoria do vínculo*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

PICHON-RIVIÈRE, E; QUIROGA, A. P. *Psicologia da vida cotidiana*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PRONI, M. *A metamorfose do futebol*. Campinas, SP: UNICAMP/Instituto de Economia, 2000.

QUIROGA, A. P. *A concepção de sujeito no pensamento de Enrique Pichon-Rivière: Fundamentos para uma psicologia definida como social*. Revista APA, Buenos Aires, vol.3, 1978.

_____. *Enfoques y perspectivas en psicología social*. Buenos Aires: Ediciones Cinco, 1986.

_____. *Pichon Rivière 20 años después – Entrevista*. Revista Brecha, Montevideo: Ediciones de Brecha, 1987. Disponível em: <goo.gl/i7z8r1>. Acesso em 07 jun. 2016.

_____. Revisão histórica: A trajetória dos autores e das suas obras. In: IPRSP, Instituto Pichon-Rivière. *O processo educativo segundo Paulo Freire & Pichon-Rivière*. Petrópolis: Vozes, 1989.

_____. *El grupo: espacio de encuentro o alienación*. Revista Temas de psicología social. Buenos Aires: Ediciones Cinco, ano 14. n.12, p.83-87. nov. 1991.

REIS, H. *Futebol e sociedade: As manifestações da torcida*. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, 1998.

_____. *Paixão e violência no futebol*. Pré-Univesp. Revista Digital de Apoio Universitário. 2010. Disponível em: <<http://www.univesp.ensinosuperior.sp.gov.br/preunivesp/118/paix-o-e-viol-ncia-no-futebol.html>> Acesso em 07 jul. 2016.

REIS, H; LOPES, F; MARTINS, M. *Políticas públicas voltadas para atletas e torcedores de futebol: argumentos para dissidentes*. Motrivivência, Florianópolis: UFSC, v. 26, 2014.

RIAL, C. *Jogadores brasileiros na Espanha: emigrantes, porém...* Revista de Dialectologia y tradiciones populares, vol. LXI, n.2, p.163-190, jul/dez. 2006.

_____. *Rodar: A circulação de jogadores brasileiros de futebol no exterior*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 21-65, jul/dez. 2008.

ROBERTSON, R. & GIULIANOTTI, R. *Fútbol, Globalización y Glocalización*. Revista Internacional de Sociología. Vol.LXIV, n.45, p.9-35, Septiembre-Diciembre. 2006.

RODRIGUES, E.; COSENZO, L. Fase pré-Brasileiro tem maior troca de técnicos desde 2014. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 13 mai. 2016. Disponível em <goo.gl/J8bdP7>. Acesso em 03 nov. 2016.

RODRIGUES, F. *Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil*. Sociologias, Porto Alegre, ano 6, nº 11, p. 260-299, jan/jun 2004.

_____. *O fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro (2001-2006)*. Tese (doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007, 345f.

_____. *O fim do passe e as transferências de jogadores brasileiros em uma época de globalização*. Sociologias, Porto Alegre, ano 12, no 24, p. 338-380, mai/ago. 2010.

ROSENTHAL, R.; JACOBSON, L. *Pygmalion in the Classroom*. New York: Holt, Rinehart e Winston, 1968.

RUBIO, K. *Et, Niat, Niatat*: Sobre o processo de formação de vínculo em uma equipe esportiva. Dissertação (mestrado em Educação Física) - Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo. 1998.

_____. *O atleta e o mito do herói: O imaginário esportivo contemporâneo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

_____. Estrutura e dinâmica dos grupos esportivos. In: RUBIO, K. (Org.) *Psicologia do esporte: teoria e prática*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003a.

_____. *Psicologia do esporte aplicada*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003b.

SAMULSKI, D. *Psicologia do Esporte*. Barueri/SP: Ed. Manole, 2002.

SANTOS, I. HELAL, R. *Do espectador ao militante: a torcida de futebol e a luta pelo direito ao estádio e ao clube*. Triade: comunicação, cultura e mídia. Sorocaba, SP, v. 4, n. 7, p. 53-69, jun. 2016.

SCAGLIA, A.; MEDINA, J. Conhecimento e futebol: as bases para sua compreensão em uma perspectiva inter e transdisciplinar. In: BRANDÃO, et.al. *Futebol, psicologia e produção do conhecimento*. São Paulo: Atheneu, 2008.

SCARCELLI, I. R. *O Movimento Antimanicomial e a rede substitutiva em saúde mental: a experiência do município de São Paulo 1989-1982*. 1998. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de psicologia da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo. 1998.

_____. *Psicologia social e políticas públicas: Pontes e interfaces no campo da saúde*. Tese (Livre docência) - Instituto de psicologia da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2016.

SOARES, A. et al. *Jogadores de futebol no Brasil: Mercado, formação de atletas e escola*. Rev. Brasileira de Ciências do Esporte, Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 905-921, out/dez. 2011.

SOUZA, C. et al. *Difícil reconversão: Futebol, projeto e destino em meninos brasileiros*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 85-111, jul/dez. 2008.

SOUZA JUNIOR, O; REIS, H. *O canto das sereias: Migrações e desafios de meninas que sonham ter o futebol como profissão*. In: Fazendo o gênero 9, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 1-9, agosto. 2010.

TERRA. Muricy tirará concentração mais vezes e punirá indisciplina. *Terra*. Esportes. 19 jan. 2015. Disponível em <goo.gl/3B5r9M>. Acesso em 02 jul. 2016.

TOLEDO, L. H. *Lógicas no futebol: Dimensões simbólicas de um esporte nacional*. 2000. Tese (doutorado em Antropologia) – Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo. 2000.

VALLE, M. P. *Dinâmica de grupo aplicada à psicologia do esporte*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

VELLOSO, M. A.; MEIRELES, M. M. *Seguir a aventura com Enrique José Pichon-Rivière: uma biografia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

WALSH, A.J.; GIULIANOTTI, R. *Ethics, money and sport: This sporting mammom*. London, UK: Routledge, 2007.

WEINBERG, R.; GOULD, ED. *Foundations of sport and exercise psychology*. Champaing: Human Kinects, 1999.